

Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia



# ANUÁRIO COLÓQUIOS DA LUSOFONIA ANO 2023

Revista de ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA  
ISSN 2183-9239 em linha  
ISSN 2183-9115 DVD

EDIÇÃO CHRYS Chrystello ©2001-2023

[ÍNDICE 2023](#)  
[TRABALHOS FINAIS](#)

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

### 1. **ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AICL**(José Henrique do)- Ilha Terceira, Açores

#### JOÃO DIAS AFONSO – UM SENHOR DE MÚLTIPLOS SABERES

Está-se ainda longe de proceder, mesmo que em traços rudes, ao desenho de um retrato deste intelectual, que falava fluentemente sobre o passado histórico dos Açores; que divulgava, com notas de leitura, a atividade editorial das Ilhas; que apreciava e opinava sobre o que aparecia nos palcos de Angra; que aconselhava sobre o que era necessário fazer em prol da Cultura açoriana, nomeadamente, na Ilha Terceira.

A 27 de agosto do corrente ano, passaram cem anos sobre o nascimento de João Dias Afonso. Aliás, refira-se que o ano de 2023 albergou três centenários dignos de reconhecimento público, destacando três açorianos: Natália Correia, Pedro da Silveira e João Afonso. São personalidades muito diferentes entre si, mas que deixaram uma obra que não pode ser ignorada.

O tempo que a organização deste colóquio, de forma disciplinada, deixa para qualquer comunicação, não permite uma revisão de obra de nenhum dos intelectuais referidos. João Dias Afonso, homem «dos sete ofícios», teve, por ocasião do seu falecimento, uma pequena exposição biobibliográfica na Biblioteca Pública de Angra do Heroísmo. No aniversário, tanto quanto se sabe, a celebração deste Centenário ficou-se pela publicação de alguns artigos sobre a vida e a obra de João Dias Afonso, assinados pelo Dr. Vasco Rosa e publicados no jornal «Diário Insular».

Por isso, esta comunicação é um pouco sumária, ficando por informações superficiais, embora tais informações mereçam ser lembradas: foi Técnico Superior na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo; esteve ligado à fundação do jornal «Diário Insular»; foi jornalista e manteve, no mesmo jornal, o suplemento «Artes e Letras» durante muitos anos, onde informou os leitores sobre o que em Artes e Letras valia a pena conhecer, nunca deixando de destacar o que os jovens açorianos, sobretudo terceirenses, iam fazendo quanto à escrita literária e às manifestações artísticas. Para além dos muitos cargos para que foi nomeado, há que relevar ter sido Conselheiro no Museu das Lajes do Pico – cargo que desempenhou com saber e entusiasmo.

Foi neste período que João Afonso aumentou os seus conhecimentos sobre o que a baleação representou em todo o Mundo, numa abrangência que abarcou a sua importância económica e industrial, até à poesia e artes plásticas. Tudo isto deu origem a *Mar de Baleias e baleeiros*, em edição da Direção Regional da Cultura – um álbum que contou com a participação exclusiva de artistas como António Dacosta e Aube Elleouet, filha de André Breton.

Trabalho de anos, verdadeiramente beneditino foi o do arrolamento da Bibliografia Geral dos Açores – trabalho que, como se sabe, é interminável.

Foram também várias as leituras e publicação de textos históricos dos Açores. O «Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira», acolheu muitos desses textos. Há um livro que é um mimo de boa disposição histórica. Foi publicado na Coleção «Gaivota» da DRAC, titulado de *Açores em Novos Papeis Velhos*.

Sob o pseudónimo de Álvaro Orey publicou: *Enotesco*, *Pássaro Pedinte* e *Ruas Dispersas*. *Cantigas ao Terramoto para Ler e Passar* é uma descrição de olhares molhados, mas de esperança recuperada, sobre o sismo de 1 de janeiro de 1980.

Em 1960, recebeu o prémio nacional de Poesia, do Secretariado de Informação com a coletânea de poemas *Pássaro Pedinte*.

O fundo de João Dias Afonso é constituído por três secções: correspondência expedida e recebida; atividade intelectual; documentos privados. Manteve regularmente correspondência com Vitorino Nemésio, Luís da Silva Ribeiro, Pedro da Silveira, António Dacosta, James Merrill.

Ter-se-á de fazer uma referência à forma generosa como atendia qualquer pessoa que precisasse dos seus saberes. Eu próprio (que trabalhei com ele na Biblioteca Pública de Angra e na Direção Regional da Cultura) não só recorri a ele para aumentar conhecimentos como assisti a conversas cheias de múltiplos ensinamentos.

Tive o privilégio de João Afonso me convidar para participar em três dos seus livros, dois deles verdadeiramente emblemáticos: *O Traje nos Açores* e *Mar de Baleias e Baleeiros*. Menos participado: *Cantigas ao Terramoto para Ler e Passar*.

Para o «Traje» encomendou-me o levantamento de pormenores pouco visíveis nas fotografias que possuía, sobretudo peças bordadas ou de corte mais sofisticado. Para o «Mar de Baleias», encarregou-me do arranjo gráfico, para além de ter escolhido um dos poemas do livro *Impressões de Boca* e um desenho também de figuração baleeira. Em as «Cantigas do Terramoto» – a minha colaboração foram bem mais simples. Para além do desenho da capa, deu-se à publicação o aparato de caderno de literatura de cordel.

João Dias Afonso era um domador de documentação antiga, de palavras e apreciador do que era literária e esteticamente conseguido. Há uma geração de escritores, de poetas e artistas plásticos que lhe deve o registo crítico e conceituado do seu parecer, sempre feito com fins pedagógicos e sempre consensual. No suplemento «Artes e Letras», ficaram textos firmados sobre escritores e poetas consagrados e ou debutantes, bem como sobre artistas de todas as Artes. Por que bem fundamentados, os seus textos exerciam fascínio e contentamento, deixando a esperança de ser possível melhorar. As suas palavras eram água purificadora no deserto da indiferença.

Há que mencionar que João Afonso foi, profissionalmente, um bibliotecário incansável, numa fase de construção datilográfica de fichas, as quais facilitavam a consulta das obras catalogadas. Estava-se bastante longe da tecnologia de ponta que os computadores vieram trazer à catalogação dos livros.

Está-se ainda longe de proceder, mesmo que em traços rudes, ao desenho de um retrato deste intelectual, que falava fluentemente sobre o passado histórico dos Açores; que divulgava, com notas de leitura, a atividade editorial dos Açores; que foi pioneiro na geminação de cidades; que apreciava e opinava o que aparecia nos palcos de Angra; que aconselhava sobre o que era necessário fazer em prol da Cultura açoriana, nomeadamente na ilha Terceira.

À medida que se forem dedicando à pesquisa e estudo da sua obra, poder-se-á conhecer quanto o quotidiano de João Dias Afonso foi preenchido com tudo aquilo que faz parte da nossa açorianidade.

Raminho, junho 2023 Álamo Oliveira

### 2. **ALDA BATISTA, LUXEMBURGO, AICL**APRESENTOU O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

**38º Colóquio da Lusofonia**

**O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio**

Apresentação de Alda Batista  
Ribeira Grande, São Miguel (Açores)

5 de outubro de 2023



O Tribunal de Contas Europeu é a instituição que fiscaliza o orçamento da União Europeia. Divulga os resultados do seu trabalho através de relatórios de auditoria técnicos e especializados que despertam o interesse de um público especializado e não tanto do público em geral. Estes relatórios são apresentados à imprensa através de comunicados de imprensa, que são elaborados em inglês e depois traduzidos para as outras 23 línguas oficiais da UE, incluindo naturalmente o português. No serviço de tradução, foi-nos lançado o desafio de tornar os comunicados de imprensa mais interessantes para os jornalistas e, através deles, para o cidadão comum. Sem alterar a mensagem e a estrutura do documento original, como usar a tradução para tornar o texto mais apetecível e mais acessível?

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

**O Tribunal de Contas Europeu (TCE)**

O que é?  
O que faz?  
O que publica?



**O Serviço de Tradução do TCE**

O que é?  
O que faz?

**Os Comunicados de Imprensa**

O que são?  
Mudar para quê?  
Mudar como?  
Está a resultar?

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

**O Tribunal de Contas Europeu**

O que é?

**1975**  
Tratado de Bruxelas  
Criação do TCE

**Auditor externo independente da União Europeia (UE)**



eca.europa.eu

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# O Tribunal de Contas Europeu

## Organização do TCE



Vítor Caldeira  
Presidente do TCE entre 2008 e 2016

### Presidente e Membros



Tony Murphy  
Irlanda



Ladislav Balko  
Eslováquia



Pietro Russo  
Itália



Baudilio Tomé Muguruza  
Espanha



Ilana Ivanova  
Bulgária



Nikolaos Milonits  
Grécia



Klaus-Heiner Lehne  
Alemanha



Bettina Jakobsen  
Dinamarca



Jan Gregor  
República Checa



Mihails Kozlovs  
Letónia



Ildikó Gáll-Pelcz  
Hungria



Eva Lindström  
Suécia



Hannu Takkula  
Finlândia



Annemie Iurlboom  
Bélgica



Viorel Ștefan  
Roménia



Ivana Maletić  
Croácia



François-Roger Lazala  
França



Joëlle Evinger  
Luxemburgo



Helga Berger  
Áustria



Marek Optola  
Polónia



Jorg Kristijan Petrovič  
Eslovénia



Stef Biok  
Países Baixos



George Marius Hyzler  
Malta



Lefteris Christoforou  
Chipre



Laima Liudja Andrikenė  
Lituânia



Kert Pentus-Rosimannus  
Estónia



Lugar de Membro português por ocupar desde junho de 2021

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# O Tribunal de Contas Europeu

Cerca de 950 efetivos de todas as nacionalidades da UE

## Organização do TCE

PRESIDÊNCIA

5 CÂMARAS DE AUDITORIA

SECRETARIADO-GERAL

- I - Sustentabilidade dos recursos naturais
- II - Coesão, crescimento e inclusão
- III - Ações externas, segurança e justiça
- IV - Mercados e economia competitiva
- V - Financiamento e administração da União

Recursos humanos, finanças e serviços gerais  
Informação, ambiente de trabalho e inovação

**Serviços linguísticos e edição**  
(serviço de tradução)

Comité Administrativo

Comité de Controlo da Qualidade da Auditoria

Comité de Ética

Comité de Auditoria Interna

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# O Tribunal de Contas Europeu



## O que faz?

## O que publica?



Examina a **totalidade das receitas e despesas** das contas da UE

Auditoria financeira e de conformidade



Relatórios Anuais

Relatórios Anuais Específicos



Verifica a **boa gestão financeira**

Auditoria de resultados / desempenho



Relatórios Especiais

(28 RE em 2022)



Formula **pareceres** e realiza **análises**



Pareceres

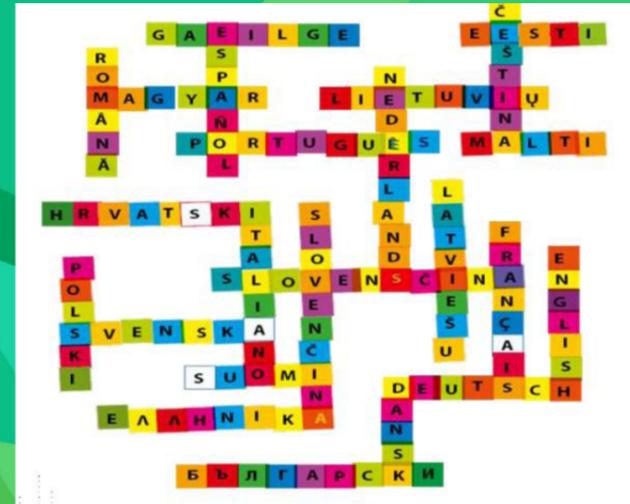
Documentos de Análise

Comunicados de Imprensa

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# O Serviço de Tradução do TCE

## O que é?



Tradução no Tribunal de Contas:  
141 pessoas, das quais 106 tradutores

Tradução na Comissão Europeia:  
2 200 pessoas, das quais 1 500 tradutores

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# O Serviço de Tradução do TCE



## O que faz?

Assistência à redação de relatórios (equipa EN)

Assistência linguística à auditoria

Outras tarefas: legendagem, tradução oral, etc

Tradução das publicações do TCE

Interpretação durante as visitas de auditoria

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# Os Comunicados de Imprensa

## O que são?

Um comunicado de imprensa é um anúncio que se faz à imprensa com o objetivo de gerar cobertura mediática.

Consiste essencialmente em solicitar aos meios de comunicação social que falem sobre uma questão ou em lhes comunicar as notícias que se considera terem interesse.\*

\*Definição retirada do site [osha.europa.eu](http://osha.europa.eu)



O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# Os Comunicados de Imprensa

## Mudar para quê?

Melhorar o contacto com a comunicação social e as instituições dos Estados-Membros da UE

Informar o público (através dos jornalistas) sobre o trabalho e as funções do TCE

Chegar melhor aos destinatários "fora da bolha das instituições da UE" (linguagem clara como ponte)

Produzir textos fáceis de entender, garantindo a acessibilidade (da forma e do conteúdo)

Aumentar a visibilidade do TCE

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# Os Comunicados de Imprensa

## Mudar como?



Aplicar as regras do estilo jornalístico (na medida do possível) para interessar os jornalistas e os levar a publicar a nossa notícia:

- o título – cativante e de interesse público
- o primeiro parágrafo (*lead*) - conter o essencial da notícia
- as frases e os parágrafos – curtos
- os verbos – no presente
- a estrutura da frase – sujeito-verbo-objeto
- ...

Acima de tudo, aplicar os princípios de **clareza e simplicidade**

MAS... não devemos esquecer que a nossa equipa faz a TRADUÇÃO dos Comunicados de Imprensa.  
Estes são redigidos em inglês por outro serviço.

## O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# Tendência mundial para a clareza e a simplicidade

## EUA

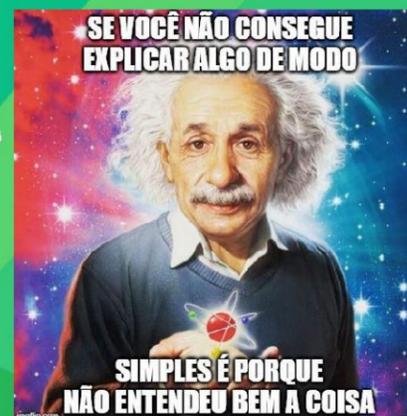
- Barack Obama assinou a lei *Plain Writing Act* em outubro de 2010

## Austrália

- *Data and Digital Government Strategy* (simplicidade e conectividade)
- *Manual de Estilo Intergovernamental* (estilo acessível, simples e inclusivo)

## Europa

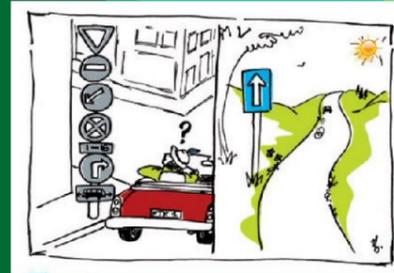
- Norma Europeia DIN ISO 24495-1 *Plain language* publicada em junho de 2023 (em inglês e alemão)
- Comissão Europeia: Manual *Redigir com clareza* (2015, todas as línguas oficiais da UE)
- Parlamento Europeu: "Unidade da Linguagem Clara e da Verificação Linguística" (objetivo: garantir a elevada qualidade dos documentos do Parlamento)
- TCE – prémio interno atribuído anualmente aos autores de textos claros na instituição



O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# Redigir com clareza – afinal como é?\*

- Dar prioridade ao leitor – quem vai ler o documento?
- Ir direto ao assunto e evitar as abstrações



identificar problemas	detetar problemas
identificar a solução	encontrar a solução
identificar a intenção	indicar a intenção

- Ser breve e claro
- Ser coerente
- Eliminar os substantivos desnecessários
- Preferir a voz ativa

proceder a um exame de	examinar
efetuar um cálculo de	calcular
proceder à melhoria de	melhorar
através da destruição de	destruindo
para a otimização de	para otimizar
da introdução de	de introduzir

atendendo ao facto de	dado que
um certo número de	alguns
o conjunto de	todos
nesta conformidade	em
em sede de	em
por consequência	por isso
para efeitos de	para
na eventualidade de	se
se tal não for o caso	caso contrário
na eventualidade de que	nesse caso
tal se produza	

<b>obscura:</b> Segundo uma recomendação formulada pelo Parlamento Europeu, uma simplificação do procedimento deve ser tomada em consideração pelos Estados-Membros.	<b>muito melhor:</b> O Parlamento Europeu recomendou que os Estados-Membros considerem simplificar o procedimento.
---	---

- Evitar o jargão das instituições europeias e as siglas

alargamento	<i>aumento do número de membros da União Europeia</i>
integração	<i>tomada em consideração de todas as políticas comunitárias</i>
proporcionalidade	<i>princípio segundo o qual a ação de uma administração pública se deve limitar ao que é necessário para atingir os objetivos visados</i>
subsidiariedade	<i>princípio segundo o qual as decisões são tomadas, sempre que possível, a nível dos governos nacionais, ou seja, a um nível tão próximo quanto possível dos cidadãos</i>

\* Com base no Manual *Redigir com clareza* da Comissão Europeia, 2015

## O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio



### Exemplos retirados dos nossos Comunicados de Imprensa



Os esforços da UE no sentido de aumentar a sua capacidade de produção de baterias poderão, por conseguinte, não atingir um nível suficiente para satisfazer a procura crescente, pelo que se afigura que a União poderá ficar aquém do seu objetivo de emissões nulas para 2035.

De um modo geral, a UE registou muito poucos progressos no que respeita à sua transição para uma economia circular.

É necessário proceder a uma melhoria da supervisão, pelo BCE, do risco de crédito dos bancos [título]

O BCE assinalou recentemente que as perspetivas dos bancos estão a deteriorar-se, em consequência da difícil conjuntura económica atual, enquanto as crises passadas demonstraram que o subprovisionamento pode ameaçar a sua viabilidade. [...] No tocante aos bancos de risco mais elevado, selecionou sistematicamente os requisitos mínimos dos intervalos predefinidos.

"Enquanto espinha dorsal da economia da UE, as PME necessitam de ser apoiadas, e merecem esse apoio à medida que dão início e expandem as suas atividades", declarou Pietro Russo, Membro do TCE.

A UE necessita de ser mais proativa na sua luta contra a fraude nas despesas agrícolas [título]

Os esforços da União Europeia para aumentar a capacidade de produção de baterias podem não ser suficientes para satisfazer a procura crescente, o que coloca em risco o objetivo de eliminar as emissões de gases nocivos até 2035.

A União Europeia (UE) avançou muito pouco na sua mudança para uma economia circular.

Banco Central Europeu controla melhor o risco de crédito dos bancos

O BCE assinalou recentemente que as perspetivas dos bancos estão a piorar devido à conjuntura económica difícil. No passado, as crises mostraram que a falta de provisões pode ameaçar a viabilidade dos bancos. [...] Em relação aos bancos de maior risco, o BCE optou sistematicamente por exigir o mínimo possível.

"As PME são a espinha dorsal da economia da UE. Quando iniciam e expandem as suas atividades precisam de apoio – e merecem-no!", defende Pietro Russo, Membro do TCE.

Luta contra a fraude nas despesas agrícolas: União Europeia precisa de mais ação e iniciativa

O Tribunal de Contas Europeu e a avó do Emídio

# Comunicados de Imprensa

## Está a resultar?

Aumento do número e da extensão dos artigos (e das citações) sobre o TCE na imprensa nacional ou em publicações de organismos especializados



"As PME são a espinha dorsal da economia da UE. Quando iniciam e expandem as suas atividades precisam de apoio – e merecem-no!", defende Pietro Russo, membro do TCE responsável pela auditoria.

## OBSERVADOR

Porém, no que toca ao crédito malparado, o tribunal considera que o BCE "não utilizou sistematicamente os seus poderes de supervisão".

O TCE conclui que, "em relação aos bancos de maior risco, o BCE optou sistematicamente por exigir o mínimo possível" e, por norma, "não aplicou medidas de controlo mais exigentes quando o risco de crédito era elevado e constante", o que gerou "deficiências de controlo".



ORDEM DOS  
ADVOGADOS

Fraude na Política Agrícola Comum

[...]

Comunicado de Imprensa. Luxemburgo, 4 de julho de 2022. - Luta contra a fraude nas despesas agrícolas: União Europeia precisa de mais ação e iniciativa.

Aumento do número de consultas da versão portuguesa dos Relatórios Especiais no *site* do TCE entre 2022 e 2023 (subida do 8º para o 6º lugar das línguas mais consultadas no conjunto das 24 línguas oficiais)



### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

No entanto, esta não foi a mais prolífera. Essa honra coube à tipografia hebraica, vinda de Itália, que se instalou em Lisboa e Leria e que logo se pôs ao serviço da religião. Durou pouco o seu sucesso, já que o édito de expulsão dos judeus (1496) viria a acabar com ela. O seu lugar seria ocupado pela tipografia grega, na centúria seguinte.

Embora a tipografia latina tivesse mais sucesso do que a hebraica, esse sucesso não queria dizer, necessariamente, perfeição. Naturalmente que os livros em latim serviam as necessidades de estudo. Já a imprensa hebraica apostava nos livros religiosos. Quanto à tipografia portuguesa, ou melhor, em português, pois os impressores eram, geralmente, estrangeiros, publicava livros variados e não só religiosos, como a *Vita Christi*, a *Estoria do muy nobre emperador Vespasiano*, a *Imitação de Cristo*, as *Coplas do Infante D. Pedro*, a *História de Isea*, os *Comentários de Afonso de Albuquerque*...

A partir do século XVI as tipografias proliferariam pelo país e também pelo império fora: Goa, Japão, Macau e nos séculos seguintes, a expansão continuaria por outras cidades do país e do império. Naturalmente, esta imprensa seguia os jesuítas e servia a religião, a aprendizagem das línguas indígenas, o ensino da língua portuguesa. Aliás, o facto de as oficinas serem móveis, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, fazia com que facilmente se deslocassem de um sítio para o outro, pelo que nos aparecem impressões esporádicas noutros locais menos expectáveis, como, Almeirim ou Bucelas (Anselmo, 1997: 89).

#### 1.3. A Literatura de cordel

«Existe em Portugal, como em todos os países da Europa, uma Litteratura popular, constando de pequenos folhetos, em que se resumem antigos poemas da Edade média, como os dos cyclos de Carlos Magno e do Rei Arthur, que desde o seculo XIV decahiram de fôrmas poeticas em narrativas prosaicas, as quaes por seu turnos e foram dynamisando em folhas destinadas a explorar os ultimos restos da curiosidade e da crudelidade vulgan» (Braga: 496) – são estes os folhetos de cordel. Esta literatura popular existia paralelamente ao negócio dos livros.

Ora, a «designação "literatura de cordel" recobre, no uso dos especialistas, um conjunto imenso e instável de objetos impressos que eram pendurados para exposição e venda em cordéis distendidos entre dois suportes, presos por alfinetes, pregos ou molas de roupa, em bancas e paredes de madeira, podendo também pender dos braços ou da cintura de vendedores ambulantes» (Nogueira, 2006: 30).

Desde, pelo menos o século XV e até ao terceiro quartel do século XX (ainda hoje persistem entre nós os almanaques, como o *Borda d'Água* e o *Seringador*, sobreviventes destes folhetos) circulam pela Europa fora os livros de cordel, *pliegos sueltos*, em castelhano, *Bibliothèque bleue* (porque editado em folhas azuis) ou *livrets de colportage*, em francês. Aliás, «A edição de obras populares ou popularizadas coincide praticamente com a invenção da imprensa, como sucede com a célebre *História da Princesa Magalona*, comum a vários países europeus. A versão que hoje se conhece deverá ser de origem francesa, editada pela primeira vez em 1482, apenas vinte e oito anos depois de ter sido impresso, em 1454, o primeiro texto com caracteres móveis» (Nogueira, 2006:9-10).

Em Portugal, estes folhetos tiveram muita divulgação no século XVI e o início do XVII (sobretudo, na década de 1640-50, com a impressão de folhetos nacionalistas). Todavia, é o século XVIII a época de ouro deste tipo de textos impressos, obviamente, porque é também a época de ouro da tipografia, como veremos.

Esta literatura, ao contrário do que muitos fazem crer, engloba histórias bem conhecidas e escritas primeiramente para um público privilegiado do ponto de vista literário, como a *Imperatriz Porcina*, do *Romance de Amadis*, a *Donzela Teodora*, o *Imperador Carlos Magno* e os *Doze Pares de França*, *Reinaldo de Montalvão*, a *Princesa Magalona*, *Roberto do Diabo*, *Bertoldo*, *João de Calais* e o *Capitão Belisário*. Estas histórias eram depois traduzidas, adaptadas e/ou resumidas e postas a circular em folhas soltas. No entanto, o âmbito temático dos folhetos é bem vasto. Engloba temas religiosos, poesia, teatro, redondilhas de escândalos locais.

No século XVIII, o público torna-se mais exigente e ocorrem frequentemente temáticas ainda mais diferenciadas: anedotas, crítica de costumes, sermões, histórias de santos, relações militares, e cada vez com tiragens maiores. Muitas dessas histórias são tenebrosas, como *O monstruoso parto da famosa gigante de Coimbra chamada Goliácea Trumba* ou *A relação verdadeira da espantosa fera, que há tempos a esta parte tem aparecido em as visinhanças de Chaves: os estragos que tem feito, e diligências que se fazem para a apanharem: segundo as notícias participadas por certas pessoas fidedignas daquela província*. Abundam as relações sobre monstros, as cenas horríficas, como *A execução de Isac Eliot* (em verso) e que dá conta do enforcamento do dito Isac, cirurgião, e do seu criado por terem matado a mulher do primeiro e um frade. Antepassados, pois, da imprensa sensacionalista atual. Os impressores de nomeada não se furtavam à publicação deste género tão popular, como, por exemplo, Domingos Carneiro, Pedro Ferreira e até mesmo a Impressão Régia, onde se imprimiu, em 1806, uma *Serração da Velha* (Cesariny, 1983).

O folheto português mais antigo que se conhece é do teatro de Gil Vicente (1562). Aliás, eram muito frequentes, no séc. XVI, textos dos autores da chamada escola vicentina: Afonso Álvares, Ribeiro Chiado e, sobretudo, Baltasar Dias, talvez o seguidor vicentino que mais sucesso editorial conheceu. Foi através destes folhetos que o povo se manteve fiel aos autos, em contraposição ao novo teatro clássico, importado de Itália, transformando assim esta literatura lida em literatura representada.

Não se pense que estes folhetos eram apenas comprados pelas massas populares. Nos finais do século XVI, a pequena nobreza da província também os lia e, nos séculos seguintes, esse público seria mesmo alargado a camponeses abastados, comerciantes e artesãos. O alargamento da alfabetização no século XIX viria diversificar ainda mais o público leitor destas folhas. Claro que o aumento da diversidade do público exigia uma maior diversidade de géneros.

Assim, muitas obras eram traduzidas imediatamente ao seu sucesso, nomeadamente em França. Exemplo disso são *As aventuras de João de Calais*, escritas originalmente por Mme. Angélique de Gomés, editadas em livro em 1732, pouco depois modificada para publicação em livros populares, ainda em França. Em Portugal, sucederam-se até ao século XX as edições e adaptações, desde que se publicou, em 1814, em Lisboa, aquela que deve ser a primeira edição portuguesa, intitulada *História de João de Calais*. Estes folhetos geralmente circulavam anonimamente, logo a autora de João de Calais deixa de ser mencionada.

No séc. XIX as folhas volantes crescem em diversidade. Os próprios escritores da época conhecem grande sucesso. É assim que *O Noivado do Sepulcro* de Soares dos Passos se populariza, embora o poema se tenha ressentido desse gosto:

*Bai arta a lûa nas manças di a morte*

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

*Já meia noite com bágár zoou,  
Que paz tranquilhas dos bens buns di a sorte  
Zai tem descanso que alli vaxou.* (Braga: 507)

Conforme a procura, assim os editores eram mais ou menos fieis aos originais ou preferiam umas obras em detrimento de outras. Assim, no vasto catálogo da Livraria Lello & Irmão figuram os *Contos de Fada e Lobisomens*, bem como a *Cornelia ou a victima da Inquisição de Sevilha*. Já António J. Fernandes, no seu vasto catálogo inclui o *Máscara de Ferro*.

Os folhetos constituíam, verdadeiramente, um mercado paralelo ao mercado livreiro, um mercado popular em ambos os sentidos da palavra. Foram verdadeiramente eles os responsáveis pela duração da tradição dos romances populares, das canções de gesta, do folclore de raiz celta, fenícia e moura.

### 1.4.A ilustração

Se é verdade que «a imprensa portuguesa estava na dependência da produção tipográfica da Espanha, Itália, França e Alemanha» (Anselmo, 1981: 353), isso é ainda mais notório em relação às gravuras, embora, a tipografia em Portugal utilize, desde os seus começos, gravuras a acompanhar os textos. O primeiro livro cristão ornamentado com gravuras data de 1495 – é a *Vita Christi*. Segundo A. Anselmo «as primeiras gravuras publicadas em livros portugueses são precisamente em metal» (Anselmo, 1981: 355), trazidas de Espanha por Elieser Toledano, impressor judeu. Contudo, a maioria dos impressores utilizavam a xilogravura, enquanto que em Itália, em França e noutros países se utilizava a gravura metálica, a buril ou a água forte. Só em algumas raras obras se utilizou a calcografia como no *Sucesso do Segundo Cerco de Diu* de Jerónimo Corte Real (1546) que ostenta uma gravura metálica da autoria de Jerónimo Luís, ou os *Diálogos de Vária História* (1594) de Pedro Mariz, com 19 retratos dos reis de Portugal gravados a buril por Pedro Ferret.

Muitas dessas gravuras identificavam os impressores (como as divisas), outras eram meros atavios: como os ornatos de portadas, tarjas, floreios nas letras iniciais dos capítulos, mas também havia estampas que, de certo modo, ilustravam o texto. Regra geral, no séc. XV, estes ornatos tinham pouco requinte, eram toscos. Apesar disso, a *Estoria do muy nobre Vespasiano* (1496) apresenta 20 ilustrações que acompanham o desenrolar da narrativa e que serviram de modelo à edição sevilhana de 1499. São ilustrações dinâmicas com algum valor estético e técnico. Todavia a origem das xilogravuras aí utilizadas parece ser alemã (Anselmo, 1981: 366-7).

No século XVI continuaram a usar-se os mesmos ornatos e, salvo raras exceções, com a mesma falta de qualidade: «Não havia gosto para discernir o que convinha nas fachadas e frontispícios dos Livros: entravão adornos que não tinham relação com a peça; ornatos extravagantes, columnas com demasiados floreios, pedestaes caprichosos, frisos cheios de mascaradas, grifos, animalejos, e caricaturas; ou árvores muitas vezes carregadas de cascos, escudos, capacetes, e corpos de armas pendentes, Satyros, e figuras humanas sem proporção, e outras rematando em peixes, e mais arabescos deste genero.» (Santos, 136).

A falta de qualidade deve-se sobretudo à reutilização sucessiva das matrizes, geralmente importadas, que viajavam de país para país, de cidade para cidade, de impressor para impressor e de livro para livro, já que não havia em Portugal uma escola/tradição de xilogravura. Não admira que Teófilo lhe chame «negação da arte» (Braga: 499). O aperfeiçoamento só ocorreria no século XVIII com a vinda de João Villeneuve. Terá sido ele a trazer de Paris para Lisboa «a incognita e utilissima arte de fundir, e gravar as matrizes e punçoens, de que se serve a maravilhosa arte typografica, e que até agora ou se mandavam vir de fóra do Reyno, sayndo dele consideravel cabedal, ou se usava das imperfeitas, e gastadas com o tempo, sem poder aperfeiçoarse por esta causa as ediçoens dos melhores livros», a fazer fé na Dedicatória ao rei do seu estudo sobre a arte de imprimir.

Esta arte beneficiou do mecenato de D. João V e da ação da Academia Real da História, embora não tenha daí resultado propriamente uma escola portuguesa, já que a referência seria sobretudo francesa.

Só no século seguinte é que haveria um grande incremento da arte tipográfica (em todos os países, em geral) devido à descoberta de uma nova técnica que se situa entre o buril e a litografia – técnica do ponteadado (pointillé). Nesta fase já são passados a gravura desenhos de grandes pintores, como Domingos Sequeira. Mas isto não significa que se tenha abandonado a gravura de madeira.

### 1.5.A ilustração dos folhetos de cordel

E o que acontecia com a ilustração dessa “literatura” paralela dos folhetos de cordel? Iconograficamente, estas obras patenteiam, na página do título, uma gravura, que tem uma função meramente informativa e apelativa e que visa influenciar o leitor de forma a seduzi-lo. Função publicitária, portanto. E não há dúvida de que muitas delas deveriam ter um impacto visual significativo, sobretudo em relação aos relatos de horrores suscitados por monstros, cataclismos, acontecimentos hediondos. De um modo geral, estas edições eram pouco cuidadas, uma vez que visavam a economia e, afinal, tinham uma vida precária (na verdade, acabavam em embrulhos ou em encadernações, tendo-se, portanto, conservado poucos). Daí a sua iconografia ser um pouco tosca, ingénuas, porém muito expressiva e eficaz. Destinam-se a desvendar o texto, isto é, a torná-lo de mais simples compreensão, de conhecimento imediato do seu conteúdo. De chamariz, também.

Atendendo à má qualidade do papel, à falta de excelência das estampas, é de crer que as xilogravuras tivessem sido feitas em Portugal. Mas, mesmo se importadas, eram tantas vezes repetidas em vários obras diferentes que acabavam por se tornar num borrão, como aconteceu em relação às obras de Ribeiro Chiado ou às *Trovas de Cristal*. Claro que a falta de qualidade do papel prejudicava ainda mais a qualidade da estampa. Mas o facto de a gravura se ter reduzido a um tipo de convenção que se tornou popular fez com que os mesmos modelos fossem repetidos até à exaustão.

Tomando por exemplo, a já citada *História de João de Calais*, as ilustrações, de edição para edição, representam um navio do qual se avista terra, com o herói à proa. Está revelado o conteúdo do texto: as aventuras marítimas do herói. É o suficiente para o comprador perceber o que irá encontrar no folheto.

Obviamente que a falta de qualidade não era só um problema nacional. A literatura de cordel francesa, segundo Teófilo Braga, excedeu em rudeza os retratos na “nossa” *Imperatriz Porcina*.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

A verdade é que era o próprio povo que exigia a repetição das gravuras e a circunstância do custo que obrigava a limitar os esforços tipográficos.

#### 1.6.A relação entre a Literatura de cordel e a literatura infantil

Apesar de a literatura para os mais novos ter beneficiado de um grande desenvolvimento nos anos 80 do século XX, nos anos 70 a 90 do século XX ainda surgiram algumas obras de literatura destinadas a crianças com a reprodução de muitas dessas histórias divulgadas pelos folhetos de cordel. No fundo, tinham a mesma função: histórias populares, edições economicamente acessíveis. Só não circulavam "a cavalo num brabante", porque estes "livros" eram agrafados.

As Edições Ledo publicaram uma coleção de livrinhos de capa mole, curiosamente, azul, a fazer lembrar a *Bibliothèque Bleu*, texto corrido, e apenas com uma ilustração a preto na capa – era a coleção Fantasia. Algumas histórias incluem uma ou duas ilustrações estilizadas no interior, de que a da capa era uma versão truncada. Outras vezes, não têm nenhuma ilustração interior. Havia ainda outra coleção: a Excalibur. Os dezasseis livros da coleção Fantasia reúnem contos tradicionais: *A História de João Soldado*, *Brancaflor*, *a Donzela Teodora*, *a Bela e o Monstro...* Todas estas obras circulavam identificadas como "contos tradicionais". A Excalibur, por sua vez, está mais voltada para os romances de cavalaria: *O Conto de Percival*, *o Romance de Amadis*, *o Alfageme de Santarém*, *a Batalha dos três reis*, *Cid*, *o Campeador*. Datam dos finais dos anos 80 e inícios de 90 do século XX.

Paralelamente, a Editora Ínsula publicava a Coleção Balancé também com histórias tradicionais. São ainda livros brochados, não têm ilustrações interiores, mas a ilustração da capa é a quatro cores. Datam dos anos 80: *A História do Cavaleiro Dom Gaiheiros*, *O Gigante Santo*, *O Lobo e a Raposa*, *a Princesa Magalona*, *o Homem da Moca* e *a História do Célebre navegador João de Calais*. Porém, nota-se já algum distanciamento nestes livrinhos: a tentativa de atribuição de uma autoria. Assim, a *História da Princesa Magalona* vem referida como «conto tradicional, segundo as versões recolhidas por Câmara Cascudo», o mesmo acontecendo com a *História do célebre navegador João de Calais* (que, como se vê perde o estatuto de conto original, devidamente assinado, para se tornar conto tradicional). Já o *Gigante Santo* vem referido como «adaptação do conto» "São Cristóvão" de Eça de Queirós, *O Lobo e a raposa*, como «adaptação de um conto árabe», a *História do cavaleiro Dom Gaiheiros*, como «contada pelo povo a Almeida Garrett»; *O Homem da moca* «segue a versão de Ana de Castro Osório». Percebe-se que estes textos todos circulavam já como "populares", ou seja, tinham sido adotados pelo povo, mas também que houvera uma maior preocupação com a qualidade do texto. Não é esta a sua única mais-valia. A maioria destes livrinhos inclui uma advertência prévia dirigida «Aos pais dos pequenos leitores deste livro», assumindo assim o destinatário privilegiado: a infância. Esta advertência destina-se a apresentar a origem do livro, mas também a importância do seu conteúdo para a criança. Vale a pena transcrever uma delas: «O conto *Dom Gaiheiros* foi recolhido pelo grande escritor Almeida Garrett diretamente da tradição oral, popular.

Almeida Garrett faz parte daquele pequeno grupo da literatura portuguesa que reúne os escritores simultaneamente mais estetas, mais inteligentes e mais patriotas. Uma das suas grandes obras é o *Romanceiro*, uma das primeiras e mais laboriosas recolhas etnológicas de contos ou romances populares expressos em poesia cujo valor Garrett abona. Foi aliás, inspirado nesta poesia dos romances populares que Garrett escreveu obras suas, como o longo e admirável poema *Dona Branca*.

Perante este conto de cavalaria, que é simultaneamente uma obra de imaginação e uma obra de poesia, o leitor, criança ou púbere, não ficará insensível e poderá aprender como a singeleza da expressão poética assegura e valoriza o valor da narrativa.» (*Dom Gaiheiros*: 5).

Quer dizer, a edição destas obrinhas é dirigida já não ao povo, mas às crianças e para isso se cuidou mais da qualidade do texto e fez-se questão em chamar a atenção dos pais para essa qualidade. Curiosamente, esta é uma leitura assumida como caseira (na tradição da *Cartilha maternal* de João de Deus?) e não como leitura escolar. Já anteriormente, anos 60 - 70, a Majora tinha uma coleção de contos tradicionais, num formato muito reduzido, brochado, capa a cores. Este interesse pelo livro infantil veio abrir o mercado a outras iniciativas editoriais mais arrojadas. Com efeito, a Livros Horizonte e a Plátano Editora começam a produzir livros para crianças com maior rigor e qualidade (respetivamente, Coleção Sete Estrelas; Coleção Lagarto Pintado e Coleção Caracol). Mantém-se o formato reduzido, o livro brochado e agrafado, mas as ilustrações no interior são várias e a quatro cores. Os autores ou coordenadores são já autores que se notabilizariam na literatura infantojuvenil. A coleção Lagarto Pintado era coordenada por António Torrado e não estava ainda muito distante quanto à temática das anteriores: provérbios, cadências infantis, romances populares, lengalengas, adivinhas. Já a coleção Caracol era, quase toda, constituída por textos originais de António Torrado, Pedro Alvim, Mara Alberta Meneres, Cecília Correia, M. Cândida Mendonça, etc., embora incluísse também algumas histórias tradicionais, afinal a fonte primária da literatura para os mais novos. Ambas as coleções datam da década de 80.

Estas duas editoras, a Plátano e a Livros Horizonte, lançariam, paralelamente e nos anos seguintes, muitas obras de literatura infantil, textos, originais, ilustrações cada vez mais cuidadas e capas cartonadas.

#### 1.7.Conclusão

Se até ao século XIX, os folhetos de cordel circulavam com grande sucesso, algumas vezes mesmo a par dos livros que reproduziam em resumo ou adaptações. Os impressores não se coíbiam de imprimir ambos. Ao longo do último quartel do século XX, com a emergência de uma literatura voltada para as crianças, circularam, também a par de livros literária e esteticamente mais elaborados, esses sucessores dos folhetos, reproduzindo muitos dos textos que tinham feito parte da literatura de cordel. Algumas editoras publicavam também os dois tipos de livros.

#### Referências bibliográficas

Anselmo, Artur (1997). *Estudos de História do Livro*. Lisboa: Guimarães Ed.

Anselmo, Artur (1981). *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: IN-CM

Braga, Teófilo (s.d.). *Sobre as estampas ou gravuras dos livros populares portugueses*. Lisboa: Portugália

Cesariny, Mário (1983). *Horta da Literatura de Cordel*. Lisboa: Assírio e Alvim.

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Nogueira, Carlos (2006). *Literatura de cordel portuguesa: história, teoria e interpretação*. Lisboa: Ed. Apenas-livros.  
Santos, António Ribeiro dos (1812). *Memória sobre as origens da Typographia em Portugal no século XV*. Lisboa: Academia Real das Ciências  
Santos, António Ribeiro dos (1812). *Memória sobre as origens da Typographia em Portugal no século XVI*. Lisboa: Academia Real das Ciências  
Villeneuve, João (1732). *Origem da arte de imprimir dada a luz pelos primeiros caracteres*. Lisboa Ocidental: na Officina de Joseph Antonio da Sylva

### 2. APRESENTOU A CRÍTICA AOS LIVROS DE CHRYS CHRYSTELLO. NO LIMAR DA (AUTO)BIOGRAFIA, ANABELA FREITAS IPLUSO

Nos últimos tempos, e por motivos académicos, tenho vindo a estudar a biografia. Várias biografias. Enfim, o número suficiente para perceber que o “género” não é uniforme, fácil de caracterizar. Que se alimenta de muitos outros géneros ou subgéneros.

Quando me chegaram às mãos as *Crónicas Aço*res (V e VI volumes) de Chrys Chrystello, sendo apenas uma coincidência no tempo em termos de temática, memo assim agradou-me muito, até porque a reflexão que agora faço permite-me enriquecer os meus estudos anteriores.

Dirá o leitor atento: mas não estamos perante uma biografia, já que se anunciam crónicas, quando muito o V volume será uma autobiografia, como, de resto se patenteia na capa: *Liames e Epifanias Autobiográficas*. Talvez sim, talvez não. Vejamos.

A obra começa efetivamente sobre a aparência de uma autobiografia canónica, se é que há autobiografias canónicas. Lembremos que Carlos Reis e Ana Cristina Lopes a declaram (à crónica) como «género narrativo afim de outros géneros de índole confessional (diário e memória), bem como de subgéneros como o *roman fleuve* ou o romance de formação» (1987, 35). A “autobiografia” de C.C. começa por falar na infância, na adolescência, na juventude. Os anos do Porto de José Chrystello. A primeira crónica, propriamente dita (datada de 2011), só aparece lá para a página 36 (“A banha da cobra”). Uma crónica, que poderemos classificar de canónica, porquanto alude a um assunto mundano, atual, e constitui-se/constituiu-se como secção regular de um jornal (segundo a definição do *Dicionário do Livro*: «secção de um jornal onde se noticiam e comentam determinados assuntos: crónica mundana, literária, desportiva, etc.»). Até aí nada a obstar, porque se a autobiografia é, afinal, afim de outros géneros narrativos, também o é da crónica. E, como a crónica fala de acontecimentos, sim, mas é também um artigo de opinião, logo, está naturalmente bem enquadrada na narrativa da vida do seu autor. Esta característica é mais visível no volume VI, que se denomina *Alumbramento: Crónicas do Éden – CHRÓNICAÇORES VI (2005-2021) uma Circum-navegação*, porquanto este livro é maioritariamente constituído por crónicas.

Não sendo a autobiografia apenas uma obra confessional ou catártica, não necessita de ser comprovadamente (no sentido de fornecer provas, que, por acaso, o autor fornece, alegadamente fornece, a espaços), comprovadamente, dizíamos, verdadeira, até porque, o próprio autor declara: «Difícil descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado» (p. 13). E mais adiante: «Tentar à distância de décadas reviver sentimentos é doloroso e pode carecer de fidelidade. Surgem enevoadas, memórias mais róseas do que talvez fossem» (p. 160). Não precisa de ser verdadeira, dizíamos, mas precisa de ser feita pelo próprio autobiografado (autobiografia é «a biografia de uma pessoa feita por ela própria», como diria Starobinski). O problema é que, quem afinal escreve, não é o José Alberto Chrystello do Porto, mas J. Chrys Chrystello. É ele que assina o livro, efetivamente. Esse Chrys Chrystello, cidadão australiano. Mais adiante, na narrativa ele explicará por que razão/razões mudou a identidade, não só o nome. Como não se trata de um pseudónimo, nem de um heterónimo, logo, o Chrys Chrystello não é o José Chrystello, nascido no Porto em 1949. É um Outro. Creio que podemos assim dizer que estamos perante uma biografia e não uma autobiografia. Chrys Chrystello fornece-nos, nesta parte inicial do vol V, dados sobre um Outro, que, privilegiadamente, conhece. Sem grande esforço para se informar sobre o seu passado, por isso mesmo. Em todo o caso, uma biografia.

Não se deixem iludir: «aquele que se conta nunca é aquele ou aquilo que realmente é, mas apenas aquele ou aquilo que julga ou imagina ser», lembrava João David Pinto-Correia. De resto, esta é também uma das limitações da História (ciência): ela não é a verdade, é uma representação, às vezes, uma soma de representações, da verdade. Visto assim, a autobiografia só é auto por ter um narrador autodiegético.

Processo engenhoso de sedução do leitor, que visa levá-lo a questionar-se. Será apenas um dos processos a que o autor recorre.

Claro que o leitor, nesta altura da leitura do livro, também se irá interrogar: mas onde estão as anunciadas crónicas? Só várias páginas adiante é que as ditas se irão revelar. Depois serão maioritárias ao longo dos dois volumes. Ora, se as crónicas revelam o seu autor (até porque “quem escreve, escreve-se”, gostava de afirmar Manuel António Pina, citando Ezra Pound), por que razão terá ele sentido a necessidade de incluir uma primeira parte marcadamente biográfica, memorialista, se se quiser, não enquadrada nas anunciadas crónicas? Creio que esta inclusão afinal, é que justifica os tais “liames” que explicam a génese do Chrys, do autor da obra. José Chrystello não regressará a Ítaca. Ficará perdido no Oriente. O novo Chrys Chrystello, depois da sua circum-navegação interior, que terá começado em Macau (P. 167), irá parar a S. Miguel. Foi em Macau que se formou o novo ser que iria nascer na Austrália: Chrys – a ilha.

E aqui o leitor já percebeu que, neste sentido, toda a parte de memórias/crónicas que reportam o tempo anterior à ida para a Austrália funciona também como um “romance de formação” ou *Bildungroman*, como é mais conhecido. Aquela digressão memorialista inicial (e outras que o autor vai introduzindo a seu bel prazer) justificará também algumas das epifanias que, se não se revelaram logo na infância ou na adolescência, haverão de surgir mais tarde. Possibilitam também a inclusão de vários dados genealógicos dos Chrystellos e afins que, de outra maneira seriam de difícil inclusão.

Ora estas incursões na História são uma constante nos escritos do autor. Um gosto que conhecemos há muito: «Sempre guardei o que escrevi para memória futura», afirma logo no início (p. 13). Obsessão de jornalista? Da apresentação de provas por parte do futuro estudante de direito que não se cumpriu? Em todo o caso, é uma constante na vida do autor, tanto quanto conhecemos.

A História, o tempo. A circum-navegação no tempo. Mas a História também se realiza no espaço – é a Geografia. A circum-navegação espacial. O gosto pela viagem. Ou melhor, o gosto pelo conhecimento do Outro, do Diferente. De facto, é muito mais o gosto pela antropologia do que pela geografia. Talvez em busca de uma Utopia que ecoa no título do vol. VI: *Alumbramento: Crónicas do Éden*?

As crónicas, na sua globalidade, oferecem-nos um jogo de olhares para o Outro no tempo e no espaço, sem que haja necessariamente uma atitude valorativa positiva, acrítica. De deslumbramento. Pelo contrário, a crítica é muitas vezes contundente, mesmo quando atinge os Édens por onde o autor foi passando, ou os diferentes habitantes desses édenes. Ora, é exatamente o conhecimento e a reflexão sobre o Outro que terá levado à construção do Chrys Chrystello, tão “outro” daquele José Chrystello, ainda por realizar-se. Tão outro ou tão igual?

#### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Terá sido dessa compreensão das fragilidades e das limitações dos lugares, do ser humano e das sociedades que terá emergido o autor crítico, sarcástico, às vezes cínico, às vezes compassivo da espécie humana, o homem descomprometido, avesso às visões curtas impostas pela pertença confessa a partidos ou a religiões.

Com essa mesma compreensão, o autor fala de si e do Outro que ele terá sido. Ora, falar do próprio pode ser entendido como um exercício de narcisismo, de notoriedade, de reconhecimento. Pode. Mas, geralmente, nestes casos, dá-se sempre uma imagem positiva, exemplar do biografado. Afinal é esta a lição que o grande Plutarco nos deu nas suas *Vidas Paralelas*, livro que tem sido um dos grandes guias das biografias. Ora, não é este o caso do nosso autor. «Politicamente incorreto até à medula» se declara logo no início (p. 14), não se coíbe de apontar, às vezes com laivos de sarcasmo («humor sardónico e cáustico» confessa ele – p. 26), outras com veemente repúdio ou resignação, todas as suas limitações (“vítima de bullying” p. 24), o chumbo a Ciências (p. 32), o precoce fumar às escondidas (p. 33), os amores e desamores “tóxicos” ou frustrados, os divórcios, a “trip” de cogumelos mágicos, mas também despedimentos, brigas, guerras que comprou pelo seu feitio irreverente, independente, mas sempre coerente. Enfim, anti-herói, como se intitula o primeiro capítulo.

Do alto da sua torre (diz-se falsa, senhora), o autor protesta veementemente contra o que julga errado, distópico, anacrónico, injusto, e não se importa de ser a voz que não se cala, mesmo que a voz lhe doa (literalmente). Não se importa de incomodar. Antes pelo contrário.

Mas caro leitor, (futuro ou passado), não se deixe enganar. Acima dissemos que a primeira parte do V volume não constitui uma autobiografia. Todavia, algumas das crónicas (ainda no volume V, embora salteadas no tempo, talvez porque foram «acumuladas em pastas não catalogadas nem ordenadas», conforme o autor afirma, e as que constituem o volume VI, estas escritas e publicadas entre 2005 e 2021), assumem, essas sim, um carácter autobiográfico, pois referem-se não ao José Chrystello, mas a esse Chrys, numa circum-navegação geográfica, mas sobretudo introspetiva.

Esta característica implica que tenhamos de ver estes dois livros como formando uma obra una, como documentos, como espelhos de um real, às vezes longínquo no espaço, outras mais perto de nós. No espaço e no tempo. Contra todas as probabilidades, ou não, ambas as obras vêm documentadas com “documentos” autênticos: mapas, fotografias, recortes de jornais, folhas de papel selado... Contra todas as probabilidades, porque sendo o autor um andarilho, «um caixeiro-viajante do mundo» (13), conseguiu conservar toda essa rica documentação com que ilustra ambos os livros. Em 30 m<sup>3</sup>. Compreensível, no entanto, porque provém da necessidade de preservar a memória, de dar testemunho jornalístico, histórico, de uma época em mudança.

Tentámos traçar um rumo genológico da obra. Poderíamos centrarmo-nos mais no seu conteúdo, sim. Era outra opção. Mas essa ficará para o leitor explorar, agora que lhe equacionámos alguns dos seus embustes criativos.

Enfim, «O texto é mudo», como diria Paul Ricoeur, ou se preferirmos Umberto Eco: «O texto está, portanto, entretecido de espaços em branco (...) quer que alguém o ajude a funcionar.». Quanto mais rico mais liberdade de interpretação teremos. Por mim estou-lhe grata por me ter permitido esta digressão.

#### 4. ANÍBAL DA CONCEIÇÃO PIRES, PROFESSOR APOSENTADO, POETA, AICL

1. APRESENTOU SESSÃO DE POESIA DE AUTOR
2. APRESENTOU O LIVRO DE HELENA CHRYSTELLO NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS DE QUE É O PREFACIADOR

*"Os verdadeiros analfabetos são aqueles que aprenderam a ler e não leem."  
Mário Quintana*

A epígrafe tem algo de provocatório e pode, ou não, servir o propósito deste prólogo que, como todos os textos introdutórios, tem como desígnio persuadir à leitura do livro que, por acaso, ou de forma consciente, tem na sua mão. A opção, como sempre, é do potencial leitor, ou seja, é sua. Enquanto se decide vou dar corpo à tarefa para a qual fui convidado, e muito me honra.

A Helena Chrystello tem contribuído, com o seu profícuo trabalho de pesquisa literária, para a divulgação e promoção da língua portuguesa. Do seu reconhecido labor resultam preciosos instrumentos didáticos para o ensino da língua e da literatura portuguesa, para a descoberta de novos autores e potencia a adesão, à leitura, de novos públicos.

A antologia referencia dezassete autores sobre os quais Helena Chrystello nos deixa algumas notas biobibliográficas seguidas de trechos da obra literária de cada um dos escritores e, com as quais o leitor, caso não conheça as suas obras, se poderá familiarizar e, daí partir para a leitura de uma, ou outra, obra dos escritores citados nesta antologia. Mas, se assim não for, a leitura desta antologia garante ao leitor o conhecimento, apesar de parcial, da obra destes autores, e o acesso ao mundo da produção literária de uma nova geração de escritores açorianos.

Se a sua opção for continuar a ler vai ter oportunidade de conhecer poetas, contistas, novelistas, cronistas, romancistas, novelistas com abordagens literárias distintas da condição humana, dos seus medos e realizações, das suas crenças e costumes, conquanto o lugar da ação possa ser: remoto e frio como um porto da Noruega; distante e ameno como o Vale de S. Joaquim, na Califórnia; um jardim iluminado pela incomparável luz de Lisboa; no Cantinho de S. Mateus; na mítica Manhattan; numa tasca onde se come a melhor alcatra da Terceira; num qualquer lugar imaginado para melhor servir o propósito criativo do escritor; num não-lugar; ou num lugar bem no âmago do autor.

Esta antologia de autores açorianos complementa outras já publicadas, pela autora, e não se esgota em si mesmo. Assim esperamos para gáudio dos amantes das letras.

A criação literária de autores açorianos (nascidos, ou não, no arquipélago) continua a ser vasta, pujante, diversa e reconhecida nos meios literários regionais, nacionais e internacionais.

Quando falamos em autores açorianos não significa, de todo, nem necessariamente, que a poesia, o conto, a crónica, o ensaio, o romance, ou qualquer outro género literário se circunscreva à geografia insular e arquipelágica açoriana.

Os autores açorianos contemporâneos não se cingem a abordagens criativas confinadas ao ser ilhéu e às suas peculiaridades, não obstante, a sua matriz cultural tenha sido modelada, ou influenciada, pelo ambiente natural, social e cultural dos Açores.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Os autores, homens e mulheres, referenciados nesta antologia são ilhéus de nascimento ou de adoção (coração), mas a sua expressão literária não tem fronteiras, é do Mundo e para o Mundo fazendo jus à centralidade atlântica do arquipélago, mas sobretudo à sua universalidade, e, ao subjacente reconhecimento de que outras centralidades existem e têm igual importância. Esta opinião, como todas as outras, é passível de detonar algumas polémicas sobre uma tendência, não só, mas também, académica, de categorizar, compartimentar e de tudo hierarquizar. Tenho opinião própria sobre essa metodologia e conheço os efeitos resultantes, e, daí decorre a minha grande dificuldade em fazer avaliações com base em premissas indutoras de valores subjetivos de qualidade versus consumo, sem embargo dessas premissas estarem validadas, e, genuinamente, aceites por uma larga maioria de cidadãos ligados à criação literária, sejam os autores, os editores, os livreiros, ou os leitores.

O meu Norte é o Sul! Sou por natureza e formação um desalinhado e, como tal, saio frequentemente do coro dos unanimismos. Esta será a razão, ou pelo menos uma delas, para colocar em causa e não aceitar, de forma linear, algumas metodologias que, sob o pretexto de diferenciarem, tendem a uniformizar o pensamento e, por consequência, o consumo.

Não me compete, nem para isso tenho proficiência, fazer a análise literária da obra dos autores antologados, nem essa incumbência cabe, formalmente, ao autor do prólogo. Essa tarefa cabe, por inteiro, aos críticos literários, atividade interseccionada, consequentemente, com a teoria da literatura. Teóricos e críticos literários que, sobre alguns destes autores, já se pronunciaram. Mas sempre direi o seguinte: ao viajar pelas palavras dos autores, dados a conhecer pela Helena Chrystello nesta antologia, poderá o leitor deliciar-se com uma diversidade aprimorada de códigos linguísticos que individualizam os autores e lhes conferem um espaço e um público (leitores) diferenciados, sem que isso signifique qualquer hierarquização entre eles, ou do género literário no qual expressam a sua criação artística.

Aníbal C. Pires,  
Ponta Delgada,  
março de 2022

#### 3. Apresentou Helena Chrystello na sessão de homenagem a 3 autoras dos colóquios - 38.º Colóquio – Cento de Artes Contemporâneas Ribeira Grande, 4 a 8 outº 2023-

“A 38.ª edição dos Colóquios da Lusofonia teve, à semelhança das anteriores, um programa diversificado e apelativo, para além de ser um espaço de discussão e reflexão plural sobre as questões da lusofonia, ou se preferirem lusografia pois, se é verdade que as comunicações que aqui são feitas utilizam como principal suporte, a oralidade, não será menos rigoroso afirmar que este espaço se dedica mais às grafias do que às fonias e, como todos temos consciência, no espaço a que chamamos lusófono, as fonias e as grafias são diversas e, em minha opinião, essa diversidade nada tem de redutor, perverso, ou subversivo, mas pelo contrário dá vida à(s) língua(s) de matriz portuguesa, língua(s) comum(ns)s a cerca de 300 milhões de pessoas no mundo.

Não entendam, a nota anterior como uma qualquer posição sobre o acordo ortográfico que tanto desacordo provocou, e continua a provocar, deixo essas discussões para os especialistas e respeito as diferentes posições. Eu não quis travar essa luta e, logo que se anunciou a aprendizagem da nova grafia nas escolas, aderi ao acordo ortográfico sem mais delongas.

Esta espécie de nota introdutória sobre as lusofonias e lusografias não pretende suscitar nenhum tipo de reação, a não ser despertar a vossa atenção, ou seja, serve, apenas e tão-somente, de mote para agora vos poder falar de uma mulher que tem dedicado toda a sua vida à difusão da poesia e da literatura, em particular da poesia e da literatura criada no espaço lusófono, mormente a que se relaciona com os autores açorianos, aqui nascidos ou não.

A sua constante presença ao longo das edições dos Colóquios da Lusofonia que, em parceria com o seu companheiro de vida idealiza, cria e realiza seria, por si só, justificação para o que atrás ficou dito, mas o trabalho de divulgação da língua portuguesa feito pela Helena Chrystello, sim é dela que vos falo, e, como vos dizia, o trabalho da Helena vai muito para além dos Colóquios. A Helena tem toda uma vida dedicada às letras seja como tradutora, formadora, educadora e sobretudo difusora das letras, no espaço em que se escreve e fala nos diferentes matizes da língua portuguesa.

A Helena Chrystello é uma mulher de aspeto frágil, mas a sua inabalável determinação e amor à cultura literária transformam-na num ser capaz de superar as adversidades que a vida lhe tem colocado. As fragilidades físicas não foram impeditivas que a sua paixão pela poesia e literatura se manifestasse por onde a vida a foi encaminhando, mormente, enquanto professora.

A Helena tem um trabalho notável, enquanto educadora, de promoção da leitura entre os jovens, trabalho que, como sabemos, tem fortes concorrentes nas plataformas de comunicação audiovisual e nas redes sociais, ainda assim, a sua persistência tem dado frutos e a sua herança perdura nos leitores conquistados, nos autores antologados e entre os seus pares.

Vou-me dispensar de aludir o seu vasto currículo, contudo, permitam-me algumas referências bibliográficas que sustentam parte do que já referi e acrescentam razões, se tal fosse necessário, ao justo reconhecimento e pública homenagem que o 38.º Colóquio da Lusofonia, em boa hora, decidi fazer a Helena Chrystello. Assim, menciono, apenas, alguns títulos de que a Helena foi autora ou coautora: - Antologia bilingue de autores açorianos contemporâneos; - 9 ilhas 9 escritoras; - Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos; - *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos (2 volumes)*, incluída no Plano Regional de Leitura; - *Nova antologia de autores açorianos*. Mais recentemente, ou melhor, ontem durante o 38.º Colóquio da Lusofonia o seu último trabalho: - *9 poemas 9 línguas*.

E outros títulos virão, ao que sei, estão prestes a “dar à estampa”, que é como quem diz estará para breve a publicação de outros trabalhos que visam, à semelhança dos anteriores, acrescentar conhecimento literário junto do público, promover os autores e divulgar aspetos peculiares e, quiçá, bem-humorados do que se vai escrevendo no universo deste arquipélago de sonhos e saudade. O trabalho realizado pela Helena, de que os títulos que atrás mencionei são exemplo, diz bem do seu profundo amor à literatura, à poesia e à língua portuguesa, mas também da sua persistência, determinação e força interior que a liberta das suas fragilidades para servir as letras, o conhecimento e a cultura com a paixão que lhe reconhecemos.

A Helena Chrystello tem contribuído, com o seu profícuo trabalho de pesquisa literária, para a divulgação e promoção da língua portuguesa. Do seu reconhecido labor resultam preciosos instrumentos didáticos para o ensino da língua e da literatura portuguesa, para a descoberta de novos autores, para além, como atrás ficou dito, de potenciar a adesão à leitura de novos públicos.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

A Helena Chrystello lançou as sementes sobre um alargado conjunto de jovens de quem foi, mais uma mentora, do que uma professora. Sementes que germinam nos espíritos dos novos leitores e apaixonados pelos livros, mas constituem-se, também, como um poderoso e natural fertilizante para que novos autores possam surgir pois, a Helena transmitiu-lhes o gosto pela escrita e a força necessária para vencer os receios que a folha em branco geralmente coloca aos principiantes, mas também aos que faz tempo se aventuraram pelos caminhos da escrita. Todos conhecem o poema que o Chrys dedicou à Helena e que tem como título "Maria Nobody" e, do qual me permito ler os seguintes versos: "nem sabes a riqueza/que a gente tem/maria nobody"

Antes de terminar voltarei a estes versos introduzindo-lhe uma pequena alteração que neste momento especial, em que se faz pública homenagem à Helena, me pareceu ser ajustada. Em meu nome pessoal, mas também, e julgo não ser abusivo dizê-lo, em nome de todos os presentes e de muitos outros, ausentes, que ao longo dos anos participaram nos Colóquios da Lusofonia deixo o meu público reconhecimento à Helena Chrystello pela sua inabalável dedicação e contributos à cultura e, em particular, à literatura.

**"nem sabes a riqueza/que a gente tem/maria somebody"**

**Maria Alguém! Sim! Helena és alguém que nos habituámos a respeitar e admirar. Sim! Helena és alguém a quem as letras e os seus obreiros devem um agradecimento. E é, justamente, esse reconhecimento, homenagem e gratidão que hoje, no culminar do 38.º Colóquio da Lusofonia, autores, leitores e amigos da poesia e da literatura te queremos demonstrar.**

**Queremos continuar a contar contigo, maria somebody, e com o teu incansável labor de pesquisa e divulgação literária.**

**Obrigado, Helena!"**

Aníbal C. Pires,  
Ribeira Grande, 8 de outubro de 2023

## 5. CHRYS CHRYSTELLO. AGLP, AJA / MEEA, UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA. AICL PORTUGAL

### 1. DISCURSO NA SESSÃO DE ABERTURA

A insularidade e o isolamento, fatores de preservação da língua portuguesa no mundo, retratam o meu percurso. Primeiro, na ilha chamada Portugal isolada da Europa durante o salazarismo, em Timor até antes da invasão neocolonial indonésia, na península de Macau (na altura sem acesso à China), na grande ilha australiana, em Bragança, ilhota do nordeste transmontano, símbolo do isolamento e da interioridade, e por fim em S. Miguel. Foram essas experiências que me permitiram manter sempre viva a minha herança cultural e linguística.

Quando aqui cheguei em 2005 constatei o meu desconhecimento sobre o arquipélago, o pouco aprendido nos bancos de escola era insuficiente e já esquecido ou nunca ensinado e resolvi estudar estas ilhas. Sem sabermos a história, sem falarmos a língua e sem conhecermos as tradições e cultura, nunca conheceremos nenhum povo.

*Não existem provas de que os Açores sejam o remanescente da Atlântida. Curiosamente, no livro de banda desenhada, O Enigma da Atlântida de Blake e Mortimer, a Ilha de S. Miguel é uma das portas de saída.*

*Há um nevoeiro histórico que assombra o descobrimento dos Açores: muitas as dúvidas e poucas as certezas.*

*Gaspar Frutuoso, no séc. XVI, diz que foram descobertos por Gonçalo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique, Sta. Maria em 1432 e S. Miguel em 1444.*

*Na legenda da carta do catalão Gabriel de Valsequa 1439 lê-se que teriam sido descobertos por um Diego. Damião Peres, diz que seria Diogo de Silves, em 1427.*

*No mais antigo documento régio referente aos Açores, de 2 de julho de 1439, é dada permissão ao Infante D. Henrique para mandar povoar e lançar ovelhas nas sete ilhas dos Açores [Santa Maria (127 km²), Terceira (406 km²), São Jorge (244 km²), Faial (172 km²), Pico (441 km²), São Miguel (760 km²) e Graciosa (62 km²)], uma vez que as Flores (164 km²) e Corvo (16 km²), terão sido descobertas por Diogo de Teive e seu filho João em 1452.*

*A carta régia de 5 de abril de 1443 atesta o desenvolvimento nos primeiros anos.*

*O regente D. Pedro isenta os seus habitantes do pagamento da dízima por cinco anos.*

*Em 1447 os moradores de S. Miguel, são dispensados do pagamento de direitos do pão, vinho, pescado, madeira, legumes e outros produtos que exportassem.*

*Muitas dúvidas pairam sobre o povoamento da Terceira. O flamengo Jácome de Bruges foi nomeado capitão, por D. Henrique, em 1450.*

*As teses do descobrimento dividem-se em três grupos: as que sustentam que a revelação deste arquipélago terá ocorrido no segundo quartel do séc. XIV, (reinado de D. Afonso IV (H. Major, Ferreira de Serpa, etc.); as que afirmam que o descobrimento se terá observado na primeira metade do séc. XV por Fr. Gonçalo Velho (cardenal Saraiva, Aires de Sá, etc.); e as que conciliam as duas correntes (Jordão de Freitas, Velho Arruda, etc.).*

*As primeiras teses fundamentam-se em vários mapas genoveses onde, a partir de 1351, aparecem ilhas identificadas com os Açores, em resultado das expedições às Canárias, por marinheiros genoveses ao serviço de D. Afonso IV.*

*As teses que defendem o descobrimento como obra do infante D. Henrique por Fr. Gonçalo Velho, baseiam-se na tradição oral que o cronista Frutuoso terá recolhido na segunda metade do séc. XVI e opinam que as explorações atlânticas para os Açores datam de 1431.*

*Contudo, escritores como Azurara, Duarte Pacheco Pereira e outros, nunca citam Gonçalo Velho.*

*As teses ecléticas consideram que o descobrimento se terá verificado no tempo de D. Afonso IV.*

*Sabe-se que o povoamento se deveu a portugueses e a flamengos, por intervenção de D. Isabel, condessa da Flandres e mulher de Filipe de Borgonha, junto do irmão o infante D. Henrique, primeiro donatário dos Açores. Nesses primeiros tempos teria havido mouros e judeus e mais tarde o influxo de italianos, castelhanos, franceses, ingleses, escoceses, etc. (cf.*

*Frutuoso, Luís Ribeiro, etc.).*

*O elemento flamengo, não obstante o seu número, depressa foi absorvido.*

### **Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia**

O povoamento da Graciosa, deveu-se a Pedro Correia e Vasco Gil Sodré, antes de 1510. O Faial e o Pico foram doados, antes de 1466, ao flamengo Josse Van Huertere (Joz de Utra), casado com Beatriz de Macedo e sogro do famoso Martinho da Boémia. Com ele vieram muitos flamengos, dentre os quais Wilhelm Van der Haagen (aliás Guilherme da Silveira), que, se mudou para as Flores e depois para a Terceira e S. Jorge.

A pequena Ilha do Corvo foi ocupada por simples extensão do povoamento das Flores.

Os Açores foram uma Donataria Hereditária, constituindo as ilhas Capitánias. Ao donatário pertenciam todos os tributos, dízimos, impostos, rendas e foros das terras e um domínio incontestado sobre os habitantes além da jurisdição civil, criminal e administrativa, nomeando funcionários e confirmando eleições.

Angra, foi elevada a cidade, por foral de 1534 e escolhida para sede do bispado açoriano pelo Papa.

Ponta Delgada foi elevada a cidade, por carta régia de 2 de abril de 1546.

A donataria ficou na coroa real até 1580. Com o domínio castelhano foi nomeado um Governador-Geral em Angra, sede do governo, sistema que continuou até 1653.

Aclamado D. João IV, as ilhas aderiram ao movimento restaurador. Em 1669 era encerrado na fortaleza de Angra o desditoso rei D. Afonso VI.

Em 1766, os Açores tiveram um capitão-general em Angra. A revolução de 1820 teve repercussões. Na Vila da Praia, em 1829, travou-se uma grande batalha entre miguelistas e liberais, com a vitória destes últimos. Em 1830 era formado na Terceira um conselho de regência e em 1832 chegava D. Pedro IV, aí formando um governo sob a presidência do marquês de Palmela e de que fazia parte Mouzinho da Silveira, coadjuvado por Almeida Garrett. As grandes e discutidas reformas deste foram promulgadas nos Açores, que passaram a ser província

Em 1832, a Capitania-Geral deu lugar à formação da Província Açoriana com sede em Angra.

Em 1836, dividiram-se as ilhas em três grupos, os Distritos Administrativos. Após a Revolução de 25 de abril de 1974, a nova Constituição instituiu o regime político-administrativo autónomo para os Açores e Madeira com assembleias e governos regionais.

Em 1976 foram eleitos os primeiros deputados para a Assembleia Regional e o seu primeiro Governo Regional.

Alguns grandes vultos portugueses nasceram nos Açores, como Gaspar Frutuoso (1522-1591 historiador), António José de Ávila conde de Ávila marquês e duque de Bolama, Manuel de Arriaga (1840-1917), Roberto Ivens (1850-1898), Antero Tarquínio de Quental (1842 -1891 filósofo e poeta), Teófilo Braga (1843 -1924 escritor político e presidente da República), Canto da Maya (1890 -1981 escultor), Vitorino Nemésio (1901-1978 escritor), António Dacosta (1914 -1990 pintor) etc.

Açores confundem-se com o anticiclone, a atividade sísmica e as mais diversas formas de atividade vulcânica mas os únicos vulcões ativos que hoje estão presentes são os dos nossos oradores. Sairemos todos mais enriquecidos com o conhecimento que irão partilhar connosco. Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, e foi mantida até aos dias de hoje, assentando na transmissão oral de lendas e tradições. Este é um exemplo notável de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação.

Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitar as diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. A exemplo dos aborígenes australianos estes Encontros podem incentivar a preservação da cultura açoriana que está em risco de desaparecer na voragem urbana progressista, no desagregamento da família dita tradicional e na importação de modas e hábitos estranhos. A essa perda do registo tradicional da cultura dum povo erguemos nós as nossas vozes para podermos aceitar a [Lusofonia e todas as suas diversidades culturais](#) sem exclusão das minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Recordo que quando me conheceu em Bragança 2008 o professor Adriano Moreira se voltou e disse "Você é um poeta." E são os poetas, sonhadores, que pensam que são livres e na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade. Mas vale a pena ser poeta, nesta utopia que mantém os colóquios da lusofonia vivos ao fim de 38 edições em vinte e um anos. Se não fosse este abrigo cultural que os nossos encontros proporcionam, a vida seria mais árdua. Somos a réstia de sol, que permite a todos pensar que cada ano de vicissitudes culmina nos colóquios, uma segunda casa, acolhedora e amiga, onde podemos voar nas asas da liberdade literária de poetas como os mestres, nossos patronos, Eduíno de Jesus, Onésimo T Almeida e Álamo Oliveira, e outros que usam a poesia como arma de libertação. É essa também a força da Ribeira Grande e das suas gentes, desembaraçadas das grilhetas do passado atormentado de quinhentos anos, e tragédias telúricas e sísmicas.

Da História da imprensa local, em representação da Câmara, nos falará Mário Moura. O painel da sátira ficou entregue a Nuno Costa Santos, Alexandre Borges e Diogo Ourique. Dentre os convidados realço Francisco Fernandes Madruga que celebra 40 anos de vida como editor e livreiro e aqui apresentado pelo magistral poeta Vasco Pereira da Costa. Todos os anos desde 2009 homenageamos um autor local e em 2023 coube a vez a três mulheres Carolina Cordeiro, Helena Chrystello e Maria João Ruivo, representando dezenas delas que sempre enobreceram os nossos colóquios.

Anabela Freitas, investigadora e autora infantojuvenil, regressa e fala de Teófilo Braga.

Da Diáspora temos o cientista de Geografia Mundial, José Carlos Teixeira, um Ribeiragrandense, há décadas a lecionar no Canadá, acompanhado desse promissor político e Chefe de Gabinete do Senado canadiano, Joseph Soares, e do diretor regional das comunidades José Andrade. Susana Antunes em videoconferência fala-nos da diáspora em Milwaukee, com o poeta Eduardo Bettencourt Pinto e o empreendedor José Luís Jácome.

Iremos visitar o Hawaii através do documentário The Portuguese in Hawaii de Nelson Ponta Garça e revistaremos a pintura de Domingos Rebelo pelo seu bisneto Jorge. Teremos a visualização de peças em patuá de Macau, e iremos recordar Macau, pela voz e aguarela de Rui Paiva que conheço desde há mais de 40 anos quando ambos habitávamos na pequena península chinesa. Raul Gaião e Natividade Ribeiro igualmente se centrarão em Macau. De Angola chega a voz forte de Jorge Arrimar que nos vai falar da sua mais recente obra, Cuéle, o pássaro troçador. Vasco Medeiros Rosa junta-se a nós pela primeira vez para falar de Madalena Féris. Entre os jovens autores temos Vera Santos. A Helena Chrystello dará a conhecer a sua mais recente obra, um original livro de 9 poemas, 9 autores e 9 línguas e eu lembrarei os 3 livros dos meus 50 anos de vida literária. Teremos ainda Álamo Oliveira, Urbano Bettencourt, Aníbal

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Pires, Diana Zimbron, o Grupo de declamadores Palavras Sentidas, dentre quatro dezenas de participantes, com inúmeras sessões de apresentação de livros, música com a nossa pianista residente Ana Paula Andrade e demais atividades.

Agradeço ao presidente Alexandre Gaudêncio, pelo patrocínio deste evento a nossa sexta vez na Ribeira Grande, excelentemente assistido por José António Garcia e Sónia Timóteo e ao João Mourão, diretor do Arquipélago, coadjuvado pelos cinco magníficos como a Dalila e Marco por nos receber neste magnífico local.

Cito Jack Kérouac:

"Aqui estão os loucos. Os desajustados. Os rebeldes. Os pinos redondos em buracos quadrados. Os que fogem ao padrão. Aqueles que não se adaptam às regras, Podemos citá-los, discordar, glorificá-los ou caluniá-los. Mas a única coisa que não podemos fazer é ignorá-los porque mudam as coisas e empurram a raça humana para a frente. Enquanto alguns os veem como loucos, nós vemo-los como geniais. Porque as pessoas suficientemente loucas para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam.

É assim que eu gostava de ser recordado!

O mundo está nas mãos daqueles que têm a coragem de sonhar e de correr o risco de viver seus sonhos.



Myriam Sánchez M.

#### Bibliografia

- Albuquerque, Luís de, *Os Descobrimientos Portugueses*, Lisboa, Publicações Alfa, 1985.
- Arruda, Manuel Monteiro Velho "Ensaio Crítico", in *Coleção de documentos relativos ao descobrimento e povoamento dos Açores*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1989, p. LXII.
- Campos, Viriato, *Sobre o Descobrimiento e Povoamento dos Açores*, Lisboa, Europress, 1983.
- Cardeal Saraiva, Índice Cronológico das Navegações, etc. Lisboa. 1841.
- Cordeiro, P. António. *História Insulana*, Lisboa, 1717.
- Dicionário de História de Portugal – Direção de Joel Serrão.
- da Silva Ribeiro, Luís. *Formação histórica do povo dos Açores*, in *Açoriana*, Angra, 1941.
- de Freitas, Jordão. *As Ilhas do Arquipélago dos Açores na História da Expansão Portuguesa*, Lisboa.
- de Sá, Aires. *Frei Gonçalo Velho Lisboa* (2 vols).
- do Canto, Ernesto. *Biblioteca Açoriana*, Pta. Delgada, 1890.
- Ferreira de Serpa, A. *O Descobrimiento dos Açores*, Porto, 1925.
- Ferreira Drumond, F. *Anais da Ilha Terceira*, Angra (4 vols.).
- Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, vols III e IV.
- Lisboa, Luís João, "Açores", in Luís de Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimientos Portugueses*, vol. I, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 12-15.
- Major, Henry. *Vida do Infante D. Henrique*, Lisboa, 1876.
- Monteiro, Jacinto, "Descobrimientos das Flores e Corvo", in *Os Açores e as dinâmicas do Atlântico – do Descobrimiento à II Guerra Mundial*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, 1989, pp. 247-255
- Monteiro Velho Arruda, Manuel. *Coleção de Documentos Relativos ao Descobrimiento e Povoamento dos Açores*, Ponta Delgada, 1932.
- Peres, Damião. *História dos Descobrimientos Portugueses*, P. Delgada, 1890.

2. APRESENTOU COM ANABELA FREITAS E DIANA ZIMBRON 3 LIVROS DOS SEUS 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA.

3. VER O VÍDEO GÊNESE DE CQI CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL, 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA <https://www.youtube.com/watch?v=llnHm1hulGs>

4. APRESENTOU RUI BARATA PAIVA

RUI BARATA PAIVA chegou timidamente a Macau em 1979, já eu ali estava há mais de dois anos e cedo demonstrou ser um jovem inteligente e culto nas tertúlias que iam surgindo aqui e ali, aos almoços e jantares no Clube Militar, no Clube de Macau, no restaurante Henry's e tantos outros locais como a Pousada de Coloane em Hác Sá, ou mesmo a sempre agitada casa do arquiteto Manuel Vicente. Nesse tempo eram as pessoas que faziam os locais e começava a chegar gente diferente e interessante, jornalistas, arquitetos, gente da Banca como o Rui.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Em janeiro 1983 deixei Macau para me fixar definitivamente na Austrália e passaram-se décadas sem saber dele até descobrir que depois da minha saída criara um alter ego artístico e sobressaía agora no meio da aquarela.

Convidei-o a juntar-se a nós na AICL e a vir a este colóquio sem imaginar que ele me iria pedir o impensável para o apresentar a si e à sua obra, coisa que se torna notoriamente impossível pela minha incapacidade e incultura de artes plásticas aliada à minha ignorância sobre como fazer a exegese da sua obra.

Avisei-o de que iria folhear as duas obras autobiográficas, deveras intimistas e profusamente ilustradas, incapaz de as sintetizar para um público exigente como este, mas adverti que iria buscar e citar uma análise que alguém mais capacitado já tivesse feito.

**É um prazer e uma honra revê-lo passadas tantas décadas mas o melhor é citar Hélder Beja, que em 26.9.2017 escrevia para o jornal Ponto Final do meu amigo Ricardo Pinto.**

*A vida de Rui Paiva é feita de um sem fim de afluentes que desaguam todos no mesmo rio: o da curiosidade e sede de conhecimento de um homem que atravessou África, Europa e Ásia.*

*A exposição "Diários Gráficos", na Casa de Santa Maria, em Cascais, inserida no Festival Internacional de Cultura e o livro de artista "Nuvem Branca", são a súpula de um percurso que passou várias vezes por Macau.*

*Paiva apresenta também o livro de artista e livro de vida "Nuvem Branca", bilingue (Português-Inglês) que reúne a obra, e as memórias do economista que viveu vários anos em Macau e que nas suas exposições cria sempre trajetos, como se fossem uma história de Diários Gráficos.*

*Os fragmentos da obra e da vida de Rui Paiva espalham-se por várias vitrinas. São notas visuais tomadas nos mais diversos lugares, de Macau a Monte Gordo, da Tailândia a Porto Moniz, de Hong Kong às margens do Tejo.*

*"Há sempre uma ligação muito grande entre os diários gráficos, o trabalho plástico, e a escrita, a literatura – por isso a máquina de escrever é aqui um elemento fundamental", explica o artista, apontando a velha máquina restaurada que abre o percurso da exposição.*

*No primeiro escaparate estão livros que contaram com a participação de Paiva, como o livro de desenhos editado em Macau no ano de 1982, ou as obras por si ilustradas de Helena Osório, José Silveira Machado, Irene Rodrigues e do poeta Alberto Estima de Oliveira, pois acha que é muito importante criar interações com quem visita as exposições, explicando por que decidiu inserir na mostra várias leituras e imagens icónicas que o vêm acompanhando, Che Guevara, Mao Zedong e o Livro Vermelho, a Lei Básica de Macau, Milan Kundera, Arundhati Roy, Fernando Pessoa, Ernest Hemingway e outros.*

*Na exposição percebe-se a pulsão do autor pelo colecionismo, não apenas de artefactos mas também de memórias. Ao registar as suas viagens, aquilo que pensa e sente, e ao fazê-lo em diferente formas (pintura, escrita) e suportes (dos blocos e cadernos), Paiva coligiu e preservou uma boa parte das histórias que a vida lhe ofereceu.*

*Enquanto olha a panóplia de artigos que as vitrinas guardam, vai desfiando episódios: o do casal que discutia num café do Porto e o fez escrever sobre o ciúme; o das reações sensoriais que teve ao atravessar a porta de uma loja chinesa; o dos corpos de mulheres que se insinuam em traços abstratos; os da infância em Moçambique; o dos poemas que escreveu quando o tufão Hato atingiu Macau e lhe mostrou através da comunicação social que "há cada vez menos interesse em acompanhar Macau em Portugal".*

*Não falta à exposição a componente audiovisual: em Moçambique, Paiva foi um aficionado do cinema através do Cine Clube de Lourenço Marques, nos anos 1970. O filme apresentado mostrava as recoletoras de amêijoas na Costa do Sol, seguindo a rotina das mulheres moçambicanas na apanha de amêijoas.*

*Num entrelaçar de memórias coletivas e políticas com outras pessoais e emotivas, Rui Paiva constrói um percurso pelos seus mais de 60 anos de vida. E se isso é verdade para a exposição em Cascais, é-o ainda mais para o livro "Nuvem Branca" que deve o título ao nome atribuído a Rui Paiva no Vietname, quando em 1994 apresentou a exposição individual "Nine Dreams" na capital do país, privando com o artista Nguyen Quan que teria sido o escultor oficial de Ho Chi Min.*

*Esta é uma das muitas histórias em quase 300 páginas profusamente ilustradas com os trabalhos do artista, documentos, recortes de jornais e fotografias, além de vários encartes. Rui Paiva confessa que era um projeto antigo e um projeto de vida, ter num livro o trajeto explicado enquanto artista.*

*A história começa com um rapaz que cresce em Vila Pery, no planalto do Chimoio e que cedo se vê despertado para a literatura e para a política. Escreve pequenos contos, acompanha a primavera de Praga e a Guerra Fria. Nos anos de Universidade, e enquanto cursa Economia, desenha a caneta várias imagens reveladoras de uma consciência política, que vai de África à China, em que mostra que a geopolítica esteve sempre na sua vida, desde miúdo, desde um conto que escreveu, chamado 'O Fracasso', quando tinha uns 13 anos, sobre o tráfico de armas nucleares da ex-URSS.*

*Segue-se a vida profissional e Macau, ocupando no território funções tão diversas quanto as de chefe da Divisão de Comércio Externo do Governo, responsável pela Repartição de Serviços de Economia (1980), Chefe de Gabinete do Secretário Adjunto da Economia, Finanças e Turismo, bem como Chefe de Gabinete do Governador Carlos Monjardino (1986) e várias posições na banca durante os anos 1980 e 90.*

*"A burocracia para ir para Macau levou nove meses, por isso Rui Paiva diz que foi um parto natural. Foi contratado durante a administração de Garcia Leandro para criar uma divisão de Comércio Interno e quando chegou aos Serviços de Economia não havia um único dossier, histórico nenhum."*

*Desses anos em Macau, o livro "Nuvem Branca" foca as amizades e os serões em casa do arquiteto Manuel Vicente, e um extenso portfólio de fotografias tiradas durante esses anos, que documentam – a vivência, as crianças, os adultos, a alimentação, o vestuário, os becos de Macau; e também o tufão Hope. Rui Paiva, destaca a ida a Macau, em 2015: a relação dos afetos. Numa semana aconteceu tudo: fez uma palestra na Universidade de Macau sobre a China, outra na Fundação Rui Cunha, uma exposição de aquarela na Livraria Portuguesa, e teve grande apoio de pessoas como o Ricardo Pinto, Frederico Rato, Rui Cunha, pois já não ia a Macau há 21 anos.*

*"Nuvem Branca" abriu portas a este homem que é há muitos anos curador da coleção e gestor do património artístico do Millennium bcp. Rui Paiva esteve no festival literário Escritaria, em Penafiel, 2017, convidado pelo FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos, apresentou The Script Road - Macau Literary Festival (2018) e lançou Porto Moniz, em 2022 na Feira do Livro do Funchal e no Porto no Museu Nacional Soares dos Reis.*

*Termino esperando ter despertado o vosso interesse com esta deambulação da obra artística e geopolítica de Rui Paiva.*

Commented [CC1]: Não foi possível alterar automaticamente esta palavra

**5. SESSÃO DE POESIA SUA DECLAMADA PELO GRUPO PALAVRAS SENTIDAS**

**590. a alma dos poetas junho 2013**

não sei da alma dos poetas  
nem mesmo da do ramos rosa  
não conheço o cheiro da poesia  
nem mesmo da do nuno júdice  
nem sei a cor de qualquer verso  
nem mesmo do alexandre o'neill  
perco-me em maïakovski  
visito o uivo de allen ginsberg  
por entre as denúncias de daniel filipe  
e os alertas de lawrence ferlinghetti

não sei da alma dos poetas  
não sei nem dos poetas  
emigraram todos desgostosos  
fugiram envergonhados  
desta escravidão que nos impõem  
destas grilhetas invisíveis  
meros robôs em mundos alternativos  
comandados à distância na matriz  
dentro de um jogo de computador  
a que insistimos em chamar vida  
e alguém joga com ela  
sem o sabermos

não sei da alma dos poetas  
não sei dos poetas  
não sei da vida

**737. nem guerra nem paz março 2022**

já não quero salvar o mundo  
nem salvar o planeta  
nem salvar-me a mim  
não quero salvar nada  
não quero guerra nem paz  
nem capitalismo nem comunismo  
nem nenhum outro ismo  
nem quero acabar com a fome  
ou a sede ou a pobreza  
quero voltar à pureza original  
da infância e da ingenuidade  
em vez de estar aqui velho  
à espera que nos matem a todos

**729 shangri-la (lomba da maia) 15 novº 2021**

shambhala só existe na minha poesia

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

e em textos antigos tibetanos  
ninguém a encontrou  
nem os monges budistas  
em busca dos deuses de agharta  
da paz, felicidade, tranquilidade  
o shangri-la com que sonhamos

### 632. ser açoriano (moinhos) 19 ago 2013

não se é ilhéu  
por nascer numa ilha  
é preciso sentir-lhe a alma  
partilhar raízes e dores  
acartá-la nos partos difíceis  
tratá-la nas enfermidades  
acariciá-la nas alegrias  
plantar, semear e colher seus frutos  
alimentar as suas tradições  
preservar a sua identidade

não se é açoriano  
sem amar as suas ilhas  
levá-las ao fim do mundo  
morrer por elas  
com elas  
para elas

### 686 saudade do que nunca foi, fevº 2016

*«ah, não há saudades mais dolorosas  
do que as das coisas que nunca foram!»  
bernardo soares, (heterónimo fernando pessoa),  
in livro do desassossego (fragmento 92)*

tenho tanta saudade  
do que nunca aconteceu  
só o poeta pode fazer acontecer  
aquilo de que temos saudade  
por nunca ter acontecido

### 641. aos açores 2, ago 2013

aos açores só se chega uma vez  
depois são saídas e regressos  
transumâncias, trânsitos e errâncias  
dos açores não se parte nunca  
levamo-los na bagagem  
sem os declararmos na aduana  
acessório de viagem  
como camisa que nunca se despe  
nos açores nunca se está

a alma permanece  
o corpo divaga  
mas a escrita perdurará.

**724. para uma biblioteca universal da felicidade maio 2021**

*se poeta sou  
sei a quem o devo  
ao povo a quem dou  
os versos que escrevo  
(lembrando poema de fernando manuel bernardo  
cantado por manuel freire)*

se poeta sou  
sei a quem o devo  
a meu pai  
que me ensinou  
a gostar de poesia  
dos clássicos aos neorrealistas  
da antologia da novíssima poesia  
da maria alberta meneres e m. de melo e castro  
à matura idade de mourão-ferreira  
quando só me apaixonava  
por quem gostava de poesia  
e sabia sonhar nas marés  
de paul eluard à autobiografia de maiakowki  
dos 40 anos de servidão de jorge de sena  
aos operários em construção de vinicius de Moraes  
fiz minhas as lutas dos trabalhadores  
espoliados escravos da ditadura  
e dos infantes que se opunham à guerra  
organizei concertos de música proibida  
marchei à frente dos cavalos da gnr  
dos poemas escolhidos de jorge luís borges  
e entre duas memórias de carlos de oliveira  
lavei meu canto e lavei a minha alma  
mas quem me ensinou  
foram os livros que levei  
para timor, macau e austrália  
zeca afonso no livro proibido  
os cantares do single de 1964  
que ouvi ao vivo no tup no porto  
aprendi lawrence ferlinghetti  
em como eu costumava dizer  
revoltei-me e tornei-me animal político  
no uivo de allen ginsberg  
com todos subi às montanhas de bobonaro  
e boiei na areia branca de díli  
a vocação animal de herberto helder  
levou-me a imaginar sereias em bali  
cabaias e ousados cheong sam  
de ninfas orientais nos casinos de macau

**Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia**

os olhos de silêncio de ramos rosa  
fizeram-me sofrer amores incompreendidos  
a invenção do amor de daniel filipe  
ou a sua pátria lugar de exílio  
fizeram da minha poesia uma arma  
a antologia breve de neruda  
e a crítica doméstica dos paralelepípedos  
ou a noção de poema de nuno júdice  
e o canto e as armas de manuel alegre  
foram livros de cabeceira  
até à idade do meio  
depois na idade matura descobri  
as maravilhas atlantes  
no fogo oculto de vasco pereira da costa  
dancei o tango nos mares do sul  
do eduardo bettencourt pinto  
e mergulhei nos poemas vadios  
de álamo oliveira  
e nos lugares, sombras e afetos  
do urbano bettencourt  
sem sair dos silos do silêncio  
de eduíno de jesus  
e tantos outros autores  
que aprendi a decifrar  
neles me perdi e encontrei  
com eles serei amortalhado  
para que ao morrer se evole de mim  
o cheiro diáfano das palavras dos mestres  
e o mundo seja mais respirável  
e mais justo nas palavras dos poetas  
porque eu sei  
se poeta sou  
a eles o devo

**585. porto formoso, maio 10, 2013**

sentei-me no porto  
de porto formoso  
e vi como formoso era o porto  
não havia barris  
nem caravelas  
nem descarga de víveres e gado  
era formoso este porto  
uma angra ou ferradura  
aberta ao atlântico  
iam cereais para fortes de áfrica  
saíam mancebos para guerras  
porto único na costa norte  
na ilha do arcanjo  
era formoso este porto

já então longe da capital

**595. avós, a vós a voz, moinhos, 7 junho 2013**

os campos que meus avós lavraram  
estão estiolados com restolho e ratos  
as casas que meus avós construíram  
lentamente retornam à natureza brava  
as colheitas que meus avós sonharam  
não têm bisnetos para as apanhar  
os lugares que meus avós habitaram  
estão desertos e silentes  
valeu a pena o sonho?

**586. moinhos de porto formoso, maio 10, 2013**

na praia dos moinhos  
aprendi a amar a ilha  
li os seus autores  
voguei nas ondas  
sonhei e planeei  
conspirei  
escrevi meus livros  
crónicas e poesia  
compus músicas  
dos beatles a zeca afonso  
entoei cânticos  
de bob dylan a brel  
na praia dos moinhos  
os açores são mais ilhas

**617. geometrias 1 (moinhos) 2 ago 2013**

a elipse veio à janela  
mordaz sorriu com malícia  
lenta, descreveu um círculo

com um dichote brejeiro  
triangulou um piscar de olho  
e numa hipérbole sensual  
com uma risada estrídula  
sentou-se quadrada no meu colo

**720. o regresso (o buraco negro da mudança de hora) 28.3.2021**

tenho em mim todo o tempo do mundo  
percorro calendários sem dias nem meses  
a minha ampulheta tem a duração das estrelas  
vagueio em cósmicas andanças  
moldei o tempo e o espaço

**Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia**

em buracos de minhoca azul  
como einstein previa  
vórtices acelerados  
viajo por estrelas e nebulosas  
em túneis do hiperespaço  
buracos negros de singularidade  
matéria comprimida a tamanho zero  
e mesmo quando na terra a hora muda  
regresso sempre aos açores

**666 the sign of the devil, moinhos, 29/8/2014**

ter filhos assemelha-se  
a contrair um empréstimo bancário  
nunca se sabe  
que juros se vão pagar

**730 as dores do mundo (lomba da maia) 18 nov° 2021**

não são minhas as dores do mundo  
nem de schopenhauer  
cada um é feliz ou desinfeliz  
como pode e sabe

e hoje nem temos tempo  
para nos inquietar  
para saber viver  
entre a dor e o tédio

**563. quando morrer (lomba da maia) 4 dez° 2012**

quando eu morrer  
não declare nada  
que eu não tivesse dito  
não elogie nem critique

quando eu morrer  
não vá ao meu velório  
nem mande flores  
escreva uma frase lapidar  
e publique-a

quando eu morrer  
faça uma festa  
leia um poema meu  
beba um bom champanhe francês  
fume um cubano  
seja politicamente incorreto  
como eu seria

quando eu morrer  
sem ver luz ao fim do túnel  
vou esquecer muitas coisas  
mas pedirei à minha mulher  
que me construa novo taj mahal

#### 10. CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, ESC. SEC. DAS LARANJEIRAS, P. DELGADA

##### APRESENTOU O LIVRO *QUE LENÇO COBRIRIA A DOR* NATIVIDADE RIBEIRO

Conheci a Natividade nos tempos do Liceu. Voltei a encontrá-la na Faculdade de Letras de Lisboa. Perdemos o contacto. Andei por Setúbal e regresssei aos Açores. Ela foi para Macau e retornou a Lisboa.

Em 2021 recebi uma mensagem da Natividade informando-me que me tinha encontrado através de outra açoriana, que seguia nas redes sociais. Assim nos reencontrámos e trocámos algumas mensagens. Enviou-me o livro *A Casa Azul*, obra que me deixou uma forte impressão porque me reconheci em muitas passagens e fez-me evocar uma adolescência inquieta, aparentemente despreocupada, mas assaz desassossegada e inconformada com o ambiente sombrio em que se vivia. Escutando as vozes de mudança que vinham de outras latitudes, projetava-se em nós uma vontade inabalável de ultrapassar barreiras e saltar muros, como expressa a Natividade no seu poema «Porém», do livro *Em Corpo de Palavra* (2021): «Nos vastos campos da infância / Ainda que rodeados de mar (...) / havia o livro do mundo aberto (...). / Porém / o livro a fechar-se, a fechar-se... // Imensos muros! Impuros muros!»

Falemos do livro *Que Lenço Cobriria a Dor* – um título que encerra uma pergunta que nos interpela e nos persegue ao longo de toda a leitura, e à qual somos quase como que impelidos a dar uma resposta.

A escritora, diagnosticada com um cancro da mama em plena pandemia, relata-nos, na primeira pessoa, a penosa experiência de um ser humano à beira de uma situação-limite. E partilha connosco o sentimento de solidão da pessoa quando confrontada com a circunstância de finitude. Ao olhar-se ao espelho constata essa situação porque lhe é devolvida a imagem de precariedade da existência. Para exemplificar esse caminho solitário de abandono perante o reflexo do espelho, recorro ao poema sob a anotação titular «(Marcada a data da cirurgia)»:

"Embora depois no vestiário desinfetado tenha feito uma selfie / para não perder um grande espelho que gritava / Fragilidade Vulnerabilidade / Tendo considerado aquele espelho / precisamente aquele espelho desprezível. / E o combate? O Duelo? / Não valia a pena dizer a verdade sobre a certeza das incertezas (...)" (pp. 27-28)

Perante grandes ruturas somos como que alheios a nós próprios, porque a dor rompe a unidade do ser. Olhamo-nos com estranheza e questionamos o nosso Eu fragmentado pela violência dos acontecimentos. «Como continuar a existir, se o tempo se quebrara de repente?», pergunta Teolinda Gersão, no seu livro *Paisagem com Mulher e Mar ao Fundo*. Cada um dará a sua resposta porque a dor, segundo os especialistas, não é só um facto fisiológico, mas é sobretudo um facto existencial.

Apesar de nos levar à geografia da dor humana, a autora não cede ao desespero nem desiste de lutar; pelo contrário investe numa atitude de muita confiança e perseverança perante os factos. Ao recusar o desânimo e o conformismo, aponta-nos um caminho como modo de dar forma ao indizível e recuperar a unidade quebrada.

Uma primeira vertente desse caminho consiste na escolha da escrita e da leitura como imperativos de resistência para a sua fome de ser.

A segunda será o apelo constante à natureza, como bálsamo para a regeneração de forças, e um chamamento do mar e do rio como elementos que sustentam o seu imaginário.

Na descrição da sua vivência encontramos ainda uma terceira forma de suplantar a dor: o apelo à infância, como casa sagrada aonde se retorna para procurar abrigo, e a invocação à ilha/berço como porto firme, onde se ancora depois das tempestades: «As bonecas deixam sempre na casa pequena de Madalena o cheiro a infância que é a casa maior que há».

E voltemos ao título: *Que Lenço Cobriria a Dor*. Qual a sua funcionalidade ao longo do relato? Quais os valores simbólicos que lhe estão associados?

Por um lado, o lenço apresenta-se como um adereço que cobre a ausência de algo e simultaneamente embeleza. O lenço configura-se como um antídoto contra a incerteza que inquieta, transmitindo confiança e segurança. Por outro lado, há um lenço em sentido metafórico, que vai dando resposta à dor. O lenço da memória, tecido de tempo. É na revisitação dos lugares da infância, nas memórias da ilha, que a escritora vai encontrando vigor e lenitivo para o tormento da doença e seus contornos. Com todas as vicissitudes inerentes a este estado resta o reduto da memória.

Mesmo sendo uma história pessoal, a autora envolve-nos no decurso dos acontecimentos e toca-nos com os seus questionamentos sobre o sentido das coisas e somos chamados a partilhar das dúvidas inerentes à nossa condição. O livro cumpre o propósito de mostrar que só somos uns com os outros

Mas este livro é também feito de luz, começando pela crença no valor mais importante que podemos ter que é a vida, passando por outros valores como a ternura (pelo seu companheiro de sempre e pelo seu filho, por exemplo), a estima, o humor, a esperança, o belo, a gratidão ao universo e acabando no afeto incondicional à sua Vila Franca do Campo. Valores estes que aqui funcionam como forma de dar sentido e significado ao mundo em tempos inquietos e conturbados, a nível pessoal e coletivo.

Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, 8 de outubro de 2023, Natividade Ribeiro, *Que lenço cobriria a dor*. Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2022

#### 6. DIANA ZIMBRON - Centro de Apoio à Criança da Santa Casa da Madalena do Pico. AICL

##### APRESENTAÇÃO 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA DO CHRYS

[citação lenda do crocodilo 103 CH AZ V]

Esta lenda timorense é citada por Chrys no volume V da série *Crónicas Açores e, se me dedicarem alguma paciência, perceberão porque eu escolhi começar com esta partilha.*

... "disseram, que há muitos séculos um crocodilo vivia num pântano. sonhava crescer, ter um tamanho descomunal.

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

*Mas a verdade é que não só era pequeno, como vivia num espaço apertado.*

*Tudo era estreito à sua volta, somente o sonho era grande.*

*O pântano, é bom de ver, é o pior sítio para morar.*

*Água parada, pouco funda, suja, abafada por margens esquisitas e indefinidas.*

*Sem abundância de alimentos ao gosto de um crocodilo.*

*Por tudo isto, estava farto de viver naquele pântano, mas não tinha outra morada.*

*Ao longo do tempo, milhares de anos, o que ia valendo ao crocodilo era ser grande conversador.*

*Enquanto estava acordado, conversava e fazia perguntas a si mesmo.*

*Depois, como se fosse outro, respondia-se-lhe.*

*De qualquer maneira, conversar assim, durante séculos, gastava os assuntos.*

*Por outro lado, começava a passar fome.*

*Primeiro, porque havia no charco pouco peixe e outra bicharada que lhe conviesse para refeição; segundo, porque só ao largo passava caça de categoria e tenra: cabritos, porquitos, cães.*

*Muitas vezes, exclamava: "Que grande maçada viver com tão pouco, e num sítio destes! "Tem paciência, tem paciência." dizia.*

*"Mas viver de paciência não é coisa que alimente um crocodilo" – recalcitrava-se-lhe.*

*Naturalmente que tudo tem um limite, incluindo a resistência à fome.*

*E o crocodilo entrou a sentir uma fraqueza que lhe quebrava o ânimo e o definhava.*

*Os olhos iam-se amortecendo e já quase não podia levantar a cabeça e abrir a boca.*

*"Tenho de sair deste lugar, e procurar caça mais além."*

*Esforçou-se, galgou a margem. o sol estava a pino, aquecia, transformava o chão em brasas.*

*Não havia safa, o crocodilo perdia o resto das forças e ia ficar, ali, assado. Foi nesta altura que passou um rapazinho que exprimia os pensamentos cantarolando...*

*O prometido é prometido. aquele meu sonho. Mas com tanta caça que tenho arranjado, quase me esquecia. Fizeste bem em vir lembrar-mo. Queres, agora ir por esse mar fora?"*

*"Isso, só isso, crocodilo."*

*"Pois eu, agora, também. Vamos então."*

*Ficaram ambos contentes com o acordo. o rapazinho acomodou-se no dorso do crocodilo, como numa canoa, e partiram para o alto mar.*

*Era tudo tão grande e tão lindo!*

*O mais surpreendente para os dois, era o próprio espaço, o tamanho do que se estendia à sua frente e para cima, uma coisa sem fim.*

*Dia e noite, noite e dia.*

*Nunca pararam.*

*Viam ilhas de todos os tamanhos, de onde as árvores e as montanhas lhes acenavam.*

*E as nuvens também.*

*Não se sabia se eram mais bonitos os dias se as noites, se as ilhas se as estrelas.*

*Caminharam, navegaram, sempre voltados para o sol, até o crocodilo se cansar.*

*"Ouve-me, rapazinho, não posso mais! o meu sonho acabou..."*

*"O meu não vai acabar."*

*Ainda não tinha dito a última palavra, o crocodilo aumentou de tamanho, sem perder a forma, e transformou-se na ilha carregada de montes, florestas e rios, por isso Timor tem a forma de crocodilo."*

Esta lenda timorense é citada por Chrys no volume V da série *Crónicas Açores* e, se me dedicarem alguma paciência, perceberão porque eu escolhi começar com esta partilha.

Da escrita do Chrys eu conhecia algumas crónicas e poesia, mas não tinha imaginado a dimensão do seu legado escrito, quando ele me convidou para estar aqui hoje. Humildemente, aceitei o desafio e ele enviou-me, pelo correio, os dois últimos volumes desta série, que aqui veem. Não tive muito tempo para os ler, que bem podiam ser alvo de estudo durante 6 meses cada, pela sua qualidade e riqueza de conteúdo e de formato literário.

Então, comecei a leitura das primeiras 285 páginas, incluindo o prefácio de Vamberto Freitas e posfácio de Pedro Paulo Câmara.

Letras miúdas, margens estreitas, na corrida contra o tempo assustei-me e tentei dar pequenos "saltos".

Não foi possível! Os olhos fugiam para as últimas palavras do parágrafo ou crónica acima e, irresistivelmente, tinha de ler tudo do início.

Tinham o fascínio das histórias contadas à hora do jantar, pelos pais ou avós, sobre a sua infância e peripécias, que mais imaginamos num livro de aventuras.

Com a escrita de Chrys embarcamos numa viagem, quer por locais diversos, quer através do tempo.

Começamos no Portugal profundo da sua infância, num tom mais melancólico, com ligações e conclusões sobre a nossa herança judia, por exemplo.

Depois disparamos numa vertigem, através do que certamente foram os anos áureos de Chrys, pois é assim que ele nos faz sentir, durante a sua perseguição de emoções, na juventude.

Passamos por Timor, Macau, Austrália.

O autor não só nos relata períodos da sua vida como demonstra tudo com pesquisa, para que possamos *compreender*.

Temos o enriquecimento do texto com dados históricos (políticos, económicos, religiosos).

Temos etnografia, cultura de diversos locais e sempre a crítica social.

Vejamos um exemplo [p. 134]



Nas suas andanças pelo mundo, Chrys apercebe-se da imensidão da influência de Portugal; dos locais onde a nossa língua e cultura deixaram raízes, para o bem ou para o mal; apercebe-se do impacto da colonização e da descolonização.

Mais tarde, a língua torna-se objeto da sua atenção, "Português, a quinta língua mais falada no mundo" e daí nascem os Colóquios da Lusofonia.

De resto, Chrys sempre se colocou em situações em que pudesse lutar pelo que acredita ser do interesse comum. Foi líder progressista, fez rádio, deu aulas, escreveu para a imprensa e passou notícias dos locais que visitava. Numa correria que demonstra o seu empenho e ética profissional e o compromisso do jornalismo, verdadeiro e vocacionado, por vezes em detrimento da sua vida relacional.

Das maiores insistências, da sua parte, aponto a afrota. Chrys toma como sua a missão de pôr os outros a pensar.

A esse propósito, faço mais uma leitura [p. 173].

**DA ESCRAVIDÃO PERPÉTUA**, 18.6.2018, CRÓNICA 198

*Locke é "o último grande filósofo que procura justificar a escravidão absoluta e perpétua." dizia que todos os homens são iguais mas defendia a escravidão. Locke era um homem da época, o que não diminui a importância das ideias, revolucionárias em relação ao seu tempo.*

*Há mais de 2500 crianças detidas ilegalmente (2018) em campos de concentração dos EUA, algumas com meses de idade, mas a TV não está lá para seguirmos o crime.*

**Um número maior arrisca a vida na fuga à guerra, à fome, violações, escravatura, e morre afogada no Mediterrâneo, ou fica detida em campos de concentração, mas a TV não está lá.**

*No Congo ex-Belga de mil e uma guerras e do genocídio (poucos falam, seriam 10 milhões?) há milhares de crianças de 4+ anos, escravas, a trabalharem em minas a céu aberto, para produzirem minerais indispensáveis aos telemóveis que todos usamos (exº lítio), mas a TV não está lá.*

**Na Palestina a vida miserável nas pequenas faixas de terra que Israel ainda não anexou, não permite a infância, só existe um caminho o do ódio e da guerra contra os opressores, mas o Facebook não permite mostrar e a TV não está lá.**

*"A escravidão não é coisa do passado e nunca foi tão lucrativa."*

**O alerta vem do advogado, autor e ativista Siddharth Kara, especialista em tráfico de pessoas e escravidão, temas que leciona na Universidade de Harvard.**

**"Nenhum país é imune e somos todos cúmplices. A escravidão permeia a economia global mais do que em qualquer momento do passado."**

**A estimativa é que a escravidão gere lucros de 150 bilhões de dólares por ano. Há 21 milhões de escravos no mundo, segundo a Organização Internacional do Trabalho. Em 17 anos, Kara entrevistou mais de 5 mil pessoas nestas condições em 50 países.**

*Mas afinal de que escravidão falamos?*

*A generalizada e comum: "Nunca ninguém foi verdadeiramente livre" por mais aparência que existisse, como nas gerações 1960-1999, em que mais liberdadzinhas houve no mundo ocidental. Sempre houve normas e convenções, mas a humanidade esteve dependente dos desígnios da minoria mandante que dita os moldes da escravidão de cada era, da fixação do horário de trabalho, à remuneração, recompensa por bom comportamento dos súbditos, até à existência ou não de tempos de lazer, se tal não afetar a capacidade produtiva. Ninguém escapa à engrenagem, nem os que vivem off-the-grid (fora da rede), pois necessitam de bens produzidos pelo sistema e a troca direta "barter," nem sempre é possível.*

**Os desprovidos são os desempregados, os sem-abrigo e os que fugiram ao ciclo produtivo, com liberdade de fazerem o que quiserem desde que seja gratuito, o que os limita a viver à sombra da bananeira, numa ilha deserta, rica para a alimentação, vestuário e outras necessidades. Só é possível em literatura de ficção. Os senhores do mundo, usam os instrumentos ao seu dispor, desde a escravatura materialista das sociedades contemporâneas à religião, à contrainformação, aos espetáculos circenses que reproduzem a máxima romana de "pão e circo (panem et circenses)" que vai dos mundiais de futebol a outros alegados desportos dominados pela máfia do dinheiro, anestesiando as massas e criando escape a sentimentos reprimidos.**

*Basta averiguar o mito das férias que perpetuam a escravatura consumista. Se estiver numa ocupação produtiva remunerada, provavelmente recebe um montante extra para gastar.*

*Se (por ex.º) viver na lomba da maia, sem dinheiro extra nem carro, vai a pé 4 km até à praia da viola e chamará a isso férias, ou aproveitará o tempo para cuidar da casa, pintá-la ou renová-la com o seu trabalho e chama a isso de férias.*

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

**Se vai para fora (cá dentro ou lá fora) de férias e já entrou num esquema de crédito ao consumo, nunca mais se libertará do ciclo vicioso de pagar ao banco o que pediu emprestado e os juros exorbitantes da invenção a que chamam dinheiro. Endividou-se para estudar, então trabalhe, para reembolsar a banca, que sobrevive explorando-o a si e aos demais. Se pensa que não é um escravo, pense na vida dos antepassados e verá como é apto o título desta crónica. se pensa que os donos disto tudo são livres, desengane-se, sem nós, escravos perpétuos, nada são e têm de se certificar de que há escravos (como nós), para manterem o sistema a funcionar. por mais oleado que seja o esquema, precisam de inventar continuamente novas normas e retribuições, para que a roda dentada da engrenagem funcione e dê lucros, maiores. Até eles são escravos da escravatura que impõem aos outros. Seria uma vida mais livre e menos escrava antes de inventarem o dinheiro? Não há relatos. Os poetas, sonhadores, escritores, enganam-se pensando que são livres, só na realidade virtual atingem esse modicum enganoso de liberdade.**

Chrys continua a percorrer o mundo, encontra os Açores e apaixonou-se. Da nossa ilha, diz: [Pág 247]

*Já o disse e repito: há um magnetismo que o pico exerce sobre seres frágeis e vulneráveis e me atinge desproporcionalmente. Sinto um vórtice irrecusável a atrair-me e sugar-me para o olho do furacão. Aliás vulcão. Não sei descrever exatamente onde se localiza nem para onde me leva, mas acabo sempre a rodopiar por todos os cantos no vórtice, sem me alcandorar ao topo da ilha-montanha, sem idade nem pernas para tamanha façanha. Uma subida virtual em 3D ainda vá que não vá, de resto só com pernas novas.*

Quando resolve fixar-se em S. Miguel, sabemos que Chrys foi crocodilo, saiu do pântano, viu as maravilhas do mundo, connosco aninhados às suas costas, do que viu tirou o melhor e trouxe consigo. E agora é ilha. Guarda, nos seus recantos, o encanto, mas também o desencanto, pois que não se repitam os erros do passado, essas memórias são preciosas e não admitem "limpezas ou censuras".

No último volume, ou no mais recente, pois provavelmente Chrys já terá outras 200 crónicas na gaveta, o autor assume de forma inegável o papel de provocador.

Provoca dúvidas, obriga a pensar. Conquanto esteja enamorado, pelos Açores, ou talvez, por isso mesmo!

São 231 páginas, com prefácio de Osvaldo Cabral e posfácio de Pedro Almeida Maia. Convém que o leitor entenda o contexto da maioria destas crónicas que [Pág 230]

*(Santa Maria) Admirei as casas prefabricadas, relíquias da Guerra, muitas abandonadas, outras com jardins arranjados e parabólicas. O Bairro do Aeroporto uma "cidade-jardim" típica do urbanismo do séc. XX (1944-46) representou uma profunda inovação no urbanismo tradicional insular, em sintonia com o urbanismo americano: ruas largas, curvilíneas, edifícios simples, prefabricados (trazidos dos EUA), espaços arborizados.*

*A base revolucionou o quotidiano com equipamentos prefabricados ('Atlântida Cine,' inaugurado em 1946; o 'Asas do Atlântico,' 1950; igreja, ginásio) e residências isoladas e blocos coletivos (in História da Expansão Portuguesa, vol. 5, pág. 336).*

*O cinema, em ruínas, foi reabilitado em 2019. O bairro, retomado pela aeronáutica portuguesa em 1946, teve uma intervenção por Keil do Amaral (1950), na adaptação a uso civil. Em termos urbanos, o desenho é simples: a via de serviço, a poente, liga a aerogare à antiga vila, pela "estrada da Birmânia;" outra destina-se às áreas residenciais, em largos quarteirões abertos, arborizados e afastamento entre as edificações. De sul para norte, passa-se por residências; a via transversal de equipamentos (igreja, ginásio, cinema, etc.), com espaço livre fronteiro; habitações até ao extremo norte, onde fica o hotel (reconstruído) e o clube asas do atlântico (arquitetura popular dos açores, ordem dos arquitetos, Lisboa, 2000; Fernandes, José Manuel).*

. Portanto, o veículo ideal para provocar uma comunidade, com insistência em temas que nos vão passando ao lado e que vamos desculpando, como a priorização questionável dos investimentos públicos, a (des)educação ambiental, o controlo da informação, a crise educacional, a herança deixada pelos sistemas governativos anteriores à democracia, a forte influência religiosa na sociedade, com deturpação dos valores, em detrimento de fracas interpretações daquilo que seria fundamental transmitir de geração para geração.

Vejamos o que diz sobre a maior manifestação religiosa da região [Pág 39].

### COMENTÁRIO DO AUTOR ÀS FESTAS

*sábado fui a ponta delgada, apesar da chuva miudinha para presenciar o que diziam não ter paralelo, milhares de pessoas, umas cumpriam promessas de joelhos desnudos na calçada, outras com pesados círios, misto de catolicismo pagão. No "Atlântida" da RTP-Açores, falei do colóquio que acabara há dias. A imagem deu a volta, as pessoas desfilaram por horas. A homenagem e a riqueza<sup>1</sup>. Do ícone eram contrárias aos ensinamentos de Jesus que desprezava riquezas materiais e idolatria. Não vi nisso a mensagem do santo cristo. Lamento, nada disso vi. Além da ostentação, vi crentes a arrastarem-se na calçada como na autoflagelação no Iraque. Resquícios da idade média no séc. XXI. Consta que compram fatos e vestidos para a procissão. Se a fé é grande para quê fatos novos? O dinheiro das joias podia aliviar o sofrimento dos pobres. São os meus valores, não serão os da igreja de riqueza imensa e bens acumulados.*

Durante a leitura, em várias ocasiões eu disse para comigo: eu poderia ter escrito isto, ou mesmo, eu já escrevi sobre isto, ou ainda, isto é tão natural...

Porém não o é, não para todas as pessoas. Encontramos manifestações da cultura do queixume e das aparências todos os dias, à nossa volta.

O clubismo, o partidismo, o machismo.

Não me entendam mal, o autor reconhece as maravilhas do nosso povo e da nossa terra. A nossa vontade de ajudar, só por ajudar, de dar, só por dar, de receber bem e acolher.

Reconhece as provações a que estamos sujeitos quando esta linda terra e este lindo mar se revolvem.

Porém [p. 27]:

*Aqui nunca há nada, vem tudo do continente. Espanta ou talvez não. Pensei que era chegar e ligar, mas além da botija (novo contrato na loja de ferragens), comprei um tubo de 30 cm capacidade x, pressão z bares, acoplador, abraçadeiras. Finalmente iria ver TV sem congelar.*

<sup>1</sup>O Tesouro: Resplendor, Coroa, Relicário, Cetro e Cordas, o Resplendor mais rica, platina cromada de ouro, 4.850 kg incrustado de 6.842 pedras, a Redenção, cordeiro sobre a cruz e livro dos Sete Selos do Apocalipse. O terceiro é a Eucaristia, pelicano, cálice e cibório. O último é a Paixão de Cristo: desde a túnica ao galo da Paixão e a coroa de espinhos esmeraldas, ouro, 800 g, 1.082 pedras preciosas. O Relicário é a mais enigmática, no peito da imagem para guardar o Santo Lenho. O Cetro tem 2 mil pérolas numa maçaroca, 993 pedras preciosas no tronco e brilhantes na base, onde está a Cruz de Cristo. As cordas, 5,2 metros, a quinta peça, duas voltas de pérolas e pedras preciosas em fio de ouro. Os "Registos" são a mais antiga arte do Senhor dos Milagres, de origem incerta. Os primeiros cunhos da Imagem datam do séc. XVIII.

#### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

**Na tarde seguinte, satisfeito com o calorzinho que à noite tivéramos, estava na falsa a trabalhar e a Nini meteu-se no duche. Aqui banheira é coisa para ricos. Diz ela do duche “não há água quente”. Troquei a botija, nada. O esquentador acendia a luz verde, mas a chama não irrompia nos seus tons flamejantes. Fui ao café ver o dono da casa, a quem contei o infortúnio. 24 horas depois, e após terem cá passado pessoas (não eram especializadas, mas queriam resolver o problema), veio um técnico de esquentadores da Ribeira Grande ver: impurezas acumuladas, que impediam o funcionamento do aparelho novo e na garantia. Problema resolvido.**

*Os cidadãos lidam mal com as adversidades rurais. O povo português anda há séculos a transformar-se de rural em cidadão. A inversa, não está desprovida de dificuldades.*

Há muitas e duras críticas neste Alumbramento, demonstradamente merecidas, mas também há partilha, de experiências e da troca de ideias com outros escritores e pensadores Açorianos, como Daniel de Sá e Cristóvão de Aguiar.

Há ainda reflexão sobre a atualidade regional, nacional e internacional regada com humor, do qual confesso ser adepta.

Vamos a um exemplo [p. 169]

**PRÉMIO DE EMPREENDEDORISMO**, 2.6.2018, CRÓNICA 193

*O concurso regional de empreendedorismo decorre em três fases, permitindo que as ideias apresentadas passem às fases posteriores, transpondo os vencedores para iniciativas empresariais, com a entrega de vídeo, 2 minutos, expondo a ideia de negócio, sendo selecionadas as cinco melhores. Segue-se o desenvolvimento, para planos de negócio, submetidos a uma terceira fase, um pitch (sic) até 5 minutos. São selecionados três projetos (€25.000, €20.000 e €15.000) atribuídos na condição de passarem a integrar o capital das empresas a criar.*

*Proponho que passe à final a família de Rabo de Peixe, detida pelas autoridades por estar na posse, manufatura, distribuição e comercialização de marijuana para tratamento medicinal. A família, recipiente do rendimento de inserção social, vive com dificuldades, um grande agregado numa casa da câmara destinada a famílias pequenas.*

*Conseguiu colocar em pleno emprego os 10 membros (avós, pais, filhos e netos) servindo-se de terrenos baldios do Estado, abandonados há anos. Dado que eram férteis, boa exposição solar, introduziu cannabis sativa, com cuidados intensivos e boa rega, produzindo 400 pés, dezenas de milhar de euros ao valor de mercado. Apesar da falta de instalações adequadas, a família recuperou um edifício abandonado pela edilidade para o tratamento e empacotamento das plantas, mostrando um grau de empreendedorismo como há muito se não via.*

*Com os proventos da exploração agrícola, a família ia adquirir habitação mais condigna, deixando de necessitar dos apoios sociais, e contribuir para a integração dos seus membros na sociedade, onde as pessoas são desincentivadas de se tornarem economicamente autónomas ou produtivas, preferindo auferir o rendimento de inserção social em vez de buscarem soluções para as suas carências.*

*Numa antevisão do fim do monopólio de venda do produto, com a liberalização do consumo para fins medicinais, a família demonstrou uma visão de futuro inigualável. Verifica-se que cumpriram os requisitos do concurso supracitado, motivo que nos leva a sugerir que o primeiro prémio lhes seja atribuído..*

E ainda, a respeito de uma troca de doentes aquando da devolução de uma idosa à sua casa, pelos Bombeiros [p. 230]

**Quando fui a ver tinha outra mulher na minha cama** CRÓNICA 462 JUNHO 2022

O centro hospitalar e universitário de Coimbra contactou os familiares de uma doente a informar que iria ter alta, mas quem chegou na ambulância à casa da família em Teixeira, Arganil, foi outra pessoa. “quando fui a ver tinha outra mulher na minha cama, de 94 anos, quando a minha tem 88”, contou António, o marido. Ao se aperceberem da confusão, as funcionárias da instituição que apoia o casal correram atrás da ambulância e conseguiram que levasse de volta a doente. O erro foi corrigido ao final da tarde com a chegada a casa de “dona maria”. “isto não se faz a uma pessoa daquela idade”, lamentou a filha, Idalina Leite. Retirada dum jornal diário

*A propósito desta preocupante notícia: vou ter imenso cuidado da próxima vez que a minha mulher for para o Hospital, não vá dar-se o caso de ma quererem trocar. Sabem lá a canseira que foi encontrá-la e mantê-la estes anos e agora iam acabar por me dar outra sem sequer me perguntarem se queria trocar a minha por outra, mais nova ou mais velha. Sabe-se lá que defeitos traria... nem sempre os modelos mais modernos são melhores que os antigos, e alguns antigos também funcionam muito mal. Como iria fazer para reaver a minha mulher? E o trabalho que me iria dar? Ainda o hospital podia dizer que eu a que entreguei aos seus cuidados era aquela que me devolveram...*

*Isto até parecem os saldos de verão em que se uma pessoa não está satisfeita tem 15 dias para devolver a compra. E se ao enviarem a minha mulher para outra casa, decidissem ficar com ela e não a quisessem devolver, já viram as chatices que me iam dar, meter advogados, eu sei lá. Isso ainda acabava como aqueles bancos onde metemos as poupanças e depois vão à falência e ficamos sem as poupanças. E não há seguros que cubram essas situações.*

*Por isso tenham muito cuidado ao receber encomendas destas de qualquer hospital.*

Assim termino a viagem por estes dois volumes em que o autor narra o seu orgulho em ser Português, numa relação amor-ódio com muito amor, Porém tenho uma última consideração a partilhar sobre estes 50 anos de contributo do Chrys:

Outro escritor açoriano afirmou que as novas gerações, as de 70 e 80, nas quais me incluo e às quais até já chamaram geração rasca, têm mais imaginação do que memória.

Talvez assim seja, mas Chrys Chrystello sabe que as lutas e provações à liberdade são cíclicas. Os ataques dissimulados à liberdade são constantes e a geração d"os novos" segue em frente, empatizando com as lutas do passado, através dos relatos de quem viveu antes do 25 de abril.

Estabelece as suas ligações e tira as suas conclusões.

É a esta geração que Chrys dá a mão. Ele é um realista. Ele sabe que o dia chegará em que serão eles a dizer “basta” e quer que reconheçam os sinais.

Chrys chama “os novos” para a luta. Chama-os para si e para os Colóquios. Fá-los falar sobre o seu trabalho, aqui, na vossa frente.

Põe-nos a escrever prefácios e posfácios dos seus livros e concede-lhes a honra de falar sobre eles também. Assim lhes diz: não se calem! Por isso, por isto [apontar os livros] e por tudo o resto: Obrigada. Diana Zimbron, 5 de abril 2023

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Mary V. Dearborn, autora americana, publicou várias biografias de autores famosos, como Henry Miller, Norman Mailer e, mais recentemente, em 2017, Ernest Hemingway. Na capa do livro de Hemingway aparece uma fotografia do autor algo provocatória: está de calções sentado num sofá, camisa de mangas curtas e barba. Tem os braços apoiados nas pernas abertas, e segura, com determinação calculada, uma arma fogo. Aponta-a para a câmara, o olho esquerdo fechado; o direito está fixo na pontaria de um alvo imaginário. Esta imagem desperta uma certa ambiguidade. Sobretudo para quem não conhece os complexos meandros do seu carácter.

Quando estive em Paris pela segunda vez, um dos locais que me interessou visitar foi o Café de Flore. Está situado num zona muito movimentada, entre a Boulevard Saint-Germain e a Rue Saint-Benoit. Por aí passaram grandes vultos da cultura francesa, como Georges Bataille, Robert Desnos, Léon-Paul Fargue, Raymond Queneau e Jean-Paul Sartre, entre outros. Foi nos anos 20, nesse local de referência, que se passaram a juntar aqueles a quem Gertrude Stein designou como a Geração Perdida: James Joyce, Ernest Hemingway, Ezra Pound, T.S. Eliot, Pablo Picasso, F. Scott Fitzgerald e a sua mulher Zelda.

No seu livro póstumo *Paris é uma Festa*, Ernest Hemingway traça um retrato algo nostálgico dessa época, muito difícil para o então jovem escritor, já casado e com um filho de tenra idade. A situação económica era precária. Piorou quando Hemingway decidiu dedicar todo o seu tempo à escrita romanesca, abdicando do salário como correspondente do Toronto Star.

A primeira vez que passei pelo café foi de guarda-chuva. Paris entrara já por um outono frio, soturno e húmido. Nessa manhã cinzenta, parado a poucos metros da entrada, senti, por um instante, que para recuar no tempo só o poderia imaginar: os vultos colados aos vidros em imagens a preto e branco, o cheiro do café e dos *croissants*, o cigarro de Jean-Paul Sartre a fumegar entre os dedos. Perdi a motivação ante a enorme fila que nem o mau tempo demovia.

Decidi tentar mais tarde, no regresso ao Metro. Para meu constrangimento, horas depois, fui encontrar a mesma barreira humana numa espera silenciosa e paciente. Passei por lá nos dias seguintes. A situação repetia-se. O turismo, em fúria, assaltava o café com a determinação invasora. Regressei ao Canadá com a sensação de não ter estado em Paris.

Estive em Havana, alguns anos atrás, com o Mauro, o meu filho mais velho. Fomos numa digressão à Finca Vigia, em São Francisco de Palma, casa suntuosa onde viveu Ernest Hemingway. A mansão foi construída em 1886 pelo arquiteto catalão Miguel Pascual Y Baguerbut. Passaram por lá vultos famosos e amigos do autor, como Charlie Chaplin, o toureiro espanhol Juan Ordóñez e Ava Gardner, por exemplo. Antes dessa visita passámos pelo Hotel Dos Mundos, na Velha Havana, onde regularmente se hospedava.

A pouca distância do hotel, e a pé por ruas estreitas e muito movimentadas, está o legendário bar *El Floridita* onde se encontra hoje, a um canto, a estátua em bronze do escritor. Aí se dirigia todos os dias, após as manhãs dedicadas à escrita para o rumo do costume. Por lá passaram igualmente o Duque de Windsor, Tennessee William, Jean-Paul Sartre, Graham Greene, o ator Gary Cooper bem como as atrizes Ava Gardner e Katharine Hepburn. Foi aí, de encontro ao balcão, inclinado sobre o alçóol do ócio de fim de tarde que Hemingway, num momento azedo, largou um bofetão a um poeta local que se aproximou dele alegremente. Foi uma reação cáustica. Surpreendido e humilhado, o caloroso poeta acabou abandonando o local.

Ao lado da casa há uma pequena torre, pintada de branco e com várias janelas com escadas interiores em caracol. Foi mandada construir por Mary Welsh, a quarta e última mulher de Hemingway. No topo, com uma vista para o povoado, vê-se uma secretária com uma máquina de escrever e estantes com livros. "Aparentemente, a ideia dela era de isolar Hemingway do resto da casa por forma a ele poder trabalhar com tranquilidade, e sem as interrupções das constantes visitas", disse-nos o nosso condutor e cicerone, um chinês-cubano, ex-professor de História e de cujo nome infelizmente não me recordo.

«Eu respeito muito a escrita» - disse Hemingway numa entrevista a Robert Manning, editor da revista *The Atlantic*, em 1954. «O escritor não, apenas como o instrumento da escrita. Quando o escritor abandona a vida deliberadamente, ou por defeito, a sua escrita tem a tendência para ficar atrofiada, como o membro de um homem quando não é usado. »

No livro *A Moveable Feast / Paris é uma festa*, regressamos aos meandros de uma vida do escritor nos seus primórdios, a uma deambulação social e literária intensa com o cenário parisiense ao fundo. Tenho comigo aquela que é considerada a edição fidedigna que o autor deixou, e não aquela que a viúva, Mary Welsh, publicou após a morte do marido. Na introdução a este volume, escrita por Seán Hemingway, neto de Ernest Hemingway, afirma que «as extensas alterações que Mary Hemingway introduziu ao texto original, parecem ter em conta a sua relação pessoal com o escritor, como sua quarta mulher, ao contrário dos interesses do livro, ou do autor, que aparece, na póstuma e primeira edição, como sendo uma vítima sem sabê-lo, o que na verdade ele não foi.»

Certos autores, como Hemingway e Blaise Cendrars, inspiraram-me primeiro as suas biografias. Só depois a obra. Para os leitores mais clínicos isto pode parecer um desconchavo. Sei que há um risco - o de as suas vidas ultrapassarem a sua ficção. Afigura-se-me que em ambos os casos se complementam.

Descubro algum paralelismo entre Hemingway e Cendrars naquilo que concerne a aspetos das suas vidas, tanto pública como privada. Ambos foram aventureiros. Viajaram muito e participaram na I Guerra Mundial. Ficaram gravemente feridos (Cendrars perdeu o braço direito; Hemingway esteve hospitalizado 6 meses em Milão, em consequência da deflagração de um morteiro perto do local onde se encontrava, causando a morte de dois soldados italianos que estavam com ele), correram continentes, viveram entre euforia e caos.

Hemingway, no entanto, sessenta e dois anos após a sua morte trágica, mantém uma imagem de mito.

É certo que o populariza o romantismo de uma época, e de arrasto a nostalgia de um tempo que conheceu o horror. Mas também, digamos, o sonho e a utopia. Temos em conta, e na sua devida proporção, a qualidade da sua obra, estilisticamente pioneira.

Blaise Cendrars, pelo contrário, caiu no esquecimento não obstante a importância da sua criação poética, e que o distingue como uma das vozes mais influentes do modernismo europeu. Curiosamente, essa influência também se fez notar no Brasil de então.

Sobre esse aspeto literário recomendo o belíssimo ensaio de Tessa Sermet, *Blaise Cendrars e o modernismo brasileiro: a (re)descoberta do Brasil*, texto publicado em 2016 na publicação *Spanish and Portuguese Review*.

Em termos de popularidade póstuma, e no âmbito da Literatura Americana, Charles Bukowski, que nasceu na Alemanha mas viveu a maior parte da sua vida em Los Angeles, tem conhecido nos últimos anos uma popularidade crescente. As reedições dos seus livros são constantes e esgotam-se rapidamente. Conhecido pelo seu temperamento de boémio excessivo, sem freios, a escrita - tanto a poesia como a ficção - atrai as novas gerações pela intrepidez da sua postura, rebeldia e anárquico posicionamento moral, livre de preconceitos e à margem

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

da sociedade. Em tempos de opressões e policiamento de grupo, à hipocrisia do politicamente correto, a voz de Charles Bukowski faz-se ouvir pela autoridade da sua gênese, descomprometida com o *status quo* vigente.

O preço da rebeldia pode levar, se social, o autor ao ostracismo, ao escárnio, ao fragmentar da sua imagem. Disso se comprazem os executores da cultura do ego, do elogio mútuo de pancadinha de clube nas costas sem vértebras. Se político, a uma perseguição. Ser-se comunista, por exemplo, num passado não muito longínquo (e ficando-nos apenas pela América latina e a Europa), era ficar à mercê de regimes opressores.

No livro *Confesso que Vivi*, biografia de Pablo Neruda, o poeta chileno relata-nos as tribulações por que passou em consequência das suas opções políticas. John Steinbeck viu os seus livros serem queimados em Salinas, sua terra natal, após a saída do seu romance *As Vinhas da Ira*. O poeta grego Yannis Ritsos, o mais prolífico da sua geração, por duas vezes candidato ao Prémio Nobel, foi encarcerado e desterrado, os seus livros transformados em cinzas nas fogueiras que se atearam publicamente na Acrópole de Atenas.

Ernest Hemingway, por sua vez, queixava-se que andava a ser seguido por agentes do FBI devido à sua amizade com Fidel Castro e a sua ligação a Cuba.

Ninguém acreditou. Mas em 1980, Jeffrey Myers, um académico da Universidade de Colorado, solicitou, ao abrigo do Freedom of Information Act, que fosse disponibilizada a ficha do autor.

Num documento com mais de 120 páginas (algumas delas riscadas com tinta preta), estão fixados todos os dados concernentes às rotinas diárias do escritor.

A.E. Hotchner, amigo e biógrafo de Hemingway, declarou que essa perseguição silenciosa ao autor foi a principal causa do seu suicídio.

Tenho afirmado que as pessoas é que são as cidades. Para mim, sob o ponto de vista literário, Paris existe segundo o olhar da Geração Perdida. Ficou dela a irradiação romântica de um tempo.

As cadeiras estão vazias. Ninguém as poderá ocupar porque fazem parte de um mito.

A ele regressamos entre curiosidade e nostalgia.

Porque em literatura, a finitude física de um autor não é a sua morte mas o pó que deixamos cair sobre o seu espírito.

## 8. FRANCISCO F MADRUGA, EX-DIRETOR E EDITOR DA CALENDÁRIO DE LETRAS, V N DE GAIA E AICL. Homenageado pelos 40 anos de vida editorial e livreira

### 1. UM BRINDE AO FRANCISCO MADRUGA

Meu Caro Francisco Madruga,

terei de ser breve na bem merecida homenagem que te fazem, particularmente pelas palavras do nosso estimado Amigo Vasco Pereira da Costa, o Amigo que nos apresentou.

Não me esqueço que nas tuas funções de editor, acreditaste na edição do meu primeiro livro, «Sonata para um Viajante».

Acreditar também é um belo e corajoso gesto de humanidade.

E, certamente, esse gesto e essa atitude, repetiram-se durante a tua vida, como cidadão e nas funções de editor.

Um editor exerce as funções de parteiro, ao ajudar e colaborar em dar à luz novas criaturas, as criaturas que nasceram e vivem nos livros.

Os livros são a memória do mundo e, transportar e distribuir a memória do mundo, é ultrapassar o tempo.

Fazer do passado, presente. Um renovado presente. Um tempo que o leitor não esquece.

Um livro pode não fazer uma revolução, mas uma revolução pode ser feita por gente contagiada por livros.

E pelas ideias e cultura, os avanços têm a medida da estatura de quem os faz.

As palavras têm cores e com elas pintamos a vida toda, representando as ideias, os absurdos, as crenças, as ilusões, as verdades, os sonhos, os horrores, os pesadelos, as novas e esquecidas alegrias.

Bem mereces todas as homenagens, Francisco Madruga, os livros fazem mossas, os livros são pesados, neles cabem o mundo todo.

Com Forte e Amigo Abraço de parabéns do

Dimas Simas Lopes

2. VÍDEO DE MOGADOURO <https://youtu.be/7A3cEn9pPE8>

3. AICL, VÍDEO DE HOMENAGEM DA AICL em <https://youtu.be/SKGJdgyjvw>

4. DISCURSO DE FRANCISCO MADRUGA NA HOMENAGEM DE 40 ANOS DE EDITAR E LIVREIRO

Boa tarde a todos

Quero começar por agradecer ao presidente da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, Dr. Chrys Chrystello pela homenagem, obrigado Chrys, ao senhor presidente do Município da Ribeira Grande, pelo acolhimento e apoio.

Ao Dr. Vasco Pereira da Costa, amigo Vasco, um agradecimento profundo pelas tuas palavras, amizade e cumplicidade no empenhamento cívico, em múltiplas causas, como a Liberdade, a Cultura, a construção da Democracia e a preservação de uma cultura de defesa dos valores do 25 de abril.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Vim para os Açores, literalmente com os livros às costas. Organizamos durante vários anos a Festa do Livro do Faial, nas Semanas do Mar. Obrigado Vasco.

Venho da terra historicamente chamada de Terras de Miranda, de Mogadouro, de Vale da Madre.

Terras de Miranda, tem uma língua ancestral, o Mirandês. Por isso, decidi fazer a minha comunicação em Mirandês.

O Mirandês é a segunda língua oficial há 25 anos.

Um grupo de cidadãos, tomou a palavra, para exigir ao Estado, o pagamento devido com a venda das barragens. O Movimento Cultural das Terras de Miranda, Miranda, Mogadouro e Vimioso trouxe para a ordem do dia, a questão da língua, do património, das tradições, da gastronomia, da agricultura e do ambiente.

Mas a minha presença aqui, hoje, tem a ver com o meu percurso livreiro, editorial ou como “homem dos livros”.

Disso falarei no próximo livro, “À Volta dos livros com barbeiros, alfaiates e livreiros”. São 40 anos de uma riquíssima atividade com autores, ilustradores, editores, livreiros e outras profissões.

Foram homens e mulheres que arriscaram a Liberdade pela cultura, pelo livro e pelas artes.

Foram homens e mulheres que viram livros apreendidos e destruídos, que foram presos, sofreram tortura e deram a volta à Censura.

Foram homens e mulheres que contribuíram para o dia libertador do 25 de abril.

Hoje, quando se comemoram os 50 anos do 25 de abril, não podemos entregar o espírito e os sonhos de abril de mão beijada.

Tenho uma “INCOMODIDADE NECESSÁRIA”, que tem que ser escrita por todos que o viveram, no escrupuloso respeito pelo confronto de ideias, contra as novas censuras, os populismos e a falta de memória.

Paulo Quintela, Bragançano, professor universitário, só viu os seus méritos académicos reconhecidos depois do 25 de abril, como tantos outros.

Por isso, tenho uma dívida para com todos os que antes do 25 de abril, arriscaram a vida para nos entregarem o testemunho da Liberdade. Foi uma corrida que durou 48 longos anos. Com todos os que tive oportunidade de conviver, editores, escritores, livreiros, políticos e simples dirigentes associativos, nunca lhes ouvi uma palavra de queixume ou de revolta. A sua palavra era sempre “Fiz o que tinha que ser feito!”.

Façamos da Liberdade o caminho do desenvolvimento através da cultura, da investigação, da educação e da realização humana.

#### 1. Discurso em mirandês

*Buonas tardes a todos*

*Quiero ampear por agradecer al presidente de la Asociación Anternacional de ls Colóquios de la Lusofonie, Dr. Chrys Chrystello pu la houmenaige, oubrigado Chrys, al senhor presidente de l Munecípio de la Rieira Grande, pul aculhimiento i ajuda.*

*Al Dr. Vasco Pereira da Costa, amigo Vasco, un agradecimiento profundo pulas tues palabras, amisade i camaradaige ne l ampenhamiento cibico, an múltiplas causas, cumo la Lhibardade, la Cultura, la custruçon de la Democracie i la preserbaçon dua cultura de defesa de ls balores de l 25 de abril.*

*Bin pa ls Açores, lhiteralmente cun ls lhibros a las cuostas. Ourganizemos durante muitos anhos la Fiesta de l Lhibro de l Faial, nas Semana de l Mar. Oubrigado Vasco.*

*Bengo de la tierra storicamente chamada de Tierras de Miranda, de Mogadouro, de Bal de la Madre.*

*La Tierra de Miranda ten ua lhéngua ancestral, l Mirandés. Por isso, resulbi fazer la mie comunicaçon an Mirandés.*

*L Mirandés ye la segunda lhéngua de Pertual hai 25 anhos.*

*Un grupo de cidadanos, tomou la palabra, para eisigir al Stado, l pagamento debido cun la benda de las barraiges. L Mobimientto Cultural de las Tierras de Miranda, Miranda, Mogadouro i Bumioso troixo pa l'orden de l die, la queston de la lhéngua, de l patrimoño, de las tradiçones, de la gastronomie, de l'agricultura i de l'ambiente.*

*Mas la mie preséncia eiqui, hoije, ten a ber cun l miu camino lhibreiro, eiditorial ou cumo “home de ls lhibros”.*

*Desso falarei ne l próssimo lhibro, “Al redor de ls lhibros cun barbeiros, alfaiates i lhibreiros”. Son 40 anhos dua riquíssema atebidade cun outores, eilustradores, eiditores, lhibreiros i outras profissones.*

*Fúrun homes i mulhieres qu'arriscórun la Lhibardade pu la cultura, pul lhibro i pu las artes.*

*Fúrun homes i mulhieres que bírun lhibros apreendidos i çtruídos, que fúrun presos, xufrírun tortura i dórun la buolta a la Censura.*

*Fúrun homes i mulhieres que cuntribuírun pa l die lhibertador de l 25 de abril.*

*Hoije, quando se comemóran ls 50 anhos de l 25 de abril, nun podemos antregar l spírito i ls suonhos de abril de mano beisada.*

*Tengo ua “ANCOMODIDADE NECESSAIRA”, que ten que ser screbida por todos que l bibiran, ne l scrupuloso respeito pul cunfronto d'eideias, contra las nuobas censuras, ls populismos i la falta de memória.*

*Joaquim Namorado, Bragançano, professor ounibersitairo, solo biu ls sous méritos académicos reconhecidos apuis de l 25 de abril, cumo tantos outros.*

*Por isso, tengo ua díbeda para cun todos ls qu'antes de l 25 de abril, arriscórun la bida para mos antregáren l teçtemunho de la Lhibardade. Fui ua corrida que durou 48 lhargos anhos. Cun todos ls que tube ouportunidade de cumbibir, eiditores, scritores, lhibreiros, polífticos i simples derigentes associatibos, nunca ls oubi ua palabra de queixume ó de rebulta. Las sues palabras éran siempre “Fiç l que tenie que ser feito!”.*

*Fágamos de la Lhibardade l camino de l zambolbimiento atrabeç de la cultura, de l'ambestigaçon, de l'eiducaçon i de la rializaçon houmanas.*

#### **5. INTERVENÇÃO DO DR. VASCO PEREIRA DA COSTA, NO CONGRESSO DA LUSOFONIA, QUE DECORREU NO MUNICÍPIO DA RIBEIRA GRANDE, NO ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA, NA SESSÃO DE HOMENAGEM, PELOS 40 ANOS DE ATIVIDADE EDITORIAL E LIVREIRA.**

“O início dos anos setenta do século passado era propício a uma formação a que faltava preparação à escola e pouco aberta aos choques ideológicos, o confronto dos gostos, as alterações sobre a Guerra Colonial competiam e digladiavam-se no seio de uma sociedade politicamente vigiada e silenciada. Ousava-se querer uma sociedade mais remexida, mais europeia onde brilhava aquela “pequenina luz” de Jorge de Sena.

**“Uma pequenina luz bruxuleante e muda**

**Como a exatidão como a firmeza**

**Como a justiça.**

**Apenas como elas.**

**Mas brilha.**

**Não na distância. Aqui no meio de nós.**

**Brilha!”.**

Por essa altura surgiam Guevaras efémeros de boina às três pancadas e pensamento a escorrer pelas orelhas. E, quando Paulo VI recebeu no Vaticano os líderes da emancipação das colónias portuguesas, os senhores padres proviam novenas pedindo a conversão do Papa.

A emigração era avassaladora, mas ouvia-se:

**“Ei los que partem / novos e velhos / buscar a sorte / noutras paragens / virão um dia / ricos ou não / virão um dia / ou não (Manuel Freire) ”.**

Entretanto, Mafra fazia descer o gume da guilhotina sobre as cabeças da juventude. E o Zeca cantava:

**“Menina dos olhos tristes / o que tanto te faz chorar / vem numa caixa de pinho / do outro lado do mar / desta vez o soldadinho / nunca mais se faz ao mar”.**

A escola institucionalizada era percorrida sibilinamente por um frêmito de mudança. Fanhais cantava Sophia:

**“Vemos / Ouvimos e lemos / Não podemos ignorar”**

E nos corredores escolares percebia-se que os alunos mais espigadotes almejavam ser cidadãos do burgo, comparsas da polis, habitantes do planeta, acreditando nas suas capacidades de promoverem uma mudança.

É neste contexto sociopolítico, deixando as traquinices infantis de Francisco Madrugá, encontrando-o no começo desses anos setenta como aluno do Liceu Nacional de Vila Nova de Gaia.

Anos antes, Francisco apercebera-se da queda física e simbólica do Manholas de Santa Comba, que será a alcunha mais simpática para a figura sinistra de António Oliveira Salazar, responsável pela longa ditadura que estrangulava o desenvolvimento do país.

Marcelo Caetano tomara as rédeas do governo apenas matizando as medidas ditatoriais, continuando Portugal a sustentar uma sangrenta guerra colonial com consequências desastrosas:

A emigração, como já disse, a persistência no chavão de “orgulhosamente sós” com a comunidade internacional a fustigar as políticas governativas que escamoteavam um avultado analfabetismo e cerceava a liberdade de imprensa com um regime de censura prévia.

Foi-lhe possível, então encontrar no Porto burguês e republicano, um ambiente inconformado com a conjuntura caquética do Estado Novo numa agonia que a custo estrebuchava.

Nas cidades universitárias - Lisboa, Porto e Coimbra – os movimentos estudantis ousavam contestar as políticas de clausura e o empenho numa guerra que cerceava as vidas da sua juventude. Esses movimentos de contestação, e de afronta, contaminava também os alunos do ensino secundário que, no ciclo complementar já encaravam o seu futuro de pelo menos quatro anos, pelo menos, de guerra e, provavelmente, num destino de carne-para-canhão.

Ora, aos 17 anos, no dealbar da Revolução de 1974, Francisco Madrugá já estava contaminado pelo vírus do revirinho pondo em causa as proclamações isolacionistas, as catequeses das sotainas reverentes, enfim, o regime castrador e devasso. E, no dia 26 de abril apercebeu-se de uma algazarra só semelhante a uma visita do Benfica ao estádio das Antas: o povo estava nas ruas saudando a liberdade suspirada.

Não será de todo despiciendo notar que Francisco Madrugá é transmontano, carregando, no fundo e na forma, cromossomas que Miguel Torga sintetizou: **“Homens de uma só peça, inteiriços, que olham de frente e têm no rosto as mesmas rugas do chão (...). Bata-se a uma porta, rica ou pobre, e sempre a mesma resposta**

**- Entre quem é!**

**Sem ninguém perguntar mais nada, sem ninguém vir à janela espreitar, escancara-se a intimidade inteira. O que é preciso, agora, é merecer a magnificência da dádiva”.**

Deste modo, transplantado para uma cidade orgulhosamente burguesa e britanicamente pragmática, vai encontrar uma atmosfera cultural que lhe talha o fato à medida. Não esqueçamos que o Porto tinha e ainda tem uma atmosfera sociocultural nunca radicalmente subjugada pelo execrando salazarismo: uma profunda criatividade jornalística, uma dinâmica “Associação de Jornalistas e Homens de Letras”, a residência de velhos resistentes ao regime -Helder Ribeiro, Cal Brandão, Emídio Guerreiro, Virgínia Moura, entre outros - ; escritores como Sophia, Eugénio, Agustina, Pina, Cláudio; edição de revistas de literatura e arte marcantes na história cultural do país.

Eis, pois, por que, imediatamente após o 25 de abril, Francisco Madrugá já amadurecera ideologicamente, envolvendo-se, comprometido, no Movimento Estudantil quer ainda no termo do ensino secundário quer, depois, no universitário, tornando-se dirigente comunista, militando nas associações estudantis, passando para as atividades mais abrangentes, organizando a estrutura da UEC e JCP em Trás-os-Montes e Alto Douro.

Buliçosamente empreendedor, participou no Movimento Preparatório da Conferência pela Paz em Helsínquia e participou na organização do Acampamento Internacional da Juventude pela Paz em Portugal.

Para quem afirma ter chegado ao livro por mero acaso, cumpre indagar por que, logo após o 25 de abril, organizava bancas de venda de livros no liceu e na Cooperativa Árvores, a primeira feira do livro Universitário.

Creio ter uma achega para a resposta, socorrendo-me do que Joseph Brodsky escreveu no seu discurso de imposição do Prémio Nobel:

**“Não defendo a substituição do Estado por uma biblioteca, embora este pensamento me tenha visitado repetidas vezes, mas não tenho dúvidas de que, se escolhêssemos os nossos governantes com base na sua experiência de leitura e não com base nos seus programas políticos, haveria menos sofrimento na Terra”.**

Não será por mero acaso a chegada aos livros. Já Ramalho Ortigão avisara:

**“Em Portugal há apenas 20% de pessoas que compram livros e 80% os que pedem emprestados e, em geral, não os restituem”.**

Esse mero acaso só poderá ter raízes na militância imaginada de Brodsky; Francisco Madrugá é um **editor militante**. Aliás, em Portugal, só a militância explica o editor.

Senão, vejamos, sinteticamente, o acaso (mero?):

- Sócio fundador da ECL – Empresa de Comércio Livreiro – diretor e administrador.

- Sócio fundador das editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, Primeira Edição e Calendário de Letras, sendo diretor e administrador das duas últimas.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

- Sócio fundador da edição portuguesa de **Le Monde Diplomatique**.
- Sócio fundador do Fórum Terras de Mogadouro.
- Diretor da revista Terras de Mogadouro.
- Colaborador dos jornais Voz do Nordeste, Informativo, Cardo, Mensageiro e Norte Popular.
- Membro da Comissão Organizadora da mostra cultural do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Membro da direção da APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, durante dois mandatos.
- Organizador da Feira do Livro do Porto.
- Responsável por dezenas de Feiras, Mercados e Festas do Livro no Porto, Viana do Castelo, Braga, Matosinhos, Espinho, Vila Real, Bragança, Lisboa, Viseu, Aveiro, Serpa, Coimbra, Figueira da Foz, Barreiro, Portimão, Vila Real de Santo António e Faial.
- Carregador de livros de língua portuguesa para Macau, Brasil e Galiza.
- Participante, colaborador e orador em diversos Colóquios da Lusofonia.

Para além de editor, Francisco Madruga é, também, autor, contrariando assim, o percurso normal dos editores que começaram por ser autores – Nelson de Matos, Manuel Alberto Valente, por exemplo.

É certo que não é despicienda a sua colaboração em jornais e revistas para um enquadramento de uma prosa mais elaborada de talhe literário. Daí que tenha surgido e edição de dois livros de cariz memorialista “Novos Tempos, Velhas Culturas” e “Histórias (de) Vidas”, ficando nós à espera de dois títulos que está preparando que, pelos títulos, acentuarão o carácter memorialista das suas obras “ À Volta dos Livros, com alfaiates, barbeiros e outros ofícios” e “O tio sargento, um militar de abril”. A função de escrita do autor deverá ter presidido à elaboração de textos, sobre tudo no esboço de uma classe militar escamoteada pelo protagonismo dos capitães.

Eu tive a oportunidade de assistir, no Porto, ao lançamento das “Histórias (de)Vidas” e pude, então, testemunhar quanto o Francisco Madruga é estimado e admirado por uma larga esteira de leitores – amigos, companheiros e camaradas que encheram com efusiva alegria o átrio do Mercado do Bom Sucesso. Talvez, em Francisco Madruga possa reconhecer-se o esboço de Sá de Miranda:

**“Homem de um só parecer,  
D’um só rosto, uma só fé,  
D’ antes quebrar, que torcer,  
Ele tudo pode ser,  
Mas de corte homem não é.**

Para que possa aguçar a vossa vontade de leitura, deixo aqui o texto de apresentação da contracapa.

**“Um percurso com amigos reais e imaginários, homens e mulheres que tiveram o sonho, a coragem, a inteligência e a convicção de que era possível libertar um país amordaçado. Insistem, com alguma veemência, que seja radical. Tentou ir à física, à matemática e ao adjetivo. Ficou sem saber o que pensar. Ele que bebendo do pipo do avô em tenra idade, que adorou o Senhor e até fez birra para a mãe alugar um fato para a Comunhão Solene, fez gato-sapato na escola, adotou o desporto em geral e o futebol em particular por modo de existência, mudou o nome por idolatria, apontou à Morgadinha dos Canaviais, chegou ao Bonifácio através do Eça e bebeu princípios em livros novos. Chegou à Utopia pela imagem de que para transformar era necessário participar. Houve os que lutaram e os que estiveram calados! Ele optou e, quando se opta, fica o registo histórico! Agora, radical e marginalizado, não! Pode ter sido tudo, cidadão castrado, não!”.**

Eis o autorretrato de Francisco Madruga: mogadouramente frontal, ironicamente inteligente, torquianamente humilde e orgulhoso do seu passado. *What you see it's what you buy?*

Perguntais, agora, com toda a legitimidade, por que carga de água é que estou aqui a falar petulantemente sobre Francisco Madruga. Tentarei explicar, se bem que seja fácil.

Quando era diretor do Departamento de Cultura (que englobava também o serviço das bibliotecas), fui certo dia, visitado pelo livreiro de Coimbra Adelino Castro do nunca nomeado, Francisco Madruga. Com Castro a Câmara tinha uma relação de proximidade posto que, com frequência colaborava em algumas iniciativas, no âmbito da promoção do livro e da leitura. Dessa vez, propunha o livreiro a Festa/Mercado do Livro, pretendia as instalações da Casa Municipal da Cultura e queria saber o preço do aluguer do espaço. Sei que lhe respondi que a cedência era gratuita mas que haveria a compensação da oferta de livros e jogos num montante que não me lembro. O negócio foi fechado, a iniciativa acolheu, durante vários dias, centenas de visitantes e de compradores. E assim decorreu durante vários anos com o mesmo contrato.

Quando cheguei aos Açores como diretor Regional da Cultura, a minha primeira preocupação foi visitar os organismos dependentes de todas as ilhas. E, assim, chegado ao Faial, verifiquei que a atividade da Casa da Cultura da Ilha que justificava a sua existência com a organização da Feira do Livro da Horta ocupando uma intrincada, minuciosa e burocráticas correspondências com editoras – envio, reenvio, contabilização, embalagem, venda, etc. Aí lembrei-me do Adelino Castro e na Festa/Mercado do Livro em Coimbra. E eis por que a iniciativa chegou aos Açores e as Casas da Cultura são extintas, passando os seus objetivos de promoção e difusão da cultura para a alçada dos Museus e Bibliotecas Públicas e Arquivos Regionais.

Eis senão quando, sou informado por Adelino Castro que seria o seu parceiro a ir aos Açores representando a empresa. Ora, esse parceiro era o Francisco Madruga.

Devo esclarecer que nutro por Adelino Castro a maior estima e consideração com quem sempre converso simpaticamente sempre que nos encontramos, mantendo gratas recordações por muita coisa bonita que fizemos, sendo a mais marcante a presença do recém-premiado Saramago nos Paços o Concelho. Porventura, nesse dia, tenha sido apresentado ao Francisco Madruga.

Porém, o que é facto, é que para mim, a formula de tratamento que uso para Adelino Castro é, sempre, senhor Castro. Na chegada de Francisco Madruga aos Açores, instantaneamente, como velhos amigos que se reencontram, adotamos o “tu”.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Ora, a amizade nada mais é do que a percepção de semelhança e de verosimilhança que permite partilhar e desenvolver tarefas e iniciativas em conjunto com empenho e com compromisso. Daí que não se enquadre nos likes das redes sociais onde surgem amigos muito aspados sem rosto nem carácter nem no círculo fortuito do inconsequente porreirismo convival. Sou amigo do Francisco Madruga e, no fundo, sinto que essa amizade é recíproca e gosto de estar com ele, com a sua bonomia, com a sua tolerância, com o seu indefetível benfiquismo, (águia voadora em terreno de dragões), com a sua plácida ironia do seu sentido realista de enfrentar cada dia, e da sua família de matriarcas – mãe – mulher – duas filhas a apaparcá-lo, onde no meio deste género apareceu agora o outro Francisco. Por isso, talvez, Francisco Madruga, caldeia a gentileza genuína com a granítica feição transmontana e com a céltica bravura que lhe tingiu o cabelo.

Por tudo isto, que é muito pouco do que poderia ser dito, escolhi para terminar, um poema que sintetiza o que é, entre nós Francisco Madruga.

**Mal nos conhecemos**

**Inauguramos a palavra “amigo”**

**“Amigo” é um sorriso**

**De boca a boca**

**Um olhar bem limpo,**

**Uma casa, mesmo modesta, que se oferece,**

**Um coração a pulsar na nossa mão!**

**“Amigo” (recordam-se vocês aí, escrupulosos detritos?)**

**“Amigo” é o contrário de inimigo!**

**“Amigo” é o erro corrigido,**

**Não o erro perseguido, explorado.**

**É a verdade partilhada, praticada.**

**“Amigo” é a solidão derrotada!**

**“Amigo” é uma grande tarefa,**

**Um trabalho sem fim,**

**Um espaço útil, um tempo fértil,**

**“Amigo” vai ser, é já uma grande festa!**

**(Alexandre O’ Neil – in “No Reino da Dinamarca”).**

Senhor Presidente da AICL, posso constatar que tem sido de uma grande atualidade na promoção de homenagens a muitas personalidades lusófonas e lusófilas. Saúdo essa atitude promocional, algumas vezes lisonjeira e complacente, como por mal disfarçada humildade, posso testemunhar.

Contudo, neste dia, pelo trabalho desenvolvido no seio da sua instituição, pelo labor editorial que emanou destes Colóquios, pela devoção que emprestou às iniciativas dos “Colóquios”, apenas posso dizer que não fez mais que a sua obrigação.

Escrevo este texto com um prazer imenso, testemunhando a amizade e admiração por um Homem Grande!

9. **HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL** [helena.chrystello@ebimaia.net](mailto:helena.chrystello@ebimaia.net)

#### 1. APRESENTOU A NOVA ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS DE HELENA CHRYSTELLO 38º COLÓQUIO DA LUSOFONIA RG – OUTUBRO 2023

Quero agradecer à Direção Regional das Comunidades na pessoa do seu diretor, Dr. José Andrade, pelo patrocínio que possibilitou a publicação deste volume e vai permitir a sua distribuição pelas escolas, bibliotecas, Casas dos Açores e comunidades da diáspora; agradeço ao Professor Aníbal Pires pelo seu prefácio e disponibilidade para apresentar a mesma. Agradeço, ainda, ao Sr. Ernesto Rezendes, Bruna Resendes da editora Letras Lavadas, assim como aos seus colaboradores pela sua simpatia e profissionalismo.

Para destrinçar que autores incluir na designação açórica, optou-se por escolher os que aqui nasceram ou viveram e que são, unanimemente, considerados, pelos seus pares, como “autores açorianos”.

No tocante à estrutura da obra, os autores são apresentados com uma ‘nota’ biobibliográfica sumária.

A Antologia, exaustiva não é, decerto, mas é indicadora do que se tem produzido literariamente e que merece ser lido, analisado, criticado e trabalhado.

**Os critérios adotados para a antologia foram os seguintes:**

1. Critério antológico, propriamente dito, carreando quer a retoma de trechos antologados quer a inserção de fragmentos inéditos, conciliando tradição e inovação;
2. Critério genológico, incidindo na diversidade de modos e géneros literários, como o conto, a novela, o romance, o poema, a entrevista, a crónica e outros

Defluindo destes critérios ressaltam os objetivos, sendo o primeiro a divulgação e subsequente homenagem a 17 autores.

O segundo objetivo, de carácter científico, consistiu em facultar o conhecimento parcial de uma obra vária a investigadores nacionais e estrangeiros.

O terceiro objetivo, de índole pedagógico-didática brotou da intenção de trabalhar os textos selecionados nas escolas básicas, secundárias e nas instituições de ensino superior.

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Uma antologia mais não é do que uma amostra de textos e autores, fragmentária e relativa, mero trampolim para a totalidade almejada em edições futuras. Aos Autores deste volume, agradecemos profundamente, tanto pela sua anuência à coleção dos textos antologados como pela colaboração interativa em muitos casos. Enquanto coordenadora da obra é meu desejo que esta Antologia seja um instrumento de consulta diária para todos os que se dedicam à didática e à literatura. Muito obrigada



## 2. APRESENTAÇÃO 9 POETAS 9 LÍNGUAS NO 38º COLÓQUIO NA RIBEIRA GRANDE (OUTUBRO 2023)

O projeto consiste na tradução de 9 poemas de autores açorianos/açorianizados para 8 línguas distintas. Lado a lado com o português, será possível a leitura em inglês, francês, italiano, castelhano, neerlandês, alemão, esloveno e tétum.

Procurou dar-se idêntico destaque a autores e tradutores sublinhando-se dessa forma a crescente importância que a tradução tem ganho nas últimas décadas.

Optou-se por escolher os que aqui nasceram ou viveram e que são unanimemente considerados, pelos seus pares, como "autores açorianos".

No tocante à estrutura da obra, e com o intuito de agilizar um manuseio eficaz, optou-se por ordenar alfabeticamente os autores, que são apresentados com uma 'nota' biobibliográfica sumária, assim como os tradutores, mas considerando alfabeticamente as línguas.

Os objetivos do projeto foram os seguintes:

*divulgar e, subsequentemente, homenagear 9 poetas e 8 tradutores;*

*facultar o conhecimento parcial de uma obra diversa a investigadores nacionais e estrangeiros;*

*trabalhar os poemas selecionados e suas traduções em várias línguas nas escolas básicas, secundárias e nas instituições de ensino superior.*

Resta aguardar que esta obra seja um instrumento de consulta frequente não só dos que se dedicam à didática e à literatura, mas de todos os que buscam abrir essa janela imensa que é a literatura de matriz açoriana.

Enquanto coordenadora da obra, desejo que muitos professores de português a adotem, enriquecendo as suas planificações com a componente açoriana dos currículos, tão descuidada até ao presente, considerando sempre as peculiaridades do ser açoriano, português de nacionalidade, mas vincadamente marcado pelas idiosincrasias deste arquipélago, que tão isolado andou durante séculos e hoje se afirma possuidor de uma vasta e abrangente obra literária que urge preservar e divulgar.

gostaria de dirigir o meu agradecimento:

Ao Dr. José Andrade, que preside à Direção Regional das Comunidades, pelo seu apoio incondicional.

À AICL (Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia) pelo apoio e sua divulgação.

Aos poetas e aos tradutores pela disponibilidade e constante colaboração.

À editora Letras Lavadas, nas pessoas do Senhor Ernesto Rezendes, Bruna Resendes, Emanuel Rodrigues, Jaime Serra e demais colaboradores, pela sua simpatia e profissionalismo.

À minha amiga Maria João Ruivo, que, a meu pedido, se disponibilizou, de imediato, para elaborar o Prefácio desta obra.

Ao Marco Costa por ter facultado a magnífica foto de capa.

À família pelo apoio, carinho e paciência que tiveram durante este tempo.

Muito obrigada!

Helena Chrystello

3. APRESENTAÇÃO DO LIVRO 9 POEMAS 9 LÍNGUAS POR MARIA JOÃO RUIVO - 38º COLÓQUIO DA LUSOFONIA – RIBEIRA GRANDE

**9 Poetas 9 Línguas**, editado pelas Letras Lavadas, é mais um livro de poemas que surge e a verdade é que, no fundo, ninguém fica insensível à Poesia, porque ela contribui para uma interpretação simbólica do mundo, levando a ultrapassar os limites do tempo e do espaço e colocando o Homem face ao seu próprio mistério. Construída no silêncio, ela faz-nos regressar a ele, num reencontro conosco.

E, tendo em conta o livro que é, de nove poetas traduzidos em oito línguas, tenho de felicitar todos os que para ele contribuíram. Os autores dos poemas, os seus tradutores e, claro, a Helena Chrystello, que se entregou a este projeto arrojado e complexo e a quem agradeço o convite para estar aqui. Testemunhei o seu trabalho, ainda que de longe, e vi o carinho e o empenho com que fez surgir este volume. Uma palavra também de apreço pela bonita capa, com fotografia de Marco Costa.

Há, na Poesia, uma espécie de magia primordial que, de alguma forma, está ligada à criação. Sendo a linguagem a matéria-prima da Poesia, esta surge da ligação entre o que se diz e o como isso é expresso. Assim, o criador busca a palavra certa, o ritmo, o tom, a harmonia adequada ao que quer dizer, tal como busca uma identidade artística, um sentido para a existência e uma interpretação do universo de que faz parte.

Neste livro, são múltiplos os temas e as mundividências. Todavia há um fio de intemporalidade que os une:

Em Álamo de Oliveira, temos a atualidade do horror da Guerra, numa pátria roubada em que a sombra da morte é uma constante. É um poema sobre as ruínas, a solidão e a dor pungente causada pela guerra.

*o estrondo vem do estômago da bomba  
e espalha as ruínas da solidão. (diz ele)*

E há também esse “Homem imperfeito junto ao mar”, bem ao jeito de Alexandre Borges, numa metáfora irónica que faz a apologia da imperfeição, já que esta traz uma promessa que, na perfeição, não existe. E cito:

*Agora eu  
Suspeito dessa perfeição de postal  
Confio mais nas rugas dos arrependimentos  
Nas ruas com inacabamentos de primeira*

Da nossa janela de ilhéus, avistamos também o mar personificado, pela mão de Nuno Costa Santos. “Orgulhoso e mudo”, esse mar envelhecido das ilhas, anterior a nós, *abrindo por vezes o olho/ ao vento e à indiferença*, como quem ficou esquecido.

*Era um rei cruel, dizem as gentes,  
e mais dizem as gentes que o rei,  
por ser tão cruel,  
tão de duro coração,  
mandou que se apartassem  
a princesa e o pastor,  
tomados do benquerer  
que chega com a primavera.*

Diz a Paula Sousa Lima, que nos traz, do fundo da ilha, uma lenda poética, cheia dos sons de outrora, retirada, com uma varinha de condão, do nosso imaginário. Nela estão os ingredientes dos contos infantis e a Natureza pródiga da Ilha, que acolhe as lágrimas dos amantes, fazendo crer que, no amor, tudo é verdade.

O texto de Aníbal Pires poderia ser um poema de amor dirigido à mulher amada, um “Tu”, mas o que está em causa, mais do que um sentimento amoroso, é a ideia de uma irmandade. Nele surgem diversos elementos que assumem forte valor simbólico e que remetem para a ideia de universalidade, de uma diáspora humana, genética e cultural.

Diz ele, por exemplo:  
*partilhamos culturas e genes  
somos um pouco do mundo  
(...)  
lutando pela dignidade*

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

*de ser (apenas) o que somos  
humanos*

Hino de amor é o poema de Chrys Chrystello, num tributo à sua *Maria Nobody*, cantiga de amor ao jeito moderno, que todos conhecemos, e de aqui recordo o final:

*maria nobody  
de todos ninguém  
nem sabes a riqueza  
que a gente tem*

A importância de sonhar é bem visível, em Malvina Sousa, numa exortação a que sonhemos, na certeza de que, apesar das nossas lutas e contradições, o sonho é o caminho para a eternidade. *Não deixes nada por dar! diz ela, Ama o instante e serás... eternidade...*

Também o tema da morte marca presença neste livro, no texto de Telmo Nunes, que fala da "voragem da partida" e "dos dias que já não nascem".

No seu poema, Eduíno de Jesus revela, pela sua mão exigente, o ato de criação e valoriza as palavras, que são muito mais duradouras do que os homens. Apesar de "imprecisas" e "volúveis", elas criam eternidade e lá estão sempre, imperturbáveis, aguardando que o homem, neste caso, o Poeta, lhes dê vida.

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,  
elas lá ficam na página branca  
à espera de um Levanta-te e caminha  
de qualquer voz humana.*

Ao ler algumas das traduções (nas poucas línguas que entendo, claro) não pude deixar de pensar, mais uma vez, no trabalho árduo dos tradutores na sua tarefa exigente de traduzir poesia. O tradutor é, antes de mais, um leitor, que tem de encontrar o equilíbrio entre a reprodução e a recriação do texto original, pois há, sem dúvida, uma recriação deste no momento da tradução. E esse ato de recriar tem de ter em conta todo um contexto e as questões estético-literárias do texto de partida.

Os sentimentos são universais. O que pode ser único e irrepetível é a linguagem poética em que eles se enformam, essa busca minuciosa da palavra certa, da imagem adequada a colocar no lugar que lhe compete, por forma a gerar beleza, que é, afinal, o próprio objeto da arte. Por isso, as questões de sentido não serão as mais complicadas para o tradutor. A maior dificuldade, creio, estará na questão dos ritmos, das sonâncias, da prosódia, das rimas, da musicalidade, que são, necessariamente distintas na língua de chegada e na de partida.

Perde-se, inevitavelmente, virtualidades do texto no ato de tradução. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que o tradutor é um recriador e tem a enorme responsabilidade de ser um intermediário entre o texto original e o público leitor.

Em conversa com o Miguel Lopes, meu caro colega e amigo, tradutor desta obra para o francês, ele disse o seguinte, e roubo-lhe as palavras: "Quando se traduz não se faz igual, porque esse igual não existe. É um pouco a ideia da (...) da sinfonia que nunca é tocada duas vezes da mesma maneira, mesmo que o objetivo seja esse." (fim de citação)

E acredito que deve ser uma enorme satisfação para um tradutor poder levar uma obra a inúmeros leitores de uma outra língua.

E não basta encontrar o sinónimo adequado. Há que fazer as escolhas certas, de entre um enorme leque de possibilidades, para que se transmita a pluralidade de sentidos do texto. Sendo assim, o tradutor é, necessariamente, também ele, um autor, não esquecendo que cada poema é único, logo, uma má tradução poderá comprometê-lo.

O tradutor deverá manter intacta, o mais possível, a identidade estética do texto, mas a verdade é que mudar de língua é mudar todo ou quase todo um universo de referências.

O meu objetivo, aqui, não é, obviamente, abordar a questão da tradução, que não é área minha.

O Miguel Lopes poderá fazer isso com muito mais propriedade do que eu.

Mas quis aqui deixar estes tópicos, numa tentativa, também, de valorizar o trabalho dos tradutores, frisando que traduzir poesia é um ato arrojado e de uma enorme responsabilidade e que o tradutor é, de facto, um criador.

(Temos sempre presente o exemplo da tradução de *As Minas de Salomão*, pelo Eça de Queirós, que muitos defendem que ultrapassou significativamente o texto original).

Vida e morte, amor e solidão, sonho e desalento, abandono e criação constituem o universo deste livro de nove poemas, pela mão de nove poetas, traduzidos em oito línguas, a demonstrar, simbolicamente, que somos todos feitos de uma mesma humanidade.

Parabéns à Helena Chrystello e a todos os que deixam marca sua nesta edição.

Ponta Delgada, outubro de 2023 Maria João Ruivo

4. FOI UMA DAS 3 AUTORAS HOMENAGEADAS PELA AICL - Ver vídeo de homenagem <https://youtu.be/tsqIXnGRwcE>

#### 5. ANÍBAL PIRES FEZ A EULOGIA DA AUTORA: QUARTA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 2023 IN DIÁRIO INSULAR.....MARIA SOMEBODY

A 38.ª edição dos Colóquios da Lusofonia aconteceu de 4 a 8 de outubro, no Centro de Artes Contemporâneas, na cidade da Ribeira Grande. Participei, com agrado, neste evento em diversos momentos dando conta, como posso e sei, do que me foi proposto.

De alguns anos a esta parte a direção dos Colóquios tem vindo a homenagear algumas personalidades que se destacam no campo da produção literária, na sua divulgação ou, ainda, pela carreira e contributos que ao longo da sua vida deram à divulgação e promoção do livro e da leitura. Na edição deste ano e cumprindo a tradição foram feitas homenagens a: Francisco Madruga, pelos 40 anos de carreira editorial. Do homem e da obra coube a Vasco Pereira da Costa traçar os principais traços que justificam, em pleno, o devido e merecido reconhecimento; Carolina Cordeiro, Helena Chrystello e Maria João Ruivo foram, num outro momento e contexto, alvo de uma homenagem pela sua dedicação aos Colóquios, mas também pelo seu trabalho de produção e divulgação da poesia e literatura. Miguel Lopes, falou de Carolina Cordeiro, a mim coube-me "justificar" a homenagem à Helena Chrystello, e, por fim, Onésimo Teotónio Almeida falou sobre a mulher, a professora e escritora Maria João Ruivo. Hoje partilho com os leitores o texto que li, na tarde do dia 8 de outubro, aquando do momento de homenagem a Helena Chrystello:

"A 38.ª edição dos Colóquios da Lusofonia teve, à semelhança das anteriores, um programa diversificado e apelativo, para além de ser um espaço de discussão e reflexão plural sobre as questões da lusofonia, ou se preferirem lusografia pois, se é verdade que as comunicações que aqui são feitas utilizam como principal suporte, a oralidade, não será menos rigoroso afirmar que este espaço se dedica mais às grafias do que às fonias e, como todos temos consciência, no espaço a que chamamos lusófono, as fonias e as grafias são diversas e, em minha opinião, essa diversidade nada tem de redutor, perverso, ou subversivo, mas pelo contrário dá vida à(s) língua(s) de matriz portuguesa, língua(s) comum(ns) a cerca de 300 milhões de pessoas no mundo.

Não entendam, a nota anterior como uma qualquer posição sobre o acordo ortográfico que tanto desacordo provocou, e continua a provocar, deixo essas discussões para os especialistas e respeito as diferentes posições. Eu não quis travar essa luta e, logo que se anunciou a aprendizagem da nova grafia nas escolas, aderi ao acordo ortográfico sem mais delongas.

Esta espécie de nota introdutória sobre as lusofonias e lusografias não pretende suscitar nenhum tipo de reação, a não ser despertar a vossa atenção, ou seja, serve, apenas e tão-somente, de mote para agora vos poder falar de uma mulher que tem dedicado toda a sua vida à difusão da poesia e da literatura, em particular da poesia e da literatura criada no espaço lusófono, mormente a que se relaciona com os autores açorianos, aqui nascidos ou não.

A sua constante presença ao longo das edições dos Colóquios da Lusofonia que, em parceria com o seu companheiro de vida idealiza, cria e realiza seria, por si só, justificação para o que atrás ficou dito, mas o trabalho de divulgação da língua portuguesa feito pela Helena Chrystello, sim é dela que vos falo, e, como vos dizia, o trabalho da Helena vai muito para além dos Colóquios. A Helena tem toda uma vida dedicada às letras seja como tradutora, formadora, educadora e sobretudo difusora das letras, no espaço em que se escreve e fala nos diferentes matizes da língua portuguesa.

A Helena Chrystello é uma mulher de aspeto frágil, mas a sua inabalável determinação e amor à cultura literária transformam-na num ser capaz de superar as adversidades que a vida lhe tem colocado. As fragilidades físicas não foram impeditivas que a sua paixão pela poesia e literatura se manifestasse por onde a vida a foi encaminhando, mormente, enquanto professora.

A Helena tem um trabalho notável, enquanto educadora, de promoção da leitura entre os jovens, trabalho que, como sabemos, tem fortes concorrentes nas plataformas de comunicação audiovisual e nas redes sociais, ainda assim, a sua persistência tem dado frutos e a sua herança perdura nos leitores conquistados, nos autores antologados e entre os seus pares.

Vou-me dispensar de aludir o seu vasto currículo, contudo, permitam-me algumas referências bibliográficas que sustentam parte do que já referi e acrescentam razões, se tal fosse necessário, ao justo reconhecimento e pública homenagem que o 38.º Colóquio da Lusofonia, em boa hora, decidiu fazer a Helena Chrystello.

Assim, menciono, apenas, alguns títulos de que a Helena foi autora ou coautora: - Antologia bilingue de autores açorianos contemporâneos; - 9 ilhas 9 escritoras; - Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos; - Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos (2 volumes), incluída no Plano Regional de Leitura; - Nova antologia de autores açorianos.

Mais recentemente, ou melhor, ontem durante o 38.º Colóquio da Lusofonia o seu último trabalho: - 9 poemas 9 línguas.

E outros títulos virão, ao que sei, estão prestes a "dar à estampa", que é como quem diz estará para breve a publicação de outros trabalhos que visam, à semelhança dos anteriores, acrescentar conhecimento literário junto do público, promover os autores e divulgar aspetos peculiares e, quiçá, bem-humorados do que se vai escrevendo no universo deste arquipélago de sonhos e saudade.

O trabalho realizado pela Helena, de que os títulos que atrás mencionei são exemplo, diz bem do seu profundo amor à literatura, à poesia e à língua portuguesa, mas também da sua persistência, determinação e força interior que a liberta das suas fragilidades para servir as letras, o conhecimento e a cultura com a paixão que lhe reconhecemos.

A Helena Chrystello tem contribuído, com o seu profícuo trabalho de pesquisa literária, para a divulgação e promoção da língua portuguesa.

Do seu reconhecido labor resultam preciosos instrumentos didáticos para o ensino da língua e da literatura portuguesa, para a descoberta de novos autores, para além, como atrás ficou dito, de potenciar a adesão à leitura de novos públicos.

A Helena Chrystello lançou as sementes sobre um alargado conjunto de jovens de quem foi, mais uma mentora, do que uma professora.

Sementes que germinam nos espíritos dos novos leitores e apaixonados pelos livros, mas constituem-se, também, como um poderoso e natural fertilizante para que novos autores possam surgir pois, a Helena transmitiu-lhes o gosto pela escrita e a força necessária para vencer os receios que a folha em branco geralmente coloca aos principiantes, mas também aos que faz tempo se aventuraram pelos caminhos da escrita.

Todos conhecem o poema que o Chrys dedicou à Helena e que tem como título "Maria Nobody" e, do qual me permito ler os seguintes versos: "nem sabes a riqueza/que a gente tem/maria nobody"

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Antes de terminar voltarei a estes versos introduzindo-lhe uma pequena alteração que neste momento especial, em que se faz pública homenagem à Helena, me pareceu ser ajustada. Em meu nome pessoal, mas também, e julgo não ser abusivo dizê-lo, em nome de todos os presentes e de muitos outros, ausentes, que ao longo dos anos participaram nos Colóquios da Lusofonia deixo o meu público reconhecimento à Helena Chrystello pela sua inabalável dedicação e contributos à cultura e, em particular, à literatura.

“nem sabes a riqueza/que a gente tem/maria somebody”. Maria Alguém!

Sim! Helena és alguém que nos habituámos a respeitar e admirar.

Sim! Helena és alguém a quem as letras e os seus obreiros devem um agradecimento.

E é, justamente, esse reconhecimento, homenagem e gratidão que hoje, no culminar do 38.º Colóquio da Lusofonia, autores, leitores e amigos da poesia e da literatura te queremos demonstrar.

Queremos continuar a contar contigo, maria somebody, e com o teu incansável labor de pesquisa e divulgação literária. Obrigado, Helena!”

Arranhó, 17 de outubro de 2023

Aníbal C. Pires, In Diário Insular, 18 de outubro de 2023

10. **HILARINO DA LUZ, CABO VERDE – Investigador Integrado CHAM e Deptº Estudos Portugueses, Fac. de Ciências Sociais e Humanas, Univ. Nova de Lisboa FCSH/UAç) 2 AICL ONLINE**  
APRESENTOU O PORTO DO MINDELO NO TRABALHO FORÇADO NAS ROÇAS DE S. TOMÉ: UMA LIGAÇÃO ATLÂNTICA<sup>3</sup>, HILARINO CARLOS RODRIGUES DA LUZ, (CHAM, CENTRO DE HUMANIDADES, NOVA FCSH/UAÇ) 4 (CHAM, CENTRO DE HUMANIDADES, NOVA FCSH/UAÇ)

#### 1. Resumo

A seca, a fome e a monotonia criaram nos cabo-verdianos a necessidade de procurarem alternativas para os seus problemas do dia-a-dia, usando o Porto do Mindelo como local ideal para a transposição do “horizonte” cabo-verdiano. Na procura ininterrupta de soluções para essas agruras, a governação portuguesa estimulou a emigração para S. Tomé e Príncipe, que só de forma ilusória resolveu os seus problemas, conforme tivemos a oportunidade de constatar aquando de uma missão de investigação que realizamos no país, no âmbito do projeto CONCHA. Assim, pretendemos, com esta comunicação, abordar alguns vestígios do quotidiano de alguns cabo-verdianos em algumas roças de S. Tomé.

**Palavras-chave:** Cabo Verde; São Tomé e Príncipe; cabo-verdianos; contratação; exploração.

#### 2. Introdução

O presente artigo, que resulta de uma missão de investigação de um mês que realizamos na República Democrática de S. Tomé e Príncipe, no âmbito do projeto CONCHA, financiado pela União Europeia, têm como principal propósito argumentar a importância do Porto Grande do Mindelo no trabalho forçado nas roças do país, que também se localiza no Oceano Atlântico. Assim, ele terá como base a releitura de algumas reflexões sobre o país, em apreço, e algumas referências a algumas entrevistas que fizemos aquando dessa missão. Desta feita, faremos um breve enquadramento do Porto do Mindelo, abordaremos as roças de S. Tomé e Príncipe, no geral, e apresentaremos umas breves considerações finais.

#### 3. Porto do Mindelo

Ora, localizado na cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, com os seus estabelecimentos de combustíveis e com a instalação dos depósitos de carvão, o dito porto, também conhecido por Porto Grande do Mindelo, assumiu capital importância na economia cabo-verdiana, visto que, durante muito tempo, esteve na base de todas as movimentações importantes dentro e para fora do país, como se nota na seguinte transcrição da crónica “Porto Grande – Velho Tema”, de Jorge Barbosa:

*De há muitos anos, com intermitências, mas sempre com entusiasmo, ouço falar, por aqui e por estas ilhas, do Porto Grande, da sua importante contribuição na economia da Província e das obras nele necessárias, aliás já previstas ou visionadas pelos nossos avós, pelos nossos pais, por nós e por nossos filhos também.* (Luz, 2022, p. 74).

É de salientar que a abertura do Canal de Suez e a realização de obras de melhoramento nos portos vizinhos, nas décadas de vinte e trinta do séc. XX, aliada ao uso de outros combustíveis, como o fuel, numa grande crise de movimentação de barcos estrangeiros, teve consequências dramáticas na economia da ilha e do país. Essas obras fizeram o Jorge Barbosa reivindicar obras nesse porto para que pudesse acompanhar o que foi feito nos dos vizinhos, visando impedir o desvio das escalas que os barcos faziam no Mindelo. Na sua perceção, essa discussão já era antiga, mas que não estava a ter um resultado prático:

*[Quer] dizer que de tempo a tempo o assunto volta à baila, animando as conversas, enflorando os artigos dos jornais, inflamando os discursos. Todos retomam e conclamam o velho tema. E quando tais revoadas acontecem, a sua origem foi qualquer boa nova que chegou até nós, na pessoa de algum viajante ou ao abrigo discreto da mala postal, atravessando assim, em arco marítimo, as milhas atlânticas que nos separam do Tejo.* (Luz, 2022, p. 74).

O jornal *Notícias de Cabo Verde* também reivindicou melhorias no porto para que conseguisse recuperar a sua relevância na economia nacional, já que os rendimentos obtidos nele eram uma fundamental fonte de riqueza do país, que viu a sua situação económica agravada com o fim da emigração para os Estados Unidos da América (Luz, 2013):

<sup>2</sup> Participação no âmbito do projeto CONCHA (EU H2020-MSCA-RISE-2017 research and innovation programme under grant agreement N° 777998).

<sup>3</sup> Artigo publicado no âmbito do projeto CONCHA (EU H2020-MSCA-RISE-2017 research and innovation programme under grant agreement N° 777998).

<sup>4</sup> CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa. <https://orcid.org/0000-0001-5694-5781>.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

*A vida económica e financeira de S. Vicente depende das condições em que estejam os portos concorrentes. Se há dificuldades no abastecimento de combustíveis aos vapores que os demandam, o nosso Porto Grande beneficia-se largamente de avultada navegação. [...]*

*Temos, assim, de procurar remédio pronto e oportuno para a decadência observada, pois que as receitas resultantes da atividade marítima constituíam a principal fonte de riqueza de Cabo Verde. Sem elas, é precária e muito contingente a existência das nossas ilhas, mais acentuadamente depois do encerramento da emigração para as Américas, sobretudo para os Estados Unidos. (Miranda, 1946, p. 1).*

Em função da perda de importância do Porto de S. Vicente, e a consequente crise económica da ilha, a Câmara de S. Vicente solicitou ao governo, em 1944, a abertura de trabalhos públicos de modo a ajudar os mindelenses, como se nota no seguinte pedido:

*Aumentando o número de desempregados em S. Vicente, em consequência da presente crise, da falta de navegação no porto de S. Vicente e da suspensão quase total das obras das Forças expedicionárias, resolveu a Câmara, por unanimidade, por proposta do Vogal Sr. Dr. Luiz Terry, solicitar a Sua Exa. O Governador a abertura de alguns trabalhos públicos, nesta ilha, de reconhecida utilidade geral, como entre outros, os seguintes:*

*I. Melhoramento e macadamização da estrada entre a Salina e o Lazareto.*

*II. Reparação e macadamização da Avenida Dr. Oliveira Salazar entre a rua Camões e a Praia da Matiota.*

*III. Beneficiação e macadamização entre a estrada da Matiota e o sítio de João Ribeiro.*

*[...]*

*Aplaudimos a resolução da Câmara Municipal, que vem muito a propósito da atual conjuntura.*

*Oxalá o Governo da Colónia adote as providências necessárias à menorização das dificuldades da população da ilha de S. Vicente (A CÂMARA MUNICIPAL SOLICITA ABERTURA DE TRABALHOS PÚBLICOS, 1942, p. 1).*

*Houve, com a perda da sua importância, um aumento do desemprego, situação que se complicou com a dificuldade dos emigrantes, que atingidos por uma grande crise mundial e, especialmente, com o dito fim da emigração para os Estados Unidos da América, dado o peso que tinha na economia nacional, deixaram de poder ajudar os seus familiares. (Luz, 2013). O poema "Irmão", de Jorge Barbosa testemunha o fim dessa emigração:*

*Cruzaste Mares  
Na aventura da pesca da baleia,  
nessas viagens para a América  
de onde às vezes os navios não voltam mais.*

*[...]*

*A América...  
a América acabou-se para ti...  
Fechou as portas à tua expansão!  
Essas Aventuras pelos Oceanos  
já não existem...  
Existem apenas  
nas histórias que contas do passado,  
com o canhoto atravessado na boca  
e risos alegres  
que não chegam a esconder  
a tua  
melancolia...  
(Barbosa, 2002, p. 62).*

O dito porto também tinha uma grande importância na dinamização cultural do país, já que permitia a entrada de professores, cientistas, escritores, músicos, diretores de jornais, e livros de referência internacional. Podemos, por exemplo, destacar revistas, como *Presença*, *Mundo Português*, *Comércio do Porto*, *Diário Popular*, *Diário do Norte*, *Novidades* e *República*. (Luz, 2013). Também era responsável pela saída de cabo-verdianos que viam na emigração como sendo a única solução possível para os seus problemas, assim como na entrada dos que voltavam de férias ao tempo, de em determinados momentos, ainda conseguirem acompanhar a comemoração da passagem de ano, representada pela ideia de "S. Silvestre" que autores como Jorge Barbosa e Baltasar Lopes da Silva abordaram na sua poesia. Para este assunto, veja-se, por exemplo, "O rapaz do leme", do primeiro autor, onde sublinha que o vento ajudou esse rapaz a acompanhar a noite festiva de passagem ano de em Cabo Verde. Terá a oportunidade de dançar com a moça que da outra vez ofereceu um anel "de prata":

*E se o vento não falha,  
se o vento não falha o navio fundeará dentro em pouco tempo.  
e o rapaz do leme ainda tem tempo  
de ir ao baile que estava marcado  
para esta noite festiva de S. Silvestre.*

*E dançará com a moça bonita  
a quem trouxe na viagem passada*

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

*um anelzinho de prata....*

[...]

(Barbosa, 2002, p. 77).

Veja-se, igualmente, “Recordai do desterrado no dia de S. Silvestre de 1957”, de Osvaldo Alcântara, pseudónimo de Baltasar Lopes da Silva:

*Vocês todos que estão dormindo acordem.*

*Acordem os que vivem e os que morrem  
nesta hora.*

*Acordai, acordai. É Nicolau*

*que vos vem dar as boas festas. Ele é cego,  
ele é louco, é Mário Doido, é Benjamim,  
e já perdeu a data de morrer.*

*Acordai, acordai.*

*Ele é S. Silvestre que vos vem oferecer*

*O presente que não pusestes na sua saca de S. Jorge.*

(Alcântara, 1949, p. 39).

O Porto do Mindelo com muitos contrastes em autores cabo-verdianos, caso do poeta Terêncio Anahory que também evoca a sua importância nos locais, pautou vários momentos no quotidiano cabo-verdiano no século XX, já que era a partir dele que muitos locais foram trabalhar nas roças de S. Tomé e Príncipe, uma viagem que era feita em condições miseráveis causando muitos problemas aos viajantes.

#### 4. Roças de S. Tomé e Príncipe

É sabido que a seca, a monotonia do dia-a-dia e a decadência do Porto Grande do Mindelo criaram nos cabo-verdianos a necessidade de buscarem soluções para os seus problemas, usando o mar como via para produzirem mudanças nas suas vidas. Foi nesse âmbito que o regime colonial vigente ativou a emigração para S. Tomé, que só de forma ilusória resolveu os seus problemas, conforme tivemos a oportunidade de constatar aquando de umas entrevistas que realizamos a alguns cabo-verdianos que se encontram em lares de idosos sob a responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia da República de S. Tomé e Príncipe, havendo a destacar a Cozinha Social da Roça Água Izé<sup>5</sup>; o Centro Dia Padre Silva de Ribeira Afonso<sup>6</sup> e o lar Dona Simoa Godinho<sup>7</sup>. Além de termos entrevistado alguns cabo-verdianos, visitamos algumas roças, como Roça Monte Macaco<sup>8</sup>, Roça de S. Nicolau e Roça Água Izé<sup>9</sup>, Roça Monte Café, onde ainda encontramos muitos cabo-verdianos ou seus descendentes.

Os relatos certificam as dificuldades enfrentadas por ambos desde a partida do arquipélago. Ambos consideram que foram enganados pelos contratadores que os prometiam uma situação económica diferente da que tinham. Muitos saíam das suas ilhas e faziam escala no Porto do Mindelo, de onde partiam para as diferentes roças do país. Chegando em S. Tomé e Príncipe ficavam amontoados numa casa onde, posteriormente, eram escolhidos pelos senhores em função de número de trabalhadores pretendidos. Antónia, uma senhora que partiu de Cabo Verde que, atualmente, vive na Roça de S. Nicolau, e que, inicialmente, trabalhou na Roça de Água Izé, roça que conta cabo-verdianos como sendo uma parte significativa da população, além moçambicanos e angolanos, refere que deixou o seu país para trabalhar em S. Tomé e testemunha que apesar de não ter trabalhado em Cabo Verde recebe um apoio do país de três em três meses num programa implementado pelo antigo Primeiro-Ministro de Cabo Verde, José Maria Neves, atual Presidente da República de Cabo Verde. No seu caso, acabou por não fazer essa viagem por considerar que os familiares que lá tinham acabaram por morrer e que atualmente não conhece ninguém em Cabo Verde, mas que lamenta essa situação.

Segundo, a própria, os trabalhadores faziam tudo o que lhe mandavam fazer. Os que levavam castigos eram os que não gostavam de trabalhar. No seu caso, em particular, que chegou com 18 anos de idade, não foi castigada porque realizava as tarefas que lhe pediam. Para que pudesse conseguir fazer a viagem, precisou obter uma identidade falsa, facto que acontecia com muitos que iam trabalhar nas roças santomenses. Testemunha, ainda, que era difícil enviar algum dinheiro para Cabo Verde e que de três em três anos obrigatoriamente tinham de regressar para Cabo Verde e que só depois é que podiam voltar a S. Tomé. As mulheres, com um salário diferente, do dos homens, faziam um pouco de tudo. O dia iniciava-se “burocraticamente” às 7h00 da manhã. Mesmo estando a chover, tinham que se apresentarem ao serviço obrigatoriamente. As pessoas andavam descalças, o que só complicava a situação e muitas morreriam em acidentes causadas por quedas de árvores, sobretudo na época das chuvas. (Antónia, 2022).

Essa nossa estadia no país fez-nos perceber que esses trabalhadores de diferentes nacionalidades merecem ser ajudados, já que os seus testemunhos nos remetem para uma situação que pode ser vista como sendo uma de escravatura no século XX. Assim, é possível pensarmos na reivindicação de uma indemnização e numa vida digna para ambos, já que a miséria é notada desde o vestuário a habitação e problemas psicológicos, dado os traumas provenientes da exploração a que estavam sujeitos. Essa emigração assumiu grande importância a partir

<sup>5</sup>Trata-se de uma lar que oferece refeições à idosos, sendo que mais de metade são cabo-verdianos que foram trabalhar nas roças e que por lá ficaram a viver em condições miseráveis. Muitos deles gostariam de regressar para Cabo Verde, mas perderam o contacto com os familiares e não dispõem de condições de acolhimento, conforme nos foi relatado entre maio-junho de 2022.

<sup>6</sup>Em visita ao lar em maio-junho de 2022 fui recebido com o mítico Bulauê de Ribeira Afonso.

<sup>7</sup>Este lar, assim como os outros, está superlotado de idosos, sobretudo com antigos trabalhadores das roças de S. Tomé.

<sup>8</sup>Roça Monte Macaco é considerado um pequeno Cabo Verde dentro S. Tomé. É um sítio onde muito se fala a língua cabo-verdiana, conforme tivemos a oportunidade de testemunhar. Falamos com cabo-verdianos de diferentes ilhas e que assumem um papel importante aquando das eleições em Cabo Verde. Há um grupo de batucadeira que tem vindo a assumir um papel importante na divulgação da cultura cabo-verdiana no país.

<sup>9</sup>Nesta roça, segundo a tradição oral, há um buraco que se chama Boca do Inferno, que era onde os colonos viajavam para Portugal. Nesse imaginário, o Amílcar Cabral foi o único que africano que conseguiu viajar para fora aquando de uma das suas passagens por S. Tomé e Príncipe.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

de 1902 quando Francisco de Paula Cid, então Capitão-tenente da Armada e governador do território, definiu 4\$800 réis para os passaportes para quem objetivava ir aos Estados Unidos da América, sendo que para os que pretendiam ir para Angola e S. Tomé apenas era necessário o bilhete de identidade. Isso esteve na base de uma saída em massa para S. Tomé e Príncipe, sobretudo no ano de 1947 que ficou marcado pela saída de muitos locais que foram trabalhar nas roças, na plantação do cacau, do coconote, do café e do óleo de rubro das palmeiras, assumindo-se como um outro drama para a população (Luz, 2013), já que muitos saíram de lá mais pobres e com graves problemas de saúde física e mental, conforme referimos anteriormente e que tivemos a oportunidade de constatar aquando da nossa presença no país.

Para a saúde mental, veja-se a seguinte transcrição da parte 1 do poema "Romanceiro de S. Tomé", de Osvaldo Alcântara, pseudónimo de Baltasar Lopes, citado anteriormente, onde retrata alguns problemas psicológicos que "Nicolau" sofria aquando do seu regresso para Cabo Verde, numa tentativa de denunciar a dura realidade vivida:

Filho  
Nicolau, menino, entra  
Onde estiveste, Nicolau,  
O teu brinquedo morto?

Nicolau, menino, entra  
Vem dizer-me onde foi que tu estiveste  
e a estrela fugiu das tuas mãos.

Tens comigo o teu catre de lona velha.  
Deita-te, Nicolau, o fantasma ficou lá longe.

Dorme sem medo  
Porão, roça, medos imediatos,  
tudo ficou lá longe.

[...]  
onde deixaste  
o corpo que te conheci?  
(Alcântara, 1958, 39).

Desta feita, surgida com a "aparência" de reduzir a carência de emprego em Cabo Verde e a falta de trabalhadores nas roças de São Tomé, as dificuldades dos que saíam, com o anseio de prosperarem economicamente, só aumentavam. Elas foram explicadas por Jorge Barbosa na crónica "Serviçais", onde refere que iam às centenas e que essa partida era marcada com a cantiga de mornas cabo-verdianas:

*Mais algumas centenas partiram, rumo a S. Tomé. Dizem que é cena triste a partida deles. [...]. Que palavras lhes poderia dizer para que a saudade deles fosse menos pungente e o seu otimismo mais vivo? Que palavras lhes poderia dizer para com elas suavizar o peso que suportam no coração e tornar-lhes mais viva a esperança que têm na alma. Sei que levam violões e cantigas pela viagem. Mas não julguem que são cantilenas choramingas essas músicas que vão cantando. Pelo contrário, são as nossas mornas, quase sempre irónicas e contentes. O que poderá acontecer é que a voz, mesmo na alegria, traia qualquer coisa que ficou lá no fundo. (Apud Luz, 2022, p. 102).*

Este assunto também é abordado por ele no seu longo poema "Memorial de São Tomé: sueltos poéticos". Trata-se de uma abordagem que resulta da sua experiência como delegado do Governo de Cabo Verde aquando de um acompanhamento de um grupo de cabo-verdianos que se deslocou para essa ilha (Luz, 2013). Mostra o seu descontentamento ao referir que seria mais fácil celebrar o santo que deu o nome a S. Tomé do que abordar a terrível experiência dos seus "irmãos" (Barbosa 2002, 400), como se nota na seguinte transcrição:

São Tomé, Santo prudente  
não sois vós que eu celebro  
no meu canto desesperado.

A ilha, sim, distante,  
que tem o vosso nome,  
aonde vão os mais pobres  
e humildes da minha terra,  
fugindo aos males e à fome  
ainda sem remédio  
destas ilhas esquecidas.

Homens, mulheres, crianças,  
Contam-se aos centos partindo,  
em levas organizadas pela Soemi poderosa,  
amontoados nos porões  
da nossa frota imperial  
[...].  
(Barbosa, 2002, p. 400).

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Essa dura realidade também é abordada por Gabriel Mariano no poema "Caminho longe", onde lamenta a existência de sangue e o regresso de muitos cabo-verdianos que não acontece:

*Caminho  
caminho longe  
ladeira de São Tomé  
Não devia ter sangue  
não devia, mas tem.*

*Parados os olhos se esfumam  
No fumo da chaminé.  
Devia sorrir de outro modo  
o Cristo que vai de pé.*

[...]

*Caminho  
caminho longe  
ladeira de São Tomé  
Devia ser de regresso  
Devia ser e não é.  
(Mariano, 1993, p. 73).*

Voltando ao poema "Memorial de São Tomé: sueltos poéticos", de Jorge Barbosa, podemos dizer que ele denuncia a ida de muitos trabalhadores cabo-verdianos para esse país numa hipotética tentativa de dissiparem as dificuldades vividas no arquipélago, mas que, como é sabido, acabaram por deixar o seu "suor barato" nas roças porque, embora São Tomé e Príncipe fosse considerado fertilíssimo, a base da sua riqueza residia nesse tipo de trabalho, que simbolizava uma espécie de escravatura no século (Luz, 2013).

Foram os mais pobres - homens, mulheres e crianças, que iam às centenas, em levadas organizadas pela Sociedade de Emigração para São Tomé e Príncipe, SOEMI: "Em levadas organizadas / pela Soemi poderosa, / amontoados nos porões / [...]". (Barbosa, 2022, p. 400). Aberta na ilha de Santiago, em 1903, fez com que o ganho dos contratadores fosse tanto maior quanto o número de trabalhadores inscritos para as roças<sup>10</sup>. Iam persuadidos pelo panorama exótico santomense e por promessas de proventos que não se concretizavam. Os seus representantes andavam de ilha em ilha à busca de trabalhadores. Persuadia-nos com ideias fantasiosas, com a oferta de abonos, roupas, esteiras, cobertores e com a oferta do bilhete da viagem a par de um adiantamento em dinheiro, com o fundamento de que estavam a salvar a população da pobreza e da fome.

O desamparo determinou essas viagens por um povo que havia perdido todas as expectativas de um amanhã melhor. Não serviu, porém, para resolver as suas dificuldades, acabando por sair da penúria das ilhas para viver na miséria de São Tomé. Ficavam totalmente a mercê do contratador já que iam sem o bilhete de regresso ao país. Convencidos pelos organizadores das levadas, iam com a expectativa de que iriam conquistar dias melhores, como acontece em qualquer tipo de emigração. No entanto, se não fosse a sua religiosidade, a coragem de quem já tinha enfrentado muitos problemas, o espírito alegre, manifestado em cantigas, danças das ilhas, a sua presença nessas roças teria sido ainda mais dramática. Embora tenham enfrentado um quotidiano muito difícil, contribuíam para o desenvolvimento da agricultura nesse país, já que representavam uma mão-de-obra barata. Segundo alguns testemunhos que recolhemos, muitos santomenses acreditam e defendem que o grande problema atual na prática agrícola no país é justificado pelo facto dos cabo-verdianos mais velhos já não se encontrarem em condições de trabalharem as terras, ou porque muitos morreram e ou porque os seus descendentes não manifestam o mesmo gosto pela terra.

O lado trágico dessa existência manifestava-se em castigos aplicados pelos capatazes, mordidas de insetos, exploração, fome, entre outras, explicando a comparação dessa travessia com a escravatura que fizemos anteriormente. A única diferença é que os que iam nessa altura tinham pequenos privilégios que, antes, os outros não tiveram. Veja-se que também partiam amontoados nos porões como animais, apenas com o "privilégio" de poderem contar com uma esteira, um cobertor, um prato e uma colher e de não estarem acorrentados.

Os referidos representantes da SOEMI limitavam-se, apenas, a angariar os trabalhadores e a calcular a percentagem que iam arrecadar por cada pessoa. Refira-se também que por vezes levavam mulheres grávidas. Muitas crianças acabavam por nascer durante a travessia. As dificuldades desses trabalhadores foram diminuídas graças à interferência da ONU. No entanto, os encarregados e governadores continuaram a aplicar-lhes estalos e palmatoadas, como forma de lhes ditar a ordem. Pode ver-se também a censura à crença de que os negros e brancos são irmãos. Em S. Tomé, tudo era complicado e difícil, desde a lei do indigenato, aos castigos infligidos às pessoas, até à chuva que era constante e abundante. São, portanto, situações que fazem parte de uma história comum aos dois países, que se sentiam obrigados a aplaudir António de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano.

De um modo geral, o cabo-verdiano emigrava para fugir à vida miserável que levava nas ilhas, mas aquilo que encontrava era outra vida de sofrimento. Foram classificados como serviços humildes, e ficavam com pernas, braços e mãos endurecidos de tanto trabalhar. As colheitas eram transportadas, por eles, na cabeça, aos ombros e às costas.

Assim, devido aos maus-tratos e à saudade dos familiares e amigos, acabavam por voltar para o arquipélago em piores condições do que aquelas em que tinha aquando da partida. Muitos deles regressavam com filhos, com escassos alguns utensílios caseiros e com pouco dinheiro. (Luz, 2013).

### Considerações finais

<sup>10</sup>Não se sabe ao certo quanto ganhavam, mas sabe-se que a SOEMI pagava uma quantia certa por cada serviço contratado. Na década de quarenta pagava entre 10\$00 e 150 \$ 00 por cada trabalhador.

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Procuramos, com este artigo, abordar a importância do Porto do Mindelo no trabalho forçado nas roças de S. Tomé e Príncipe.

Para o efeito, fizemos o seu enquadramento numa ligação atlântica com o país em apreço, referenciamos algumas roças com base em algumas entrevistas que realizamos aquando de uma missão ao país realizada em maio-junho de 2022.

Em suma, podemos dizer que muitos desses trabalhadores que foram trabalhar nessas roças dispõem de uma situação miserável e que merecem maior atenção por parte dos países envolvidos nessas contratações.

### Referências bibliográficas

A CÂMARA MUNICIPAL SOLICITA ABERTURA DE TRABALHOS PÚBLICOS. 1942. Notícias de Cabo Verde, S. Vicente, 12, 214, p. 1.

Alcântara, Osvaldo. 1958. Romanceiro de S. Tomé. Claridade, 8, pp. 34-39.

Barbosa, Jorge. 2002. Obra poética. Org. de Arnaldo França e Elsa Rodrigues dos Santos. Lisboa: INCM.

Barbosa, Jorge. 2022. Crónica de S. Vicente: serviços. In Luz, Hilarino Carlos Rodrigues da. Prosa dispersa de Jorge Barbosa. Lisboa: CHAM EBOOKS // Estudos # 3, p. 102.

Luz, Hilarino Carlos Rodrigues da. 2013. O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa. Dissertação de Doutoramento apresentada à FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.

Mariano, Gabriel. 1993. Ladeira grande: antologia poética, 1.ª ed. Lisboa: Palavra Africana.

Miranda, Augusto. 1946. O Porto Grande e a Emigração. Notícias de Cabo Verde, S. Vicente, 15, 240, p. 1

## 11. JOÃO MOURÃO, Diretor do Arquipélago, Centro de Arte Contemporânea

### APRESENTOU QUE ARQUIPÉLAGO PARA O ARQUIPÉLAGO? A RESPONSABILIDADE SIMBÓLICA DE UM NOME. OU COMO O CENTRO DE ARTES CONTEMPORÂNEAS – ARQUIPÉLAGO - SE VAI CONSTRUINDO NO TERRITÓRIO ARQUIPÉLAGICO AÇORIANO.

#### 1. ENQUADRAMENTO

Pensar sobre instituições e, pensar o que significa instituir, tem sido central na minha prática enquanto programador e curador. A minha pesquisa tem-se focado no campo da imaginação especulativa como ferramenta política, ética e conceitual que nos permita produzir outros modos de instituir, como uma resposta às rápidas mudanças do mundo em que vivemos e às mudanças que tais condições impõem. Se entendermos o atual sistema mundial como uma “pseudodemocracia”, na qual as preocupações sociais, éticas e ambientais foram ultrapassadas por uma busca não regulamentada do lucro financeiro, a tentativa de desenvolver e inventar novos modelos institucionais que lidam com essas condições é um imperativo. Acredito que necessitamos de novos modos de nos relacionarmos com a arte, com os nossos constituintes e com o mundo em geral e, um centro de artes dependente de um organismo regional e, com missão de serviço público, poderá ser nos dias de hoje, em que muitas das instituições públicas são recorrentemente postas em causa, a plataforma ideal para pensar e produzir outras formas de estar no mundo. A minha proposta para o programa do Arquipélago lida com esta possibilidade de produzir o que ainda está para vir, o que necessita ser imaginado. A sua localização periférica em relação aos grandes centros da arte mundial deve ser encarada como a possibilidade de se experimentarem modelos institucionais especulativos. O que esse modelo poderá ser é ainda impossível de definir e articular porque ainda não existe. Necessita ser imaginado e produzido e, como tal, estará sempre em permanente estado de projeção.

#### 2. PENSAR A IDEIA DE UM “PROGRAMA”

A minha proposta para o Centro de Artes, em vez de apresentar um programa apresenta atos de instituir. Enquanto a ideia de um programa anual, com a definição, preparação e apresentação de uma série de eventos estruturados num período definido, tende a levar em consideração apenas o conteúdo (o que está a ser apresentado), instituir, como propomos, é uma categoria crítica mais ampla que lida com:

- Conteúdo (o que está a ser apresentado) – O QUÊ e QUANDO
- Representação (o que está a ser representado, quem está a ser representado) – QUEM e PARA QUEM
- Agência e especulação política (que protocolos e relações são simplesmente reproduzidas, que protocolos e relações necessitam ser postos de lado, que protocolos e relações precisam de mudar ou que protocolos e relações necessitam ser criados de raiz) – COMO, PARA QUÊ; SOB QUE CONDIÇÕES

Estes três aspetos não são hierárquicos e são igualmente importantes do ponto de vista da instituição; a apresentação de exposições, a projeção de um filme, um concerto, são tão importantes como as condições sob as quais são produzidos, apresentados e recebidos pela audiência. As condições em que o Arquipélago funciona são tão importantes como as obras expostas ou as relações estabelecidas entre artista e visitante. Enquanto o conteúdo é fundamentalmente público (algo que é disponibilizado a uma audiência) a representação e a agência/especulação política não necessitam de entrar na esfera pública do mesmo modo que o conteúdo para instituir. Pode acontecer que como parte de uma reflexão e debate continuado que se pretende desenvolver, mas eles representam um meio em si, uma atividade institucional legítima, não um subproduto institucional secundário.

Partindo deste entendimento do Arquipélago e de um possível modo de atuar (instituir) estamos a trabalhar e a propor um conjunto de atividades públicas que passam por – expor, discutir, formar e publicar.

-Tendemos a pensar as instituições como eternas, estão lá, existem, têm uma vida. A verdade é que não é bem assim. No caso do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas a sua inauguração aconteceu em 2015 e, nesse sentido, é ainda uma criança. Mas se nos focarmos nos últimos três anos parece-nos ter havido nesta instituição uma enorme revolução. Em outubro de 2020 quando iniciei funções enquanto diretor quis pensar que se poderia construir uma nova história, há obviamente capítulos anteriores, mas há sobretudo uma história que se vai escrevendo e imaginando, uma história em que não adivinhamos o fim e que nos vai surpreendendo nos seus vários capítulos.

Da auscultação imediata que foi feita ao meio cultural da região, através de um inquérito (Que Arquipélago, Como Arquipélago, Porquê Arquipélago) ficou claro que a relação dos açorianos com esta instituição estava longe de ser pacífica, o alheamento do meio artístico local e a sua quase invisibilidade na programação do Centro eram apontadas como as razões

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

principais para esses antagonismos. Foi também através desses inquéritos que percebemos a necessidade urgente de pensarmos o Arquipélago não apenas enquanto local de criação e apresentação, mas, cada vez mais, como um espaço de formação e sociabilidade. Numa região sem formação superior em artes era importante o Arquipélago pensar em questões de ensino não formal (não nos queremos substituir à academia), isto se queríamos dar ferramentas, empoderar e criar públicos críticos que pudessem ser parte integrante do que pretendemos construir. E foi a partir destes pilares que começamos a instituir e a programar. E diria que foi a partir daí que começamos a pensar num papel cada vez mais ativo da mediação. E quando falo de mediação refiro-me às relações institucionais, à comunicação com os jornalistas e públicos, à autonomia do serviço de mediação enquanto programador e criador de conteúdos, à criação de projetos que dão espaço físico e crítico a grupos específicos para aí desenvolverem trabalho e integrarem a programação deste centro, às cartas brancas a associações culturais locais para aqui apresentarem programação, entre muitos outros exemplos.

Nestes processos de mediação fomos identificando lacunas no território em que nos inserimos, nomeadamente em questões de formação e educação não formal. É a partir daí que se desenham vários projetos de continuidade, como as formações em cinema desenvolvidas com o Festival Fuso, em produção e comunicação cultural desenvolvidas com o Festival Tremor, o curso de artes visuais organizado em parceria com a Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, ou a escola de verão que fazemos anualmente com alunos do ensino secundário das outras ilhas dos Açores, trazendo-os ao Arquipélago e desenvolvendo competências de descodificação bem como a sensibilidade à prática artística contemporânea.

Têm sido exercícios de imaginar o futuro, mas acima de tudo de o produzir e, esse só acontecerá se trabalharmos em conjunto e de forma continuada. Como exemplo concreto do nosso posicionamento e do modo que estamos a trabalhar com a ideia das consequências políticas da instituição realço o trabalho que estamos a desenvolver com as comunidades LGBTQ+. Enquanto instituição cultural temos obrigação de ser esse outro lugar de possibilidade. E, é assim que começamos interseccionalmente a pensar a programação. Não o fazemos por ciclos ou por modas, fazemo-lo porque acreditamos na mudança e essa mudança tem que ser também pensada na própria estrutura das instituições. De formações à equipa do Arquipélago sobre questões de género, de trazer um polo do festival de cinema queer de Lisboa para os Açores, de debates sobre saúde mental na comunidade queer, de programar artistas trans, ou de atos mais simbólicos como hastear a bandeira LGBTQ+, temos criado esse espaço seguro onde os artistas se sentem bem vindos, onde públicos se sentem seguros e onde crianças e idosos dançam com *drag-queens* num sábado à tarde.

### 3. QUE EIXOS PROGRAMÁTICOS PARA O ARQUIPÉLAGO?

Os eixos programáticos têm sido pensados e trabalhados de um modo bastante orgânico e sobretudo responsivo. Apesar das linhas orientadoras, agrada-nos que a instituição seja um lugar irrequieto. O mundo muda a cada dia e as instituições, ainda que presas a protocolos burocráticos, têm que saber adaptar-se constantemente ou correm sérios riscos de ficarem esvaziadas e esquecidas. Isto não quer dizer que tenhamos que estar constantemente a produzir ou que tenhamos que acelerar, bem pelo contrário, temos que estar atentos, adaptar-nos, responder e fazer parte do coletivo.

Explicitando como a nossa atividade institucional se articula, parece sempre torná-la mais esquemática do que na verdade ela é. As seguintes categorias, ainda que operacionais num contexto como o desta apresentação, por exemplo, perdem os seus limites e interagem entre si de uma maneira não só bastante interessante, como por vezes inesperadamente produtiva. Assim, reconhecendo uma certa artificialidade no que vou dizer de seguida, e sem querer criar nenhuma hierarquia de importância, pretendemos alcançar com o programa expositivo uma série de objetivos bastante variados, que moldam a forma como olhamos para o formato da exposição, seja ela individual ou coletiva, e como esta se relaciona com as comunidades locais.

Interessa-nos capacitar e dar visibilidade a jovens artistas locais e, para isso, transformámos uma das salas expositivas em *project room*, onde apresentamos as primeiras exposições institucionais de jovens artistas nascidos ou a viver nos Açores, fazendo um acompanhamento curatorial e trabalhando na sua inserção em circuitos de visibilidade e reconhecimento.

Também nos interessa, por outro lado, apresentar uma programação feita maioritariamente com artistas mulheres, tendo já organizado exposições individuais de Ana Hatherly, Maria José Cavaco, Susanne Themlitz ou Carla Filipe, numa tentativa contínua de pensar esta instituição através de um conjunto expandido de subjetividades autorais femininas. Finalmente, interessa-nos também refletir curatorialmente sobre a exposição como dispositivo, expandindo as possibilidades daquilo que é uma exposição ou do modo como as instituições as pensam e apresentam, arriscando modelos mais híbridos, temporalmente expandidos e participativos.

Uma outra linha de reflexão programática passa pelo reconhecimento da singularidade do nosso território arquipelágico. Uma das missões do Arquipélago é levar a prática artística contemporânea às outras ilhas dos Açores e, nesse sentido, já apresentamos exposições temáticas da nossa coleção em 5 das outras ilhas. Para além de usarmos a coleção como uma ferramenta de trabalho, também já circulámos exposições individuais que produzimos. Por exemplo, no ano passado a exposição de Tomaz Borba Vieira foi apresentada no Pico e no Faial, depois de ter sido mostrada no Arquipélago. Mas nem só de circulação de exposições vive esta missão de inscrever o Arquipélago no arquipélago. Desenvolvemos uma escola de verão que traz alunos do secundário, com bolsas de viagem e alojamento, das outras ilhas, para estarem connosco e com artistas durante uma semana. E finalmente, montámos, em parceria com a candidatura de Ponta Delgada a Capital Europeia da Cultura, um programa de residências artísticas nas 9 ilhas.

Estas linhas desembocam, contudo e sempre, na mediação e, é através dela que criamos, propomos e desenvolvemos estes espaços de partilha e pensamento que nos permitem, por exemplo, criar um conselho juvenil, ter alunos que acompanham as atividades anualmente, ter a disciplina de cidadania a ser, em parte, lecionada nas nossas instalações ou ter o próprio município da Ribeira Grande a vir ter connosco para que desenvolvamos, com professores de educação visual, aulas práticas para todos os 4º anos das escolas do concelho que, deste modo, têm três artistas a trabalhar com elas durante todo este ano letivo.

Fica assim evidente que assiste ao Arquipélago uma enorme vontade de imaginar, alargar e constituir comunidades, partindo de uma atenção declarada ao local, ainda que articulada com o nacional e, num percurso lento porque necessita de estruturação e tempo, com o internacional.

### 4. DESCRENÇA OU DESENTENDIMENTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA?

Tem sido comum ocupar o espaço público com ideias de descrença na arte contemporânea, mas será certamente mais produtivo perguntar-nos que descrença é essa, se existe efetivamente e, em caso afirmativo, quem é que não acredita, ou deixou de acreditar, na arte? Um grupo específico de pessoas? Uma elite? A sociedade na sua totalidade? A arte nunca

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

será para todas e todos, não acredito nessa posição utópica; mas entre a elite e o todo há um mundo de possibilidades e de pessoas que talvez queiram fazer parte e nunca foram ouvidas e incluídas. Cabe-nos a nós, instituição, imaginar que públicos queremos criar.

A função ética da instituição, principalmente de uma instituição pública, é pensar um programa inclusivo, é pensar quem representa e como representa, quem exclui e porque exclui, o que dá a ver e em que contexto e esses caminhos são pensados através da arte, nas suas mais diversas expressões. A instituição artística é um conjunto de protocolos partilhados e reproduzidos por todos nós, que definem o que é arte e como nos devemos ou não comportar perante ela. Desse ponto de vista, as instituições mais não são do que construções sociais, e como tal fundamentalmente subjetivas.

Não acredito numa ontologia essencialista da atividade institucional. As instituições são aquilo que queremos e precisamos que sejam. Assim, em vez de uma crença na arte, prefiro uma responsabilização e escrutínio das instituições. Para que tal aconteça, precisamos, no entanto, de um público crítico, informado e engajado.

Não consigo ver a arte como algo abstrato, que existe num vácuo, desligada das dinâmicas sociais, políticas e económicas que definem o mundo em que vivemos. E tem sido por isso a aposta na mediação e na criação destes públicos para o Arquipélago.

## 12. JORGE ARRIMAR, ESCRITOR, ANGOLA, AICL

### 1. APRESENTOU O TEMA ANGOLA E AÇORES NA MEMÓRIA E NA ESCRITA POR JORGE ARRIMAR

Esta é a 38ª edição dos Colóquios da Lusofonia, que ao longo de 22 anos foram acontecendo em diversos lugares. Houve anos em que houve mais do que uma. Daí que, em 22 anos de existência, conte já com 38 edições dos Colóquios. Como se pode ler no seu manifesto, os organizadores acreditam que podem “fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua [e que], partindo dela [se podem] criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.”<sup>11</sup>

Iniciados no Porto, no já longínquo ano de 2001, estes Colóquios são, julgo eu, os segundos mais antigos a decorrer sem interrupção de maior, depois das Correntes d'Escritas, que teve início um ano antes, em 2000, encontro de escritores de expressão ibérica que anualmente decorre na Póvoa de Varzim e que teve, este ano, a sua 24ª edição. Está, pois, de parabéns o nosso amigo Chrys por ter iniciado estes colóquios e por ter, desde 2006, S. Miguel, nos Açores, como seu centro irradiador.<sup>12</sup>

Desta vez os Colóquios têm lugar nesta cidade da Ribeira Grande, da qual guardo boas recordações, algumas das quais se prendem ao facto de ter dado aulas na sua Escola Secundária, nos anos 80 do século XX. Isso fez de mim, durante alguns anos, um visitante frequente do largo onde a estátua de Gaspar Frutuoso se encontra. Também por isso, pela sua presença, um dia resolvi dedicar uma parte do meu tempo a conhecer melhor o homem por trás da estátua e estudar a sua obra. E depressa percebi o lugar que Gaspar Frutuoso – que nasceu em Ponta Delgada, c. 1522, e morreu aqui, na Ribeira Grande, em 1591 – ocupava no panorama historiográfico dos Açores, levando-me a contribuir para a sua divulgação com o livro *Cinco Cronistas dos Açores*, editado pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira, em 1983. Alguns anos mais tarde, a costa norte desta ilha, bravia e nostálgica, viria a inspirar algumas passagens do meu livro *Viagem à memória das ilhas*, publicado pela Salamandra, em 2002, sob a orientação do micalense Bruno da Ponte, e com prefácio da saudosa Fátima Sequeira Dias.

No ano passado comemoraram-se os 500 anos do nascimento de Gaspar Frutuoso. Não conseguindo deixar passar esta efeméride sem o meu contributo, por pequeno que fosse, escrevi um texto que foi postado no FB e estive presente no lançamento do livro *Gaspar Frutuoso, o Homem e a Obra* (2022), da autoria do historiador Avelino de Meneses, que teve lugar na Biblioteca Nacional, em Lisboa. O seu autor fez a apresentação da obra e, para minha satisfação, aludiu algumas vezes ao livro, *Cinco Cronistas Açorianos* (1983). Tinha valido a pena escrevê-lo e publicá-lo. 40 anos depois ainda era referenciado como um estudo a ter conta para o estudo do grande cronista dos Açores e da Macaronésia.

De facto, o ter vivido aqui, nesta ilha, não por um ou dois anos, mas por uma década, faz dela um dos espaços importantes da minha memória e um dos lugares da minha escrita. A minha relação com estas ilhas<sup>13</sup> fazem-me afirmar, como o fez Lobo Antunes numa das suas saborosas crónicas, que nunca abandonei os sítios de onde me fui embora.<sup>14</sup> Não me esqueço dos lugares onde vivi. Daí que continue a sentir-me preso a três lugares: ao lugar onde nasci, Angola; ao lugar onde sobrevivi, Açores; e ao lugar onde amadureci, Macau.

E esta é, ainda hoje, a geografia da minha escrita<sup>15</sup>. Desta vez falarei apenas de uma parte dela, a que me liga aos Açores e a esta ilha de S. Miguel, onde agora nos encontramos, dessa parte da minha vida que foi a um tempo magoada e leve como uma criptoméria.

Lembro-me que cheguei a esta ilha – há quase meio século! Era uma noite cerrada de janeiro de 1976. Relâmpagos descobriam nuvens grossas no horizonte, o céu estava carregado de humidade e eu (sobre)carregado de dúvidas, de receios. Um voo remexido e, ao meu lado, um passageiro que me diz ser normal o avião perturbar-se em viagem para as ilhas. É a primeira vez? É!, respondo, confuso. E, se não é indiscrição, o que vai fazer? Não sei bem, volto a responder. O senhor que me faz a pergunta, se não me falha a memória, é um professor universitário que vai para as cerimónias da criação do Instituto Universitário dos Açores. Isto já foi há 47 anos, uma eternidade. Não me recordo do seu nome. Ele, na certa, nem se lembrará de ter viajado em companhia de um jovem que ia para uma nova terra sem saber muito bem para quê. Sem saber para quê... mas sabendo bem porquê.

De facto, o que estava para trás era bem sabido, fazia parte da memória mais recente e sofrida, pois em outubro do ano anterior (1975), pela primeira tinha deixado o continente africano. Deixara a minha terra natal, S. Pedro da Chibia, no coração das terras altas da Huíla, primeiro de comboio até ao litoral, depois de barco até Luanda e, dali, de avião até Lisboa.

<sup>11</sup> *Historial Longo Colóquios da Lusofonia* – AICL Historial.

<sup>12</sup> *Id.*, *Ibid.*

<sup>13</sup> “Açores, meu Porto de Abrigo”, publicado no jornal digital “Mundo Açoriano” (dirigido por Eduardo Jorge Brum e Lusa Ponte), 2012.

<sup>14</sup> “Croniquinha” na revista *Visão* (15 set. 2011).

<sup>15</sup> Foi dela que falei no último Colóquio em que participei, na ilha Graciosa, em 2019.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

*“Em outubro separei-me de mim / com os lábios emudecidos num adeus / que a memória gravou a fogo. / Não vale a pena ignorar as palavras acesas de um lume vivo [...]”,* chora assim um poema meu, escrito numa altura em que Angola morria devagar, morria ela pelas mãos das duas potências que, na época, encabeçavam os dois grandes blocos políticos, ideológicos e militares rivais em que se dividia o mundo.

Por isso a havia deixado, procurando ir para qualquer outro lado onde houvesse paz e tivesse tranquilidade. Quando cheguei a Lisboa, encontrei uma, mas não a outra. Não há tranquilidade possível quando se deixa para trás a família num país em guerra, quando se é refugiado num país em revolução, sem poiso certo, sem trabalho, sem meios, sem rumo.

Eu era um náufrago tentando sobreviver em meio da tormenta. Foi então que vi uma luzinha de farol à distância, um sinal de porto de abrigo que chegava. Acenavam-me com um lugar de professor de Português e de História na Escola Secundária Domingos Rebelo, em Ponta Delgada. E assim pus-me a caminho das ilhas açorianas num tempo em que era habitual sair-se delas, mas não as ter como destino. S. Miguel foi a balsa que me surgiu na tempestade, a ilha minha jangada. E a um náufrago, o melhor que lhe pode acontecer é encontrar uma ilha.

Em 1979 eu e o Eduardo Bettencourt Pinto, um conterrâneo que conheci na ilha, publicámos o livro *Poemas*, que refletia essa profunda e perturbada ligação à nossa terra africana:

*“A terra deixa no coração um destroço / estranho”,* confessava ele, *“Que o meu grito de desespero / se crave nesta hora / no peito dos homens / que amam a guerra / e o choro das mães / perdendo os seus filhos / no escuro / das noites invadidas...”*, exortava eu.

O tempo foi correndo, fui-me adaptando e passei a fazer parte de tertúlias culturais com escritores da terra. Em dezembro de 1979, foi publicada a antologia poética *Nós Palavras*, com belas ilustrações de Rui Filipe, na qual participo com Brites Araújo, Eduardo B. Pinto, Emanuel Jorge Botelho, J. Tavares de Melo, Luís Xarez e Sidónio Bettencourt. Os poemas de minha autoria que constam deste livro, denunciam ainda um forte desenraizamento. Mas aos poucos fui-me deixando vencer pela beleza etérea das lagoas e rendi-me ao olhar verde e azul da ilha, a alma da paisagem açoriana, como a sentiu Raul Brandão; afoguei-me na molhada atmosfera das furnas e, na lagoa do fogo, fui esmagado sob o peso leve do silêncio, mesmo quando o piar agreste dos cagarros ecoava na cratera. Outras águas molhavam meus dias, águas quentes do fundo do mundo, como aquelas oxidadas de uma ferrugem tão antiga como a própria ilha. Gosto de ir às furnas e ficar tonto ao aspirar as fumarolas que cheiram a ovo cozido e a enxofre; mete-me medo e, simultaneamente, atrai-me o borbulhar infernal da caldeira de Pero Botelho, águas que lavam o poema:

*“a água na cratera fervia / e fervia a tua boca quando eu / me aproximava das bermas / da comissura dos lábios, pétalas encamadas, carne viva banhando a face / e a expelir a espuma // à caldeira descemos de pulsos acelerados / e o corpo suspenso do torpor das veias. / a carne acorda e o sangue drena-se / nas ténporas como rios de parafina / a energia é cega e o vento flutua / nos teus lábios. a cratera abre-se / e a lava aquece as cumeadas / onde a língua mata a sede”.*

Mas a minha terra, a minha Angola, não é olvidada e mais um livro de poesia de inspiração angolana surge, entretanto. Em 1981 é publicado *20 Poemas de Savana*. No ano seguinte (1982) seria publicada na revista “Atlântida”, uma abordagem analítica e crítica, da autoria da professora da Universidade dos Açores, Maria da Conceição Vilhena, intitulada *20 Poemas de Savana: Etnopoesia Angolana*. E os seus ecos chegam à ilha Terceira, tendo Álamo de Oliveira, escrito em “União: Quarto Crescente” (1982), o seguinte:

*“Quem esteve minimamente atento aos livros que apareceram, nestes últimos meses, nas nossas livrarias, não deixou de reparar nos 20 Poemas de Savana de Jorge Arrimar [...], pegar no livro, de lhe apreciar o belo desenho da capa, de deixar cair os olhos poema a poema [...], a atenção apegada às palavras, saboreando o seu [...] fascínio, como se África estivesse ali ao dispor [...]”.*

E a Terceira foi a primeira ilha que me habituei a visitar com regularidade. Ali encontrei um ambiente festivo que me fazia falta. Nos Biscoitos, amigos meus ofereciam a sua casa e ia refrescar-me nas vizinhas piscinas naturais. E sempre que regressava a S. Miguel, levava comigo umas garrafas de verdelho, feito das vinhas daquele lugar. Ainda hoje tenho comigo um interessante fac-símile da “Planta da Freguezia de S. Pedro dos Biscoitos” que foi traçada e iluminada por Joaquim Bernardo de Mello, em 1830. Dela consta o Caminho da Rocha, de onde eram naturais os Gonçalves da Rocha, meus muito remotos antepassados terceirenses, como mais tarde vim a saber. Descendentes seus misturar-se-iam com os Ferreira Ferro, talvez oriundos da ilha de S. Jorge e depois emigrados para a ilha da Madeira, cujo apelido chegaria com minha trisavó, Maria Cristina Ferreira Ferro, às terras altas da Huíla, em Angola, no século XIX.

Angola, a minha Angola, continuava a fazer parte das memórias e dos afetos que conduziam à escrita. Mas os Açores estavam presentes e faziam cada vez mais parte do meu quotidiano. Em 1983 o Instituto Histórico da Ilha Terceira publica o meu livro *Cinco Cronistas dos Açores*, sobre o qual já me referi no início desta minha comunicação. Talvez valha a pena lembrar aqui, que este livro foi apresentado publicamente na Biblioteca da Escola Secundária Domingos Rebelo, a minha primeira escola, e sobre o qual algumas personalidades da ilha teceram considerações que perduram na minha memória. O professor Teixeira Dias, meu colega e orientador de estágio pedagógico, fez a apresentação do autor, alguns poemas meus foram lidos por alunos; Carlos Cordeiro, meu amigo e colega, referiu-se ao livro como sendo “uma obra de interesse para a historiografia açoriana”, não se esquecendo de fazer referência ao autor como alguém que “se deixou envolver pela Terra” e, por fim, teve a palavra o Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, ele próprio um estudioso das obras dos cronistas maiores das ilhas e filho de Rodrigo Rodrigues, um dos mais ilustres estudiosos de Gaspar Frutuoso à época. Partes da sua alocução encontram-se numa notícia sobre o evento, publicada no “Açoriano Oriental” de 25 Jan. 1985.

Entretanto, criei e mantive com um amigo meu, durante algum tempo, um suplemento literário no semanário “Açores”, intitulado “Página Africana”, talvez a única página africana (mais angolana, convenhamos) que alguma vez se tenha publicado num jornal dos Açores.

Em 2002, o editor Bruno da Ponte, responsável pela editora Salamandra, publica um livro meu intitulado *Viagem à Memória das Ilhas*, que conta com o prefácio da saudosa Fátima Sequeira Dias, minha amiga e colega, tão prematuramente desaparecida, e que foi apresentado por Eduíno de Jesus, na Casa dos Açores, em Lisboa, em janeiro de 2003. Seguir-se-ia a sua apresentação nos Açores, primeiro em S. Miguel, na Livraria SolMar, em julho do mesmo ano, seguindo-se uma outra apresentação, em Angra, por Mário Cabral. Do que este disse sobre o livro, valerá a pena recordar algumas passagens:

*“Habito a Casa das Tramoias como um esquimó habita o seu iglu. [...] Tudo está imóvel numa casa, que uma casa é um imóvel. Isto dá segurança e paz. Porém, [algumas pessoas que chegaram para um encontro de escritores vieram] lembrar-me que as ilhas foram sempre local de passagem [...]. A minha ilha interior [...] de repente quase que me atira pela borda fora: parece que o normal nas ilhas é chegar e partir, não ficar, parado, a criar raízes, como eu tenho estado. [...] Conheci Eduardo Bettencourt Pinto neste tal encontro [...]. A pronúncia dele é*

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

uma mistura encantada de rotas cruzadas, onde as esquinas deixam de ser arestas e passam a curvas suaves, assim a voz duma pessoa retrata suas aventuras. No meio das conversas, falou-me de um amigo [...], Jorge Arrimar, que vinha à Terceira lançar um livro intitulado *Viagem à Memória das Ilhas*. Mal sabia eu que o livro ia pôr-me a abanar ainda mais. [...]"

E *Viagem à Memória das Ilhas* deve ter mesmo abanado alguma coisa, pois houve quem tivesse descoberto uma ligação entre este meu livro e *Gente Feliz com Lágrimas*, de João de Melo, uma referência da literatura açoriana. Refiro-me a Ana Maria Binet, da Universidade Michel de Montaigne, de Bordéus (France),<sup>16</sup> autora de um artigo em que analisa o tema do mito insular e da viagem como busca de identidade nos dois romances, em que a sua autora explora as diferentes formas de representação da ilha como espaço simbólico, mítico e histórico, e como lugar de memória, origem e destino das personagens. O artigo também compara as estratégias narrativas e estilísticas dos dois autores, destacando as suas semelhanças e diferenças.

E essa ligação entre lugares, memória e escrita, continuou a manifestar-se. A minha primeira rua em Ponta Delgada foi a Coronel Miranda, a antiga rua do Saco, que nasce no Largo 2 de março e termina na longuíssima rua que mais acima se chama rua da Mãe de Deus. E sempre que regresso, percorro esta rua e dirijo-me ao jardim botânico de António Borges, como se esperasse ouvir de novo o eco dos meus passos a caminho da minha escola. Curiosamente, as primeiras fotos que guardo da minha presença na ilha foram tiradas neste e noutros jardins. Uma das mais antigas, datada de abril de 1976, fixou-me jovem, com 23 anos, em frente da coluna que sustenta o busto de Antero de Quental, no jardim com o mesmo nome. Muitos anos depois, em março de 2011, li um poema evocativo da ilha de S. 7 Miguel no II Encontro de Poetas do Mundo em Almada, e o seu poeta maior não foi esquecido:

*Estava húmido e a chuva à rédea solta / quando cheguei à ilha em janeiro, a savana / dobrada no bolso, o planalto resguardado nos olhos / e dois fios de missangas azuis nos tornozelos. // Levou tempo a ouvir a rouquidão do mar / e a placidez dos vales / no lugar onde ouvia a voz dos rios. // Quando o sol bebeu a neblina / e os muros de lava velha se cobriram de azálias novas, / senti então a força dos vulcões no fervilhar das fontes, / água azeda, águas puras, águas quentes, fumas de medo ao cair da noite. // Noite caída, noite prostrada no campo de S. Francisco, / folhas oxidadas de sangue no jardim / ao desaguar definitivo dos passos de Antero. / Continuo a vê-los sob os plátanos / e há enxofre no vento e pólvora nos cabelos.*

Depois de algum tempo na rua Coronel Miranda, com a família a aumentar com a segunda filha, mudei-me para uma casa maior, na rua de Santa Catarina. Ensombravam-me ainda nuvens de tristeza que a saudade da terra mantinha. Achava que o céu dos Açores era igual a mim, um céu de tons carregados como o lamento dos romeiros. Surpreenderam-me esses peregrinos, agarrados a varapaus que lhes serviam de bengalas e de negros xailes pelas costas como asas caídas, arredadas da leveza do voo, negras, de lava sólida a pesar-lhes a marcha. E dei por eles nas alcantiladas veredas da ilha, entoando melopeias tristes que ecoavam pelos montes como rabanadas de vento húmido. A primeira vez que os vi arrepiei-me todo. Muitos anos depois os romeiros entrariam num conto meu, intitulado *Catarina* (2013), publicado em memória de Fátima Sequeira Dias, numa edição da Seixo Publishers do Eduardo Bettencourt Pinto e da Anabela Mimoso, assíduos participantes destes colóquios.

A rua de Santa Catarina é comprida e estreita, com as casas numa banda só, como se fosse um rio de uma margem apenas, apertado contra o muro da fábrica tabaco Estrela, de onde subia um perfumado e inebriante odor a essa nicotiana que já foi erva-santa. Tão santa que ouvimos antigos cronistas sobre ela afirmarem propriedades curativas, sendo que a mais antigo texto em língua portuguesa de que se tem conhecimento, é do conhecido Padre Manuel da Nóbrega, numa carta datada do primeiro mês de 1550 e remetida de Porto Seguro, em que afirma que "*Deus remediou [...] com uma erva, cujo fumo muito ajuda a digestão e a outros males [...]*".<sup>17</sup>

E tantos anos depois ali estava eu, sobrevivente de tanta moléstia, a residir numa rua purificada pelos fumos santos, um contexto odorífero que me inspirou a escrever um novo poema, que consta de um livro ainda inédito, e que eu não fujo a lê-lo aqui como final desta minha pobre comunicação:

*Nunca fumei um cigarro depois do café,  
ou depois de depois. Nunca pedi um cigarro  
porque me tinha esquecido dos meus,  
ou porque queria poupar o último, a boia  
de salvação no naufrágio que é não ter cigarro nenhum.  
Nunca bebi um café para fumar, mesmo quando  
não me apetecia bebida alguma. Nunca saí desvairado  
a meio da noite, ou no início da madrugada, só  
porque não tinha um cigarro para queimar. Nunca  
fumei na cama, nunca perfumei de tabaco a minha  
e a roupa dos meus amigos.*

*Nunca fumei numa esplanada, nem fiz argolas  
de fumo branco, cinzento ou azul, onde me pendurasse para ir até ao infinito. Nunca fumei  
num intervalo qualquer, escondido ou a descoberto, ou em busca da energia para pensar, meditar, escrever, poetar.*

*Nunca me fumei. Não foi preciso. Eu vivi  
na longa folha de tabaco que era a rua  
da fábrica de tabacos estrela, uma rua  
de milhões de cigarros, de charutos,  
uma imensa cigarrilha. A minha rua*

*era o cachimbo do Dias de Melo, a tabacaria*

<sup>16</sup> Artigo académico "Le mythe insulaire dans *Gente Feliz com Lágrimas*, de João de Melo, et *Viagem a Memória das Ilhas*, de Jorge Arrimar", de Ana Maria Binet. *Le voyage comme quête et le mythe de l'île dans deux romans ...* Disp. em: [https://hal-u-bordeauxmontaigne.archives-ouvertes.fr/hal-03015521 /document](https://hal-u-bordeauxmontaigne.archives-ouvertes.fr/hal-03015521/document).

<sup>17</sup> Nóbrega, M. (1988). *Cartas jesuíticas 1*. Belo Horizonte: Itatiaia. "**Breve compendio de varias receitas de medicina**" (n.d.), uma miscelânea de notícias sobre as ervas do oriente, as formas mais úteis de curar as doenças, Ms de 155 fólhos, Biblioteca Nacional da França (BNF), vol. Único. O texto mais antigo fala sobre as "Experiencias das hervas orientaes que sua Mage[s]tade] mandou fazer ao vizorey Mathias de Albuquerque, anno de 1596", mas, provavelmente, o organizador do tomo seria um religioso enviado a Macau apenas em 1656, o flamengo Francisco Rougemunt. (Carolina de Carvalho Viotti - *As virtudes medicinais do tabaco, a 'erva santa', descritas por um missionário europeu no Oriente (c. século XVI)*. "Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi". Ciências Humanas, vol. 15, nº. 1, 2020.

açoriana, um narguilé, a boquilha de Natália.

2. LIVRO CUÉLE, O PÁSSARO TROÇADOR UMA APRESENTAÇÃO FEITA POR DR JOÃO MENDES COELHO **CUÉLE – O PÁSSARO TROÇADOR DE JORGE ARRIMAR 08.10.2023 – RIBEIRA GRANDE, AÇORES**

Quando Jorge Arrimar me convidou para fazer a apresentação aqui nos Açores deste seu *Cuéle - O Pássaro Troçador* não pude deixar de pensar, logo após essa conversa, se não seria ele a trocar de mim.

Jorge Arrimar, um homem da História, da Poesia, da Literatura, enquanto eu vindo das Ciências Naturais, mais concretamente da Medicina e da Psiquiatria, não poderia perceber imediatamente as suas motivações, mas o desafio estava lançado e a minha curiosidade não me deixava outra saída. Aceitei imediatamente.

Devo, antes de mais, fazer uma declaração de conflito de interesses. O autor deste livro é meu tio, e partilho com ele, para além de relações familiares, uma coincidente conexão com Angola. Não tão intensamente cravada na minha personalidade, mas que, ainda assim, não deixou de marcar a minha infância e adolescência, sobretudo por via das histórias de Angola, tantas e tantas vezes repetidas, que me contava o meu avô paterno.

Não se entenderá o cantar troçador deste *Cuéle* sem conhecer, ainda que muito sucintamente, o percurso biográfico do seu autor.

Jorge Arrimar nasceu e cresceu no Sul de Angola, na Vila da Chibia, no Planalto da Huíla. Foi privado da sua Angola natal, quando frequentava o primeiro ano do curso de História. Rumou a Portugal – e aos Açores – onde prosseguiu a sua formação académica e também lecionou. Formado primeiro em História e, mais tarde, em Ciências Documentais foi desta ilha de São Miguel que seguiu para o Extremo Oriente, onde ficaria a dirigir a Biblioteca Nacional de Macau.

Após esse período no Oriente, regressou a Portugal, mas não sem antes palmilhar o mundo lusófono, tendo inclusivamente regressado por várias vezes a Angola, desde 2002, com o fim da guerra civil no seu país.

Nesta obra, Jorge Arrimar apresenta-se de forma integral, não sonhando nenhuma das suas várias vertentes ou camadas.

O professor, historiador e etnógrafo, especialista em ciências da documentação, traz-nos a História, com o seu rigor científico e as referências bem definidas. Tenho de admitir que muitas vezes, enquanto o lia, fui pensando em como seriam escassas ou inacessíveis as fontes históricas sobre o Sul de Angola do séc. XIX e início do séc. XX. Imagino que agregaria a estas fontes, as suas próprias memórias dos tempos da Chibia e a cultura daqueles povos, transmitida por via oral ao longo gerações e que também lhe foi chegando, mais cedo ou mais tarde.

Por outro lado, Jorge Arrimar, ensaísta e poeta, dispõe nesta obra uma prosa musicada, mesmo poética, aliando os factos à ficção, usando personalidades reais, tecendo-lhes uma vida imaginada quando a sua história não lhe chegou, e criando personagens com histórias alicerçadas em factos reais e, porventura, bem próximos de si.

As várias facetas do autor, congregadas num único sentido, deixam por muitas vezes mal definidas as fronteiras entre a realidade e a ficção, o sonho e as vivências do próprio autor, dos seus antepassados e conterrâneos.

Concordemos todos: “é (sempre) a História que escreve os melhores romances”, ora veja-se: “É, sem dúvida, uma grande ironia que alguns dos últimos escravos em Angola tivessem sido homens brancos, e o homem que os libertou um próspero e generoso comerciante negro!”.

Esta obra é, para além de um romance histórico, um compêndio da história, etnografia e linguística do sul de Angola dos séculos XIX e XX, um hino às suas múltiplas raízes e culturas, sem atropelos ou esquecimentos. É um respeitoso e delicado resgate da verdade que, embora adornada, claro, pelo génio criativo do autor nas lacunas que a História não pode preencher.

Nesta obra, o autor procura “fazer justiça pela própria pena” às personalidades que, convenientemente, foram sendo largadas ao esquecimento.

Aqui, refiro-me especialmente à personagem do Comendador António José de Almeida, baseada num comerciante, agricultor, empreendedor e grande impulsionador do desenvolvimento do sul de Angola. Soube fazê-lo de forma harmoniosa com as variadíssimas culturas e idiosincrasias daquela região e daqueles tempos.

Um homem bom, muito mais do que um homem rico ou de sucesso. Um homem do seu tempo, sim, com certeza, mas hábil e diplomático na confluência das diferentes culturas e da evolução tecnológica, mas sobretudo, e repito, um homem bom. Um mestiço, órfão ainda na infância, que juntamente com o seu irmão, contrariou as probabilidades e usou a inteligência e humanidade como pilares fundamentais para o progresso em condições absolutamente adversas. As descrições das longas e penosas viagens de e para o planalto da Huíla em carros bóer ou das dificuldades dos primeiros colonos madeirenses são disso exemplo.

Ao revelar-nos António José de Almeida, na verdade, entre muitas outras personagens/personalidades - José António Lopes, Igura, Hangalo, Amúli, Nande, Cariparula, Tchakuhílua ou Caturiende - o autor mostra-nos claramente “ao que vem” neste *Cuéle - O Pássaro Troçador*. Optando claramente por não se posicionar, numa ou noutra facção, ilustra, define, inventa, conta e mostra... e fá-lo apesar das (in)conveniências deste e doutros tempos.

Passo a explicar: nos tempos em que decorre a narrativa, o interior de Angola era comandado a partir de Lisboa, através de Luanda, por altas patentes e quadros superiores brancos, sendo estes os mais destacados pela História naquele período. Muito depois, já após a independência de Angola, numa opção histórico-política por valorizar o exato oposto, um mestiço como António José de Almeida, ao mesmo tempo um grande “soba” e um rico empresário ao estilo europeu, habilidoso agregador de culturas e interesses, não “serviria” como modelo para ser celebrado, como merece.

Creio que, se esta minha breve comunicação integrasse o registo do livro, seria por estes instantes que se ouviria o canto troçador de um *Cuéle*, assinalando, porventura, o meu atrevimento, as incoerências dos homens que teimam em não querer aprender com o Passado ou, talvez, celebrando o autor que, sem outros compromissos para além daqueles que estabelece com a História e a Literatura, decidiu – como um médico que não distingue a pátria ou concentração de melanina na pele do doente que lhe pede auxílio – salvar o comendador António José de Almeida do esquecimento generalizado.

Ou será que salva, em vez deste, a “sua” Chibia? Ou todo o sul de Angola e a sua História? Ou será que se salva a si próprio, procurando fazer as pazes com o seu percurso biográfico?

Como poderia um Psiquiatra não procurar ligar tudo – a obra, o autor, as suas vivências, os seus antecedentes pessoais e familiares, as circunstâncias atuais e as perspetivas futuras?

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Ao longo do Cuéle vamo-nos apercebendo da passagem efémera dos vários ciclos, do início e do fim de eras, das inúmeras guerras que mudam a configuração de forças no planalto da Huíla, de grandes sobas que caem violentamente e de pequenas formigas-brancas – salalé – que se agigantam, antes de também elas caírem estrondosamente...

Também um conflito deixou o autor órfão da sua terra natal, a Chibia, durante 30 anos. É verdade que a Chibia lá esteve sempre, na realidade, nos mapas e, mais recentemente, nos GPS's, mas a "sua" Chibia deixou de existir, como a conhecia até 1974 ou 75, como também não existe mais a Chibia de tempos mais antigos, como a de António José de Almeida. Talvez, quem sabe?, se não será o Cuéle a constante, apesar da passagem dos tempos, e por isso nos zomba... Estará o autor também a resgatar os Cuéles do seu desaparecimento?

O mesmo conflito militar e político que exilou o Jorge Arrimar, também o dá ao mundo, obriga-o a lançar-se ao desconhecido, a fazer o seu caminho, "órfão", empurra-o ainda mais para a História, Poesia, Literatura... um preço, porventura, demasiado caro! – E soaria novamente, ao longe, um Cuéle troçador – mas pergunto: o que seríamos todos nós sem os nossos próprios ciclos, sem o sofrimento, a dor e a perda, seguidos depois, sempre que possível, da resiliência, da reedificação, da superação e da autotranscendência?

#### = Livro 2, capítulo 0 – Pelos olhos da minha mãe =

"O carro ronca nas subidas, chia desoladamente nas muitas curvas da longa e serpenteante estrada que me leva à vila de S. Pedro da Chibia. Olho em frente e a língua escura, asfaltada, por onde vou, estende-se aos esses, sempre recortada pelo verde da vegetação, até se perder num ponto final longínquo, inscrito no horizonte de um texto dramático.

Tinha prometido a minha mãe, fora desta sua terra há muitos anos e já muito doente (sabia-se que não passaria desse ano), que usaria como roteiro as suas próprias recordações, as suas lembranças. Os meus olhos focariam tudo com a sua memória, como se a luz deles fosse a luz emprestada dos seus.

Paro o carro e logo uma vendedora de fruta vem ter comigo. Uma papaia numa das mãos; duas mangas na outra. Vende o quê?, pergunto, como se não visse o que ela traz nem o que tem na banca improvisada, junto à estrada. Tio! grita-me ela, como se eu fosse seu parente. Eu vendo tudo... mas só fruta! Tio?, interrompo-a, como se não soubesse que é mais ou menos assim que toda a gente se trata. Senhor, senhora, menino, menina são formas sociais de tratamento que se encontram fora de uso, esquecidas e amplamente substituídas por tio e tia... Quando não pai e mãe.

... desd'o mamão e papaia, abacate, manga, goiaba e munhongolo p'ra fazer doce, tudo eu vendo aqui. Também tenho banana-macaco, tio. Obrigado, mas não quero!, respondo-lhe, enquanto afasto as frutas que ela tenta passar pela janela do carro. Uma dúzia de miúdos, entretanto, aparece sem se saber de onde e se apronta para fazer qualquer coisa que renda uns kwanzas. Não quero! Estou a caminho da Chibia e lá tenho fruta que chegue. Hiii!, tiozinho, nessa vila já não tem fruta... Não tem fruta? Não! Como não? Porque a chuva não choveu, tiozinho, e aí as árvores secaram. Secaram! Secaram! gritam em coro os miúdos, como se estivessem preparados, ensaiados, para aquele momento. Secaram mesmo! conclui a quitandeira, enquanto batuca com a boca um sonoro muxoxo. Que pena! murmuro. E predisponho-me a arrancar o mais depressa possível, rumo à terra, com a minha mãe como guia. É a Chibia lá ao fundo, não é? pergunto por perguntar à quitandeira. É sim, tio. E a primeira casa que se vê é a casa grande dos Amarais..., murmuro, mais para mim do que para ela. Quem são esses? pergunta ela. Uma família antiga da vila. Ah! Não lhes conheço! Não?! É qu'eu cheguei depois d'a guerra terminar, não faz assim muito tempo. E d'onde vieste? Do Huambo, tiozinho. Ah! Então não és muíla... Não! Sou mesmo munano. E o tiozinho d'ond'ê?, pergunta já a desconfiar. Sou daqui. Daqui? Sim, da Chibia. A quitandeira ri-se. Mas nunca lhe vi antes! Estive muito tempo fora, quase quarenta anos. Qu-a-ren-ta anos? Humm..., pronuncia o número como se fosse um século, ou mais, um tempo que pelo seu peso só mesmo a história se importasse com ele. Pronto! Tenho de ir, digo-lhe, depois de lhe comprar umas goiabas. A Chibia é a terra onde as goiabas são mais doces, oiço minha mãe dizer. Ligo a ignição do carro e arranço com um solavanco. Os miúdos avançam para acompanhar o carro. Correm, tropeçam, gesticulam e gritam felizes, como se fosse uma festa. Uma poeira fininha começa a esconder tudo, como uma neblina dourada. O grupo vai desaparecendo, engolido por uma esponja de nuvens e a sua voz em coro começa a dissolver-se, a deixar de se ouvir. Finalmente, tão perto! oiço dizer, num suspiro.

A neblina tinha-se dissipado e no lugar da quitandeira e das crianças está minha mãe. E atiro o olhar para o fundo da estrada onde se nota a silhueta das primeiras casas. Minha mãe viveu todos estes anos aguardando pelo dia do regresso. No olhar dela para as coisas do presente, havia momentos em que o brilho se apagava, não porque estivesse a dormir, mas porque os seus olhos se tinham revirado para dentro, para as memórias que guardava como um tesouro. Todos os dias, os dias todos de cada mês, de todos os meses de cada ano, de todos os anos da vida dela, minha mãe falava como se tivesse saído de sua casa no dia anterior e se preparasse para regressar no dia seguinte. Só que nunca regressou.

Feita a curva, vê-se logo a correnteza de casas da vila até se perder de vista no Outro Lado, como assim se chama a margem direita do lado de cima do rio Tchimpumpunhime. Ao longo da estrada começa por encontrar-se a casa do Correia Cambuça, seguindo-se, na margem contrária, a dos Leite Ribeiro e do Armando Inácio. Depois as ruínas do sapalalo do velho Pingo, logo seguidas das casas-comboio dos Almeida e a dos Corte. É minha mãe a explicar tudo com a voz molhada de emoção. Meu filho, quando chegares à única casa que não dá diretamente para a rua e que tem a resguardá-la muitas árvores de fruto e um muro quase tão longo como a própria rua, pois, essa é a nossa casa, a casa construída pelo meu pai e teu avô. Como se eu não soubesse! Minha mãe trata-me como se eu não tivesse recordações nenhuma. E eu finjo que assim é. Alguns minutos depois começo a ver o funil da estrada a perder-se no interior da vila.

\*  
\* \*

Minha mãe, já entrei na Vila. Já? oiço-a perguntar com emoção, como se estivesse ali comigo... Como se estivesse ali comigo? Mas é claro que está! Os meus olhos são os seus, e pela minha pele sente o frio ou o calor, e as suas emoções eu sinto-as como minhas. Um cuéle canta no cimo da mangueira grande, que continua a dar mangas de bico-torto doces como mais nenhuma. Parece que o pássaro se ri de nós. Afinal, ele sempre foi um pássaro troçador. Meu pai dizia que, na caça, quando falhava um tiro ou o animal fugia antes de a mira da arma o ter encontrado, o cuéle surgia do nada para troçar dele. Continuo a ouvir o cué-cué-cué da ave que zomba dos homens que falham. Em que é que nós falhámos, mãe?"

Não falhou, Jorge, não falhou... muito pelo contrário. Termino a minha comunicação agradecendo ao autor, ao meu tio Jorge, a honra que me concedeu ao convidar-me para apresentar esta sua obra nos Açores, uma das suas terras adotivas. Agradeço-lhe sobretudo o exemplo de Humanidade, Sensibilidade e Justiça com que edifica a sua obra, e eu – que tenho a sorte de conhecer melhor o autor do que a obra – posso dizê-lo: obrigado, tio, pelo exemplo de Humanidade, Sensibilidade e Justiça também na sua vida.

Muito obrigado.

## APRESENTOU A CALÇADA DAS VERDADES DE NATIVIDADE RIBEIRO 38º COLÓQUIO LUSOFONIA RIBEIRA GRANDE, S. MIGUEL, AÇORES 07 OUTUBRO 2023 (12:35H) APRESENTAÇÃO JORGE ARRIMAR

O livro, *Calçada das Verdades*, de Natividade Ribeiro, que hoje se apresenta, fala-nos de Macau, espaço que nos foi comum, a mim e à autora, durante muitos anos (1985-1998). Mas acontece que antes de Macau, também como a Natividade, eu vivi aqui, nesta ilha, ela que a teve como berço; eu que a tive como morada.

Assim, quando cheguei a Macau, ainda levava comigo nomes e sonoridades próprias de S. Miguel. E a primeira situação em que fui confrontado com isso, aconteceu à chegada, quando vi – com surpresa, confesso! – o nome do navio que me levaria de Hong Kong até Macau. Nessa altura era outubro de 1985 e eu escrevi num pequeno bloco de notas algo que reza assim: *Uma frota de navios pequenos e rápidos. / Jetfoils, dizem-me. Entro no que tem um nome / que me faz sorrir. S. Miguel, / leio alto. Memórias do tempo Ilhéu assaltam-me o espaço / ainda vazio de coisas novas, / porque ainda não há outras / tão recentes como as que trago da ilha. / Volto a estar nos Açores, / tantos quilómetros andados, / ou melhor, voados, / para continuar em S. Miguel, / pelo menos enquanto durar a viagem até Macau.*

Não demoraria a saber que cada um dos navios da frota que ligava Hong Kong a Macau tinha o nome de uma ilha açoriana.

E a segunda situação aconteceu no novo Liceu de Macau (designado então por Complexo Escolar), quando me encontrava a organizar a sua biblioteca, em 1986. Desta vez não foi um nome que ouvi, mas um sotaque. A jovem colega que ouvia falar só podia ser micalense. E esse sotaque foi o que me fez aproximar da Natividade mais cedo, foi a primeira ponte que se construiu entre nós e... “a ponte é uma passagem para a outra margem” (como diz a canção).

A partir daí foi uma amizade que nasceu e se fortaleceu em Macau, tendo os Açores como pano de fundo. E é por isso que estamos aqui hoje, como estivemos em 2003, em que me coube apresentar o livro *Os Três Lugares de uma Mulher*, na Livraria Sol Mar. Vinte anos passados, encontramos-nos, mais uma vez, para falar dum livro, agora do que resulta do tempo macaense, que é, afinal, para onde nos leva a calçada das verdades...

E é verdade que este livro, *Calçada das Verdades*, é coerente com o título. É verdade que se trata de uma calçada de poesia “visual”, que o leitor percorre sem dificuldade, sem tropeçar. Não será poesia para se comer, como diria Natália Correia, mas é, sem dúvida, poesia para se ver. Descubrem-se poemas, curtos e precisos, como degraus de uma lírica que persegue os passos de quem se ausentou. É verdade que por esta calçada é o amor que passa... é a saudade que viaja.

E eu sou um transeunte deste espaço, deste caminho que também me é familiar. Por isso me é fácil apossar-me dele e percorrê-lo à minha maneira. A forma como o leio, o interpreto, o sinto, faz deste texto, até certo ponto, a minha calçada, uma calçada diferente consoante os pés que a percorrem. E acompanho quem, daquele “cantinho, a seguir às escadas que iniciam a Calçada das Verdades”, passa à redescoberta da velha cidade e das emoções que ela transmite, percebendo-se, afinal, que “Lisboa não cabe” em Macau, esta que ainda é a sua cidade, mesmo com a falta “de algumas pessoas”, entre elas, eu, atrevo-me a pensar.

No correr da leitura descobre-se a percepção de que as cidades onde um e outro dos enamorados se encontram, estão separadas por sete horas, como o número de colinas que cada uma tem. E assim, quem ficou conta, pelos dedos dos dias, os passos de quem foi para a “outra cidade de adoção”.

Tantas cidades de adoção temos todos! e os que não têm uma cidade, têm ruas, quarteirões, bairros. Ou inventam. Afinal, tudo é adoção! E quando nos afastamos, o coração palpita longe como um sino que não para de tocar do alto da catedral do peito. É por isso que continuamos a ouvir o que se segreda nesses lugares, o que nos contam os velhos artilheiros que um dia ocuparam a fortaleza que coroa um monte sem vendavais. Mas o vendaval está no poema, em cada verso, no reverso dos pés que sobem quando é a descer que se percorre a calçada das verdades. E olhando para todos os lados, são as nossas emoções que deixam pegadas, mais do que os pés que atravessam o penedo que a saudade decora.

E vamo-nos abeirando de quem passa, sombras de uns e de outros, mas as que contam são as de quem a fama manchou de lenda e de loucura... enquanto outras loucuras se tingem do sangue que as lanternas vermelhas acendem na escuridão. Essas são as fantasias, os medos, que evoluem em espiral como os pivetes nos templos. Enquanto isso, seguimos a brisa pela travessa do Sancho, cuja pança mora ainda no Pátio da Canja.

É verdade o que se diz, é assim que as coisas se passam, pois naquelas travessas, naqueles becos estreitos, naquelas calçadas, ainda se ouve o eco de todas as verdades, tantas quantas o santo que se adora aos domingos nos fez acreditar, acreditar mesmo sem perceber, acreditar mesmo em chinês “kung on / kam lin yee / bom yang son”; até as verdades que o esquecimento levou por “estradas escuras, húmidas”, onde o *tchau min* amarra os telhados do casario antigo e nos amarra a nós que percorremos os poemas deste livro. É por aqui, pelos degraus eféreos desta calçada, que alguns dos passos nos levam por entre gente indiferente à nossa passagem. E quando o cansaço chega como uma nuvem, a memória volta a sentar-se “um pouco no cantinho” a ouvir as árvores, as velhas banianas que guardam há muito os segredos da Praia Grande, onde a saudade se afoga e os olhos se salgam.

Hoje mais do que ontem, há ruas e ruas de multidões de Mariazinhas à procura de tudo... e de nada. Uma onda que envolve os sobreviventes que fogem, com um penedo de transpiração a rolar-lhes pelas costas, como Sísifos perdidos noutra tempo e em outro universo. Do pátio que se veste de cabaia, seda e palha, vamos dar a uma praça onde se veem “pessoas e pessoas e pessoas”, nesse lugar antigo que desperta a nossa lealdade instintiva, histórica, enquanto o presente é recheado de muitos sabores “carne seca e carne seca e carne seca” nas montras do apetite.

Há uma fome grande pela carne, toda ela, da seca à húmida, pasto no intervalo do jogo dos mil e um casinos, onde o destino se ata com as linhas da mão. Mas já não se encontra, entre as arcadas do largo do Senado, quem as desate, o “cego que lia o futuro” ou o “vendedor de jade”, comerciantes de sorte ou de azar. E para onde foram as tendinhas, os gorros de lã, as bonecas de arroz que ainda nos sorriem por entre as sedas da memória? Para lá da lembrança, há o Sam Ma Lô e morcegos que marcam o (des)caminho de quem se atira ao jogo das casas de penhores. Também dói o “lado da cidade” a quem apenas transita, e o remédio é simples como o ato de despir uma maçaroca quente, cozida ao vapor dos dias. E há pombas novas à espera dos grãos que sobram. Mas continuam a ver-se pombas velhas a saírem do velho cabaré do rés-do-chão... e pegadas viscosas como sangue. Por isso os pecados adormecem numa cama de ferro enferrujada, entre paredes com marcas chulas e os vidros escuros de outro tempo. Mas só o velho das maçarocas marca o presente, só ele e o poema são de hoje.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Haverá sempre taças de sopa de milho doce à mesa do yám tchá... e um "velho chinês" num cantinho a sorrir. Depois de tanto tempo passado, dá mesmo vontade de pensar, e de acreditar, que "só faltam algumas pessoas", pois os lugares continuam ali, o "Clube Militar, o Jardim de S. Francisco, a Rua do Campo, o Bairro Volong, a estrada do Cemitério". Entretanto, uma folha de esquecimento cai dum plátano (seria um plátano?) e sobra o silêncio... e ao jantar a solidão senta-se à mesa. Há um copo de melancolia e uma garrafa "vinho tinto".

Finalmente, do Porto Interior chega um sinal, um silvo de começo ou de fim de viagem. O navio é sempre o mesmo, mas nós somos sempre outros... na chegada e na partida.

Muito Obrigado

#### 13. JOSÉ M. DE MEDEIROS ANDRADE, DIRETOR REGIONAL DAS COMUNIDADES, ESCRITOR,

##### 1. DISCURSO DE ABERTURA DO COLÓQUIO - INTERVENÇÃO DO DIRETOR REGIONAL DAS COMUNIDADES, EM REPRESENTAÇÃO DO PRESIDENTE DO GOVERNO DOS AÇORES, NA ABERTURA DO 38º COLÓQUIO DA LUSOFONIA RIBEIRA GRANDE, 5 DE OUTUBRO DE 2023

Senhor Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, Dr. Alexandre Gaudêncio

Senhor Presidente da Associação Internacional Colóquios da Lusofonia, Dr. Chrys Chrystello

Senhor Diretor do Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, Dr. João Mourão

Um cumprimento especial aos três patronos deste Colóquio, Álamo Oliveira, Eduíno de Jesus e Onésimo Almeida, e uma saudação de boas-vindas aos seus participantes externos, na pessoa do que vem de mais longe: o Professor José Carlos Teixeira, desde a sua província de British Columbia até à sua cidade da Ribeira Grande

Minhas senhoras e meus senhores

É um gosto pessoal participar, mais uma vez, no Colóquio da Lusofonia.

E é uma honra institucional representar, desta vez, o Senhor Presidente do Governo na sua sessão de abertura.

Nesta circunstância, permitam-me que partilhe convosco quatro breves palavras para celebrar a força da lusofonia, destacar o contributo da açorianidade, louvar a resiliência dos colóquios e homenagear a dedicação do seu mentor.

1.

Uma primeira palavra, para a **Lusofonia**.

Como bem sabem aqui, o Português é a quinta língua mais falada do mundo, a terceira do hemisfério ocidental e a primeira do hemisfério sul.

Tem, aproximadamente, 280 milhões de falantes, sobretudo no imenso Brasil, mas também nos países africanos de Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e São Tomé, chegando mesmo a Goa, Macau ou Timor.

É língua oficial da União Europeia, do Mercosul, da União de Nações Sul-Americanas, da Organização dos Estados Americanos e da União Africana.

É uma das primeiras línguas a ter um dia internacional expressamente dedicado, 5 de maio, por iniciativa primeira da Comunidade de Países de Língua Portuguesa, em 2009, e por resolução transcendente da própria Organização das Nações Unidas, através da UNESCO, em 2019.

A Lusofonia é, portanto, um património que nos orgulha.

2.

Uma segunda palavra, para a **Açorianidade**.

A Açorianidade acrescenta dimensão à Lusofonia.

Como veremos melhor no painel seguinte dedicado à Diáspora, fala-se português na América do Norte, maioritariamente, por causa das comunidades açorianas dos Estados Unidos, do Canadá e da Bermuda.

Somos menos de 240.000 habitantes nestas ilhas, mas seremos mais de um milhão de açorianos e açordescendentes nessas comunidades.

Por exemplo, só no Estado da Califórnia residem 350.000 portugueses, sendo que mais de 90% nasceram nos Açores ou descendem de açorianos.

Aqui, a língua de Camões chega mais longe graças à Açorianidade de Nemésio.

3.

Uma terceira palavra, para os **Colóquios da Lusofonia**.

A importância mundial da língua portuguesa justifica que lhe sejam dedicados dois colóquios anuais no nosso País e a sua projeção açoriana para a América do Norte recomenda que um deles ocorra sempre na nossa Região.

E assim tem sido, de facto, com vantagem para os Açores.

Gostamos muito de vos ter aqui.

Estes colóquios nasceram no Porto em 2001, percorreram diferentes cidades do continente português, chegaram à Galiza, ao Brasil e a Macau, viajaram por São Miguel, Santa Maria, Graciosa e Pico, fizeram sede em Belmonte, mas criaram raízes nos Açores.

Com 38 colóquios em 22 anos, são um exemplo notável de longevidade e de regularidade.

Devem a sua resiliência, desde logo, aos seus fiéis participantes, mas também, e sobretudo, ao seu incansável mentor.

4.

Por isso, uma última palavra para **Chrys Chrystello**.

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Jornalista, escritor, tradutor e poeta, o fundador e presidente dos Colóquios da Lusofonia é, ele próprio, produtor e produto da dimensão planetária da língua portuguesa.

VIVEU na Austrália e em Timor e ancorou nestas ilhas do Atlântico Norte.

É um cidadão do mundo com alma açoriana.

É um homem de causas.

A sua dedicação pessoal a esta causa coletiva merece a nossa admiração e a nossa gratidão.

Obrigado, Chrys ! Estamos aqui por causa de si, em nome de uma causa maior. Estamos aqui pela língua portuguesa. E é com ela que estamos na América e no mundo, como parte integrante e importante da nossa cultura identitária.

Afinal, como no *Desassossego* de Pessoa, a nossa pátria é a língua portuguesa.

Muito obrigado aos Colóquios da Lusofonia por fazerem da nossa língua a nossa pátria.

### 2. APRESENTOU COMUNICAÇÃO “DA LUSOFONIA DA AMÉRICA DO NORTE NOS 70 ANOS DA EMIGRAÇÃO PARA O CANADÁ” PELO DIRETOR REGIONAL DAS COMUNIDADES NA SESSÃO SOBRE DIÁSPORA DO 38º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, RIBEIRA GRANDE, 5 DE OUTUBRO DE 2023

Começo por saudar e felicitar o Professor José Carlos Teixeira pela sua interessante comunicação que muito bem ilustra e assinala os 70 anos da emigração oficial dos Açores para o Canadá. Tentarei complementar com um enquadramento mais alargado da presença açoriana na América do Norte, na perspetiva transatlântica da Lusofonia que aqui nos convoca.

Ironicamente, começo o meu texto pela sua conclusão final:

Na América do Norte, Portugal escreve-se com a palavra AÇORES.

São maioritariamente açorianas ou açordescendentes as comunidades portuguesas dos Estados Unidos, da Bermuda e do Canadá.

Vale a pena recordar como se constituíram, para melhor compreender como se afirmaram.

Os Estados Unidos são o segundo destino histórico da emigração açoriana, depois do Brasil.

A presença açoriana na América do Norte, com carácter sistemático, remonta a meados do século XIX.

Os açorianos cruzavam o Atlântico em busca de melhores condições de vida e ocupavam-se inicialmente em atividades relacionadas com a pesca, a pecuária, a indústria têxtil.

A nossa emigração intensifica-se nas décadas de 60 e 70 do século XX e afirma-se nas duas costas do continente americano, especialmente na sequência do Vulcão dos Capelinhos.

Há exatamente 65 anos, sob proposta dos senadores federais John Kennedy, de Massachusetts, e John Pastore, de Rhode Island, o Congresso dos Estados Unidos, pela única vez na sua história, aprova uma exceção açoriana que confirma a regra dos anos seguintes.

Até 1965, com os vistos iniciais do **Azorean Refugee Act**, perto de 2.500 famílias do Faial e do Pico aventuram-se na cumplicidade do Atlântico e aconchegam-se no regaço da América.

Nas décadas seguintes, com as “cartas de chamada” para reunificação familiar, mais de 175.000 açorianos de todas as ilhas, correspondentes a 30% da população regional, passam a afirmar a “Açorianidade” de Nemésio na outra margem do “Rio Atlântico” de Onésimo. Desta forma, a presença portuguesa nos Estados Unidos multiplica-se e açorianiza-se.

O último censo de 2020 revela quase um milhão e meio de residentes americanos que se identificam como portugueses ou lusodescendentes, sendo que mais de metade se concentra nos estados de maior presença açoriana:

- 350.000 na Califórnia
- 265.000 no Massachusetts
- 91.000 no Hawaii
- 84.000 na Florida
- 83.000 em Rhode Island

Por exemplo, e como já vimos, a maior comunidade portuguesa da América do Norte, correspondente ao imenso Estado da Califórnia, será constituída por mais de 90% de açorianos e açordescendentes. Se a presença portuguesa, maioritariamente açoriana, já tem essa expressão nos Estados Unidos, ela assume preponderância excepcional no caso específico da Bermuda. Neste território britânico de proximidade geográfica e cumplicidade cultural com a costa leste dos Estados Unidos, data de 1849, e vai agora completar 175 anos, a mais representativa comunidade açoriana em termos proporcionais. Estima-se que um quarto da população da Bermuda, com 65.000 habitantes em 55 quilómetros quadrados, corresponda a emigrantes ou seus descendentes provenientes de Portugal, quase todos dos Açores, quase todos de São Miguel. Mas vamos seguir para Norte, ao encontro dos colegas de Painel.

O Canadá é o terceiro destino histórico da grande emigração dos Açores, depois do Brasil e dos Estados Unidos, mas rapidamente se tornou numa referência incontornável da açorianidade sem fronteiras. Em boa verdade, a histórica ligação açoriana ao futuro território canadiano remonta ao século XV, com as viagens dos navegadores Corte-Real; prossegue nos séculos XVI a XVIII, com a pesca do atum nos mares da terra Nova; e chega ao século XIX, por exemplo, com o picoense “Portuguese Joe”, que seria o primeiro europeu a adquirir cidadania na British Columbia. Mas é já no século XX, em 1953, exatamente há 70 anos, que os 18 pioneiros açorianos, da ilha de São Miguel, desembarcam do navio *Satúrnia* no porto de Halifax.

Sucedem-se crescentes contingentes de emigrantes provenientes de diferentes ilhas açorianas em 1954, 56, 59, inicialmente para suprir necessidades locais na exploração dos campos agrícolas e na construção dos caminhos-de-ferro. Até final do século XX, emigram para o Canadá quase meio milhão de portugueses, estimando-se que cerca de 65% sejam originários dos Açores.

Segundo os censos canadianos de 2021, estão:

- 300.000 na província do Ontário, sobretudo nas cidades de Toronto, Brampton e Mississauga;
- 65.000 no Quebec, especialmente em Montreal e Laval;

#### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

- 40.000 na Columbia Britânica, maioritariamente em Vancouver e Kitimat;
- 20.000 em Alberta, designadamente em Calgary e Edmonton; e
- 13.000 em Manitoba, concentrados na capital provincial, Winnipeg.

Assim demonstramos a importância numérica das comunidades açorianas na diáspora portuguesa da América do Norte e assim percebemos a relevância cultural dos sotaques açorianos na preservação da lusofonia pelos diferentes territórios dos Estados Unidos, do Canadá e da Bermuda.

Do Atlântico ao Pacífico, os emigrantes açorianos transportam consigo o património identitário da língua portuguesa que nos distingue e orgulha.

E têm a obrigação cultural de o preservar.

Necessitam dominar a língua do país de acolhimento, mas não precisam esquecer a sua língua materna.

É importante que mantenham o domínio da língua portuguesa e, sobretudo, que o transmitam aos seus filhos e aos seus netos.

É este o grande desafio, mas também a maior dificuldade.

Por isso damos tanto valor ao ensino organizado da língua portuguesa nas diferentes comunidades da diáspora açoriana.

É este o caso, por exemplo, da Escola Oficial Portuguesa da Bermuda, que é maioritariamente suportada por um protocolo anual de cooperação financeira assegurado pelo Governo dos Açores. E é o caso também de outros protocolos de apoio financeiro igualmente mantidos pela Direção Regional das Comunidades com quase duas dezenas de organizações socioculturais da Nova Inglaterra, da Califórnia, do Ontário e do Quebec, muitas delas ministrando aulas de português às novas gerações da diáspora açoriana.

Mas o contributo determinante para preservar, tanto quanto possível, a língua portuguesa na América do Norte, além da missão patriótica que cabe ao próprio Instituto Camões, é dado por diferentes universidades norte-americanas, que criaram e mantêm cursos e centros de estudos portugueses e brasileiros, também aqui, graças a prestigiados professores de origem açoriana.

Por exemplo, **Caetano Valadão Serpa**, no Massachusetts, **Diniz Borges**, na Califórnia, **Dulce Maria Scott**, no Indiana, **Francisco Cota Fagundes**, no Massachusetts, **Frank Souza**, no Massachusetts, **Irene Blayer**, no Ontário, **José Carlos Teixeira**, na Columbia Britânica, **José Francisco Costa**, em Rhode Island, **Maria João Dodman**, no Ontário, ou **Onésimo Teotónio de Almeida**, em Rhode Island, entre outros, só para referir uma dezena de nomes.

É com este reconhecimento da excelência açoriana para a lusofonia norte-americana que termino a presente partilha de um texto desprezioso.

O que aqui se pretende é, tão-somente, termos orgulho de ser o que somos: açorianos de língua portuguesa na comunidade lusófona da aldeia global.

#### 14. JOSÉ CARLOS TEIXEIRA, UNIVERSIDADE DA BRITISH COLUMBIA, OKANAGAN, CANADÁ, AICL

##### APRESENTOU A PRESENÇA PORTUGUESA NO CANADÁ: UMA PERSPETIVA DE SETE DÉCADAS"



##### A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO PARA O CANADÁ

O Canadá é um país cuja história e áreas urbanas foram decisivamente **moldadas pela imigração**. Em particular, após a 2ª Guerra Mundial, várias alterações significativas ao nível tanto das políticas de imigração deste país como do regime migratório global tiveram um papel importante na transformação das principais áreas urbanas do Canadá.

**A relevância da multiculturalidade** no contexto canadiano é uma consequência da imigração e, em particular, da internacionalização da imigração para o Canadá que teve lugar principalmente a partir de meados da década de 1960.

Grande parte dos portugueses chegou ao Canadá na **década de 1950 e inícios da década de 1960**. Este fluxo migratório foi constituído, em grande medida, por imigrantes oriundos dos Açores, que trouxeram para o Canadá –e especialmente para Toronto –as práticas culturais características da sua vida insular.

CITY OF  
MONTREAL



Figure 10 - Un des premiers établissements commerciaux au service des Portugais à Montréal et qui était propriété d'un des pionniers de l'immigration portugaise au Canada. (Rue St-Dominique)



Figure 11 - "Tourist Room" qui a accueilli beaucoup d'immigrants portugais qui sont arrivés à Montréal à la fin des années 50 et début des années 60. (Rue St-Dominique)



Figure 16 - Magasin qui approvisionne la clientèle portugaise et où on peut trouver des produits alimentaires typiquement portugais. (Rue Rachel, près de la rue Laval)



Figure 17 - Salon de coiffure et kiosque où on peut acheter des journaux portugais. (Avenue des Pins, près du boulevard Saint-Laurent)



Figure 31 - Les Portugais s'intéressent généralement au réaménagement de leur maison. La finition d'un sous-sol est bien un exemple typique. Cette deuxième cuisine située au sous-sol de la maison, constitue une pièce importante de la maison.



Figure 32 - Les domiciles reflètent le travail ardu et le temps qu'ont mis les propriétaires dans leur maison. Ce bar fait au sous-sol d'une maison fut réalisé grâce à l'aide des membres de la famille.

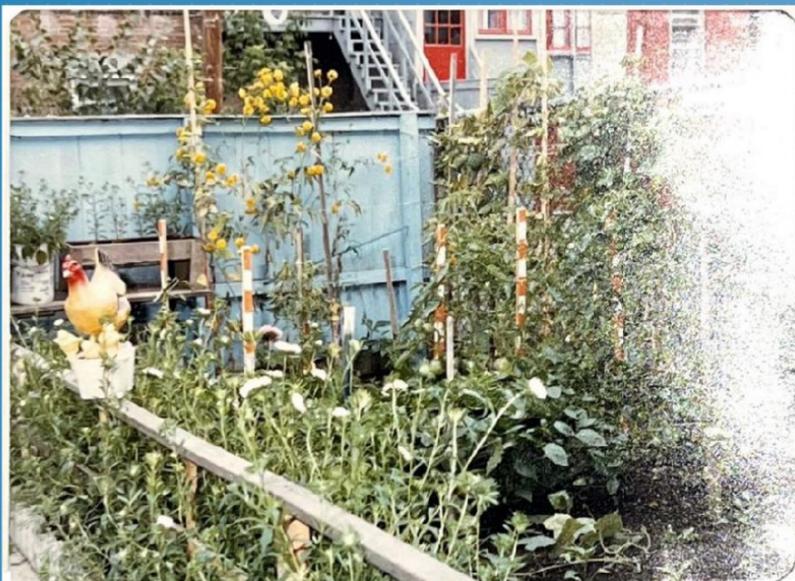


Figure 33 - Potager d'une maison portugaise. Le propriétaire a profité de l'espace limité de terrain pour cultiver différents types de légumes et de fleurs. (rue Laval, près de la rue Rachel)



Figure 34 - Le jardin paysagiste du Portugais est facilement identifiable dans ce potager; on peut remarquer la présence de légumes traditionnels, de différents types de fleurs et de vignes grimpantes sur des surfaces de treillis. (rue Cuvillier près de la rue Rachel).





Figure 35 - Les jardins des Portugais sont toujours très colorés. Dans ce petit jardin, le propriétaire a profité au maximum du terrain disponible pour embellir la façade de la maison. Dans cette photo, on remarque aussi la présence d'une petite chapelle en l'honneur de la Vierge de Fatima. (rue Hôtel de Ville, près de la rue Prince-Arthur).



Figure 36 - Les maisons portugaises sont maintenues en bon état. Il est typique de voir les immigrants de première génération peindre l'extérieur de leur maison en y donnant une touche de couleurs très personnelle, de préférence de couleurs vives. On remarque la présence de fleurs au balcon de la maison, une petite chapelle en l'honneur du "Christ des miracles" et un petit jardin embelli de fleurs. Ceci représente l'effort fait en vue de recréer un milieu familial. (rue Hôtel de Ville, près de la rue Prince-Arthur).

## Casa dos Açores “despede-se” da velha sede O Divino Espírito Santo tem muita força...

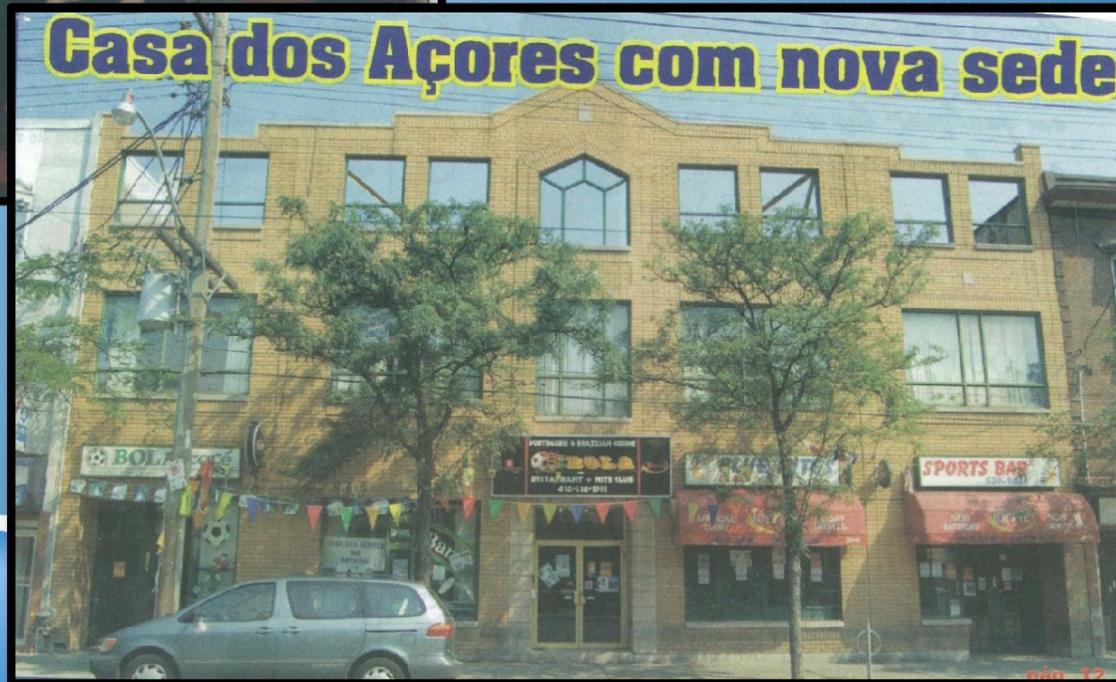
Último evento na “velha casa” cheio de simbolismo que muitos testemunharam

Por Fernando Cruz Gomes  
Sol Português

Mais importante do que fazer a notícia, importa perceber melhor o que é que faz andar toda esta gente que, durante tantas semanas, meses e anos, fizeram a Casa dos Açores.

O Padroeiro é de peso e a devoção que todos lhe têm é capaz de explicar muita coisa e no 772-A da Dundas St., terá de haver o dedo esclarecido de um Padroeiro.

O que é que faz andar aquela gente? Sim, o que será? Fomos fazendo a pergunta, sábado passado.





## **A IMIGRAÇÃO E A ECONOMIA METROPOLITANA DE TORONTO: “LITTLE PORTUGAL”/ “A DÉCIMA ILHA DOS AÇORES”**

- No que diz respeito ao contributo dos imigrantes para o **desenvolvimento económico de Toronto**, um dos aspectos em que o seu impacto tem sido mais significativo é ao nível do papel desempenhado pelos **empresários e comerciantes de origem imigrante** no crescimento e desenvolvimento da cidade. Cada vez mais imigrantes têm vindo a tornar-se trabalhadores por conta própria: actualmente, a proporção destes entre a população imigrante é bastante mais elevada (15%) do que entre a população autóctone (12%).
- Este fenómeno é especialmente notório no caso de comunidades imigrantes – tais como a chinesa, a italiana, a portuguesa, a grega ou a polaca – que se estabeleceram na paisagem urbana de Toronto enquanto comunidades relativamente circunscritas e ‘institucionalmente completas’ e enquanto **enclaves económicos** de cariz visivelmente étnico (por exemplo, “Chinatown” na área de Dundas/Spadina; “Little Italy” na área de College; “**Little Portugal**”, também em Dundas/Ossington; ou “Little Greece”, na área de Danforth) (Figura 7).

- ▶ **O enclave económico associado à comunidade portuguesa** – “Little Portugal”, ou a “Décima Ilha dos Açores” – exhibe algumas das características típicas das empresas e estabelecimentos detidos por luso-canadianos: a dimensão (pequena e de cariz familiar), o recurso muito frequente à mão-de-obra familiar e co-étnica e o facto da sua clientela ser ela própria maioritariamente luso-canadiana. Neste sentido, a maioria dos bens e serviços oferecidos em “Little Portugal” encontra-se em grande medida **orientada para o “mercado da saudade”**: produtos portugueses importados e/ou serviços prestados em português.

**Table 1.2 Portuguese-Canadian Institutions, by region, Canada, 2007**

Type of Institution	Western Canada	Ontario	Quebec and Atlantic Provinces	Total
<b>Businesses</b>	400	5000*	719+	6,119
<b>Clubs/Associations</b>	65	100	46	211
<b>Community Schools</b>	11	32	5	48
<b>Churches</b>	7	23	4	34

Sources: Portuguese consulates in Montreal, Toronto, Winnipeg, Edmonton, and Vancouver.

\*Blue Pages (Portuguese Telephone Directory), 2007.

+Aliança dos Profissionais e Empresários do Quebec.



SARA ISABEL VIEIRA AND CARLOS TEIXEIRA

### Ethno-cultural Organizations in Changing Social Landscapes: A Case Study of Portuguese Organizations in Toronto

**Abstract**

Toronto has historically been an important destination for immigrants, who have settled in diverse and often well-delineated urban neighborhoods, often establishing their own ethno-cultural organizations. This study explores the structure and functioning of Portuguese community organizations and their role in facilitating cultural preservation and adaptation among immigrants and their descendants. Questionnaire surveys revealed that Portuguese organizations provide culturally oriented services including social, cultural, and educational activities. Many played a key role in facilitating the social-cultural transition from voluntary segregation during settlement and community formation from the 1950s to the 1970s, and continue to help community members adapt to their new society by helping them find housing and employment.

This study also revealed the need for more research on community organizations that facilitate cultural preservation and social mobility. Few studies have explored ethnocultural organizations outside Canada's major urban centres; this lack of comparative research is remarkable given the recent trend of immigrants bypassing Canada's inner cities and settling directly in the suburbs or in small-and mid-size cities. Overall, the integration experiences of new immigrants present opportunities and challenges, and government policy must focus on reducing the challenges faced by many ethno-cultural organizations as they try to serve new immigrants.

**Keywords:** Immigrant organizations, integration, Portuguese, Greater Toronto Area.

**TABLE 1.** Typologies: Portuguese Organizations in the Greater Toronto Area and Year of Establishment

Portuguese Community Centres:	Year of Establishment
Amigos da Terceira-Canada	2005
Amor da Pátria Community Centre	1971
Arsenal do Minho Toronto Community Centre	1986
Asas do Atlântico Sport and Social Club	1973
Associação Cultural do Minho de Toronto	1977
Associação Migrante de Barcelos Community Centre	1998
Casa da Madeira Community Centre/Canadian Madeira Club	1963
Casa das Beiras Cultural Community Centre-Toronto	1989
Casa do Alentejo Cultural Centre-Toronto	1983
Casa dos Açores do Ontario	1985
Casa dos Poveiros Community Centre-Toronto	1986
First Portuguese Canadian Cultural Centre	1956
Graciosa Community Centre	1980
Northern Portugal Cultural Centre of Oshawa	1983
Oshawa Portuguese Club	1978
Peniche Community Club Toronto	1981
Portuguese Cultural Centre of Mississauga	1974
Portuguese Cultural Centre of Bradford	1981
Portuguese Cultural Club of Vaughan	2011
Vasco da Gama-Portuguese Cultural Centre of Brampton	1981
<b>Portuguese Associations:</b>	
Academia do Bacalhau de Toronto	1998
ACAPO-Alliance of Portuguese Clubs and Associations of Ontario	1987
Associação Cultural 25 de Abril-Toronto	1994
Federation of Portuguese Canadian Business and Professionals	1981
Liga dos Combatentes-Ontario Association of Portuguese Veterans	2001
Portuguese Canadian Lawyers Association	2007
<b>Social Service Centres:</b>	
West Neighbourhood House	1912
Working Women Community Centre*	1972
Abrigo Centre	1990
Luso-Canadian Charitable Society	2002

Portuguese University Groups:	Year of Establishment
York University Lusophone Association (YULA)	1982
University of Toronto Portuguese Students' Association (UTPA)	1984
LusoCantuna	1998
<b>Sports Clubs:</b>	
Casa do Sport Lisboa e Benfica de Toronto (Benfica House)	1968
Futebol Clube do Porto de Toronto (Porto Soccer Club)	1987
Lusogolf	1998
Portuguese Canadian Golfers Association	2002
Sporting Futebol Club Toronto (Sporting Soccer Club)	1980
<b>Language and Cultural Organizations:</b>	
Gallery of Portuguese Pioneers	2003
Instituto Camões GTA	2010

Note:  
\* Two community experts were interviewed representing the same social service centre but at two branches of the organization that dealt with equally important but different issues.

TABLE 2. Organizational structure of Portuguese organizations in the Greater Toronto Area. Source: Questionnaire/ Survey, Vieira (2021).

Organization Type	Attendees (range)	Memberships (range)	Ages (Range)	Employees	Total number of volunteers and average range	Volunteer Hours (per week)	Funding	Rent/own/no office-free	Language
(20) Portuguese cultural centres	50-500	100-350 paying members	31-65+	5 centres with employees	N=425 volunteers; Range from 3-50	2-30 hours	7 stated in deficit; community funded events	9 rent, 11 own	Portuguese
(6) Portuguese Associations	25-750	37-150 Paying members	varies from 13-30; 31-45; 46-65+	1 paid employee	N=141 volunteers; range from 6-75	1-24 hours	Internally funded - events	2 Rent offices, 4 free office space	Portuguese and English; code-switching
(5) Social Service Centres	50-100s	N/A	Infants to 65+	15-200 full time employees; 2-80 part time employees.	N=1132 volunteers; Range from 20-500	2- 16 hours	Government; not-for-profit; community funded-fundraisers	3 rent, 2 own	English with services in Portuguese
(3) Portuguese University Groups	20-400	20 non-paying members	15-30	N/A	N=37 volunteers; Range from 15-30	3-10 hours	Community funded - events	N/A	English with code-switching
(5) Portuguese Sport Clubs	40-80	N/A	19-35	One club with 3 employees; others all volunteers	N=88 volunteers; range from 11-25	5-48 hours	Community funded - events; services	3 own, 2 free office space	Portuguese or both English and Portuguese
(2) Language and Cultural Organization	One with 20; the other with 7200 enrolled participants /Canada	N/A	4-65+	Paid employees	N/A	N/A	Government and privately funded	2 own	Both Portuguese and English

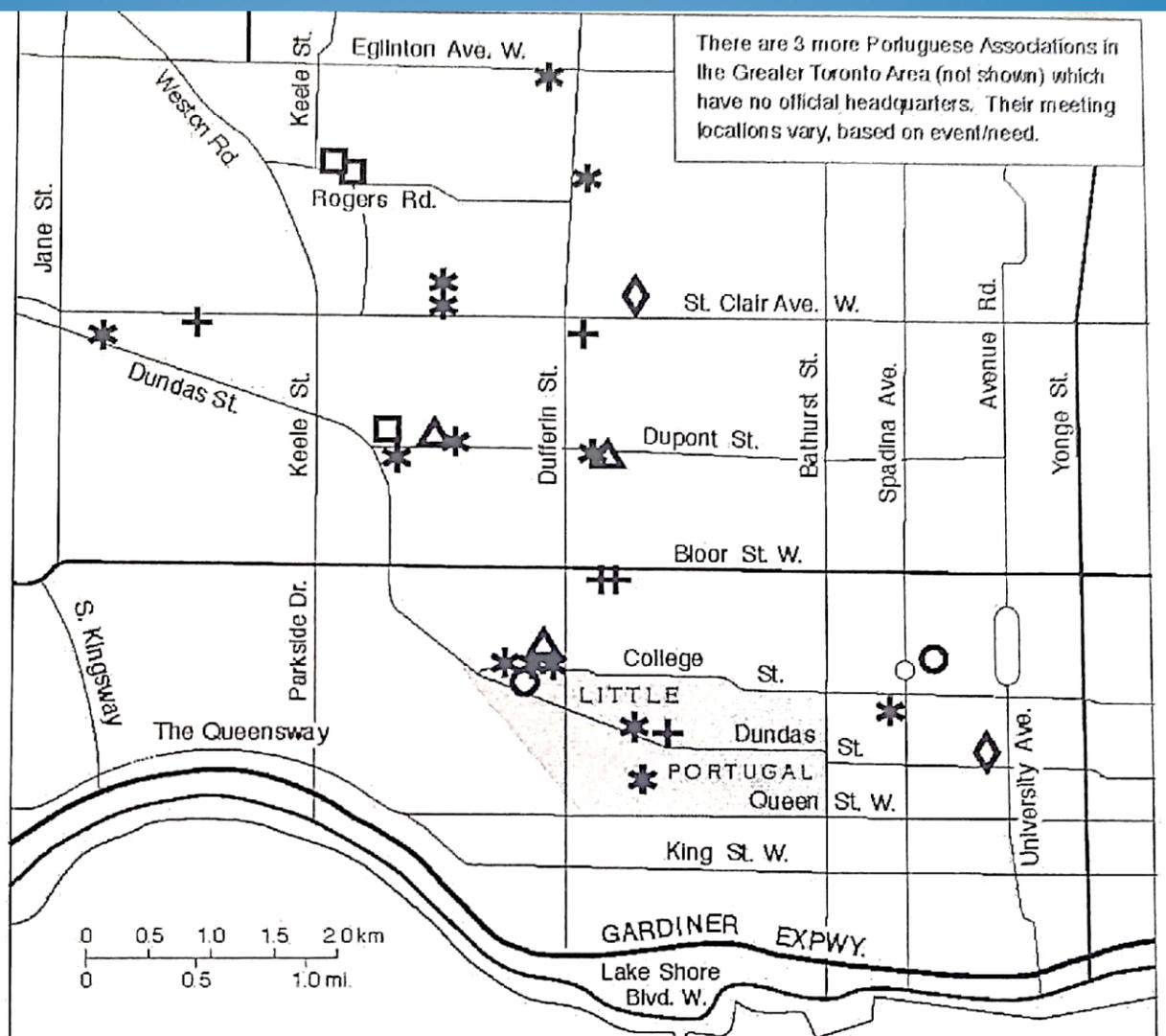
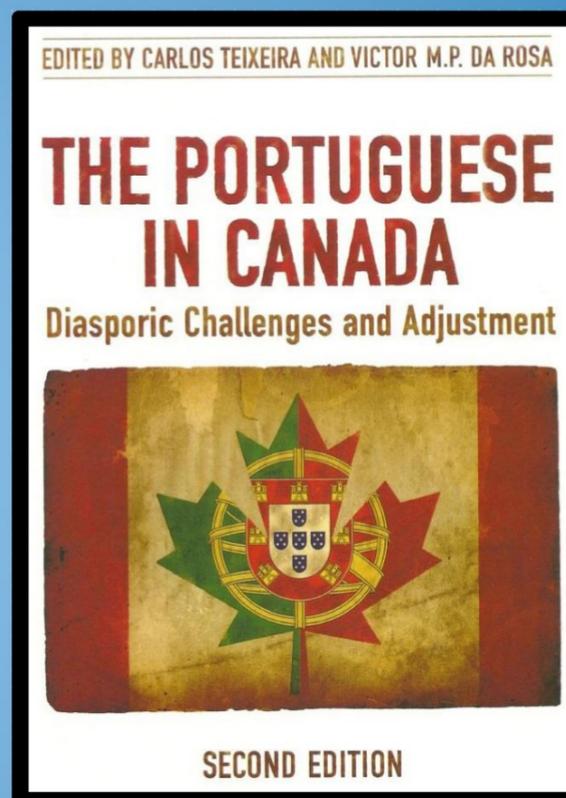


Fig. 1. Portuguese Organizations in the Greater Toronto Area

- ▶ No que diz respeito aos pequenos estabelecimentos comerciais Portugueses e a sua importância na **gastronomia do emigrante**, Flávio Paiva (2004), recorda que mesmo longe da terra mãe nada falta lá fora em termos de produtos do chamado “mercado da saudade”. Referindo-se mais especificamente às cidades Canadianas de Winnipeg e de Toronto onde se concentram milhares de Açorianos:
- ▶ *“A alimentação é um dos elementos da cultura material do açoriano mais difíceis de mudar... nunca se adaptam à comida norte-americana do ‘fast food’...No plano gastronómico, há ‘shops’ em Winnipeg de comerciantes portugueses que vendem de tudo o que há na Ribeira Grande: peixe fresco, massa sovada, chouriços, morcelas e torresmos de ‘vinha d’alhos’, semelhantes aos do Ildeberto Gouveia, pimenta da terra, inhame, queijo de cabra (sem ser embrulhado, claro, em folhas de conteira), bolo lêvedo das Furnas, ananás de estufa, licor de maracujá do Ezequiel e até pé de torresmo. Hoje pode-se comprar tudo feito e levar para casa (‘take away’). Para traduzir a facilidade com que os produtos alimentares são importados, costuma dizer-se na brincadeira, que um residente nos Açores, que queira comer lapas ou cracas frescas, deverá ir a Toronto.”*

# Canada Multicultural e as Comunidades Portuguesas/Açorianas: Que Futuro?



-----Original Message-----

From: Marlene Da Silva <marlene.dasilva1@icloud.com>

Sent: Monday, July 24, 2023 6:25 PM

To: Teixeira, Jose <carlos.teixeira@ubc.ca>

Subject: Study conducted in Toronto on the Portuguese community

[CAUTION: Non-UBC Email]

Hello Professor Teixeira,

I hope you are well. Many years ago I believe you spoke to my grandparents about a study you were conducting in Toronto regarding the Portuguese immigrant community. I recently found a copy of pictures I believe you took in their garden with your contact information on the back. For reference my grandparents' names were Alzira and Jose Cabral. They lived at 117 Oxford Street in Toronto.

I would like to inquire regarding the book or paper pertaining to this interview and whether their pictures were published. Would I be able to purchase a copy? If so, could you direct me to where it may be available?

Thank you very much for your help.

Sincerely,

Marlene Da Silva

Sent from my iPhone

## SOURCES:

### SLIDES 6 AND 7:

SUZANNE FOURNIER (2014). *SHORE TO SHORE: THE ART OF TS'UTS'UMUTL* – LUKE MARSTON, MADEIRA PARK, B.C.: HARBOUR PUBLISHING

### SLIDES 35 AND 41:

JOAQUINA PIRES AND ERNESTO MATOS (2023). MONTREAL – *EMPREINTES PORTUGAISES – MARCAS PORTUGUESAS*, MONTREAL: MYTHUS DE ER

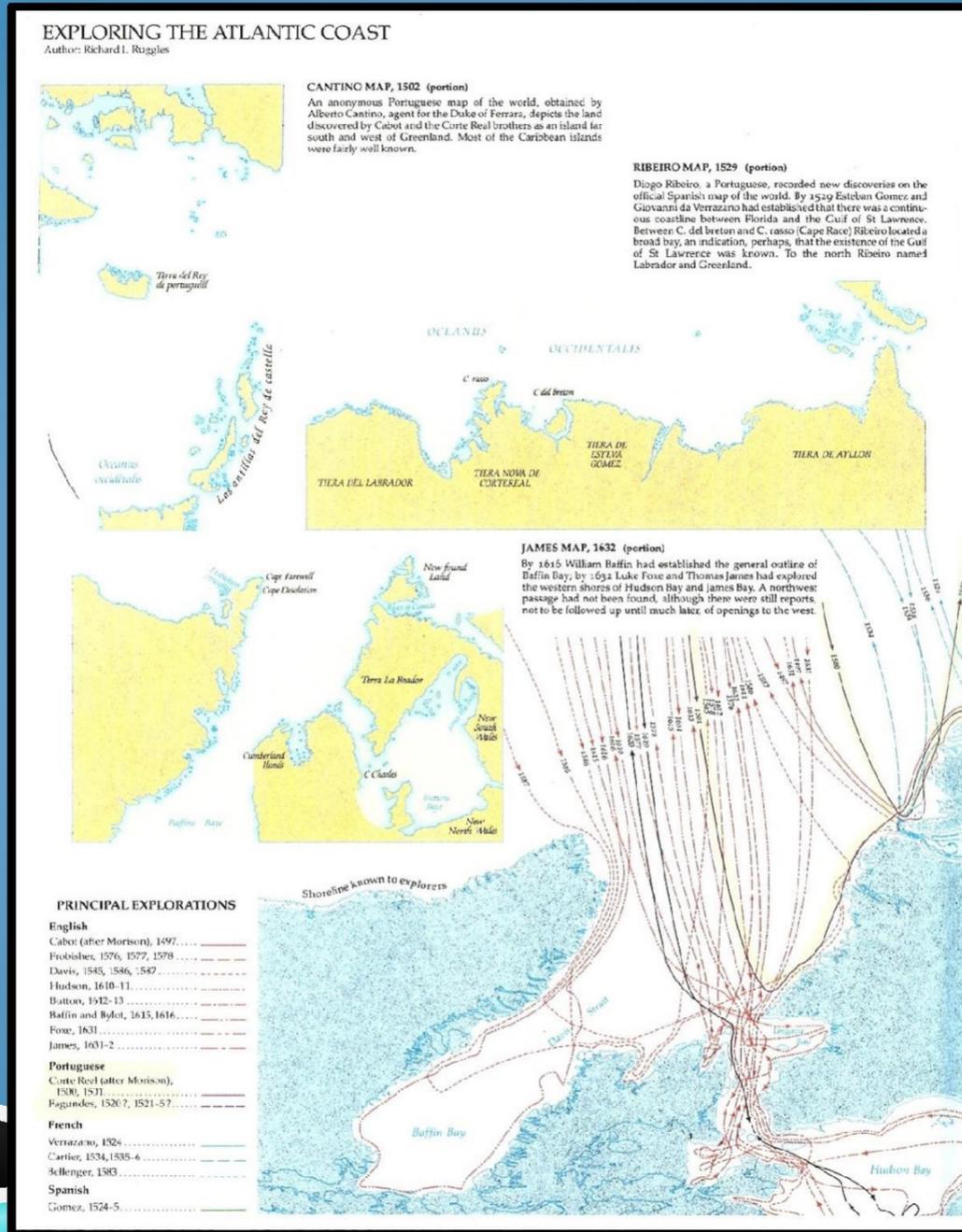
OTHER SLIDES - SEE CARLOS TEIXEIRA AND VICTOR M. P. DA ROSA (2009). *THE PORTUGUESE IN CANADA*. TORONTO: UNIVERSITY OF TORONTO PRESS.

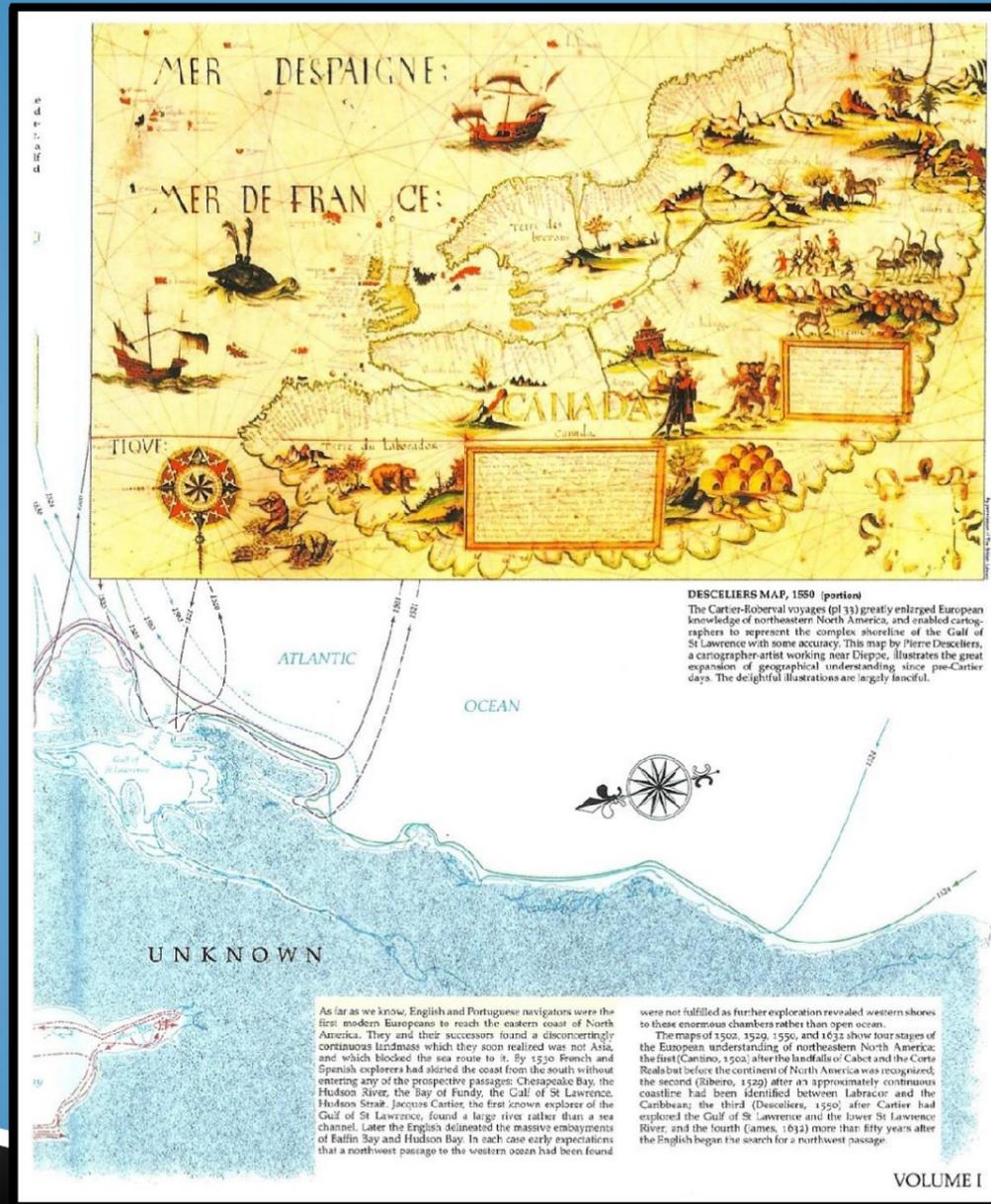
## A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO PARA O CANADÁ

- ▶ O Canadá é um país cuja história e áreas urbanas foram decisivamente **moldadas pela imigração**. Em particular, após a 2ª Guerra Mundial, várias alterações significativas ao nível tanto das políticas de imigração deste país como do regime migratório global tiveram um papel importante na transformação das principais áreas urbanas do Canadá.
- ▶ **A relevância da multiculturalidade** no contexto canadiano é uma consequência da imigração e, em particular, da internacionalização da imigração para o Canadá que teve lugar principalmente a partir de meados da década de 1960.
- ▶ Grande parte dos portugueses chegou ao Canadá na **década de 1950 e inícios da década de 1960**. Este fluxo migratório foi constituído, em grande medida, por imigrantes oriundos dos Açores, que trouxeram para o Canadá – e especialmente para Toronto – as práticas culturais características da sua vida insular.

## A IMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O CANADÁ: 1953-2007

- ▶ Como é sobejamente conhecido, a emigração é há muito uma característica da população portuguesa. No entanto, a emigração portuguesa para o Canadá é um fenómeno relativamente recente, que teve início apenas no início da década de 1950. A comunidade luso-canadiana comemora em 2013 mais um aniversário (**sete décadas**) da chegada ao Canadá do primeiro grupo de (**oitenta e cinco**) imigrantes portugueses, os quais desembarcaram do **Saturnia em 13 de Maio de 1953**, em Halifax.
- ▶ Há que recordar que a história dos contactos portugueses com o Canadá remonta ao **século XV** – altura em que navegadores portugueses alcançaram e cartografaram partes da costa atlântica correspondente ao actual Canadá. Embora os portugueses não se tenham então estabelecido em terra, o registo histórico da sua presença encontra-se preservado na toponímia desta costa – em nomes como **Labrador, Cape St. George, Baccalieu Island ou Fogo Island**.







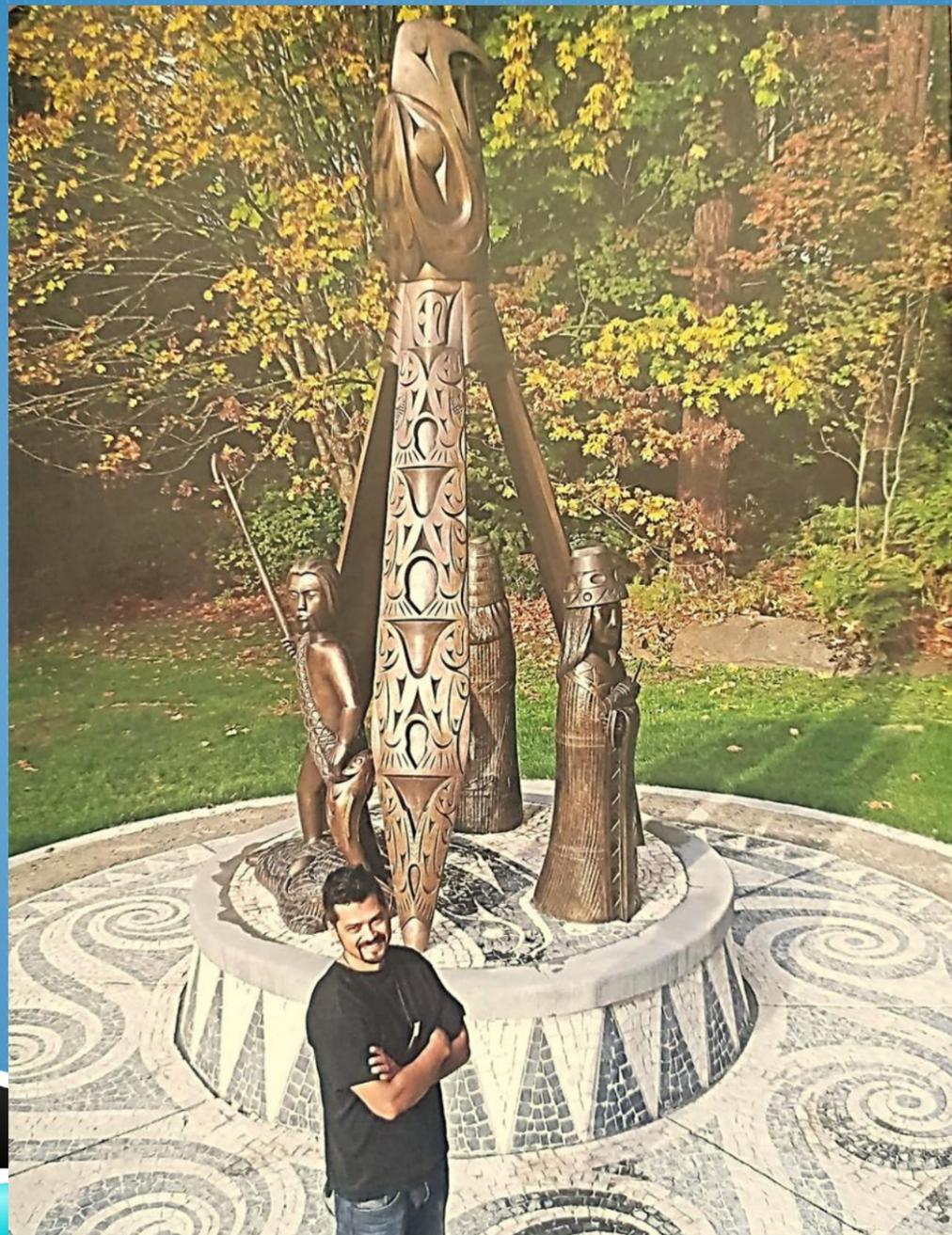
This is the wedding photo of Kwahama Kwatleematt and Joe Silvey, who were legally married on September 20, 1872. Kwatleematt was only fifteen years old at the time –twenty-three years younger than Joe.

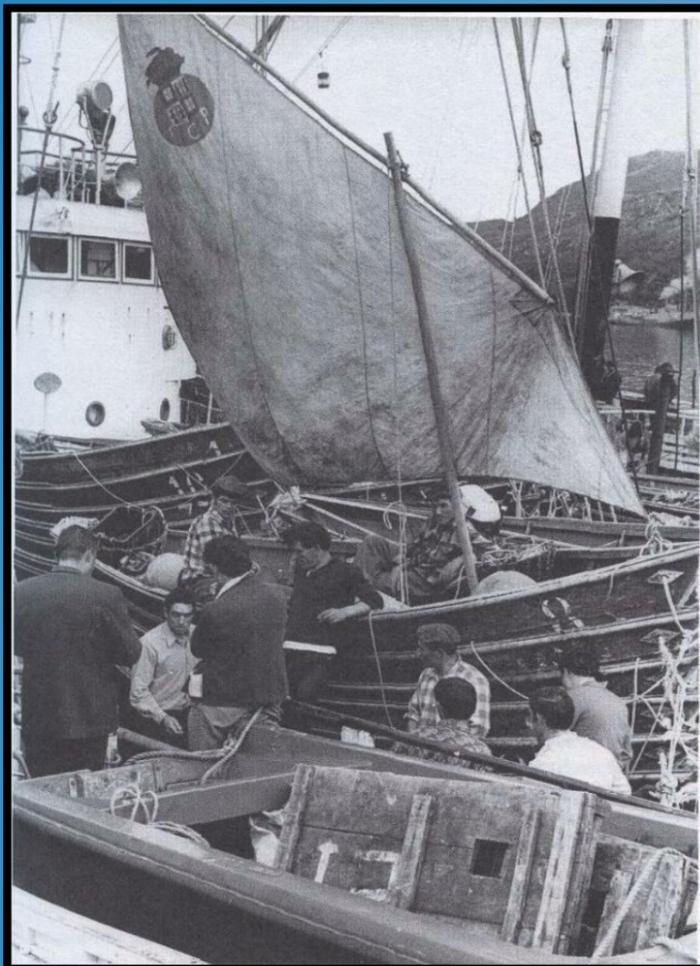
*Photo courtesy of Jessica Silvey*



By 1879, Joe and Kwatleematt had abandoned their cabin at Brockton Point, now close to a growing city rife with discrimination toward mixed-race couples, to move to idyllic Reid Island. The *Shore to Shore* sculpture now stands at the left of this photo, approximately where the tall stand of Douglas fir and cedar begins.

*Photo D-04722 courtesy of the Royal BC Museum, BC Archives*





**Portuguese White Fleet seeks refuge from Hurricane Blanche: St John's, 1969 (courtesy of Ian Brookes)**



**A handliner of the White Fleet on the Grand Banks of Newfoundland (courtesy of J.P. Andrieux)**

- ▶ Porém, a vinda de imigrantes portugueses em números consideráveis teve de esperar até à **década de 1950** e à promoção activa da imigração por parte do Canadá, a qual visou satisfazer a necessidade de trabalhadores para o sector agrícola e para a construção de caminhos de ferro. Durante esta década, o número de portugueses que chegaram ao Canadá ascendeu a **17.114**.

José Carlos Teixeira

## A Presença Portuguesa no Canadá: uma perspectiva de cinco décadas



RIBEIRA GRANDE 2003

### EMIGRAÇÃO AÇORIANA – MAIO DE 1953

Primeira Fila (da esquerda para a direita):  
Evaristo Almeida (Araújo, Lagoa); José da Silva (St. Cruz, Lagoa); José Bento (Achadilha,  
Nordeste); António do Couto (S. Pedro de Nordestino, Nordeste); Constantino Carvalho (Feteira,  
Nordeste); Manuel Machado (Furnas, Povoação); Guilherme Cabral (Matriz, R. Grande); Jaime  
Pacheco (Pedreira, Nordeste).

Segunda Fila (da esquerda para a direita):  
Armando Vieira (Água de Pau, Lagoa); Afonso Tavares (R. Peixe, R. Grande); Énio Vasconcelos (Salga,  
Nordeste); João Martins (S. Brás, R. Grande); Manuel Arruda (Bretanha, P. Delgada); Manuel Vieira  
(Água de Pau, Lagoa).

Tercera Fila (da esquerda para a direita):  
Vasco Moreira (Fajã de Cima, P. Delgada); José Martins (Feteira, Nordeste); Dr. Mário Ferreira da  
Costa - Inspector da Imigração; Manuel Pavão (Candelária, P. Delgada); Victorino Castro (Feteira,  
Nordeste).

Fonte: J.C.T. (29/09/2002)



*Grupo de emigrantes açorianos embarcados  
no Saturnia com destino ao Canadá em  
8/5/1953*

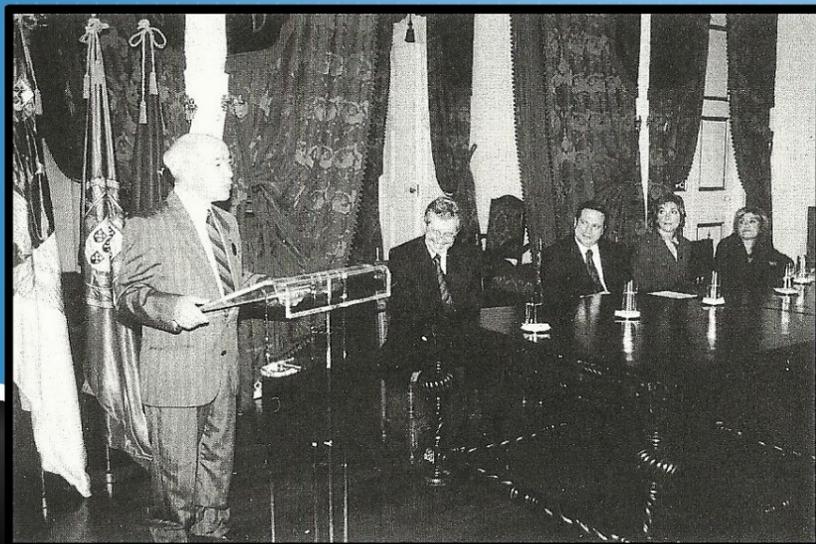
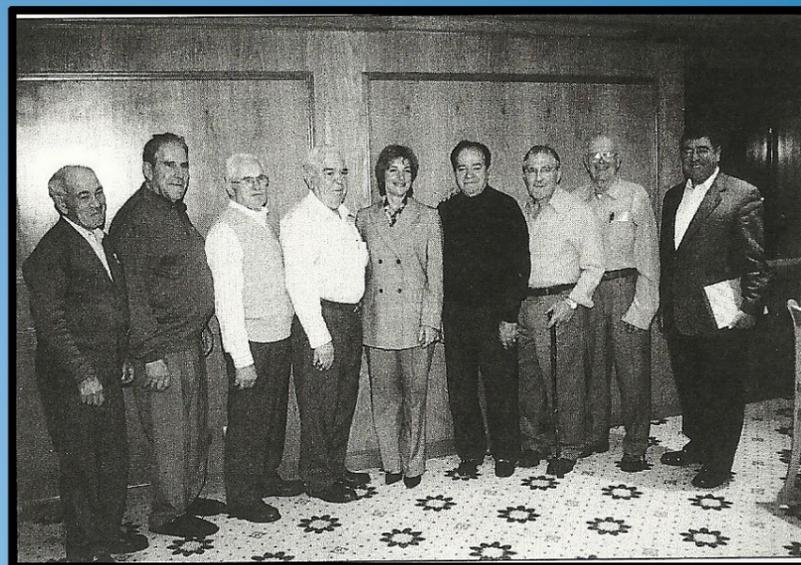


CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRA GRANDE: MUSEU DA RIBEIRA GRANDE





*Exposição fotográfica sobre os Pioneiros e a Emigração para o Canadá, de Humberta Araújo.*



*O grupo dos Pioneiros homenageados.*

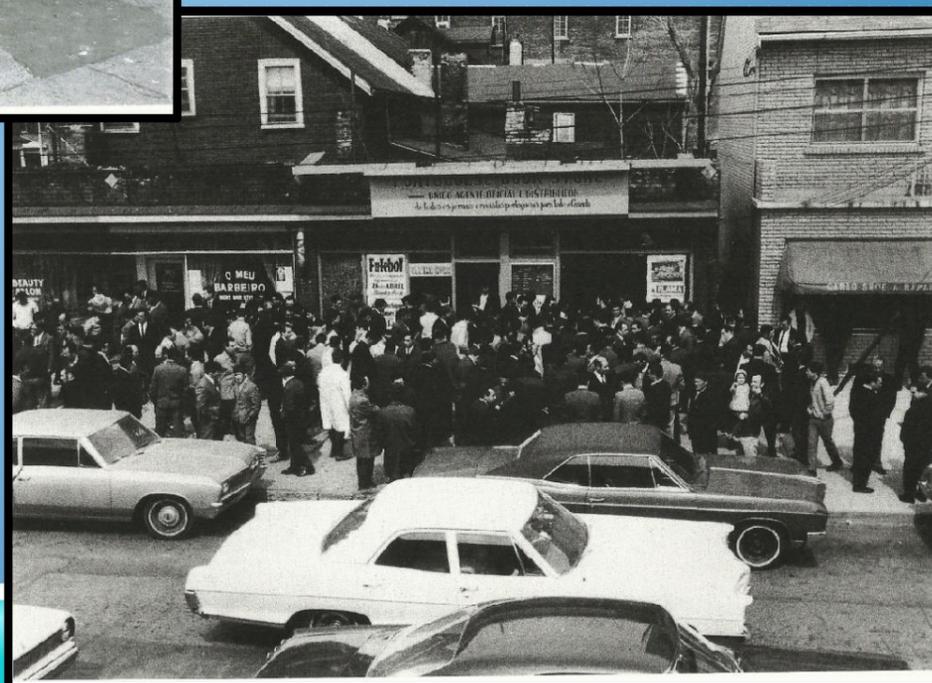
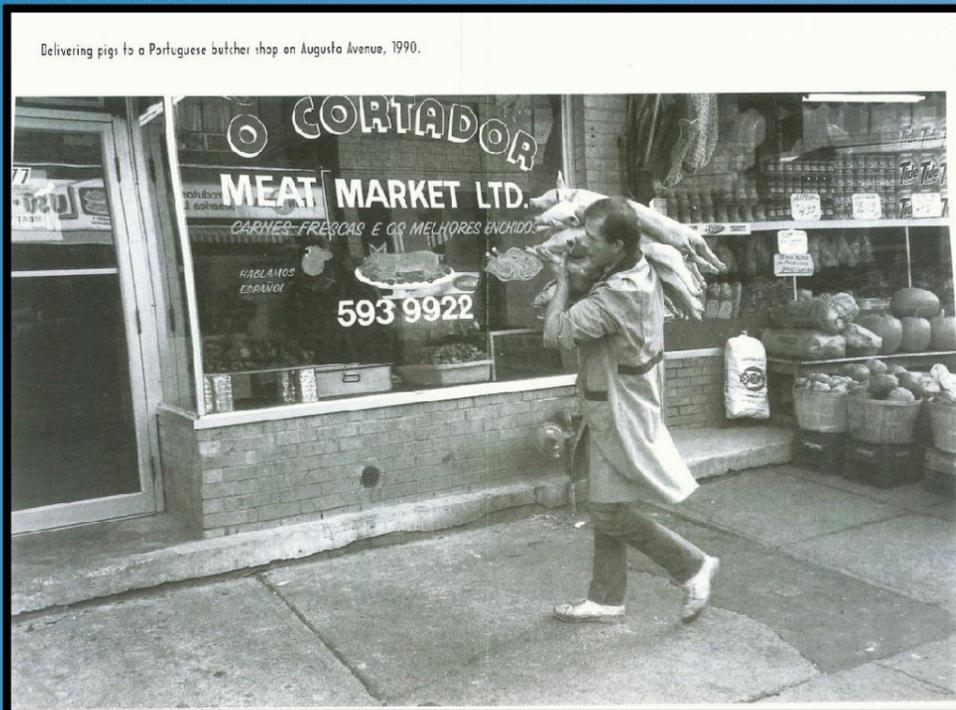
**Table I.1 Portuguese Immigration to Canada  
1950 - 2011**

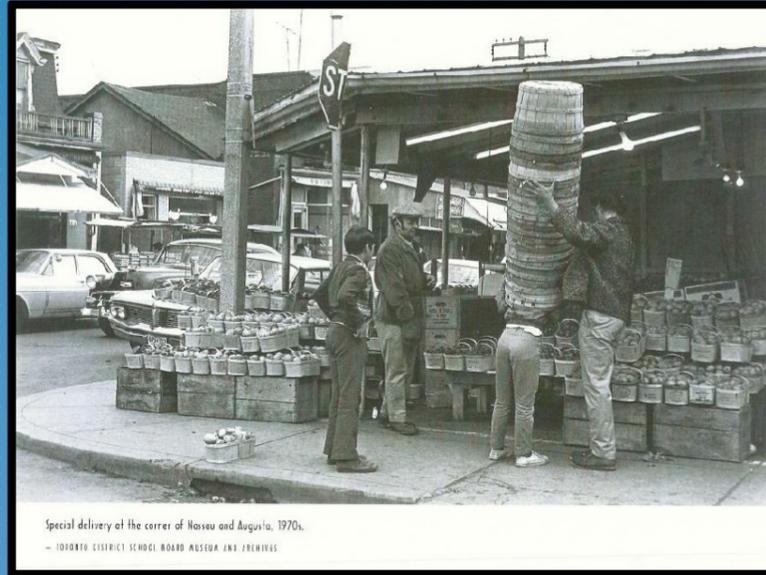
<b>1950-9</b>	17,114
<b>1960-9</b>	59,677
<b>1970-9</b>	79,891
<b>1980-9</b>	38,187
<b>1991-2000</b>	10,495
<b>2001-2006</b>	2,955
<b>2007-2011</b>	<b>2,777????????</b>

Sources: Canada, Department of Citizenship and Immigration, *Report of Immigration Branch*, 1955, 1957; information from Canada, Employment and Immigration Canada, for years 1960-2006; Government of Canada, *Facts and figures 2011 – Immigration overview: Permanent and temporary residents*.

- ▶ Importa salientar que a maioria dos portugueses que emigrou para o Canadá é, ou era, **originária dos Açores**. Estima-se que entre **60% e 70%** de todos os portugueses actualmente residentes no Canadá provenham dos Açores (primeira geração) ou descendam de açorianos (segunda, terceira e quarta gerações). Em termos absolutos, isso corresponde a cerca de **350.000 – 400.000 açorianos ou descendentes de açorianos**, para uma comunidade portuguesa residente total constituída por **500.000 a 600.000** pessoas (números não oficiais).
- ▶ **Os imigrantes açorianos transformaram literalmente a paisagem visual de diversos bairros** de Toronto, Montreal, Winnipeg e Vancouver de modo a reflectirem as suas aspirações e o seu dinamismo. Hoje em dia, os seus descendentes continuam a contribuir para o mosaico multicultural do Canadá através do seu património cultural.

Delivering pigs to a Portuguese butcher shop on Augusta Avenue, 1990.





For generations, people of diverse origins have lived and worked along the narrow streets of this colourful and distinctive neighbourhood. In the mid-19th century, these streets were laid out over the Denison family estate. The tightly knit blocks of businesses, homes, and community institutions evolved as successive waves of immigrants, attracted by the relative affordability of the area, added their cultural imprint to the city. The district was first occupied by British workers, then by Jewish immigrants who converted the Victorian houses into small family-run stores by adding

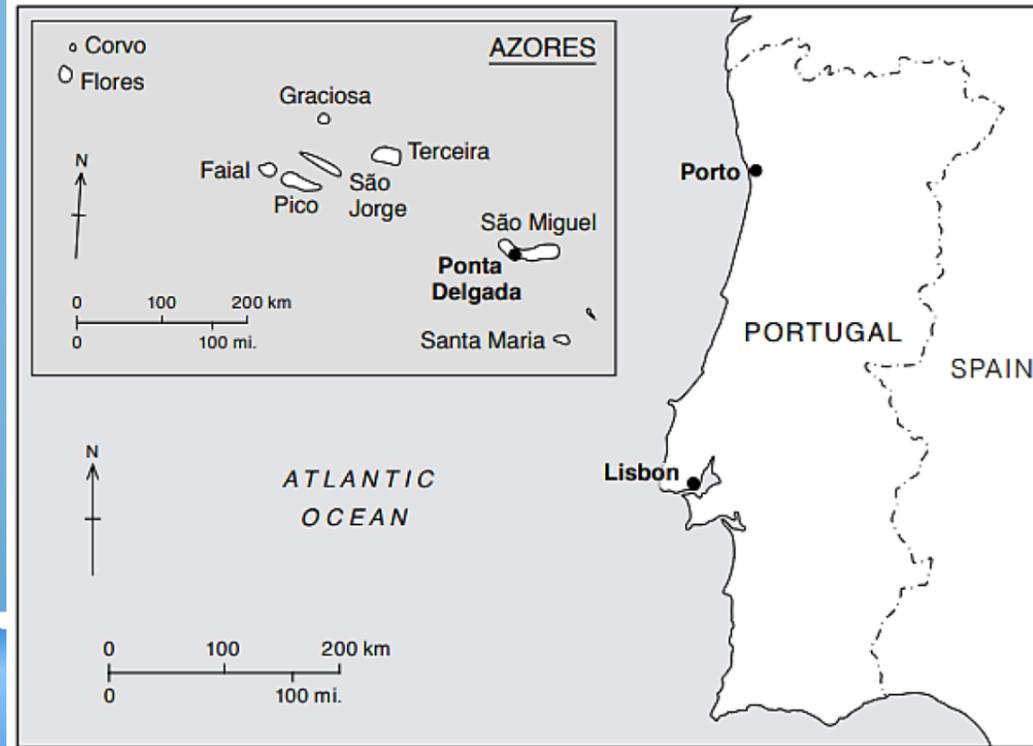
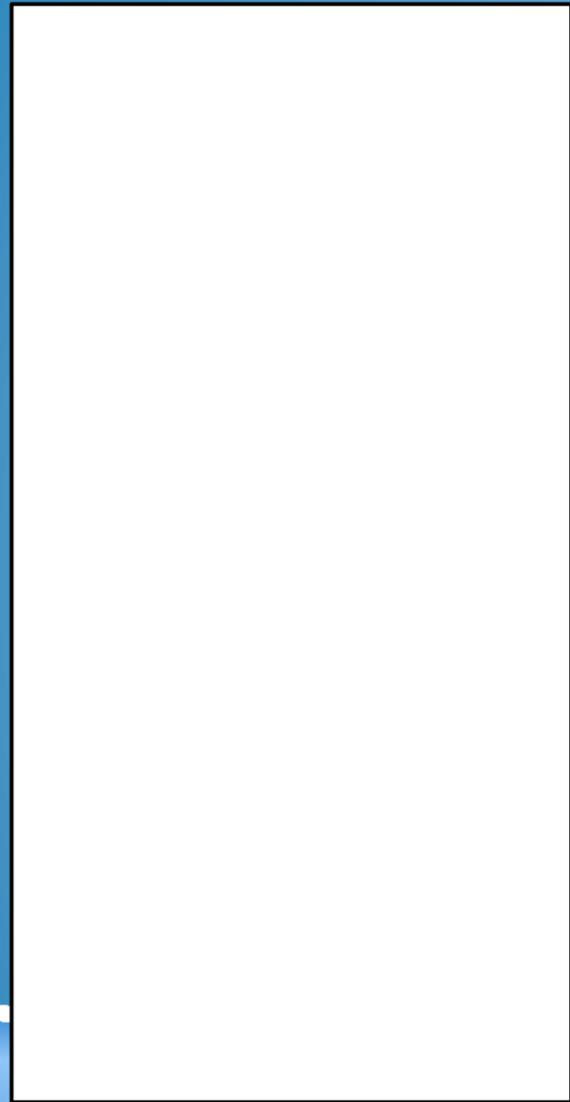
As a result, the area was known for decades as the Jewish market. After the Second World War, new Canadians from Italy, Portugal, Eastern Europe, the Caribbean, and Asia were drawn here, each in turn adding to the vibrant life of this culturally diverse marketplace. Tolerance and integration have been vital to the development of this cosmopolitan community, which is distinguished by constant renewal. Filled with scents and sounds from around the world, Kensington Market recalls the history of the Canadian urban immigrant experience in the 20th century.



- ▶ A **emigração** tem sido, ao longo da História, **uma constante do povo açoriano**. Contam-se por milhares o número de açorianos que deixaram as ilhas nos últimos 250 anos. **Brasil, Estados Unidos, Bermudas e Canadá** têm sido os destinos preferidos. Por conseguinte, actualmente, há mais de **1,5 milhões de açorianos** e seus descendentes a viverem no estrangeiro.

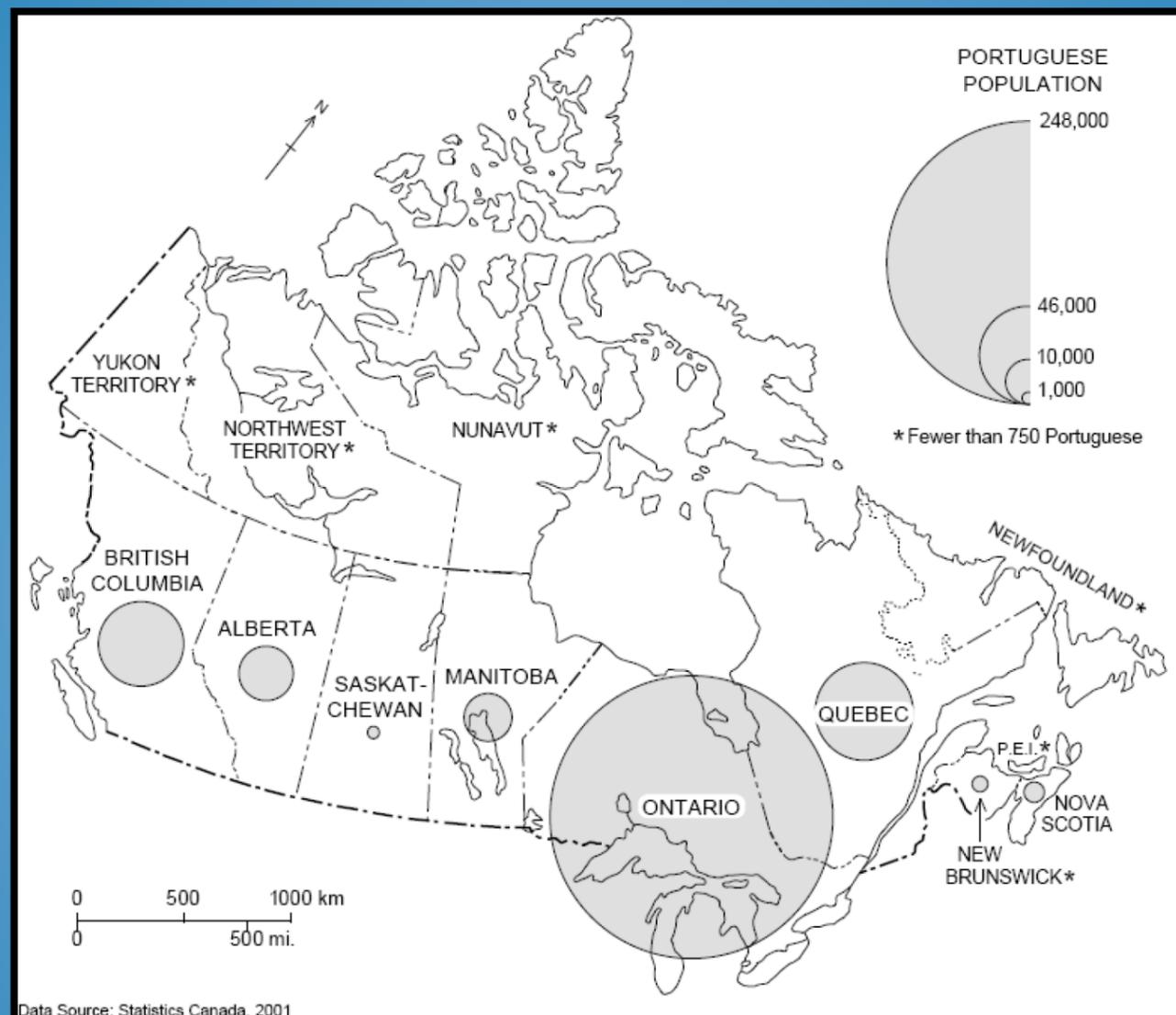


Data de Início da Emigração	País	Localidades
1621	Brasil	<i>Maranhão</i>
1747	Brasil	<i>Santa Catarina Rio Grande do Sul</i>
Pós 1747	Uruguai	
1767	EUA	<i>Califónia Rhode Island Massachusetts</i>
1849	Bermuda	
1878	Hawaii	
Finais séc. XIX e metade séc. XX	Brasil	<i>Rio de Janeiro São Paulo</i>
1953	Canadá	<i>Ontário British Colombia Alberta Manitoba Quebec</i>

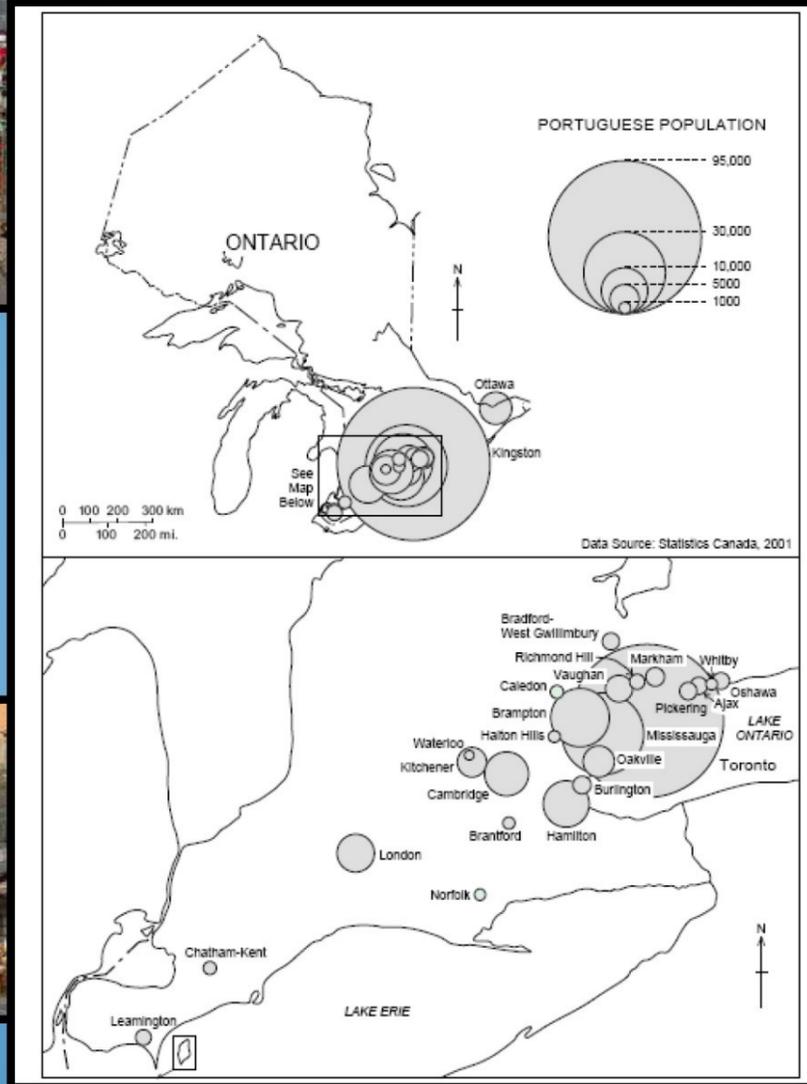




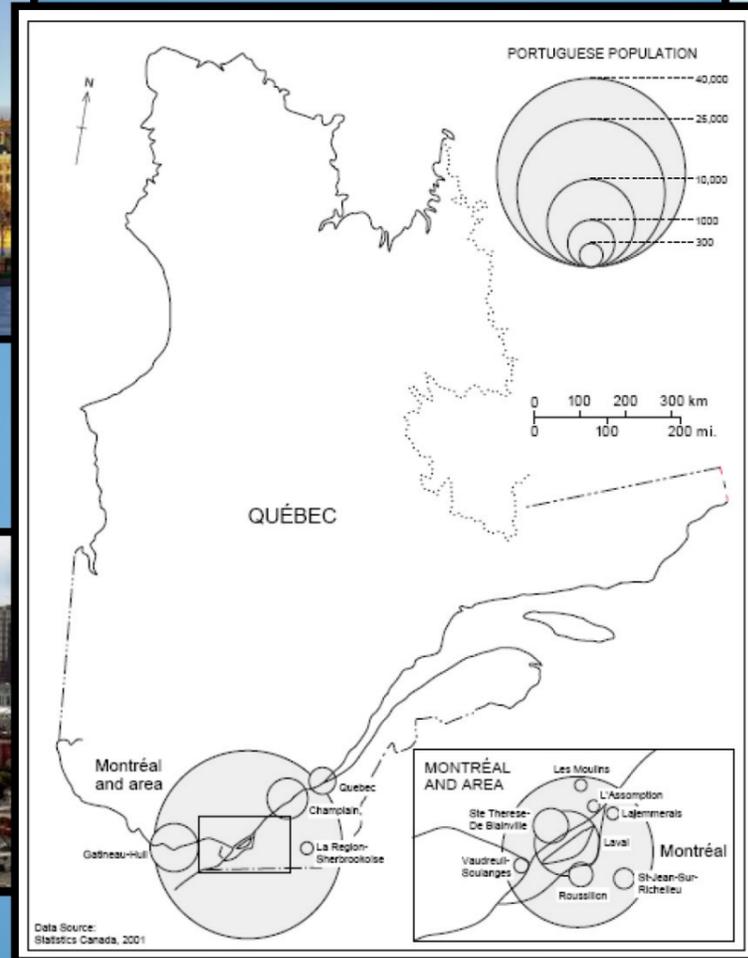
- ▶ A comunidade portuguesa continuou a crescer ao longo das décadas seguintes, e, hoje em dia, encontra-se presente um pouco por todo o território canadiano. Porém, a maior parte dos luso-canadianos reside nas províncias de **Ontário, Quebec, Colúmbia Britânica, Alberta e Manitoba**, onde se concentra principalmente nas cidades de maiores dimensões. Em **Toronto, Montreal, Vancouver, Winnipeg e Edmonton**, é possível identificar comunidades portuguesas relativamente circunscritas e auto-suficientes. As populações destes bairros (“Little Portugals”) são maioritariamente oriundas dos Açores, o que explica que sejam por vezes colectivamente designadas por **“a décima ilha dos Açores”**.



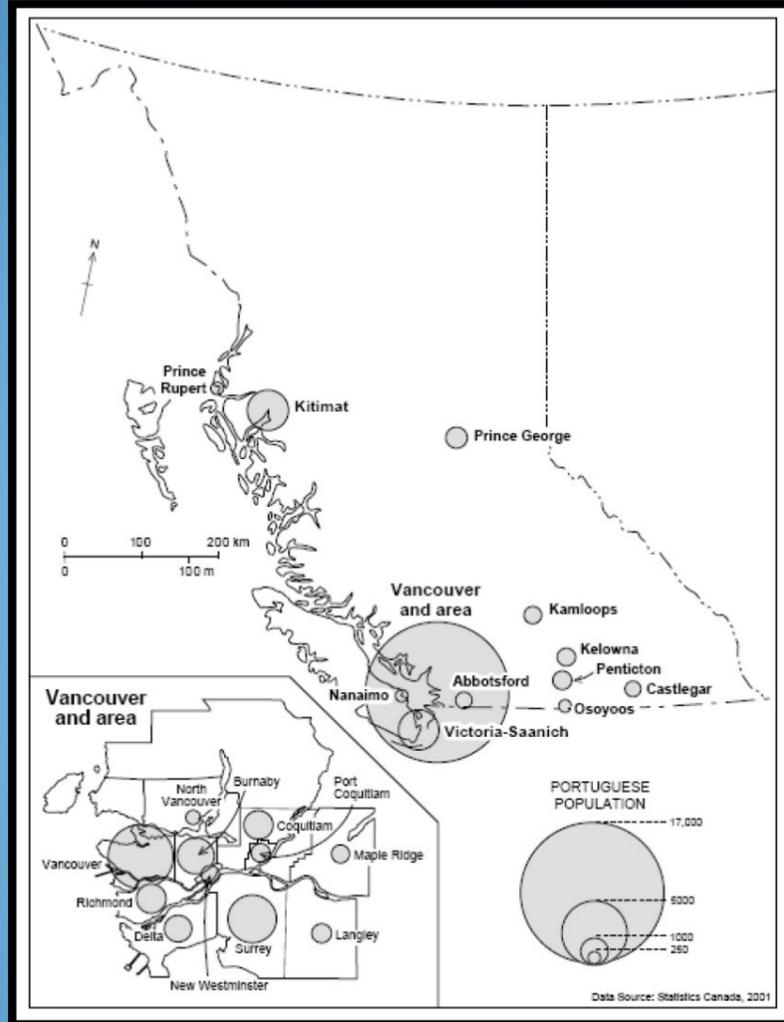
Population of Portuguese ethnic origin, by province and territory, Canada, 2001 [in 2021=448,305]



Population of Portuguese ethnic origin in Ontario, 2001  
[MAP][in 2021 = 300,600] CMA=180,820/ City of Toronto = 85,165



Population of Portuguese ethnic origin in Quebec, 2001 [MAP]  
[in 2021 = 64,385] [MONTREAL CMA = 51,585/  
City of Montreal = 23,120]



Population of Portuguese ethnic origin in British Columbia, 2001 [in **2021=39,755**] [**VANCOUVER CMA=22,980**//**City of Vancouver = 6, 535**]

# O MOSAICO SOCIAL EMERGENTE E A COMUNIDADE PORTUGUESA/AÇORIANA DE TORONTO

- ▶ Em 2006, a cidade de Toronto contava com pouco mais de 2,5 milhões de habitantes. Hoje em dia, Toronto é também uma das cidades com maior diversidade étnica em todo o mundo. Alguns investigadores referem-se-lhe mesmo como “**o mundo numa só cidade**”, em parte devido ao facto de nela residirem imigrantes oriundos de mais de **170 países**, que falam mais de **100 línguas diferentes**.
- ▶ Quase **40%** dos imigrantes que vieram para o Canadá instalaram-se em Toronto – significativamente acima dos **28%** correspondentes à primeira metade da década de 1980.

- ▶ Actualmente, cerca de **metade da população de Toronto nasceu fora do Canadá** – a mais elevada percentagem entre as cidades globais de todo o mundo, a seguir a Miami, nos Estados Unidos da América.
- ▶ **Papel/impacto dos Portugueses/Açorianos na cidade de Toronto?**

## **PADRÕES RESIDENCIAIS DA POPULAÇÃO IMIGRANTE NAS ÁREAS URBANAS E SUBURBANAS DE TORONTO**

- ▶ Os padrões residenciais e as experiências de integração das várias comunidades imigrantes presentes em Toronto e nos seus subúrbios são bastante diversas. Por exemplo, certos grupos encontram-se **especialmente concentrados**, formando **enclaves étnicos** – de início, em áreas de chegada de imigrantes próximas do centro de Toronto; mais recentemente, através da sua ‘re-segregação’ em áreas suburbanas, ou da imigração directamente para essas áreas (p.e. Mississauga, Brampton, Markham, Richmond Hill,...).
- ▶ Outros grupos e comunidades apresentam uma maior **tendência para a dispersão** depois de adquirirem um domínio básico da língua inglesa e após melhorarem a sua posição socioeconómica. Finalmente, outros ainda tendem a ser rapidamente **assimilados** após a chegada, não se apresentando espacialmente segregados.

Figure 6 Portuguese mother tongue as a percentage of total population, Toronto and Mississauga, 1971 and 2001

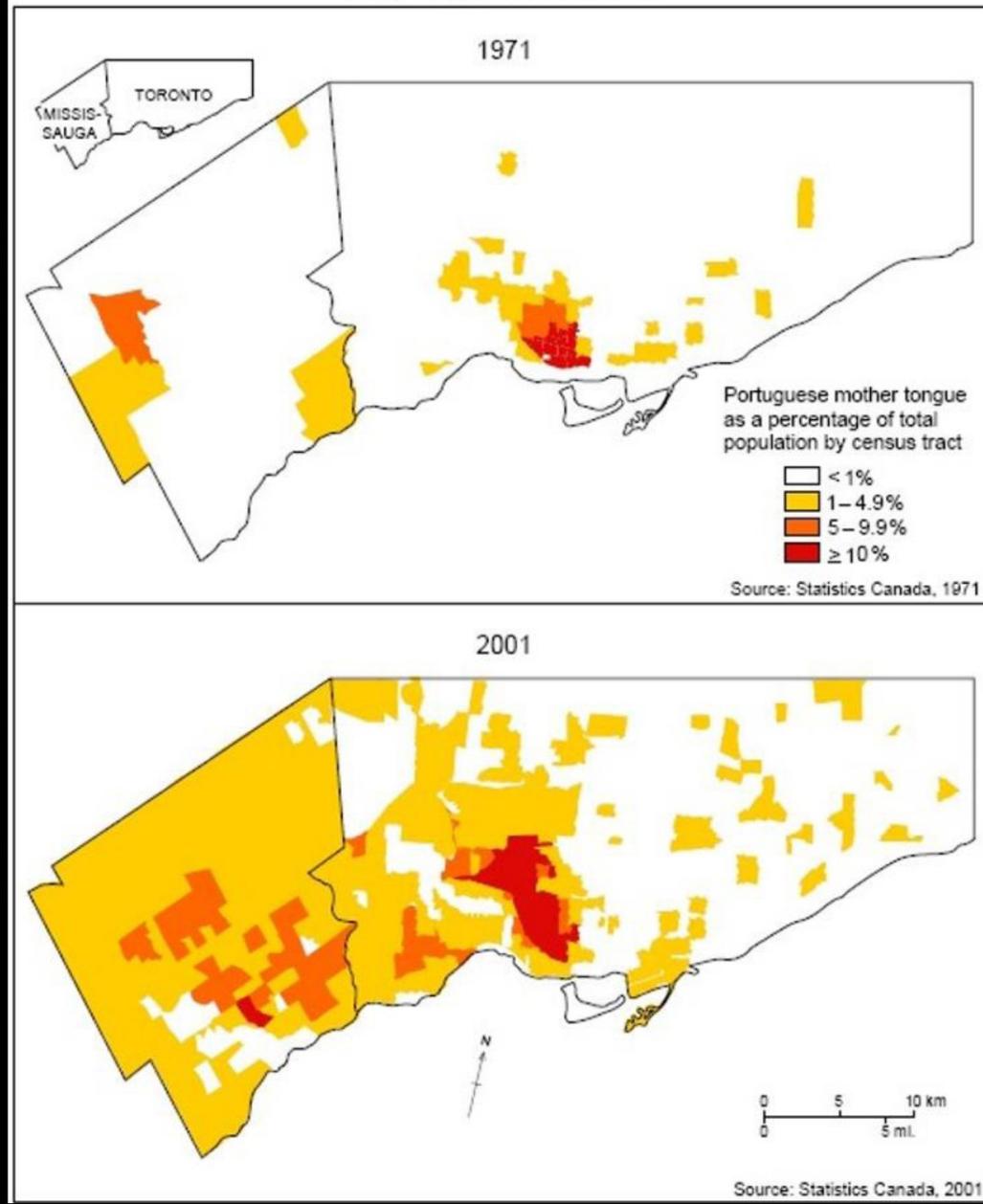
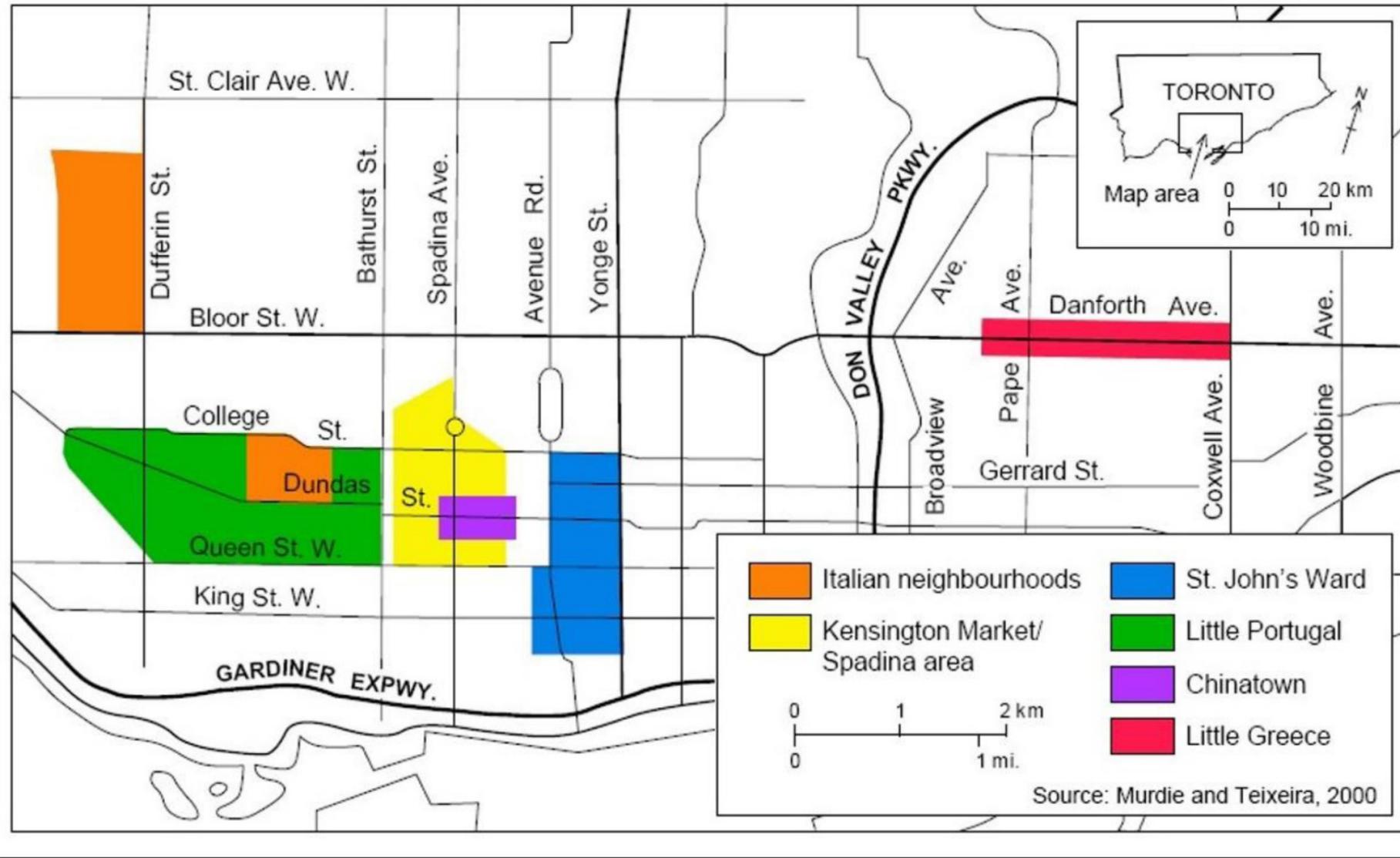


Figure 7 Toronto Ethnic Neighbourhoods, 1900 to 2000

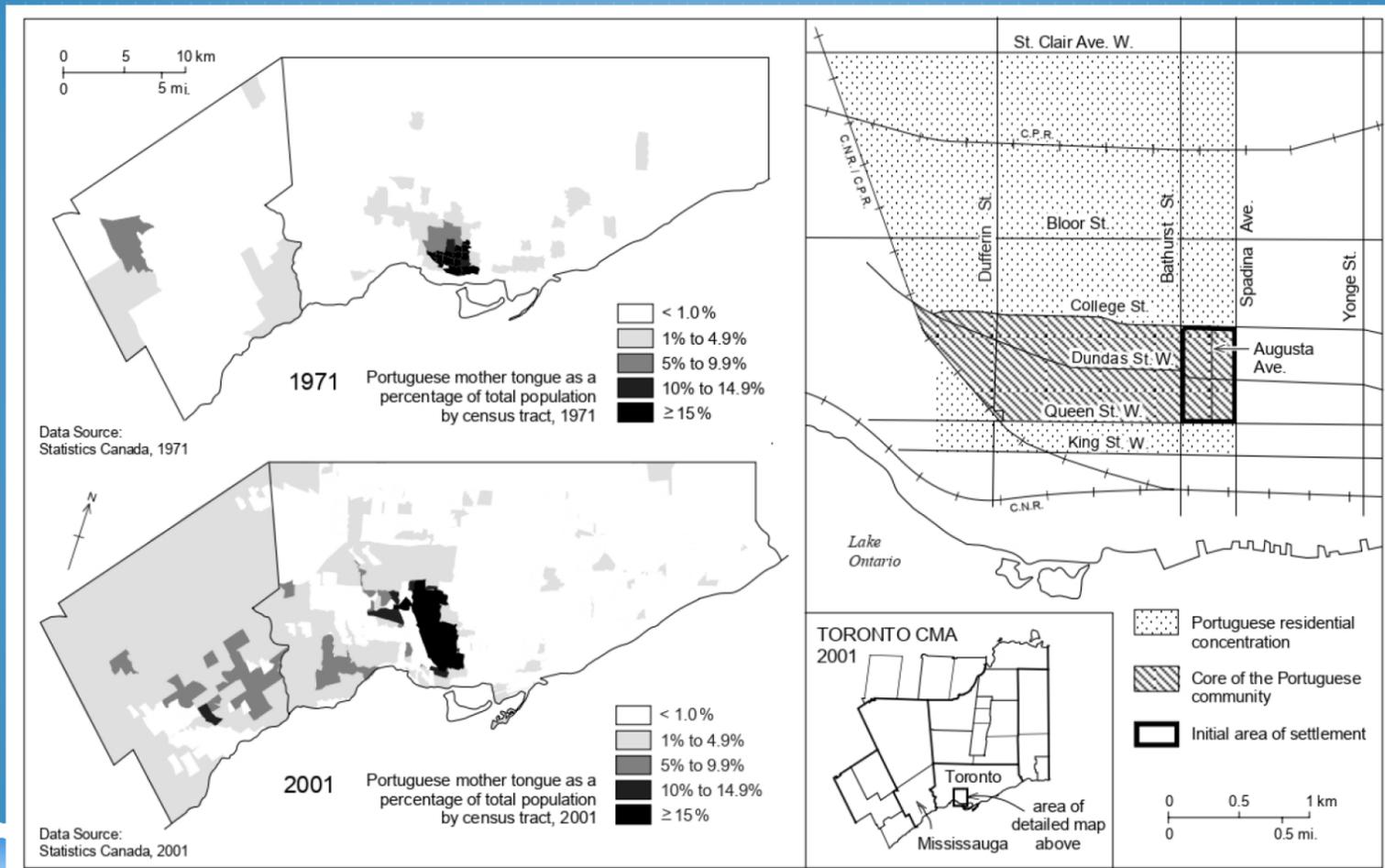




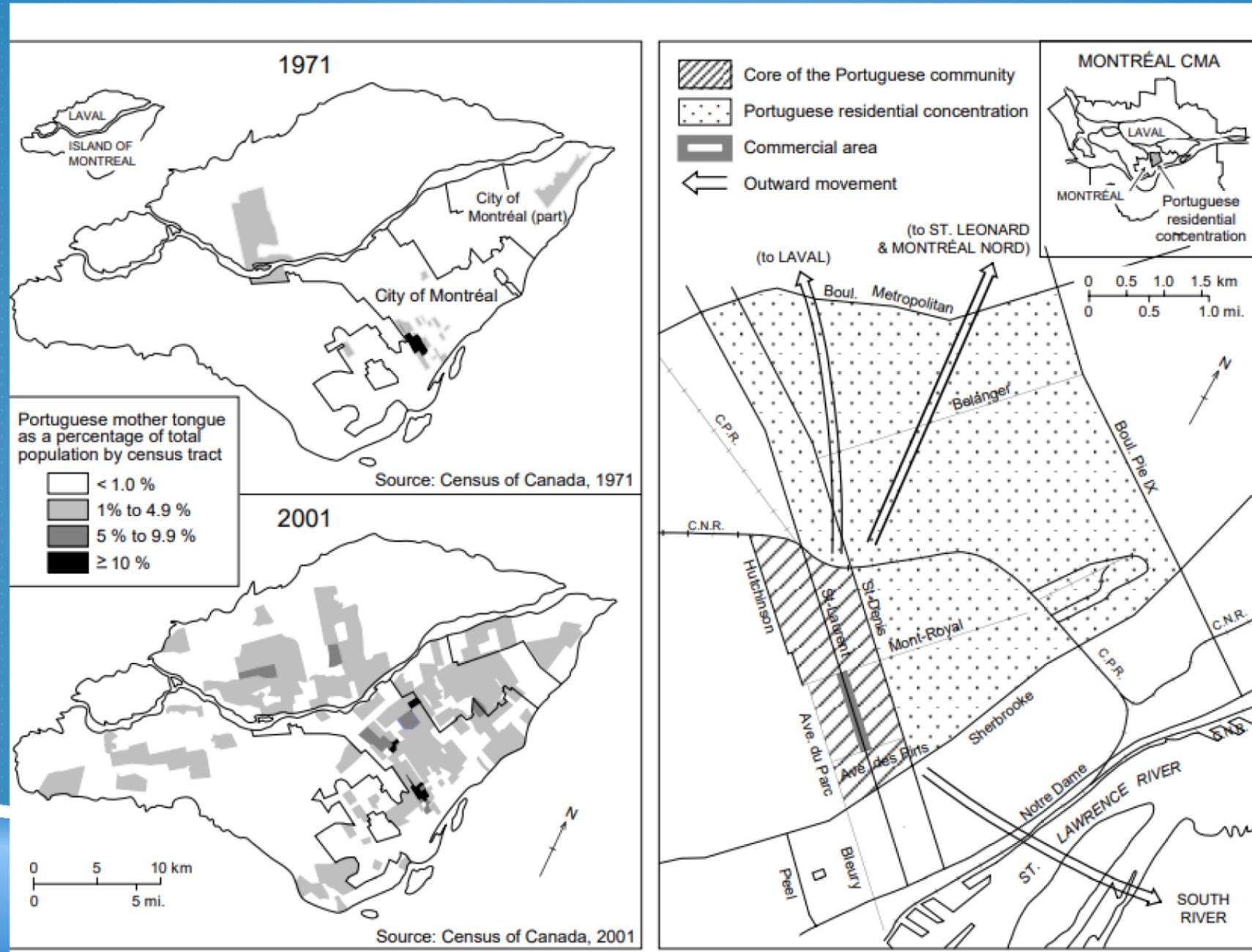
- ▶ Nos primeiros anos do seu processo de estabelecimento enquanto grupo, os portugueses erigiram uma comunidade “**institucionalmente completa**” no núcleo central da cidade de Toronto, conhecida como “Little Portugal” (“Pequeno Portugal”). Trata-se de um bairro étnico (e **enclave económico**) com uma identidade forte e bem visível, cujo elevado grau de “completude institucional” é amplamente demonstrado pelo número considerável de empresas, associações e organizações religiosas de portugueses concentradas nesta área.
- ▶ A paisagem visual desta parte da cidade reflecte, de uma forma fascinante, **traços culturais da vida açoriana**, tal como evidenciado pelas hortas urbanas mantidas pelos seus residentes ou pela decoração exuberante das suas casas, em áreas que eram antes bastante degradadas. Não é por acaso que este bairro é considerado parte da “**Décima Ilha dos Açores**”.



- ▶ Ainda assim, os padrões residenciais dos portugueses têm vindo a alterar-se ao longo das últimas décadas: em resultado da **mobilidade social ascendente** de algumas famílias portuguesas e do seu desejo de adquirirem a “**casa dos seus sonhos**”, situada num bairro mais abastado e de preferência nos subúrbios, os portugueses encontram-se hoje em dia presentes em mais partes da cidade do que anteriormente (p.e., Mississauga).
- ▶ Uma consequência importante da concentração residencial de uma comunidade como a portuguesa consiste no seu impacto sobre o nível de **influência e sucesso político dessa comunidade**. Apesar dos indícios/níveis de participação política têm vindo a aumentar, existe uma necessidade clara e premente de que a comunidade portuguesa residente no Canadá se envolva no processo político deste país de uma forma mais activa e direccionada, de modo a que esse envolvimento reflecta mais adequadamente o peso quantitativo da comunidade e o seu contributo para a sociedade canadiana nos restantes domínios.







15. JOSÉ LUÍS JÁCOME, EMPREENDEDOR, MONTREAL, QUEBEQUE, CANADÁ, ZOOM ONLINE

APRESENTOU TEMA DE UMA ILHA PARA OUTRA

Montreal, meu melhor mundo por mais de sessenta e cinco anos. Desde a minha chegada em 1958, explorei os seus recantos, fiquei maravilhado.

Descobri um universo tão diferente com o qual fui-me identificando e integrando a ponto de dizer "sou de Montreal".

Mas falo sempre dessa outra ilha de onde venho, São Miguel, das ruas e recantos da minha infância, da minha pobre mas querida Ribeira Grande.

Que felicidade! Em 1958, quando saí, com 8 anos, não sabia para onde ia...

Foi realmente um salto vertiginoso. E depois, foi uma integração complicada.

Montreal tinha poucos emigrantes, a minha família foi uma das primeiras famílias portuguesas e açorianas a instalar-se em Montreal e no Canadá.

Já havia muitos Italianos e Gregos, mas nada comparável à situação atual.

Em 1962, no quinto ano da escola primária localizada no centro da cidade, dos 30 alunos, eu era o único imigrante, algo inimaginável em Montreal hoje.

A emigração é um grande desafio para todos.

Todos viemos de uma ilha que amamos, de um lugar o qual ficamos para sempre ligados por alguns fragmentos de memória que nos lembram os nossos primeiros gritos, os nossos primeiros passos, certos sons, certos cheiros, certas cenas, objetos e principalmente pessoas que conhecemos, que amamos.

Sáímos deste universo (rua das Rosas, Ribeira Grande) por outro completamente diferente (rua St Dominique, Montreal).

No mesmo dia, 25 de março de 1958, descobri: um avião, neve, televisão, rádio, carros na rua, um rádio, um telefone, um fogão, uma máquina de lavar, vários idiomas (francês e inglês), eletricidade em casa e na rua, água encanada em casa, casa de banho, frio e conheci o meu pai que tinha saído de S. Miguel 4 anos antes...

2023

70 anos  
da emigração  
portuguesa para o  
Canadá



Em 1958, José Luís Raposo da Silva Jácome, pouco antes da grande partida.



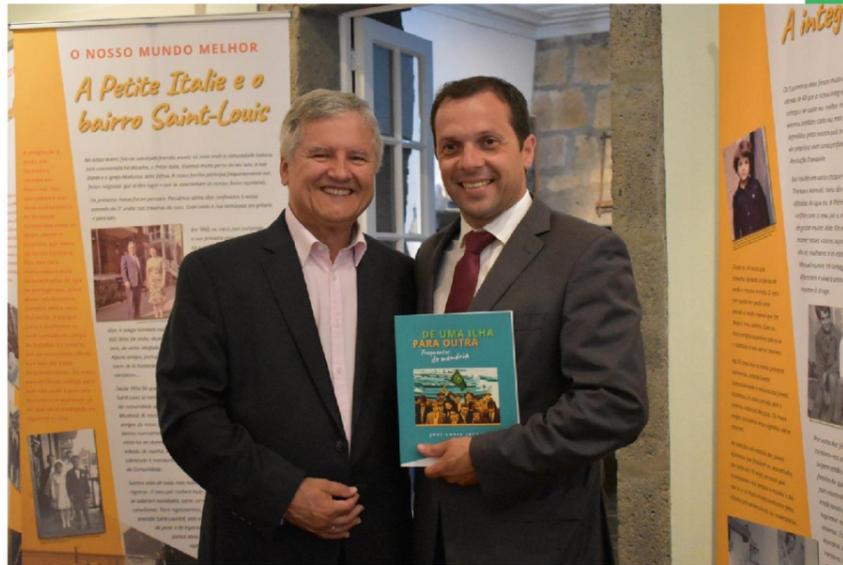
« Eu também sou donde venho »

# DE UMA ILHA PARA OUTRA

Fragmentos  
de memória

JOSÉ-LOUIS JACOME

## Lançamento do livro - junho de 2018



## O contexto, precariedade

- Fim dos anos 1940, camponês ganhava 4 escudos por dia
- 1954-55, 10-15 escudos por dia
- Apenas o bilhete (5.300 escudos) Canadá, 3,84 anos
- Famílias eram grandes
- Comida era pouca, a carne só nos dias de festa

## O contexto, precariedade, excesso demografico

No ano de 1952 assiste-se a uma importante intervenção, na Assembleia Nacional, do deputado pelo distrito de Ponta Delgada, **Armando Cândido**, precisamente sobre a problemática do "excesso demografico. Baseando-se num estudo desenvolvido pelo Eng. **Pedro Cymbron**, também deputado e Presidente da Junta Geral de Ponta Delgada.

- **30 400 trabalhadores rurais**
- **2 800 000 jornas disponíveis**
- **92 dias por ano, ou 3 ½ meses**
- **85 % dos camponeses**
- **15 % salario garantido**

Carlos Cordeiro, Artur Boavida Madeira. Nos primórdios da emigração açoriana para o Canadá: Leituras e contextos

## Uma importante notícia

- Correio dos Açores
- Outubro de 1953
- Armando Cândido



## Condições mínimas

14 fevereiro 1953 (p153 A-C)

### Diario dos Açores

- Homens, idade entre os 22 e os 35 anos
- Habilitações literarias, 3.ª classe
- Capacidade financeira, 10 000 es
- Forte robustez fisica,
  - emigrante e familia
- Registro criminal limpo
- Pelo menos 1 ano no Canadá
- Proibido de ir do Canada para os EU
- Inscrições do 18 a 28 fevereiro

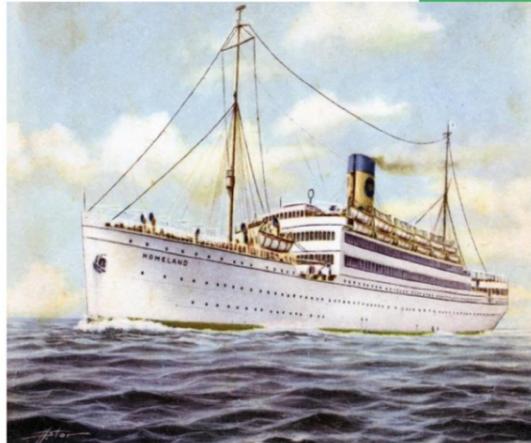


## 1954, o ano Micaelense

22 de março

Viagem 1

O **Homeland** fez sua primeira viagem entre São Miguel, Açores e Halifax, Canadá. Levava 330 açorianos, dos quais **276 eram micaelenses**. Os restantes (54) vieram das ilhas a oeste dos Açores; 20 da Terceira, 16 do Faial, 9 do Pico, 6 das Flores e um de cada uma das ilhas; Graciosa, São Jorge e Corvo. Dos 330 açorianos, **89 eram casados e 241 solteiros**.



## 1954, o ano Micaelense

23 de abril

Viagem 2

O **Homeland** fez sua segunda viagem entre São Miguel, Açores e Halifax, Canadá. Levava **450 micaelenses**. O navio chegou as 13:20 e o embarquemente começou nas 14h no molho Salazar



## Testemunho do Gil Andrade



## 1954, o ano Micaelense

27 de abril

Viagem 3

Outros **171 micaelenses** embarcaram no navio **Nea Hellas** com destino ao Canadá. O barco da Greek Line sai do molho Salazar às 11h30. Esta 3ª viagem transportará o último contingente de emigrantes açorianos incluídos na cota canadiana do ano de 1954, **ou seja cerca de 950 no total.** **Apenas 54 das outras ilhas.**



A partida do meu pai a 23 de abril 1954

HOME LINES		GENERAL AGENTS		ORIGINAL TO PASSENGER				
HOME LINES AGENCY INC. 22 BROADWAY, NEW YORK 7, N.Y.		FRATELLI COSulich S.p.A. 100, RUE DE LA PAIX, 100, PARIS 1, FRANCE		HOME LINE TRAVEL SERVICE OF CANADA INC. 1100 AVENUE MONTELEONE, MONTREAL, P.Q.				
TOURIST CLASS PASSAGE TICKET AND CONTRACT N° W. 127298								
FROM PONTA DELGADA (Port of departure)		TO HALIFAX - CANADA (Port of arrival)		186				
PER VESSEL HOMELAND		SAILING 23/4/54		AT				
NAME OF PASSENGERS		CABIN	BERN	SEX	NATIONALITY	AGE	TARIFF	AMOUNT
Mr. MANUEL DA COSTA JACOMES				M	Portug.	Ad	1	4,872\$00
620								
PASSENGER'S ADDRESS: S. Miguel - Açores		TOTAL PASSAGE FARES		4,872\$00		EMBARCATION FARES		428\$00
SUB-AGENT: (ISSUED IN CONNECTION WITH EXCHANGE BY:)		PROVISIONAL TICKET		PREPAID TICKET		VOUCHER		ISSUED ON
AT		By		City		VALUE		
ISSUED BY: (Stamp)		BALANCE PAID (if any):		AT		DATE		
PLACE - DAN P. Delgada		29/3/54		TOTALS		5,300\$00		

5300 escudos = 176\$ canadianas = 353 dias = 3,84 anos



## O emigrante

- Medo do mar
- Não falava inglês ou francês
- Nunca tinha visto uma foto do Canadá ou do mundo fora de sua ilha



## Fotos que nos contaram pouco sobre o Canadá



## Um mundo completamente diferente

**Meu pai tinha escrito que o Canada era**

**Um país muito frio:**  
Chegamos de calça curta, casaco pequeno e sapatos em um dia muito tempestuoso

**Um país muito grande:**  
Para nós, Ponta Delgada, a 13 km, era o fim do mundo  
Fomos parar para o terceiro andar de um prédio, sim quintal  
Durante os primeiros meses, nosso playground era uma varanda no terceiro andar  
Quando saíamos para brincar na rua, os jovens batiam na gente



Rua das Rosas, Ribeira Grande, S. Miguel, Açores)

15-18 horas mais tarde, 25 de março de 1958



## O salto vertiginoso, o que vimos pela primeira vez:

- Um avião
- Neve
- Uma televisão e imagens em movimento
- Um rádio
- Um jornal
- Um telefone
- Um frigorífico
- Um fogão
- Uma máquina de lavar roupa
- Eletricidade (casa e rua)
- Água corrente em casa
- Casa de banho
- Soms, outros que vozes, em casa
- Caros nas ruas



- E encontramos o nosso pai

*Eu com 8 anos, o Manuel com 7 e a Terezinha com 5 anos.  
(Passaporte da minha mãe, arquivo da família, 1958)*



**Bairro Saint-Louis, Montreal**

## O NOSSO MUNDO MELHOR



*Em 1958, José Luis Raposo da Silva Jácome,  
pouco antes da grande partida.*

Não me recordo de que o assunto da integração num novo país e das suas dificuldades tenha alguma vez sido discutido na nossa família nos Açores ou durante os nossos primeiros dias, meses em Montreal.



## O NOSSO MUNDO MELHOR



Em 1958, José Luís Raposo da Silva Jácome, pouco antes da grande partida.

À nossa volta, na escola, na igreja, vivíamos numa sociedade homogénea, católica, francófona e branca. Éramos católicos, brancos, mas não éramos francófonos. Além disso, eu tinha uma tez bronzeada permanentemente que rapidamente me tornou um estrangeiro.



## A nossa integração



No nosso bairro falava-se sobretudo francês, exceto na zona onde a comunidade italiana estava concentrada há décadas.

Festas que se assemelham às nossas festas açorianas.

## A nossa integração



A emigração é ainda um fenómeno recente em Montreal.

Tinha Italianos, gregos mas muita tensão entre canadenses e imigrantes.

Cada saída à rua terminava em gritaria e pancada.

Eu próprio, até ao secundário (1964), tive que me bater frequentemente.

A escola como as atividades paraescolares facilitaram a nossa integração

## A nossa integração



De março até setembro  
A varanda do 3º andar foi, muitos dias, o nosso novo campo de jogos

## A nossa integração

Turma do 5º ano, escola de St-Jean-de-la-Croix na Petite Italie. Estou no centro, na última fila, a única com um aspeto bronzeado. O único imigrante na turma. Hoje, a maioria destas turmas certamente é constituída por imigrantes. 1962



## A nossa integração



Como imigrantes, fazíamos tudo para nos integrarmos na nova comunidade, mas nem sempre foi fácil.

A diferença nos hábitos culinários entre os imigrantes e a comunidade anfitriã causava vários problemas de integração.

Na escola, as sandes e os lanches que a minha mãe preparava geravam observações depreciativas e sorrisos humilhantes. Os nossos camaradas diziam-nos: «Cheira mal, grrr...» apertando o nariz e fazendo uma careta. Era mesmo humilhante! Quantas vezes pedimos à minha mãe um lanche à canadiana?

Eu até desenvolvi uma «técnica» astuciosa para que a saborosa sandes escapasse à curiosidade dos amigos. Envolvia a sandes com as duas mãos para esconder o seu conteúdo estranho e rústico aos olhos dos meus amigos.

## A nossa integração

A escola francesa sob o jugo da Igreja

Em setembro de 1958, eu tinha 9 anos e alguns meses. Tinha quase terminado os dois primeiros anos na escola primária em São Miguel mas tive que recomeçar o primeiro ano da escola primária

A direção e a maioria dos professores eram irmãos, muito pouco abertos à imigração



## A nossa integração

A nossa adolescência decorreu na década de 60

O nosso bairro ficava a quase 5 quilómetros do bairro de Saint-Louis onde se concentravam os açorianos.

Os meus pais mantinham-se ligados aos valores tradicionais mas foram mais liberais que a maioria dos açorianos

Aos 16 anos tive a minha primeira namorada, a bela Ginette. Guardei o dinheiro que ganhei e estudamos até a universidade.

Os meus amigos eram canadianos e italianos.



## A nossa integração

No final da minha escola primária, em 1963-1964, cinco ou seis anos após a minha chegada a Montreal, dá-se uma revolução musical mundial com os *Beatles* e com um novo som que vinha da Inglaterra.



## A nossa integração

*Celebrações da vitória de Portugal no Euro 2016 no coração do bairro português em Montreal, na avenida Saint-Laurent, na esquina com a rua Rachel. A minha filha Marie-Élaine com o meu filho Philippe. À direita está o Samuel, filho do meu irmão Marc, nascido em Montreal. Atrás, vestida de branco, Fernanda, a minha esposa.*



EM DIRECÇÃO A UM MUNDO MELHOR

É passo a passo que se faz o caminho...



16. JOSEPH SOARES, Chefe de Gabinete no Senado do CANADÁ (ausente)

DIÁSPORA LUSO-CANADIANA: REENCONTRANDO OS LAÇOS PERDIDOS

A diáspora é, por natureza, uma narrativa de sacrifício e esperança. Os emigrantes abandonam as suas terras natais em busca de melhores oportunidades, mas frequentemente a um custo cultural e linguístico. Esta realidade é profundamente sentida na comunidade Luso-Canadiana, que ultrapassa os 400.000 membros. Surpreendentemente, dos que se aventuraram na travessia do Atlântico, mais de 65% são oriundos dos Açores, ilhas de cultura rica e tradições ancestrais.

VER AQUI O VÍDEO DO AUTOR [Joseph Soares Diáspora Luso-Canadiana: Reencontrando os Laços Perdidos](#)

17. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL

1. APRESENTAÇÃO DO LIVRO 9 POEMAS 9 LÍNGUAS POR MARIA JOÃO RUIVO - 38º COLÓQUIO DA LUSOFONIA – RIBEIRA GRANDE

**9 Poetas 9 Línguas**, editado pelas Letras Lavadas, é mais um livro de poemas que surge e a verdade é que, no fundo, ninguém fica insensível à Poesia, porque ela contribui para uma interpretação simbólica do mundo, levando a ultrapassar os limites do tempo e do espaço e colocando o Homem face ao seu próprio mistério. Construída no silêncio, ela faz-nos regressar a ele, num reencontro conosco. E, tendo em conta o livro que é, de nove poetas traduzidos em oito línguas, tenho de felicitar todos os que para ele contribuíram. Os autores dos poemas, os seus tradutores e, claro, a Helena Chrystello, que se entregou a este projeto arrojado e complexo e a quem agradeço o convite para estar aqui. Testemunhei o seu trabalho, ainda que de longe, e vi o carinho e o empenho com que fez surgir este volume. Uma palavra também de apreço pela bonita capa, com fotografia de Marco Costa.

Há, na Poesia, uma espécie de magia primordial que, de alguma forma, está ligada à criação. Sendo a linguagem a matéria-prima da Poesia, esta surge da ligação entre o que se diz e o como isso é expresso. Assim, o criador busca a palavra certa, o ritmo, o tom, a harmonia adequada ao que quer dizer, tal como busca uma identidade artística, um sentido para a existência e uma interpretação do universo de que faz parte.

Neste livro, são múltiplos os temas e as mundividências. Todavia há um fio de intemporalidade que os une:

Em Álamo de Oliveira, temos a atualidade do horror da Guerra, numa pátria roubada em que a sombra da morte é uma constante. É um poema sobre as ruínas, a solidão e a dor pungente causada pela guerra.

*o estrondo vem do estômago da bomba  
e espalha as ruínas da solidão. (diz ele)*

E há também esse "Homem imperfeito junto ao mar", bem ao jeito de Alexandre Borges, numa metáfora irónica que faz a apologia da imperfeição, já que esta traz uma promessa que, na perfeição, não existe. E cito:

*Agora eu  
Suspeito dessa perfeição de postal  
Confio mais nas rugas dos arrependimentos  
Nas ruas com inacabamentos de primeira*

Da nossa janela de ilhéus, avistamos também o mar personificado, pela mão de Nuno Costa Santos. "Orgulhoso e mudo", esse mar envelhecido das ilhas, anterior a nós, *abrindo por vezes o olho/ ao vento e à indiferença*, como quem ficou esquecido.

*Era um rei cruel, dizem as gentes,  
e mais dizem as gentes que o rei,  
por ser tão cruel,  
tão de duro coração,  
mandou que se apartassem  
a princesa e o pastor,  
tomados do benquerer  
que chega com a primavera.*

Diz a Paula Sousa Lima, que nos traz, do fundo da ilha, uma lenda poética, cheia dos sons de outrora, retirada, com uma varinha de condão, do nosso imaginário. Nela estão os ingredientes dos contos infantis e a Natureza pródiga da Ilha, que acolhe as lágrimas dos amantes, fazendo crer que, no amor, tudo é verdade.

O texto de Aníbal Pires poderia ser um poema de amor dirigido à mulher amada, um "Tu", mas o que está em causa, mais do que um sentimento amoroso, é a ideia de uma irmandade. Nele surgem diversos elementos que assumem forte valor simbólico e que remetem para a ideia de universalidade, de uma diáspora humana, genética e cultural.

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Diz ele, por exemplo:  
*partilhamos culturas e genes  
somos um pouco do mundo  
(...)  
lutando pela dignidade  
de ser (apenas) o que somos  
humanos*

Hino de amor é o poema de Chrys Chrystello, num tributo à sua *Maria Nobody*, cantiga de amor ao jeito moderno, que todos conhecemos, e de aqui recordo o final:

*maria nobody  
de todos ninguém  
nem sabes a riqueza  
que a gente tem*

A importância de sonhar é bem visível, em Malvina Sousa, numa exortação a que sonhemos, na certeza de que, apesar das nossas lutas e contradições, o sonho é o caminho para a eternidade. *Não deixes nada por dar!*, diz ela, *Ama o instante e serás... eternidade...*

Também o tema da morte marca presença neste livro, no texto de Telmo Nunes, que fala da "voragem da partida" e "dos dias que já não nascem".

No seu poema, Eduíno de Jesus revela, pela sua mão exigente, o ato de criação e valoriza as palavras, que são muito mais duradouras do que os homens. Apesar de "imprecisas" e "volúveis", elas criam eternidade e lá estão sempre, imperturbáveis, aguardando que o homem, neste caso, o Poeta, lhes dê vida.

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,  
elas lá ficam na página branca  
à espera de um Levanta-te e caminha  
de qualquer voz humana.*

Ao ler algumas das traduções (nas poucas línguas que entendo, claro) não pude deixar de pensar, mais uma vez, no trabalho árduo dos tradutores na sua tarefa exigente de traduzir poesia. O tradutor é, antes de mais, um leitor, que tem de encontrar o equilíbrio entre a reprodução e a recriação do texto original, pois há, sem dúvida, uma recriação deste no momento da tradução. E esse ato de recriar tem de ter em conta todo um contexto e as questões estético-literárias do texto de partida.

Os sentimentos são universais. O que pode ser único e irrepetível é a linguagem poética em que eles se enformam, essa busca minuciosa da palavra certa, da imagem adequada a colocar no lugar que lhe compete, por forma a gerar beleza, que é, afinal, o próprio objeto da arte. Por isso, as questões de sentido não serão as mais complicadas para o tradutor. A maior dificuldade, creio, estará na questão dos ritmos, das sonâncias, da prosódia, das rimas, da musicalidade, que são, necessariamente distintas na língua de chegada e na de partida.

Perde-se, inevitavelmente, virtualidades do texto no ato de tradução. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que o tradutor é um recriador e tem a enorme responsabilidade de ser um intermediário entre o texto original e o público leitor. Em conversa com o Miguel Lopes, meu caro colega e amigo, tradutor desta obra para o francês, ele disse o seguinte, e roubo-lhe as palavras: "Quando se traduz não se faz igual, porque esse igual não existe. É um pouco a ideia da (...) da sinfonia que nunca é tocada duas vezes da mesma maneira, mesmo que o objetivo seja esse." (fim de citação) E acredito que deve ser uma enorme satisfação para um tradutor poder levar uma obra a inúmeros leitores de uma outra língua. E não basta encontrar o sinónimo adequado. Há que fazer as escolhas certas, de entre um enorme leque de possibilidades, para que se transmita a pluralidade de sentidos do texto. Sendo assim, o tradutor é, necessariamente, também ele, um autor, não esquecendo que cada poema é único, logo, uma má tradução poderá comprometer-lo. O tradutor deverá manter intacta, o mais possível, a identidade estética do texto, mas a verdade é que mudar de língua é mudar todo ou quase todo um universo de referências.

O meu objetivo, aqui, não é, obviamente, abordar a questão da tradução, que não é área minha. O Miguel Lopes poderá fazer isso com muito mais propriedade do que eu. Mas quis aqui deixar estes tópicos, numa tentativa, também, de valorizar o trabalho dos tradutores, frisando que traduzir poesia é um ato arrojado e de uma enorme responsabilidade e que o tradutor é, de facto, um criador. (Temos sempre presente o exemplo da tradução de *As Minas de Salomão*, pelo Eça de Queirós, que muitos defendem que ultrapassou significativamente o texto original).

Vida e morte, amor e solidão, sonho e desalento, abandono e criação constituem o universo deste livro de nove poemas, pela mão de nove poetas, traduzidos em oito línguas, a demonstrar, simbolicamente, que somos todos feitos de uma mesma humanidade.

Parabéns à Helena Chrystello e a todos os que deixam marca sua nesta edição.

Ponta Delgada,  
outubro de 2023

2. FOI UMA DAS TRÊS AUTORAS HOMENAGEADAS NESTE COLÓQUIO, MARIA JOÃO RUIVO – UMA HOMENAGEM POR ONÉSIMO T ALMEIDA

Quando eu era jovem pensava que as homenagens se faziam após a morte das pessoas. Nos últimos tempos tenho visto multiplicarem-se as homenagens a vivos e eu próprio tenho sido vítima dessa nova vaga.

O que agora constitui inteira novidade é celebrarem jovens. Quando o Chrys Chrystello me escreveu a convidar para vir aqui falar numa homenagem à Maria João Ruivo eu não fiquei propriamente ruivo, mas devo ter ficado pálido. Mas então a Maria João já tem idade para estas coisas? Eu bem sei que ela se apaixonou pelo Eduíno de Jesus, esse sim, objeto de homenagens todas as semanas - e muito justamente - e fazemos todos questão de cá estarmos daqui a cinco anos para comemorarmos o seu centenário. Mas estas coisas não pegam por contágio. A Maria João ainda é uma jovem com um currículo longo à sua frente preanunciado pelo que já publicou até aqui.

Claro que tem muito atrás de si. Por exemplo, uma magnífica carreira de ensino onde tem desempenhado um importante papel de mentora de jovens, sobretudo dos mais dotados e inquietos. E eu sei disso porque vários deles me têm batido à porta, teleguiados por ela e pedindo-me isto ou aquilo. Há hoje uma geração de alunos seus marcando presença e ostentando o selo didático, a influência direta, o dedo de professora e mãe-por-tabela da Maria João. Seria mesmo bom ter trazido aqui alguns deles para falarem da sua professora e mentora.

Conheço a Maria João há mais de trinta anos. Durante duas décadas e meia, graças à generosidade dos seus pais, passámos pelo menos um mês todos os verões na casa de veraneio deles na Caloura. Os seus filhos cresceram ali com os nossos – meus e da Leonor – partilhando dias inolvidáveis, banhos de mar, passeios pela ilha (ao Nordeste, às Sete Cidades, à Ribeira Quente, ao Faial da Terra) ou simplesmente caminhadas a pé após o jantar até à antiga tasquinha – hoje restaurante internacionalmente famoso – no Porto da Caloura. Inolvidáveis foram também os serões ao balcão com histórias, gargalhadas e serenatas. Tudo cenas de um mundo tardiamente romântico, porque nem Garrett na casa da sua Joaquina alguma vez saboreou vivências como as nossas. Como podemos – a Leonor e eu - esquecer os banhos nas águas mornas da Ferraria em noites da lua cheia de agosto, antes de esse pequeno paraíso ter sido descoberto pelos turistas? Há dias, a propósito de uma nota bárbara minha, acompanhada de fotos enviadas a amigos, contando da minha mais recente visita ao parque da Caldeira Velha, aonde eu ainda não regressara depois das últimas renovações, ela reagiu nestes termos:

*Nós fomos dos primeiros a fazer uso desse espaço quando os meus pais tinham a casinha do Poço do Cavalo. Um pastor mostrou-nos a cascata de água quente que formava uma poça e passamos a ir lá frequentemente. Éramos só os 5. Tínhamos de galgar uns troncos caídos na mata para lá chegar.*

*Bons tempos em que isso era nosso por usucapião.*

Mas eu não fui convidado para vir narrar estas histórias de família. No entanto elas servem para enquadrar, explicar e justificar a minha presença aqui, porque antes de ser escritora a Maria João é mulher e mãe, professora, educadora e amiga. Ela pertence àquela estirpe que refiro como a mulher de S. Miguel de que bem pode ser um protótipo: segura de si, assertiva, forte, capaz, seguidora de princípios, certa nos seus juízos e rápida na língua, focada no que é justo e direito, tenazmente trabalhadora e dada a gestos altruístas, fazendo tudo pelos filhos, pela família e pelos amigos. No caso dela, pelos alunos também. A este esboço de retrato tipificante, devo acrescentar a sua profunda sensibilidade, inteligência e sentido de humor notáveis (uma confissão: esta última frase foi acrescentada pela Leonor e eu concordo inteiramente como ela a ponto de a fazer minha).

Frequentou o liceu Antero de Quental, forja de grandes figuras da história açoriana; em 1989 licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (vertente Português/Inglês) na Universidade dos Açores. O pendor para a escrita nasceu-lhe cedo em casa. Todos falamos do pai escritor, todavia poucos saberão que a mãe, a Dra. Idalinda Ruivo, adorava fazer versos. Lembro-me de um soneto seu gravado em mosaico na casa da Caloura. Em 2011 a Maria João publicou comigo e com a Leonor um volume de homenagem ao pai – *Fernando Aires – era uma vez o seu tempo*, editado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada. Com dois colegas, coordenou o *Livro de Memórias do Nosso Liceu*. Em 2015, de novo comigo, reeditou num só volume o diário completo do pai – cinco volumes com os inéditos do 6º que o pai tinha na forja e ela depois coligiu. Foi editado pela Opera Omnia, de Guimarães. O diário, a crónica e o conto surgiram pois para ela com uma enorme naturalidade. Tive o prazer de prefaciá-lo o primeiro volume de *Um Punhado de Areia nas Mãos*, a que já se seguiu outro. Vou autoplagiar-me lendo algumas passagens desse meu escrito sobre a nossa homenageada:

Basta embrenharmo-nos páginas dentro do seu diário para nos apercebermos de que estamos perante algo que está longe da clonagem do pai, já que o leitor sente ser muito outra a voz emergente nas entradas que perfazem o volume [e agora posso dizer: os dois volumes]. As diferenças vão surgindo aos poucos, à medida que o estilo pessoal da autora se vai afirmando com a sua própria voz. Há nela um cuidado de se demarcar da figura paterna – desde logo – e registre-se essa fundamental diferença – no pudor explícito de não confessar intimidades “porque nem tudo na vida se conta em praça pública” (diferentemente do pai, que não se coibiu de fazer revelações privadas), sem retirar ao livro o carácter de diário. Há um desejo manifesto de ultrapassar a ilha (ela até nota, eufórica, o aparecimento quase raro da vizinha Santa Maria no longínquo horizonte, algo que o pai nunca registou no seu diário, apesar de certamente a ter visto não poucas vezes nos seus inúmeros dias na Caloura), exemplificado em várias saídas para a Europa, desiderato que ela também alimenta nos seus alunos por ela sempre estimulados a aprenderem o mundo, os mesmos que a professora acompanha quase maternalmente em viagens pelo continente europeu. Aliás, se possível fosse associar este a algum outro diário, seria ao de Sebastião da Gama, pelo entusiasmo e empenho manifestados na formação dos respetivos estudantes. Depois, a autora é uma mulher mais do seu tempo, mais global, com um sentido bastante mais chão e pragmático da vida, que alguns leitores atribuirão ao facto de ser mulher e outros ainda acrescentarão: ‘micaelense’. Tudo isso refletido numa escrita sóbria e vernácula, certa e direta, colada à vida e à realidade terrena do quotidiano que é preciso viver e agarrar.

Uma novidade, portanto; nas letras açorianas, um caso único. Natália Correia escreveu *Não Percas a Rosa*, mas esse é um diário da revolução de abril, e sobretudo de Lisboa. Maria João Ruivo escreve o diário de uma mulher da ilha, e isso constitui uma novidade literária e, por isso, um acontecimento a assinalar.

Eu terminava assim o meu prefácio: *Continua sendo tu própria, como tão rica e escorreitamente nos apareces nestas páginas.*

O segundo volume de *Um Punhado de Areia nas Mãos* confirmou o talento, e a novidade passou a ser um dado concreto das nossas letras. Mais uma escritora, mais uma mulher a partilhar a sua visão e deste nosso mundo, numa linguagem incisiva, clara e vernácula, sabida da vida. Todos aguardamos o próximo, todavia o que é público até aqui mais do que justifica esta

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

homenagem. Por isso eu achei que deveria ignorar o facto de ela ser ainda demasiado jovem para ser vítima de homenagens. Daí eu ter aceitado vir aqui sacrificá-la em público dizendo o que penso dela. Com a complicidade da minha Leonor, que pensa o mesmo.

Onésimo Teotónio Almeida

### 18. MÁRIO MOURA, HISTORIADOR, CM DA RIBEIRA GRANDE, AÇORES

#### APRESENTOU A COMUNICAÇÃO SOCIAL NO CONCELHO, A ESTRELA ORIENTAL I SÉRIE (1856-1858)

##### 1. Sinopse

Na quarta-feira, dia 28 de maio de 1856, quando sai na Vila da Ribeira Grande o primeiro número de *A Estrela Oriental*, em São Miguel, só existiam jornais na cidade de Ponta Delgada. Nos Açores, só a cidade de Angra do Heroísmo, tinha jornais. Aliás, o primeiro jornal publicado nos Açores, surgira vinte e seis anos antes em Angra do Heroísmo.

Parece ser consensual admitir-se (pelo menos provisoriamente) que o primeiro título conhecido é a '*Crónica da Terceira*,' de 1830, publicada em Angra do Heroísmo, e que, em 1831, naquela mesma cidade, '*A Crónica da Terceira*,' muda de nome para '*A Crónica*,' e que, em 1832, esta mesma *Crónica*, é publicada em Ponta Delgada. São jornais oficialmente ligados ao Governo Liberal nos Açores.

Na ilha de São Miguel, o primeiro jornal não oficial, de iniciativa de um grupo de liberais, foi o *Açoriano Oriental*, apareceu em abril de 1835, sendo seu primeiro editor, José Maria da Câmara Vasconcelos, que iria fundar, em 1857, *A União*, o segundo jornal da Ribeira Grande.

Nos restantes concelhos da Ilha, a imprensa apareceu em Vila Franca do Campo, '*O Vilafranquense*,' em 1861; na Povoação '*O Povoacense*,' em 1879; na Lagoa, '*O Eco Lagoense*,' em 1887; e no Nordeste, '*O Informador*,' em 1888.

O jornal *A Estrela Oriental* colocou a Ribeira Grande no pelotão da frente do progresso na ilha de São Miguel.

A razão da escolha do nome *A Estrela Oriental*? Era bom que nos tivessem dito, infelizmente, resta-nos especular. Terá esse nome algo a ver com o nome *Açoriano Oriental*?

O meu raciocínio: Se o Açoriano acrescentou Oriental, porque a ilha de São Miguel fica no grupo Oriental, então, *Estrela*, porque a padroeira da Ribeira Grande é Nossa Senhora da Estrela. Oriental, porque ficava no grupo Oriental, Estrela porque ficava no norte da ilha de São Miguel? Ou porque *A Estrela do Norte*, apontavam para um rumo seguro? Será? Se calhar, a opção do nome foi mais prosaica. Quem sabe? Seja qual for a origem do nome *A Estrela Oriental*, o primeiro número sai à rua na quarta-feira dia 28 de maio de 1856.

A sede do jornal ficava no n.º 31 da Rua do Valverde, hoje rua do Passal.<sup>18</sup>

Apesar de não vir expresso, entende-se que João Albino Peixoto (n. 05.08.1803 CRG – f. 12.07.1891 CRG) está no projeto.

O Editor é Francisco Maria Supico (n. 1.11. 1830, *Lousã* – f. 20.08. 1911, *Ilha de São Miguel*) que também não figura como tal, assinando apenas um poema. <sup>19</sup> Supico viria a ser o mais influente jornalista da ilha de São Miguel. É, por muitos, considerado o maior jornalista do século XIX. O editor foi João Jacinto Botelho.

A 3, um documento oficial esclarece-nos um pouco mais. É o termo de declaração dos editores. Foi oficialmente prestado no Governo Civil. Vejamos: '*Termo de declaração de João Jacinto Botelho desta Cidade [Ponta Delgada], empresário do periódico – Estrela Oriental. (...) declarou que ia publicar (de sociedade).*' <sup>20</sup> João Jacinto publicava em sociedade. Com quem? João Albino e Francisco Maria Supico? E declarava ser o periódico 'estranho inteiramente a política, questões religiosas, ou injúria (...).' <sup>21</sup>

Acerca da declaração de ser apolítico e alheio à religião, *O Correio Micaelense*, de Ponta Delgada, ao dar as boas vindas ao novo jornal achava que seria 'muito mais útil que' *O Estrela Oriental*, '*em vez de ser simplesmente literário, entrasse na classe dos que podem discutir a questões políticas. Não damos conselho, nem o precisam; mas, devendo apresentar francamente o nosso juízo, somos obrigados a dizer, que a Estrela Oriental poderia advogar mais desembargadamente os interesses da sua terra, entrando nas questões políticas; descendo aos factos; e que a populosa e rica Vila da Ribeira Grande está nas circunstâncias de carecer de uma imprensa que satisfaça esta necessidade.*' <sup>22</sup>

Na prática, aqui e além, sempre o terá feito. Logo no primeiro número, o tema de Santa Iria foi aflorado.

Albino explicaria o que pensava disso: '*Se esta folha pela inabilitação, não podemos tocar num corpúsculo, que pertença à Política; quer-nos parecer que é só não tocar em alguma cor, ou questão, que se oponha à Carta; e às Leis, que nos regem, e a que com gosto nos submetemos. Nada de tais questões é para nós; já hoje, e desde muito tempo nos parece isso uma quimera.*' <sup>23</sup>

##### 2. A nossa (versão) da História dos periódicos (jornalistas e tipografias) da Ribeira Grande (que existiram e existem)

A propósito de tarefas para avaliação curricular, propus (aos meus superiores hierárquicos) e foi aceite, com a finalidade de auxiliar na constituição do desejável Guia de Fundos, duas achegas: uma, à Biografia dos Jornais, jornalistas e tipografias da Ribeira Grande. **Outra**, à História da Fotografia, Fotógrafos e estúdios Fotográficos da Ribeira Grande. Destinam-se (repito-o) a Guias da Hemeroteca e da Imageteca. Vou Muito por alto) referir-me aos periódicos da Ribeira Grande de 1856 a 2022. Cujos exemplares (sobreviventes) se podem (hoje) encontrar

<sup>18</sup> *A Estrela Oriental*, Ribeira Grande, n.º 1, 28 de Maio de 1856, fl. 4.

<sup>19</sup> Riley, Carlos Guilherme, *Na Botica da História*, in Índices das Escavações de Francisco Maria Supico, Volume IV, ICPD, 2001: '*A Estrela Oriental [Nota 22] Folha literária, comercial, agrícola e noticiosa, de periodicidade semanal, fundada por João Albino Peixoto. Foi seu redator principal, desde o primeiro número (28 de Maio de 1856), Francisco Maria Supico até que, em março de 1858, quando o jornal fez a sua habilitação política.*' Verifiquei as datas. Não confirmei, porém, a habilitação política.

<sup>20</sup> BPARPD, Livro de termos de declaração dos editores responsáveis de quaisquer periódicos que se publiquem no Distrito, Governo Civil Ponta Delgada, n.º 491, fls. 18 v. 19.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> *Correio Micaelense*, Ponta Delgada, 7 de junho de 1856, p. 2.

<sup>23</sup> Editorial, *Estrela Oriental*, Ribeira Grande, 20 de agosto de 1856, p. 1:

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

(apenas) na Biblioteca e Arquivo Regionais em Ponta Delgada. Mas vou aqui referir-me muito por alto) ao jornal O Estrela Oriental, o primeiro periódico publicado na Ribeira Grande. O primeiro publicado fora de Angra e de Ponta Delgada. Um ano antes do primeiro da Horta. O Estrela Oriental conheceu III séries desde 1856 a 2002. A Ribeira Grande foi o 3.º Concelho açoriano (antes da Horta) a ter Jornal. De 1856 a 2022. Ultrapassam os **cinquenta títulos**. Em número de títulos publicados, a Ribeira Grande fica em 4.º Lugar, atrás de Ponta Delgada (186), Angra (144) e Horta (90). De 1856 à década de quarenta do século XX, a Ribeira Grande conheceu vinte e três títulos. Entretanto, devo dizer que a Hemeroteca da Ribeira Grande (além do que sobreviveu à Biblioteca Municipal) é formada pelos títulos que a (então) Casa da Cultura subscrevia e disponibilizava ao público: todos os jornais em publicação na Ilha, nos Açores, na Madeira e alguns do Continente. Incluía igualmente o Portuguese Times de New Bedford. Resulta (em grande parte) da campanha de angariação desenvolvida entre 1986 (data em que entro para a Câmara da Ribeira Grande e 2008 (quando deixo de ter essa incumbência).<sup>24</sup> Nos primeiros dezoito anos, já atingimos as 769 entradas (inventário de 1990). De então a 2008, aumentáramos consideravelmente o número de títulos. Uma coleção de leis do Reino do século XVI/XVII até finais da Monarquia Constitucional encadernada a couro. Uma não menos valiosa coleção de Almanques e de Anuários desde meados do século XIX a meados do século XX. Num primeiro esforço, foi tentada (sem sucesso imediato) a digitalização dos periódicos da Ribeira Grande existentes na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.<sup>25</sup> No entanto, na Hemeroteca Regional já se pode consultar o Estrela Oriental, O Norte, O Globo e o Liberal. E a III série de A Estrela Oriental está acessível em formato digital.

3. I Série (terá três momentos distintos sendo o primeiro de 1856-1858)

No dia 28 de maio de 1856, quando sai na Ribeira Grande o primeiro número de *A Estrela Oriental*, nos Açores só existiam jornais nas cidades de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo. O primeiro jornal (tanto quanto se sabe) publicado nos Açores, surgira vinte e seis anos antes em Angra do Heroísmo. Parece ser consensual admitir-se (pelo menos provisoriamente) de que o primeiro título conhecido (nos Açores) é a '*Crónica da Terceira*,' de 1830, publicada em Angra do Heroísmo, e que, em 1831, naquela mesma cidade, '*A Crónica da Terceira*,' muda de nome para '*A Crónica*,' e que, em 1832, esta mesma *Crónica*, é publicada em Ponta Delgada. São jornais oficialmente ligados ao governo Liberal nos Açores. Na ilha de São Miguel, o primeiro jornal não oficial, de iniciativa de um grupo de liberais, foi o *Açoriano Oriental*, que apareceu em abril de 1835. Era seu editor, José Maria da Câmara Vasconcelos, que iria fundar, em 1857, *A União*. O segundo jornal da Ribeira Grande. Nos restantes concelhos da Ilha, a imprensa apareceu em Vila Franca do Campo, '*O Vilafranquense*,' em 1861; na Povoação '*O Povoacense*,' em 1879; na Lagoa, '*O Eco Lagoense*,' em 1887; e no Nordeste, '*O Informador*,' em 1888. O jornal *A Estrela Oriental* colocou a Ribeira Grande no pelotão da frente do progresso 8 como se entendia então os jornais) na Ilha de São Miguel. A razão da escolha do nome *A Estrela Oriental*? Terá esse nome algo a ver com o de o *Açoriano Oriental*? Se o Açoriano acrescentou Oriental, porque a Ilha de São Miguel fica no grupo Oriental, então, *Estrela*, porque a padroeira da Ribeira Grande é Nossa Senhora da Estrela. Oriental, porque ficava no grupo Oriental, Será? Se calhar, a opção do nome foi mais prosaica. Quem sabe? A sede (inicial, iria mudar ao longo da sua vida) do jornal ficava no n.º 31 da Rua do Valverde, hoje rua do Passal.<sup>26</sup> Apesar de não vir expresso, entende-se que João Albino Peixoto (n. 05.08.1803 CRG – f. 12.07.1891 CRG) está no projeto. Francisco Maria Supico (n. 1.11. 1830, *Lousã* – f. 20.08. 1911, *Ilha de São Miguel*) que também não figura como tal, assinando apenas um poema.<sup>27</sup> Supico viria a ser o mais influente jornalista da Ilha de São Miguel. É, por muitos, considerado o maior jornalista do século XIX. O editor foi João Jacinto Botelho. A 3, um documento oficial esclarece-nos um pouco mais. É o termo de declaração dos editores. Foi oficialmente prestado no Governo Civil. Vejamos: '*Termo de declaração de João Jacinto Botelho desta Cidade [Ponta Delgada], empresário do periódico – Estrela Oriental. (...) declarou que ia publicar (de sociedade).'*<sup>28</sup> **Que se pretendeu (no início) com o 'A Estrela Oriental'?** '*Era tempo, O nosso progressivo desenvolvimento assim o exigia. Exigia-o também a grandeza da nossa população e as necessidades da época em que vivemos! Esta Vila, a primeira e a principal de toda a monarquia, já pela sua numerosa população e riquezas, e já pela atividade e inteligência dos seus habitantes, está no caso de ter uma Folha periódica, mostrando assim que não se torna indiferente ao grande desenvolvimento das sociedades modernas.'*<sup>29</sup>. '*A Estrela Oriental aí está franca a nossos patrícios, que de suas colunas se queiram utilizar, logo que seus escritos se conformem com o nosso programa tão simples como necessário!*' Qual o seu posicionamento? Ei-lo: '*Somos alheios a questões políticas – não discutiremos os atos governativos, mas havemos consignar todos os que por sua importância influírem em nossos interesses.*' Concluindo: '*A nossa missão é tratar dos interesses gerais deste Distrito, com especialidade, os deste Concelho, e tornar tão variado o nosso pequeno periódico, que das notícias tanto internas, como externas, fiquem os nosso leitores sempre em dia, apresentando também variedades instrutivas e agradáveis.*'

4. I Série (1858-1866) fim (em 1858) do período de Supico

Oficialmente é requerida a alteração de folha literária a política ao Governo Civil em 25 de fevereiro de 1858: '*Termo de declaração que faz João Jacinto Botelho, da Vila da Ribeira Grande, como Editor responsável do Periódico A Estrela Oriental (...) responsável pelo periódico político – A Estrela Oriental que semanalmente se publica na referida Vila.*'<sup>30</sup>. Quem substituiu Supico? Teófilo Ferreira?<sup>31</sup> Tenho as minhas dúvidas. O nome original de Teófilo (n. 17.04-1839 – Santa Cruz – Flores – f. 12.12.1893 – Lisboa) **32** era Manuel José Salvador, havendo-o mudado

<sup>24</sup> Na sequência de uma troca de impressões, acerca de objetivos de trabalho a avaliar, propus, ao então vereador da Cultura, Dr. Filipe Jorge, três trabalhos que venho insistindo desde 2010: O Guia do Arquivo Arqueológico (estudo dos seus fundos e reabertura do Laboratório Arqueológico), Guia das Imagens e Guia da Hemeroteca. Em 2019/2020, ficou combinado que avançaria para os dois últimos. O que fiz. No entanto, por serem textos volumosos, optei por dividi-los, e começar pela publicação do espólio da Hemeroteca.

<sup>25</sup> Moura, Mário, Proposta de atividades para o ano de 1988, Ofício enviado por esta Casa da Cultura ao Senhor Presidente [da Câmara Municipal da Ribeira Grande], datado de 16 de março de 1988: '*Sugerimos a microfilmagem ou fotocópia do valioso pecúlio jornalístico do Concelho existente na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada. A sala de leitura, já proposta a Vossas Excelências, disporia de revistas, boletins, jornais, enciclopédias, etc..*'

<sup>26</sup> *A Estrela Oriental*, Ribeira Grande, n.º 1, 28 de maio de 1856, fl. 4.

<sup>27</sup> Riley, Carlos Guilherme, *Na Botica da História*, in Índices das Escavações de Francisco Maria Supico, Volume IV, ICPD, 2001: '*A Estrela Oriental [Nota 22] Folha literária, comercial, agrícola e noticiosa, de periodicidade semanal, fundada por João Albino Peixoto. Foi seu redator principal, desde o primeiro número (28 de maio de 1856), Francisco Maria Supico até que, em março de 1858, quando o jornal fez a sua habilitação política.*' Verifiquei as datas. Não confirmei, porém, a habilitação política.

<sup>28</sup> BPARPD, Livro de termos de declaração dos editores responsáveis de quaisquer periódicos que se publiquem no Distrito, Governo Civil Ponta Delgada, n.º 491, fls. 18 v. 19.

<sup>29</sup> *A Estrela Oriental*, Ribeira Grande, n.º 1, 28 de maio de 1856, fl. 1.

<sup>30</sup> BPARPD, Livro de termos de declaração dos editores responsáveis de quaisquer periódicos que se publiquem no Distrito, Governo Civil Ponta Delgada, n.º 491, fls. 26 v – 27.

<sup>31</sup> Riley, Carlos Guilherme, *Na Botica da História*, in Índices das Escavações de Francisco Maria Supico, Volume IV, ICPD, 2001, p. XIX, nota 22: '*quando o jornal faz a sua habilitação política, estas funções passaram a ser assumidas por Manuel Constantino Teófilo Ferreira.*'

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

para Manuel Constantino Teófilo Augusto Ferreira.**33 Quem era Teófilo Ferreira?** Nasceu '(...) em 17 de abril de 1840 [1839], **34 na Ilha das Flores (...)** aos 8 anos de idade, já ia ao mato buscar lenha com que se havia de fazer a panela da família pobre, para em seguida ir para a única escola de instrução primária que então aqui havia, sofrer os maus tratos de um professor ignorante e mau.'**35. Apesar de Teófilo colaborar, creio ter sido antes João Albino Peixoto responsável).** Em finais de 1862, já o jornal *A União* havia deixado de se publicar, João Albino Peixoto domina por inteiro as páginas de *A Estrela Oriental*, que então se publicava aos sábados.**36** Não há qualquer referência ou simples alusão a João Jacinto Botelho. No cabeçalho, a quem queira usar dos serviços da empresa, apenas isso: 'subscreeve-se no escritório da Tipografia da Estrela, rua do Espírito Santo, e em Ponta Delgada na Tipografia de Joaquim José Botelho, na rua das Cabaças.' O Joaquim José (a não haver gralha), seria irmão de José Joaquim e de João Jacinto? Todos os três tipógrafos?

5. *A Estrela Oriental* - II Série (1869-1919) – José Joaquim Botelho e Gualberto Soares Vargas

De 1866-19. Encerrado. *A Estrela Oriental* reabre, numa segunda série, em 1869, e encerra a sua publicação em 1919.**37** O responsável pela II Série foi José Joaquim Botelho. O fundador do Jornal, João Albino Peixoto ajuda no que pode, em 1869, colabora com a parte poética. Mantém-na em 1870 e 1871. O primeiro responsável, Francisco Maria Supico também colabora enviando e recebendo notícias, textos. Porquê a escolha de novo daquele título, quando podiam ter escolhido outro? Aliás, havia-se publicado outros títulos. Talvez porque era o mais antigo da terra? Talvez porque herdara parte do irmão? Não se sabe. Conforme entrada em Catálogo de Jornais Açorianos, a tipografia continuava a ser na rua de João da Horta mas a sociedade, a julgar pelo nome, Tipografia de Botelho & Vargas, mudara. Gualberto Soares Vargas juntara-se a José Joaquim, seu padrao. Gualberto, juntamente com o experiente Teófilo Ferreira, seriam os redatores.**38**

6. III Série junho de 2001- janeiro de 2003

Sempre que dê jeito à narrativa, vamos andar para a frente e para trás na nossa História deste Jornal. Publicaram-se de junho de 2001 a janeiro de 2003, 20 números. De periodicidade mensal. Era propriedade da *Cooperativa Cultural Mãe de Água*.**39** O Diretor foi Oliveira Moura, aliás Mário Moura, e o Diretor Ajunto, Melo Teodoro, aliás Hermano Teodoro (n. 16 de novembro de 1963 – Ribeira Grande – f. 13 de novembro de 2014 – Ponta Delgada). A razão primeira do jornal vem bem expressa no ponto 2: '*A Estrela Oriental* procurará dar voz a uma cidade em desenvolvimento, participando ativamente – pela informação, pela análise, pela divulgação, pela crítica e por outros modos de observar a realidade – na vida social, política, económica e cultural da Ribeira Grande, sem esquecer a sua história nem deixar de tentar intervir nas intenções ou ações que possam contribuir para um seu futuro melhor.'

Se um dos objetivos, consistiu em atrair continuadores, falhámos. Se foi o de criar uma opinião pública informada e independente, também falhámos. Foi o que pensei durante anos a fio até reler os 20 números do jornal, de examinar o arquivo do jornal, e de conversar com quem nos acompanhou. Alguma coisa mudou de então para cá. Presunção? Não tenho dúvidas de que algumas das propostas do jornal, foram postas em prática. Se o cidadão da Ribeira Grande, porventura, não se tornou mais exigente com o poder, todavia, parece apreciar a História da sua terra. Se não houve continuadores para o nosso projeto, surgiram outros.

7. Antes de terminar

A imprensa na Ribeira Grande foi bem considerada pela imprensa da Ilha, assim se percebe que os jornais da Ribeira Grande existentes em 1895, além dos de Ponta Delgada, pela sua credibilidade e probidade, tenham sido convidados a fazer parte de um Grémio de Imprensa: *Manuel Duarte Silva, da Estrela Oriental, Mariano Victor Cabral, do Norte*. **40** O projeto não foi, contudo, por diante. Estiveram ligados aos jornais desta fase, na Ribeira Grande, José Maria da Câmara Vasconcelos, primeiro redator de o *Açoriano Oriental*, Francisco Maria Supico, que viria a tornar-se o jornalista mais respeitado da Ilha, Félix José da Costa, o grande jornalista Terceirense, Teófilo Ferreira, que ocuparia cargos de relevância em Lisboa e, para terminar, Teófilo de Braga, que se estreou num jornal da Ribeira Grande. Poderia, sem entrar em detalhes, falar por alto de alguns dos mais influentes jornais posteriores aos que me ocupei com mais profundidade, tais como o influente *O Norte*, do Cónego Cristiano, ou a *Semana*, de Manuel Faria Marques, ou o *Ecos do Norte*, de Ezequiel Moreira da Silva. Fiquemos por aqui. Devo, antes de terminar, ser grato a todos os títulos, sem a informação neles contida, aliada aos arquivos e às crónicas, a História da Ribeira Grande do século XIX e inícios do XX, seria vista de fora da Ribeira Grande.

**32** Dias, Urbano Mendonça, *Literatos dos Açores*, 2.ª edição, 2005, p. AMRG, Traslado de Nascimento e batismo, nascimento a 17 de abril de 1839, em Santa Cruz, Ilha das Flores, Ouvidoria da Ribeira Grande, Autos de Proclamação de casamento da Ouvidoria da Ribeira Grande, Ano 1865 – C, Processo de casamento e Auto de Proclamação de Manuel Constantino Teófilo Augusto Ferreira e Maria Elvira da Silva Ferreira.

**33** *A Persuasão*, Ponta Delgada, 23 de janeiro de 1901.

**34** AMRG, Traslado de Nascimento e batismo, nascimento a 17 de abril de 1839, em Santa Cruz, Ilha das Flores, Ouvidoria da Ribeira Grande, Autos de Proclamação de casamento da Ouvidoria da Ribeira Grande, Ano 1865 – C, Processo de casamento e Auto de Proclamação de Manuel Constantino Teófilo Augusto Ferreira e Maria Elvira da Silva Ferreira.

**35** Folhetim Teófilo Ferreira, *O Noticiário*, Ribeira Grande, N.º 20, 3 de julho de 1882, fl. 1.

**36** *A Estrela Oriental*, Ribeira Grande, 6 de dezembro de 1862, fls. 1-3.

**37** Andrade, Manuel Jacinto de, *Jornais centenários dos Açores*, Gabinete do Subsecretário Regional da Comunicação Social, 1994, p. 67: '(...) terminou em 6 de janeiro de 1900.' Todavia, de acordo com: *Jornais Açorianos: Catálogo, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada*, Ponta Delgada, 1995, p. 31: '131: *Estrela Oriental*. Ribeira Grande, 1869-1919. *Estrela Oriental*, Ribeira Grande, n.º 12, 5 de abril de 1919.

**38** *Jornais Açorianos: Catálogo, Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada*, Ponta Delgada, 1995, p. 31, entrada 131; Só vi o *A Estrela Oriental*, Ribeira Grande, II Série, n.º 7, 4 de novembro de 1869, fl. 4, ainda não vi o n.º 1. Só então confirmo ou não Teófilo Ferreira.

**39** Moura, Mário, *Crónica da Constituição da Cooperativa Mãe D'Água*, Volume I, entrada de 20 de março de 2001: 'Jornal Oficial, III Série, n.º 5, de 15 de março do corrente, entre as páginas 235 e 242, foi publicado o Estatuto da Cooperativa Cultural Mãe D'Água – CRL (...).'

**40** *O Norte*, Ribeira Grande, n.º 26, 9 de novembro de 1895, fl. 2: 'Ao público. Os jornalistas abaixo assinados, rematando a campanha de honra em que se empenharam, decidiram constituir um Grémio de Imprensa (...), Ponta Delgada, 4 de novembro de 1895.' Silva, Susana Serpa, *Açoriano Oriental: 1835-2000*, Ponta Delgada, 2011, p. 81: 'novembro de 1895 chegou a ser constituído, em São Miguel, um Grémio da Imprensa do qual faziam parte os jornalistas José Inácio de Sousa, por *O Açoriano Oriental*, Andrade Albuquerque, pelo *Agricultor Micaelense*, Gil Monte Alverne de Sequeira, da *Autonomia dos Açores*, Manuel Duarte Silva, da *Estrela Oriental*, Mariano Victor Cabral, do *Norte*, e Francisco Maria Supico que, por si só, representava a *Gazeta da Relação*, a *Liberdade* e a *Persuasão*. Entre os princípios da nova associação constava o de não ser admitido quem se desviasse da linha de ilustração e dignidade que deve andar sempre revestida esta nobre instituição. (*Açoriano Oriental*, Ponta Delgada, n.º 3158, de novembro de 1895)

1.

Em primeiro lugar, cabe-me agradecer à Helena e ao Chrys Chrystello a oportunidade que me deram de ter feito parte deste projeto. Estou muito grato pela confiança que depositaram em mim.

Encarei esta minha participação como um privilégio, desde logo, por ter tido acesso aos poemas dos escritores (por questões de economia de tempo e de espaço, inibo-me de recorrer nesta comunicação à novílingua inclusiva) que fazem parte da coletânea. Nunca será demais enunciar os seus nomes em voz alta: Álamo Oliveira, Alexandre Borges, Aníbal Pires, Chrys Chrystello, Eduíno de Jesus, Malvina Sousa, Nuno Costa Santos, Paula de Sousa Lima e Telmo Nunes. Acredito que estes autores não têm o reconhecimento público que deviam, pois têm feito muito pela nossa cultura e ver-me no meio deles é um motivo de grande orgulho.

2.

Em segundo lugar, queria dar os parabéns a todos aqueles que contribuíram para a execução deste livro e, em particular, uma vez mais, à Helena e ao Chrys pela iniciativa e pela devoção incansável a esta causa que constitui a divulgação da literatura açoriana. Queria também enaltecer o papel que têm tido as Letras Lavadas como parceiro indispensável em todo este processo.

Num tempo de globalização homogeneizante, faz falta publicar autores açorianos ou inspirados pelos Açores e, assim, permitir a uma cultura periférica existir num mercado livreiro dominado por produtos prontos a consumir (por vezes, de origem duvidosa).

Também faz falta publicar mais traduções e queria realçar o mérito e a originalidade desta edição multilingue, que torna estes textos acessíveis a um espetro alargado de leitores, despertando curiosidade e dando a conhecer os autores a leitores de outros países. É, conseqüentemente, um gesto humanista pelo quanto contribui para a aproximação das culturas e dos povos. A esse respeito, deixem-me citar Umberto Eco que, na obra laudatória intitulada "Dizer quase a mesma coisa", classificava a Tradução como a língua da Europa.

Além disso, este livro "9 poemas 9 línguas" afigura-se como uma verdadeira ferramenta didática pelo quanto possibilita o cotejo imediato entre 9 línguas diferentes. De uma forma muito pragmática, estes poemas podem fazer parte de um corpus e constituir um objeto de estudo em aulas de língua estrangeira e/ou em aulas de Tradução.

Por outro lado, como é sabido, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor conhecimento da nossa própria língua e, por conseguinte, da nossa própria cultura, ou seja, o conhecimento de outras línguas contribui para um melhor autoconhecimento. É terapêutico. Perfilho aqui as teses de Barbara Cassin, autora do famoso Dicionário dos Intraduzíveis, que apregea a capacidade salvífica da Tradução.

3.

Gostaria agora de tecer algumas considerações sobre a função do tradutor e sobre o ato de traduzir. O tradutor começa por ser um leitor, encara a leitura como um momento de fruição e a tradução como uma grande responsabilidade, na medida em que pretende fazer chegar um texto que não lhe pertence a leitores de uma outra língua. Neste sentido, o tradutor é uma espécie de elo intercultural, faz a ponte entre duas línguas (recorrendo aqui à metáfora utilizada por João Barrento, que, em "O poço de Babel", explorava o sentido etimológico da palavra "traduzir": "tra-ducere", conduzir para a outra margem).

Mas, se, por um lado, o tradutor é um elo (neste sentido, une, liga, aproxima), a verdade é que a tradução, como texto de chegada, também se afasta, de alguma forma, do texto de partida. Traduzir não equivale a copiar um texto noutra língua. Quando se traduz não se trata de fazer igual. Isto é, o tradutor reinterpreta o texto.

Posso usar aqui duas imagens para ilustrar melhor esta ideia tiradas de outros campos da atividade humana. Pensem na mesma receita preparada pelo mesmo chefe que nunca resulta duas vezes exatamente da mesma maneira. Ou na mesma sinfonia que nunca é tocada duas vezes pela mesma orquestra exatamente da mesma maneira.

Talvez um dia, quando os robôs se encarregarem disso. E, neste caso, o desempenho e as obras perderão a sua originalidade, a sua capacidade para espantar, para se reinventarem.

Ora, uma tradução tem a sua dose de originalidade. O tradutor e o seu leitor devem estar cientes disso mesmo e aceitar que a tradução é um texto reescrito (ou será escrito "a quatro mãos"?). Não é uma segunda mão, é uma outra versão, com todos os riscos que comportam as versões.

O tradutor não imita, tenta recriar (o que etimologicamente significa "reanimar", dar novo fôlego). Mudar de língua é mudar de código, é mudar de mundividência.

Mas o tradutor nunca abandona o autor, nunca perde de vista o texto de partida.

Mais do que isso, o tradutor é cúmplice do autor. Cúmplice na transgressão, pois o poeta é um criador que inova e deturpa o sentido das palavras com propostas, por vezes, arrojadas e, até mesmo, disruptivas.

Apresentando, agora, alguns exemplos daquilo que foi o meu trabalho neste livro, começo por lembrar o poema insondável de Alexandre Borges ("Um homem imperfeito junto ao mar"). É transgressivo no uso da anáfora "hás de encontrá-lo", complexo verbal, e "ás de encontrar", locução nominal. Por muito solidário que eu tenha tentado ser, este foi um tropo que não consegui replicar totalmente. Mantive a anáfora, no entanto perdeu-se o atrevimento da escolha lexical que participa, simultaneamente, da construção de um campo em torno do jogo de cartas, "ás, naipe, trunfo, renúncia". Por sua vez, o termo "renúncia" também é usado duas vezes no poema com sentidos diferentes: com o sentido de "abdicação", a primeira vez e de "violação das regras", a segunda. Na língua francesa, são duas palavras distintas: "renoncement" e "renonce", respetivamente. Portanto, é justo reconhecer que, com a tradução, se dá, por vezes, um certo empobrecimento do texto de partida.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

De facto, a criatividade dos autores converte-se, proporcionalmente, em dificuldades para o tradutor. Manter a rima no poema de Malvina Sousa foi um desafio (Um exemplo: Agarra os silêncios e sê o grito/sê pequeno... sempre aspirante a mito = Saisis les silences et sois le cri/sois petit... aspire sans cesse à l'utopie), *idem* no que tocou a replicar o estilo da prosa poética de Paula Sousa Lima (veja-se a sequência: "E dizem ainda as gentes... em lagoas se tornaram").

Portanto, mais do que obter, no texto de chegada, uma equivalência perfeita palavra a palavra, o objetivo é reproduzir os efeitos do texto de partida de modo a não defraudar, a não trair o espírito do texto (desmentindo, assim, o aforismo italiano em forma de paronomásia, segundo o qual o "traduttore" é um "traditore"), e indo assim ao encontro do que Walter Benjamin, preconiza na sua obra "A tarefa do Tradutor". Nesta linha de pensamento, era pois fundamental encontrar as soluções adequadas de modo a preservar, no poema de Nuno Costa Santos, por exemplo, a personificação do "mar", "orgulhoso e mudo", "fière et muette", que "vai envelhecendo" (qui vieillit peu à peu) ou a prosopopeia com que Eduíno de Jesus descreve as "palavras" "imprecisas" e "volúveis" (escavam os abismos, abrem as asas e desferem o voo = ils creusent les abîmes, ouvrent les ailes et déploient le vol). Ou ainda a homenagem pungente ao povo ucraniano no tom acusatório de Álamo Oliveira: "amanhã vai haver outro povo que não fala/ e tudo será apagado sem mais remorso = demain un autre peuple se taira/et tout sera effacé sans plus de remords".

No conjunto dos 9 poemas, caracterizados por uma grande diversidade de temas e de estilos, era importante ser solidário com as propostas lexicais mais imaginativas dos autores desde os "nados naufragos" = "naufragés-nés" e das "manhãs paridas" = "matins vêlés" do Telmo Nunes até à "espuma dos homens-a-dias" = "l'écume des hommes de ménage" do Alexandre Borges (eventual aparte sobre os papéis de género), passando pelo "teu jeito tão desigual, tão nosso" = "tes manières si inégales, si nôtres" de Aníbal Pires.

Para alguns teóricos, uma boa tradução é invisível, ou seja, deve garantir que o texto de chegada não pareça uma tradução e não cause estranheza. Ora, como Antoine Berman (em "L'épreuve de l'étranger"), sou apologista de uma tradução ética, promotora de uma relação dialógica entre línguas e culturas, que não neutraliza os elementos mais marcados do texto de partida para aumentar artificialmente a sua legibilidade. Talvez o poema "Maria nobody" de Chrys Chrystello, poema da rima discreta, poema dos monossílabos e dos dissílabos, poema dos anglicismos, seja o poema que melhor evidencia esse desiderato.

Diria que o ato de traduzir é um trabalho sempre inacabado, que fica, muitas vezes, na sombra e que, por isso, carece de ser explicado, ideia sustentada noutros termos por Lawrence Venuti, no livro "The translator's invisibility".

Só assim se consegue promover a transparência e uma maior aceitação da tradução.

E atenuar no tradutor o sentimento de insatisfação ou, até mesmo de alguma frustração gerada pela convicção de uma incompletude natural do ato de traduzir. Foi o que tentei fazer hoje, obrigado por me terem ouvido.

Ribeira Grande,

7 de outubro de 2023

Miguel Lopes

### 31. NATIVIDADE RIBEIRO, ESCRITORA, AICL

#### TEVE APRESENTAÇÃO DE DOIS LIVROS SEUS, UM POR CONCEIÇÃO MENDONÇA E OUTRO POR JORGE ARRIMAR

##### 1. CONCEIÇÃO MENDONÇA APRESENTOU QUE LENÇO COBRIRIA A DOR NATIVIDADE RIBEIRO

Conheci a Natividade nos tempos do Liceu. Voltei a encontrá-la na Faculdade de Letras de Lisboa. Perdemos o contacto. Andei por Setúbal e regressei aos Açores. Ela foi para Macau e retornou a Lisboa.

Em 2021 recebi uma mensagem da Natividade informando-me que me tinha encontrado através de outra açoriana, que seguia nas redes sociais. Assim nos reencontrámos e trocámos algumas mensagens. Enviou-me o livro *A Casa Azul*, obra que me deixou uma forte impressão porque me reconheci em muitas passagens e fez-me evocar uma adolescência inquieta, aparentemente despreocupada, mas assaz desassossegada e inconformada com o ambiente sombrio em que se vivia. Escutando as vozes de mudança que vinham de outras latitudes, projetava-se em nós uma vontade inabalável de ultrapassar barreiras e saltar muros, como expressa a Natividade no seu poema «Porém», do livro *Em Corpo de Palavra* (2021): «Nos vastos campos da infância / Ainda que rodeados de mar (...) / havia o livro do mundo aberto (...). / Porém / o livro a fechar-se, a fechar-se... // Imensos muros! Impuros muros!»

Falemos do livro *Que Lenço Cobriria a Dor* – um título que encerra uma pergunta que nos interpela e nos persegue ao longo de toda a leitura, e à qual somos quase como que impelidos a dar uma resposta.

A escritora, diagnosticada com um cancro da mama em plena pandemia, relata-nos, na primeira pessoa, a penosa experiência de um ser humano à beira de uma situação-limite. E partilha connosco o sentimento de solidão da pessoa quando confrontada com a circunstância de finitude. Ao olhar-se ao espelho constata essa situação porque lhe é devolvida a imagem de precariedade da existência. Para exemplificar esse caminho solitário de abandono perante o reflexo do espelho, recorro ao poema sob a anotação titular «Marcada a data da cirurgia»:

"Embora depois no vestiário desinfetado tenha feito uma selfie / para não perder um grande espelho que gritava / Fragilidade Vulnerabilidade / Tendo considerado aquele espelho / precisamente aquele espelho desprezível. / E o combate? O Duelo? / Não valia a pena dizer a verdade sobre a certeza das incertezas (...)" (pp. 27-28)

Perante grandes ruturas somos como que alheios a nós próprios, porque a dor rompe a unidade do ser. Olhamo-nos com estranheza e questionamos o nosso Eu fragmentado pela violência dos acontecimentos. «Como continuar a existir, se o tempo se quebrara de repente?», pergunta Teolinda Gersão, no seu livro *Paisagem com Mulher e Mar ao Fundo*. Cada um dará a sua resposta porque a dor, segundo os especialistas, não é só um facto fisiológico, mas é sobretudo um facto existencial.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Apesar de nos levar à geografia da dor humana, a autora não cede ao desespero nem desiste de lutar; pelo contrário investe numa atitude de muita confiança e perseverança perante os factos. Ao recusar o desânimo e o conformismo, aponta-nos um caminho como modo de dar forma ao indizível e recuperar a unidade quebrada.

Uma primeira vertente desse caminho consiste na escolha da escrita e da leitura como imperativos de resistência para a sua fome de ser.

A segunda será o apelo constante à natureza, como bálsamo para a regeneração de forças, e um chamamento do mar e do rio como elementos que sustentam o seu imaginário.

Na descrição da sua vivência encontramos ainda uma terceira forma de suplantar a dor: o apelo à infância, como casa sagrada aonde se retorna para procurar abrigo, e a invocação à ilha/berço como porto firme, onde se ancora depois das tempestades: «As bonecas deixam sempre na casa pequena de Madalena o cheiro a infância que é a casa maior que há».

E voltemos ao título: *Que Lenço Cobriria a Dor*.

Qual a sua funcionalidade ao longo do relato? Quais os valores simbólicos que lhe estão associados?

Por um lado, o lenço apresenta-se como um adereço que cobre a ausência de algo e simultaneamente embeleza. O lenço configura-se como um antídoto contra a incerteza que inquieta, transmitindo confiança e segurança.

Por outro lado, há um lenço em sentido metafórico, que vai dando resposta à dor. O lenço da memória, tecido de tempo. É na revisitação dos lugares da infância, nas memórias da ilha, que a escritora vai encontrando vigor e lenitivo para o tormento da doença e seus contornos. Com todas as vicissitudes inerentes a este estado resta o reduto da memória.

Mesmo sendo uma história pessoal, a autora envolve-nos no decurso dos acontecimentos e toca-nos com os seus questionamentos sobre o sentido das coisas e somos chamados a partilhar das dúvidas inerentes à nossa condição. O livro cumpre o propósito de mostrar que só somos uns com os outros

Mas este livro é também feito de luz, começando pela crença no valor mais importante que podemos ter que é a vida, passando por outros valores como a ternura (pelo seu companheiro de sempre e pelo seu filho, por exemplo), a estima, o humor, a esperança, o belo, a gratidão ao universo e acabando no afeto incondicional à sua Vila Franca do Campo. Valores estes que aqui funcionam como forma de dar sentido e significado ao mundo em tempos inquietos e conturbados, a nível pessoal e coletivo.

Arquipélago - Centro de Artes Contemporâneas, 8 de outubro de 2023

Natividade Ribeiro, *Que lenço cobriria a dor*.

Ponta Delgada, Letras Lavadas, 2022

## 2.0 JORGE ARRIMAR APRESENTA CALÇADA DAS VERDADES DE NATIVIDADE RIBEIRO 38º COLÓQUIO LUSOFONIA, RIBEIRA GRANDE, S. MIGUEL, AÇORES, 07 OUTUBRO 2023 (12:35H)

O livro, *Calçada das Verdades*, de Natividade Ribeiro, que hoje se apresenta, fala-nos de Macau, espaço que nos foi comum, a mim e à autora, durante muitos anos (1985-1998). Mas acontece que antes de Macau, também como a Natividade, eu vivi aqui, nesta ilha, ela que a teve como berço; eu que a tive como morada.

Assim, quando cheguei a Macau, ainda levava comigo nomes e sonoridades próprias de S. Miguel. E a primeira situação em que fui confrontado com isso, aconteceu à chegada, quando vi – com surpresa, confesso! – o nome do navio que me levaria de Hong Kong até Macau. Nessa altura era outubro de 1985 e eu escrevi num pequeno bloco de notas algo que reza assim:

Uma frota de navios pequenos e rápidos. / jefoils, dizem-me. Entro no que tem um nome / que me faz sorrir. S. Miguel, / leio alto. memórias do tempo Ilhéu assaltam-me o espaço / ainda vazio de coisas novas, / porque ainda não há outras / tão recentes como as que trago da ilha. / Volto a estar nos Açores, / tantos quilómetros andados, / ou melhor, voados, / para continuar em S. Miguel, / pelo menos enquanto durar a viagem até Macau.

Não demoraria a saber que cada um dos navios da frota que ligava Hong Kong a Macau tinha o nome de uma ilha açoriana.

E a segunda situação aconteceu no novo Liceu de Macau (designado então por Complexo Escolar), quando me encontrava a organizar a sua biblioteca, em 1986. Desta vez não foi um nome que ouvi, mas um sotaque. A jovem colega que ouvia falar só podia ser micalense. E esse sotaque foi o que me fez aproximar da Natividade mais cedo, foi a primeira ponte que se construiu entre nós e... "a ponte é uma passagem para a outra margem" (como diz a canção).

A partir daí foi uma amizade que nasceu e se fortaleceu em Macau, tendo os Açores como pano de fundo. E é por isso que estamos aqui hoje, como estivemos em 2003, em que me coube apresentar o livro *Os Três Lugares de uma Mulher*, na Livraria Sol Mar. Vinte anos passados, encontramos-nos, mais uma vez, para falar dum livro, agora do que resulta do tempo macaense, que é, afinal, para onde nos leva a calçada das verdades...

E é verdade que este livro, *Calçada das Verdades*, é coerente com o título. É verdade que se trata de uma calçada de poesia "visual", que o leitor percorre sem dificuldade, sem tropeçar. Não será poesia para se comer, como diria Natália Correia, mas é, sem dúvida, poesia para se ver. Descubrem-se poemas, curtos e precisos, como degraus de uma lírica que persegue os passos de quem se ausentou. É verdade que por esta calçada é o amor que passa... é a saudade que viaja.

E eu sou um transeunte deste espaço, deste caminho que também me é familiar. Por isso me é fácil apossar-me dele e percorrê-lo à minha maneira. A forma como o leio, o interpreto, o sinto, faz deste texto, até certo ponto, a minha calçada, uma calçada diferente consoante os pés que a percorrem. E acompanho quem, daquele "cantinho, a seguir às escadas que iniciam a Calçada das Verdades", passa à redescoberta da velha cidade e das emoções que ela transmite, percebendo-se, afinal, que "Lisboa não cabe" em Macau, esta que ainda é a sua cidade, mesmo com a falta "de algumas pessoas", entre elas, eu, atrevo-me a pensar.

No correr da leitura descobre-se a percepção de que as cidades onde um e outro dos enamorados se encontram, estão separadas por sete horas, como o número de colinas que cada uma tem. E assim, quem ficou conta, pelos dedos dos dias, os passos de quem foi para a "outra cidade de adoção".

Tantas cidades de adoção temos todos! e os que não têm uma cidade, têm ruas, quarteirões, bairros. Ou inventam. Afinal, tudo é adoção! E quando nos afastamos, o coração palpita longe como um sino que não para de tocar do alto da catedral do peito. É por isso que continuamos a ouvir o que se segreda nesses lugares, o que nos contam os velhos artilheiros que um

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

dia ocuparam a fortaleza que coroa um monte sem vendavais. Mas o vendaval está no poema, em cada verso, no reverso dos pés que sobem quando é a descer que se percorre a calçada das verdades. E olhando para todos os lados, são as nossas emoções que deixam pegadas, mais do que os pés que atravessam o penedo que a saudade decora.

E vamo-nos abeirando de quem passa, sombras de uns e de outros, mas as que contam são as de quem a fama manchou de lenda e de loucura... enquanto outras loucuras se tingem do sangue que as lanternas vermelhas acendem na escuridão. Essas são as fantasias, os medos, que evoluem em espiral como os pivetes nos templos. Enquanto isso, seguimos a brisa pela travessa do Sancho, cuja pança mora ainda no Pátio da Canja.

É verdade o que se diz, é assim que as coisas se passam, pois naquelas travessas, naqueles becos estreitos, naquelas calçadas, ainda se ouve o eco de todas as verdades, tantas quantas o santo que se adora aos domingos nos fez acreditar, acreditar mesmo sem perceber, acreditar mesmo em chinês "kung on / kam lin yee / bom yang son"; até as verdades que o esquecimento levou por "estradas escuras, húmidas", onde o *tchau min* amarra os telhados do casario antigo e nos amarra a nós que percorremos os poemas deste livro. É por aqui, pelos degraus etéreos desta calçada, que alguns dos passos nos levam por entre gente indiferente à nossa passagem. E quando o cansaço chega como uma nuvem, a memória volta a sentar-se "um pouco no cantinho" a ouvir as árvores, as velhas banianas que guardam há muito os segredos da Praia Grande, onde a saudade se afoga e os olhos se salgam.

Hoje mais do que ontem, há ruas e ruas de multidões de Mariazinhas à procura de tudo... e de nada.

Uma onda que envolve os sobreviventes que fogem, com um penedo de transpiração a rolar-lhes pelas costas, como Sísifos perdidos noutra tempo e em outro universo.

Do pátio que se veste de cabaia, seda e palha, vamos dar a uma praça onde se veem "pessoas e pessoas e pessoas", nesse lugar antigo que desperta a nossa lealdade instintiva, histórica, enquanto o presente é recheado de muitos sabores "carne seca e carne seca e carne seca" nas montras do apetite.

Há uma fome grande pela carne, toda ela, da seca à húmida, pasto no intervalo do jogo dos mil e um casinos, onde o destino se ata com as linhas da mão. Mas já não se encontra, entre as arcadas do largo do Senado, quem as desate, o "cego que lia o futuro" ou o "vendedor de jade", comerciantes de sorte ou de azar.

E para onde foram as tendinhas, os gorros de lã, as bonecas de arroz que ainda nos sorriem por entre as sedas da memória?

Para lá da lembrança, há o Sam Ma Lô e morcegos que marcam o (des)caminho de quem se atira ao jogo das casas de penhores.

Também dói o "lado da cidade" a quem apenas transita, e o remédio é simples como o ato de despir uma maçaroca quente, cozida ao vapor dos dias.

E há pombas novas à espera dos grãos que sobram. Mas continuam a ver-se pombas velhas a saírem do velho cabaré do rés-do-chão... e pegadas viscosas como sangue.

Por isso os pecados adormecem numa cama de ferro enferrujada, entre paredes com marcas chulas e os vidros escuros de outro tempo.

Mas só o velho das maçarocas marca o presente, só ele e o poema são de hoje.

Haverá sempre taças de sopa de milho doce à mesa do yám tchá... e um "velho chinês" num cantinho a sorrir.

Depois de tanto tempo passado, dá mesmo vontade de pensar, e de acreditar, que "só faltam algumas pessoas", pois os lugares continuam ali, o "Clube Militar, o Jardim de S. Francisco, a Rua do Campo, o Bairro Volong, a estrada do Cemitério".

Entretanto, uma folha de esquecimento cai dum plátano (seria um plátano?) e sobra o silêncio... e ao jantar a solidão senta-se à mesa.

Há um copo de melancolia e uma garrafa "vinho tinto".

Finalmente, do Porto Interior chega um sinal, um silvo de começo ou de fim de viagem.

O navio é sempre o mesmo, mas nós somos sempre outros... na chegada e na partida.

Muito Obrigado

#### 32. NELSON PONTA GARÇA, NPG PRODUCTIONS, EUA. ONLINE VIA ZOOM

#### FEZ UMA CURTA INTRODUÇÃO ANTES DE APRESENTAR O SEU DOCUMENTÁRIO THE PORTUGUESE IN HAWAII

VER AQUI [https://www.dropbox.com/s/ybc7smpnx6rxnm/PORTUGUESE%20IN%20HAWAII%20FINAL\\_1080p.mp4?dl=0](https://www.dropbox.com/s/ybc7smpnx6rxnm/PORTUGUESE%20IN%20HAWAII%20FINAL_1080p.mp4?dl=0)

#### PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COM O DOCUMENTÁRIO PORTUGUESE IN HAWAII

#### 33. ONÉSIMO TEOTÓNIO DE ALMEIDA, BROWN UNIVERSITY, USA, AICL. AUTOR HOMENAGEADO AICL 2020-2021 presencial

#### APRESENTOU A AUTORA: MARIA JOÃO RUIVO – UMA HOMENAGEM

Quando eu era jovem pensava que as homenagens se faziam após a morte das pessoas. Nos últimos tempos tenho visto multiplicarem-se as homenagens a vivos e eu próprio tenho sido vítima dessa nova vaga.

O que agora constitui inteira novidade é celebrarem jovens. Quando o Chrys Chrystello me escreveu a convidar para vir aqui falar numa homenagem à Maria João Ruivo eu não fiquei propriamente ruivo, mas devo ter ficado pálido. Mas então a Maria João já tem idade para estas coisas? Eu bem sei que ela se apaixonou pelo Eduíno de Jesus, esse sim, objeto de homenagens todas as semanas - e muito justamente - e fazemos todos questão de cá estarmos daqui a cinco anos para comemorarmos o seu centenário. Mas estas coisas não pegam por contágio. A Maria João ainda é uma jovem com um currículo longo à sua frente preanunciado pelo que já publicou até aqui.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Claro que tem muito atrás de si. Por exemplo, uma magnífica carreira de ensino onde tem desempenhado um importante papel de mentora de jovens, sobretudo dos mais dotados e inquietos. E eu sei disso porque vários deles me têm batido à porta, teleguiados por ela e pedindo-me isto ou aquilo. Há hoje uma geração de alunos seus marcando presença e ostentando o selo didático, a influência direta, o dedo de professora e mãe-por-tabela da Maria João. Seria mesmo bom ter trazido aqui alguns deles para falarem da sua professora e mentora.

Conheço a Maria João há mais de trinta anos. Durante duas décadas e meia, graças à generosidade dos seus pais, passámos pelo menos um mês todos os verões na casa de veraneio deles na Caloura. Os seus filhos cresceram ali com os nossos – meus e da Leonor – partilhando dias inolvidáveis, banhos de mar, passeios pela ilha (ao Nordeste, às Sete Cidades, à Ribeira Quente, ao Faial da Terra) ou simplesmente caminhadas a pé após o jantar até à antiga tasquinha – hoje restaurante internacionalmente famoso – no Porto da Caloura. Inolvidáveis foram também os serões ao balcão com histórias, gargalhadas e serenatas. Tudo cenas de um mundo tardiamente romântico porque nem Garrett na casa da sua Joaninha alguma vez saboreou vivências como as nossas.

Como podemos – a Leonor e eu - esquecer os banhos nas águas mornas da Ferraria em noites da lua cheia de agosto, antes de esse pequeno paraíso ter sido descoberto pelos turistas?

Há dias, a propósito de uma nota bárbara minha, acompanhada de fotos enviadas a amigos, contando da minha mais recente visita ao parque da Caldeira Velha, aonde eu ainda não regressara depois das últimas renovações, ela reagiu nestes termos:

Nós fomos dos primeiros a fazer uso desse espaço quando os meus pais tinham a casinha do Poço do Cavalo. Um pastor mostrou-nos a cascata de água quente que formava uma poça e passamos a ir lá frequentemente. Éramos só os 5. Tínhamos de galgar uns troncos caídos na mata para lá chegar.

Bons tempos em que isso era nosso por usucapião.

Mas eu não fui convidado para vir narrar estas histórias de família. No entanto elas servem para enquadrar, explicar e justificar a minha presença aqui, porque antes de ser escritora a Maria João é mulher e mãe, professora, educadora e amiga.

Ela pertence àquela estirpe que refiro como a mulher de S. Miguel de que bem pode ser um protótipo: segura de si, assertiva, forte, capaz, seguidora de princípios, certa nos seus juízos e rápida na língua, focada no que é justo e direito, tenazmente trabalhadora e dada a gestos altruístas, fazendo tudo pelos filhos, pela família e pelos amigos. No caso dela, pelos alunos também. A este esboço de retrato tipificante, devo acrescentar a sua profunda sensibilidade, inteligência e sentido de humor notáveis (uma confissão: esta última frase foi acrescentada pela Leonor e eu concordo inteiramente como ela a ponto de a fazer minha).

Frequentou o liceu Antero de Quental, forja de grandes figuras da história açoriana; em 1989 licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas (vertente Português/Inglês) na Universidade dos Açores. O pendor para a escrita nasceu-lhe cedo em casa. Todos falamos do pai escritor, todavia poucos saberão que a mãe, a Dra. Idalinda Ruivo, adorava fazer versos. Lembro-me de um soneto seu gravado em mosaico na casa da Caloura.

Em 2011 a Maria João publicou comigo e com a Leonor um volume de homenagem ao pai – *Fernando Aires – era uma vez o seu tempo*, editado pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada. Com dois colegas, coordenou o *Livro de Memórias do Nosso Liceu*.

Em 2015, de novo comigo, reeditou num só volume o diário completo do pai – cinco volumes com os inéditos do 6º que o pai tinha na forja e ela depois coligiu. Foi editado pela Opera Omnia, de Guimarães. O diário, a crónica e o conto surgiram pois para ela com uma enorme naturalidade. Tive o prazer de prefaciar o primeiro volume de *Um Punhado de Areia nas Mãos*, a que já se seguiu outro. Vou autoplagiar-me lendo algumas passagens desse meu escrito sobre a nossa homenageada:

Basta embrenharmo-nos páginas dentro do seu diário para nos apercebermos de que estamos perante algo que está longe da clonagem do pai, já que o leitor sente ser muito outra a voz emergente nas entradas que perfazem o volume [e agora posso dizer: os dois volumes]. As diferenças vão surgindo aos poucos, à medida que o estilo pessoal da autora se vai afirmando com a sua própria voz. Há nela um cuidado de se demarcar da figura paterna – desde logo – e registe-se essa fundamental diferença – no pudor explícito de não confessar intimidades “porque nem tudo na vida se conta em praça pública” (diferentemente do pai, que não se coibiu de fazer revelações privadas), sem retirar ao livro o carácter de diário. Há um desejo manifesto de ultrapassar a ilha (ela até nota, eufórica, o aparecimento quase raro da vizinha Santa Maria no longínquo horizonte, algo que o pai nunca registou no seu diário, apesar de certamente a ter visto não poucas vezes nos seus inúmeros dias na Caloura), exemplificado em várias saídas para a Europa, desiderato que ela também alimenta nos seus alunos por ela sempre estimulados a aprenderem o mundo, os mesmos que a professora acompanha quase maternalmente em viagens pelo continente europeu. Aliás, se possível fosse associar este a algum outro diário, seria ao de Sebastião da Gama, pelo entusiasmo e empenho manifestados na formação dos respetivos estudantes. Depois, a autora é uma mulher mais do seu tempo, mais global, com um sentido bastante mais chão e pragmático da vida, que alguns leitores atribuirão ao facto de ser mulher e outros ainda acrescentarão: ‘micalense’. Tudo isso refletido numa escrita sóbria e vernácula, certa e direta, colada à vida e à realidade terrena do quotidiano que é preciso viver e agarrar.

Uma novidade, portanto; nas letras açorianas, um caso único. Natália Correia escreveu *Não Percas a Rosa*, mas esse é um diário da revolução de abril, e sobretudo de Lisboa. Maria João Ruivo escreve o diário de uma mulher da ilha, e isso constitui uma novidade literária e, por isso, um acontecimento a assinalar.

Eu terminava assim o meu prefácio:

***Continua sendo tu própria, como tão rica e escorreitamente nos apareces nestas páginas.***

O segundo volume de *Um Punhado de Areia nas Mãos* confirmou o talento, e a novidade passou a ser um dado concreto das nossas letras. Mais uma escritora, mais uma mulher a partilhar a sua visão e deste nosso mundo, numa linguagem incisiva, clara e vernácula, sabida da vida. Todos aguardamos o próximo, todavia o que é público até aqui mais do que justifica esta homenagem. Por isso eu achei que deveria ignorar o facto de ela ser ainda demasiado jovem para ser vítima de homenagens. Daí eu ter aceitado vir aqui sacrificá-la em público dizendo o que penso dela. Com a cumplicidade da minha Leonor, que pensa o mesmo.

Onésimo Teotónio Almeida

## 34. RAUL LEAL GAIÃO, INVESTIGADOR

## APRESENTOU LINGU ANTIGO DI MACAU, O CRIOULO DE MACAU - RAUL LEAL GAIÃO

Pretendemos apresentar uma panorâmica geral do crioulo: formação, características linguísticas principais, registos escritos do crioulo de Macau, processo de descrioulização e revitalização do patuá.

## 1. Formação do patuá

A necessidade de comunicação entre portugueses e nativos de várias línguas originou a criação de formas simplificadas de linguagem, formas pidginizadas, de regras muito elementares e que se desenvolveram dentro de cada comunidade contribuindo para a formação de línguas crioulas. Os crioulos de base portuguesa nasceram num contexto de relações comerciais e de escravatura em que o português era a língua dominante. Uma vez formados, mantiveram-se, durante séculos, à sombra de línguas de maior prestígio. (Pereira, 2007).

No Oriente, formaram-se crioulos de base portuguesa, a língua do superestrato, cruzada com as línguas nativas, nomeadamente em Malaca, Macau, Diu, Damão, Timor, Java, Flores, Ceilão, com aproximações lexicais e sintáticas, e, pelas suas características, organizados em três grupos: malaio-português, indo-português e sino-português. No grupo sino-português integra-se o crioulo de Macau, língua maquista ou patuá.

O crioulo de Macau, conhecido também por patuá, papiaçám, língua maquista, papiá cristám di Macau, lingu nhonha, é proveniente dos contactos efetuados pelos portugueses com diversas comunidades e culturas do Oriente, que contribuíram para as trocas linguísticas que se fixaram neste crioulo, de base portuguesa e integrando influências malaias, indianas, chinesas, japonesas, filipinas e mesmo africanas:

*“Língu maquista sã ramendá portuguê champurado co china, co unga porçám di linguaze di ôtro raça, já sã canarim, já sã malaio co unchinho di espanhol pingá-pingá. Ispanhol sã pó cósa di Macau perto di tera filipino; canarim co malaio pó cosa di Macau inchido di ilôtro. Português antigo têm qui tánto já casá co nho-nhónha malaio, co nho-nhónha di Goa. Si nunca sã assi, qui-foi tanto maquista-maquista já sai iscuro-iscuro?” (Ferreira, 1996a: 200).*

*[A língua macaísta é como o português misturado com chinês, com uma porção de linguagem de outras raças, canarim, malaio, com uns pingos de espanhol. Espanhol é por causa de Macau ficar perto das Filipinas; canarim com malaio por causa de Macau estar cheio deles. Os portugueses antigos casaram com mulheres malaias e mulheres de Goa. Se não tivesse sido assim, como é que tantos macaístas saíram escuros?] (versão nossa)*

À pergunta que ele próprio formula (através de Chacha), “Vós querê sabe qui-cuza sã patoá? Quelê-môdo ta vai nosso patoá?”, José dos Santos Ferreira/Adé responde e esclarece que é a língua dos antepassados, língua cristã, de gente cristã, criada pelas gentes de Macau, transmitida de geração em geração, inserida num espaço onde era falado o português pelos portugueses europeus ou reinóis e o chinês/cantonês pela comunidade chinesa:

*“Patoá sã nómi qui gente di geraçám nôvo chomá língu antigo di Macau. Otróra, gente antigonostre, nádi chomá patoá. Ilôtro chomá nôs-sua papiaçám língu maquista. Têm ora, chomá língu cristám. Quim nom pôde fazê “r” vêm fora, sã ta falá língu clistám. Gente antigo di Macau sã tudo cristám, j’olá? China-china gentio papiá ilôtro-sua língu; nhu-nhum vêm di Portugal, labitá portuguê carregado, ramendá portuguê di vôsso carta; maquista-maquista nom-sabe torá portuguê, unga co ôtro nádi falá china, sã labitá língu cristám, qui sã língu maquista. Otróra, únde têm mestre capaz vêm di Portugal ensiná portuguê drêto-drêto? Sã gente di Macau têm-qui fazê inventaçám, dále vêm fora onçôm-sua língu, sã nunca?” (Carta di Chacha pa su neto Agapito, In Ferreira, 1996a: 199).*

*[Patuá é o nome que a gente nova dá à língua antiga de Macau. Outrora a gente mais antiga não chamava patuá. Eles chamavam ao nosso falar, língua macaísta. Às vezes chamam língua cristã. Quem não consegue pronunciar o “r” diz “clistã”. A gente antiga de Macau era toda cristã. Os chineses falam outra língua; os que vêm de Portugal falam português carregado semelhante ao português da tua carta; os macaenses não sabem entoar o português, não falam uns com os outros chinês, falam a língua cristã que é a língua macaísta. Outrora onde havia mestres capazes de ensinar português correto? A gente de Macau teve que criar (inventar) a sua própria língua.] (versão nossa)*

Como se tratava de uma língua puramente oral e sem prestígio, não há dados históricos objetivos que tracem a origem e o desenvolvimento do crioulo macaense. António da Silva, em 1915, explica a modificação do português e a criação do dialeto, a Língua de Macau, por força de um conjunto de circunstâncias sociais e históricas que embora possam não corresponder exatamente à realidade histórica da criação do patuá, são reveladoras das circunstâncias histórico-culturais de Macau:

- “As raras e difíceis comunicações com a mãe pátria”;

- “Contactos com outros elementos linguísticos”, preponderantemente “com as línguas orientais chinesa, malaia e japonica, em razão das frequentes relações comerciais”;

- “A falta de escritores locais que pudessem manter na sua pureza, as formas literárias consagradas pelos eruditos”;

- “A deficiência de cultura geral”. (Silva, 1915: 161).

A maioria dos crioulos conhecidos surgiu entre o início do século XVI e XVIII, sendo os primeiros de base portuguesa. Adé reflete a falta de conhecimento histórico da origem do crioulo macaísta, não deixando de afirmar as opiniões comuns entre a comunidade macaense sobre as condições e o período da sua formação:

*“Falá verdade, Chacha nom-sabe quelora língu maquista já vêm fora na Macau. Tanto letrado co nhu-nhum capaz tamênom sabe. Pôde sã qui já começá na fim-fim di seclo dizassês, juntado co acunga quanto familia nôvo-nôvo vêm fora na Macau. [...] Na meo-meo di seclo dizassete, sã quelora Macau virá ôlo, olá más tanto filo-filo. Ilôtro já pinicá quelê tánto pa su língu sai más bem-fêto. Cavá, intremente gente di Macau já ficá más tanto, língu maquista já crecê juntado. Nosso língu já pulá di geraçám pá geraçám, dia-em-dia têm más catá-cutí nôvo, co más papiaçám di portuguê na meo. Di áno pa áno ficá más dóci, más têm chiste”. (Ferreira, 1996a: 200).*

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

*[Para falar verdade, a avó não sabe quando é que a língua macaísta chegou a Macau. Tanto letrados como homens entendidos também não sabem. Talvez tenha começado nos fins do século XVI, juntamente com as novas famílias que chegaram a Macau. [...] No meio do século dezassete, quando Macau olhou, viu mais filhos (cresceu). Eles fazem com que a sua língua saia mais correta. Depois, entretanto, a gente de Macau ficou (a viver) e a língua macaísta cresceu junto. A nossa língua passou de geração em geração, cada dia mais variada, com mais falar português pelo meio. De ano para ano torna-se mais doce e tem mais chiste / graça.] (versão nossa)*

O crioulo de Macau é um elemento constituinte da identidade macaense, sendo um longo processo de assimilação de uma diversidade de experiências culturais pelos contactos com outras línguas e culturas, pela afluência ao território de indivíduos oriundos de diversas partes do continente asiático e pelas funções de intermediação que a comunidade exerceu nas relações entre portugueses e chineses.

A cultura macaense é uma cultura híbrida, resultante da confluência da cultura portuguesa com a chinesa, num processo de miscigenação com outras culturas da região, encontrando nesta comunidade o seu suporte físico mais importante. Este património coletivo materializa-se nas diversas formas de manifestação identitária: a língua, a religião, a vida quotidiana, a culinária, as relações sociais, elementos que caracterizam a índole, os sentimentos, a maneira de ser, os costumes desta comunidade.

A língua crioula é a língua de comunicação na comunidade macaense, do século dezoito até meados do século dezanove é o período do uso mais alargado da língua macaísta, não havendo casa de filho de Macau, homem, mulher, avó, criança que não saiba falar o macaísta chapado:

*“Di seclo dizôito tê meo-meo di seclo dizanóve sã tempo más quente di nôsso língu maquista. Nom-têm casa di filo-Macau, nom-têm nhum, nhónha, chacha, quiança qui nádi sabe papiá maquista chapado. [...] Na quarté di sodado, filo-Macau cristám-nôvo sã lôgo papiá unchinho portuguezado. Sium capitam qui casá co nhónha di Macau azinha sabe papiá nosso língu. Quelora ilôtro chegá Macau nôvo-nôvo, sã torá portuguê qui fazê nosso sodado-sodado co puliça chang-keng ficá tonto, nom-pôde intendê bem-fêto. Tudo ora capitám gritá "sodado, avançá", nosso sodado sentá na chám discansá...” (Ferreira, 1996a: 201)*

Macau foi ao longo do tempo um espaço multilíngue, onde eram faladas várias línguas pelos diferentes grupos sociais, ao qual se foram juntando línguas dos diversos grupos que iam chegando. O crioulo macaísta torna-se a forma de comunicação oral da comunidade macaense, originando uma situação diglósica, pela presença do português, falado entre as elites locais e o chinês na comunidade chinesa. O crioulo era a língua dos macaenses, usada por todos nas diversas situações de comunicação, e utilizada por alguns elementos que não pertencem à comunidade macaense, usando-o para se relacionarem com os macaenses:

*“Vai bazar comprá sôm, vai greza cunfissá co padre, sã papiá maquista. [...] Tudo áma co cuzinhéro na casa, atai di cartá marmita, apô cartá águ, cegónha, lavadéra, china vendê merenda, tudo sã papiá maquista, quim más bem-fêto, quim más tôrto-ravirado.” (Ferreira, 1996a: 201)*

*[Vão ao bazar fazer compras, vão à igreja confessar-se ao padre, falam macaísta. [...] Toda a criada e cozinheiro em casa, criado chinês de transportar marmita, mulher que traz água/aguadeira, mulher de recolha de dejetos, lavadeira, chinês que vende merenda / merendeiro, todos falam macaísta, uns melhor, outros pior.] (versão nossa)*

*[Do século dezoito até meados do século dezanove é o tempo mais quente do nossa língua macaísta. Não há casa de filho de Macau, não há homem, mulher, avó, criança que não saiba falar macaísta chapado / correto. [...] No quartel dos soldados falam um pouco à maneira de Portugal. O capitão que casa com mulher de Macau, depressa sabe falar a nossa língua. Os que chegam de novo a Macau falam português, o que faz com que os nossos soldados e os polícias chineses fiquem tontos, pois não conseguem entender o português correto. Sempre que o capitão grita “soldado avançá”, os nossos soldados sentam-se no chão a descansar.] (versão nossa)*

O final do texto evidencia as dificuldades de comunicação, pelo facto de não haver um bilinguismo efetivo. Os mal-entendidos gerados nesta babel de línguas são em diversos passos apontados na obra de Adé. Na novela “Estória di Maria co Alféris Juám”, uma macaense, referindo-se ao discurso do padrinho da noiva, comenta: “papiá portuguezado qui fazê quelê tanto chacha nom-pôde sabe qui-cusa ta uví. Caregá “r” qui fazê tanto nho-nhónha rapiá corpo” (Ferreira, 1996: vol II, 107). Após o discurso, batem palmas e bebem um copo. Alguém protesta por não perceber e assim recusa-se a aplaudir o que não entende:

*“Chacha Ambrósia sai voz falá: “Drêto sã têm gente papiá língu maquista pa nós pôde intendê! Si nunca, iou nádi batê palma!”. Acunga chuchuméca di Atútu Bêço-Grôso sai su capacidade, vai meo di sala i xplicá papiacám di Sium Teodorico na maquista chapado, pa gente antigo pôde intendê. Papiá sete catórzi, vumitá umcento boboriça vêm fora” (Ferreira, 1996a: 107).*

*“A Chacha Ambrósia disse alto e bom som que não estava certo; alguém devia reproduzir em língua macaísta as palavras proferidas, para que todos pudessem entender. Caso contrário, ela negar-se-ia a aplaudir. O intrometido do Atútu de Beijos-Grossos, armado em sabichão, foi até ao centro da sala e tentou explicar em língua macaísta cerrada o discurso do senhor Teodorico. Queria que a velhada o entendesse. Porém, metendo os pés pelas mãos, não disse senão disparates”. (Ferreira, 1996: vol II, 164)]*

A mesma dificuldade é sentida por Chacha perante a carta escrita pelo neto: “Vôs já inchí carta co assi tanto papiacám na portuguê torado, qui fazê Chacha ficá istonteado, nom-pôde intendê bem-fêto”. (Ferreira, 1996a: 203). Dificuldades que podiam ser ultrapassadas, se houvesse um bilinguismo efetivo.

António da Silva, no princípio do século XX, pretende que coexistam e sejam falados no mesmo espaço o português e o crioulo, advogando uma situação de bilinguismo que provavelmente contribuiria para que o crioulo não desaparecesse tão cedo: “Queria que todos os portugueses, aqui nascidos, falassem o português genuíno, mas também desejava que todos falassem o dialeto local, pois que ele é muito melodioso e seu vocabulário bastante completo.” (Silva, 1915: 162)

Também Adé defende o bilinguismo na comunidade macaense, ao mesmo tempo que incentiva a aprendizagem do português correto: “Sempre defendemos que os macaenses devem saber português, e bem, habilitando-se a exprimir-se corretamente no idioma pátrio. Mas não se conclui daí que o dialeto da sua terra não deva merecer guarida nos seus lares”. (Ferreira, 1996a: 8)

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Ao superestrato português juntaram-se, no macaísta, elementos exógenos; a estrutura dominante e muitos elementos lexicais estão relacionados com o malaio: *catupá*, *chilicote*, *dodol*, no domínio da culinária; *parão*, *estrica*, como utensílios domésticos; *cate*, *tael*, como medidas; termos de vestuário feminino, *bajú*, por exemplo. (Gaião, 2010).

Apesar das relações comerciais intensas com os falantes de chinês / cantonês, a maior parte dos autores refere a fraca ou nula existência de palavras chinesas no léxico do crioulo macaense, como por exemplo, António da Silva: "O que é certo, porém, é que apesar da construção gramatical do dialeto de Macau ser idêntica à chinesa, não se encontra nele uma única palavra derivada da língua sínica". (Silva, 1915: 164). A influência chinesa foi primitivamente bastante ténue, mas a atividade comercial e as relações com mulheres chinesas abriram as portas à penetração linguística chinesa, embora com menor peso; outras influências se foram exercendo.

Depois dos cruzamentos originários, o patuá foi absorvendo influências diversas, chinesas mesmo e de um modo acentuado nos diversos traços culturais, como salienta Amaro: "[...] uma progressiva consciencialização de autonomia cultural a par duma progressiva abertura à cultura da milenária China transparece na realidade macaense, com crescente abandono dos seus velhos padrões luso-indo-malaios" (Amaro, 1972: 445).

#### 6. Contactos com diversas culturas

Durante o século XVI e XVII, os portugueses transformaram-se em intermediários privilegiados entre a China e outras regiões asiáticas e europeias do lucrativo comércio externo chinês até 1865, data da abertura do mercado de Cantão a todos os estrangeiros. Abrangendo todo o território português do Oriente, estabelecem-se as carreiras em rotas marítimas regulares, efetuadas entre determinados portos asiáticos. A nau anual deixava Goa em abril ou maio, transportando tecidos de algodão, tecidos indianos, objetos de cristal e vidro, relógios da Flandres e vinhos portugueses; efetuava escala em Malaca, parte da carga era então trocada por especiarias, madeiras aromáticas como o sândalo. De Malaca a nau navegava para Macau onde recebia a carga de seda vinda de Cantão, partindo depois para o Japão. Como entre a China e o Japão não havia qualquer tráfego marítimo e comercial, os portugueses passaram a dedicar-se ao lucrativo comércio sino-nipónico, na dupla qualidade de mercadores e transportadores. Do Japão, traziam barras de prata, armários de laca, biombos pintados a folha de ouro. O ouro, sedas e outras mercadorias chinesas, almíscar, pérolas, marfim e porcelanas eram embarcados com destino a Goa. (Boxer, 1991). Outras rotas, como a que conduzia a Manila, são o sinal da forte atividade comercial nos mares do Sul da China, transformando Macau num florescente e poderoso empório marítimo-comercial.

Os missionários na expansão da religião e que chegavam aonde os mercadores não penetravam, como aconteceu na China e no Japão, tiveram um papel fundamental no conhecimento e divulgação das línguas orientais e no ensino da língua portuguesa, elaborando catecismos, dicionários e gramáticas (Ferro, 1998).

A política de casamentos mistos (preconizada por Afonso de Albuquerque) com mulheres malaias, indianas, japonesas e chinesas, dá origem, nas sociedades locais, à formação de comunidades multirraciais e multilinguísticas.

Sendo o crioulo de Macau de base portuguesa, grande parte do léxico é de origem portuguesa, mas as palavras foram integradas num sistema fonológico e morfológico específico, numa reorganização própria, surgindo assim formas diferentes, através de características fonéticas como a queda de consoantes, ou substituição por consoantes mais fracas, a apócope do r final dos verbos e da aférese da vogal inicial; o duplo r tende a fundir-se num único r.:

*abaná* [abandar; sacudir]; *águ-bento* [água benta]; *ánjo-guarda* [anjo da guarda]; *bafá-assá* [abafar e assar; estufar, guisar (carne)]; *bicho-mel* [abelha]; *boquizá* [pronunciar; dizer]; *comê* (comer); *quiadaze* [criadagem] (Gaião, 2019).

Muitos termos aproximam-se mais do português popular ou das suas formas dialetais ou regionais, do que do português padrão:

*aguá* [aboar – voar]; *árvre* [arbre – árvore]; *astrevê* [astreber-se/ estreber-se - atrever-se]; *cósca* [coscas – cócegas]; *dále* [dá-le – dá-lhe; bate-lhe]; *qui Diosaja* [Que Deus haja! Que Deus tenha! / falecido]; *hóme* [home – homem]; *muto* [muto – muito]; *paga* – [paga – ordenado, salário]; *sandido* [açandido/açander – aceso]; *sarado* [çarrado – cerrado/a; fechado/a]; *cáchi-báchi?* [cáchi-báchi - coisa ou pessoa sem préstimo] (Gaião, 2019).

Como o crioulo de Macau se começou a formar a partir dos finais do século XVI, alguns dos termos estão atualmente em desuso na língua portuguesa e por isso encontramos muitos arcaísmos:

*áde* [pato]; *azinha* [depressa]; *botica* [loja; estabelecimento comercial]; *botica di livro* [livraria]; *botica-mestre* [farmácia chinesa]; *brêdo* [hortaliça]; *papiá* [falar]; *quinzéna* (casaco de homem) (Gaião, 2019).

É a partir de Malaca que se procura alargar a influência portuguesa ao Extremo Oriente. Como raras eram as mulheres europeias que rumavam ao Oriente, nos primeiros tempos das descobertas, foram principalmente as mulheres malaias as primeiras companheiras dos portugueses, fundadores de Macau e que se deslocaram de Malaca (Amaro, 1988). A ligação comercial de Malaca a Macau proporcionou a continuação de trocas linguísticas. Por outro lado, o malaio tem uma forte presença no crioulo de Macau, através do *papiá cristám* de Malaca, criando mesmo termos compostos do malaio com elementos de outras línguas. É o espaço doméstico que contribui com grande número de termos malaios para o crioulo de Macau, desde os utensílios domésticos, à culinária e ao vestuário feminino:

*bagí* [doce]; *balichám* [condimento salgado c/ camarões pequenos e secos e ingredientes picantes]; *cáti* [cate, medida de peso]; *catupá* [pudim de arroz glutinoso]; *do-dol* (doce base de perada); *lacassá* [espécie de aletria feita de farinha de arroz]; *óndi-óndi* [bolo de farinha de arroz, recheado de jagra e coco]; *parám* [cutelo de cozinha] (Gaião, 2019);

*bicho-balichám* [<port bicho + mal balichám - camarão pequeno para preparar balichão]; *capí-mám* [<mal capí + port - acenar com a mão]; *chuchuméca* [<mal cucok + ingl maker - intriguista; intrometido]; *cissica* [<mal sisil + port -ica) - ato de urinar]; *cutido* [<mal kutil + port -ido - batido]; *savanado* [<mal sawan + port -ado - sob a influência de maus ares] (Gaião, 2019).

Após a conquista de Malaca pelos achéns e holandeses em 1641, os portugueses moradores dispersam-se por vários pontos da Ásia, nomeadamente Macau, continuando a exercer-se a influência do crioulo de Malaca, introduzindo termos de origem neerlandesa:

*cacús* [latrina]; *istrica* [ferro de engomar]; *istricá* [passar a ferro] (Gaião, 2019).

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Os primeiros portugueses chegam à China em 1513, numa viagem organizada pelo capitão de Malaca com o apoio de mercadores asiáticos. Se a língua chinesa inicialmente não teve forte presença no crioulo de Macau, mais tarde, com o comércio e os casamentos com mulheres chinesas (principalmente da parte dos euro-asiáticos) contribuíram para uma entrada abundante de termos chineses. "De todas as curiosidades que os macaístas possam oferecer aos observadores europeus, nada é de certo mais interessante do que a linguagem de que entre si se servem; é uma espécie de dialeto em que, de envolta com português de 1500, andam locuções chinesas e frases inglesadas" (França, 1897: 200-201).

As famílias macaenses em casa têm as suas criadas, *amuichái*, com as quais se estabeleciam trocas linguísticas, havendo produtos alimentares desconhecidos dos portugueses e para os quais não havia designações na língua portuguesa. A escrita crioula de Adé está recheada de termos chineses que superam muito a influência de outras línguas nativas. Naturalmente o campo semântico mais abundante é a alimentação, elementos do espaço doméstico, os trabalhadores serviçais, do jogo ...:

*amui* [rapariga chinesa]; *amuichái* [criada chinesa jovem]; *apô* [mulher chinesa]; *atai* [criado]; *chanquêng* [polícia chinês]; *chatông* [cesto para o bule de chá]; *lai-si* [envelope vermelho com dinheiro]; *têng-têng-lou* [ferro-velho (homem que andava de porta em porta)]; *chengcau* [chinês batizado]; *min-tói* [edredom; cobertor acolchoado] (Gaião, 2019); *apô cartá águ* [<chin + port + port - aguadeira]; *amui di auto-china* [<chin + port + port - cantadeira de ópera chinesa]; *alféri-chai* [<port + chin - alferzinho]; *amochai* [<port + chin - amorzinho]; *amui-baléu* [<chin + mal - rapariga pintada levada em padiola (baléu), aos ombros, em festividades chinesas]; *amuirona* [<chin + port - rapariga chinesa grande e forte]; *caxa-fochai* [port + chin - caixa de fósforos] (Gaião, 2019).

A nau anual partia de Goa fazendo escala em Malaca, seguindo a ligação para Macau. Por outro lado, Macau dependeu administrativamente, durante bastante tempo, de Goa, de lá rumavam a Macau muitas mulheres e assim temos influências indianas, particularmente do concaním:

*gargú* [chaleira em barro]; *guinde* [jarra]; *ladú* [doce]; *manduco* [rã comestível]; *mate* [lodo]; *mordecim* [dor de cabeça]; *patinga* [barriga da perna] (Gaião, 2019).

A conjuntura favorável à intervenção dos portugueses no comércio sino-nipónico, graças à interdição da dinastia Ming de todo o comércio chinês com o Japão, contribuiu para o notável crescimento de Macau e o rápido processo de fixação da comunidade portuguesa, sendo a viagem mais rendosa e mais solicitada a ligação Macau-Japão ou China-Japão. No Japão, ao contrário dos mercadores, os missionários, principalmente os Jesuítas, avançam para o interior para a missão:

*missó* [molho feito de pasta de feijão de soja]; *nune* [tecido transparente]; *quimám* [casaco de senhora]; *sutati* [molho de feijão de soja] (Gaião, 2019); *chíli-missó* [ing + jap - molho picante]; *bicho-núne* [<port + jap - libelinha] (Gaião, 2019).

Com a ocupação britânica de Hong Kong nos meados do século XIX, e o incremento dos contactos entre Macau e Hong Kong, nomeadamente a deslocação de grande número de macaenses que aí se fixaram, continuando a falar o crioulo, o macaísta integrou vocábulos ingleses, readaptando-os ao seu próprio sistema.

António da Silva acentua a construção e a dinâmica da identidade macaense e da sua língua, dando conta das influências mais recentes e como o crioulo começa a imigrar com as comunidades da diáspora, nomeadamente Hong-Kong e Xangai:

*"Em Macau este patois vai-se modificando, graças à tendência em aproximar-se do verdadeiro português. O mesmo sucede fora de Macau, nas comunidades portuguesas do Extremo Oriente, com a diferença, porém, de que o seu vocabulário, em vez de admitir palavras portuguesas, nacionaliza a terminologia inglesa, devido à influência desta língua, falada hoje por todos os povos orientais mais ou menos educados." "Assim no dialeto de Macau se diz *dangeroso*, por *perigoso*, derivado do inglês *dangerous*, e *introduzir*, por *apresentar*, derivado do inglês *introduce* etc"* (Silva, 1915: 161).

Também José dos Santos Ferreira assinala esta influência inglesa com a ida de muitos macaenses a procurar trabalho em Hong Kong:

*"Nunca tardá muto, já têm Ongcông. Nhu-nhum capaz fazê inventaçám, começá chuchú palavra inglesado na nôsso língu. Tánto filo-filo di Macau virá vai Ongcông buscá siviço, já casá, começá têm su catravada. Masquí capaz labitá «Oh, yes, oh, no», ilôtro nunca pinchá fora su língu maquista".* (Ferreira, 1996a: 201)

*[Não tarda muito chega Hong-Kong. Os que são capazes de criar, começam a introduzir palavras inglesas na nossa língua. Muitos filhos de Macau vão à procura de trabalho, casam e têm filhos. Embora sejam capazes de falar «Oh, yes, oh, no», nunca abandonam a língua macaísta".]* (versão nossa)

Termos de influência inglesa: *ascrim* [ice cream – sorvete]; *cacai* [cock-eyed – zarolho]; *afordá* [afford - sustentar; ter meios para]; *manejánte* [manager – gerente]; *mínchi* [minced - prato de carne de vaca ou porco picada]; *tiro-grándi* [big shot (trad) – gente importante]; (Gaião, 2019).

*ôlo-cacai* [port + ing - zarolho]; *tifiná* [ing + port - almoçar]; *vaca-minchi* [port + ing - carne de vaca picada]. (Gaião, 2019).

#### 7. Estrutura linguística do crioulo

O patuá é marcado pela ausência de regras de concordância e de morfologia flexional, sem flexão de número e de género nos nomes e nos adjetivos, sem flexão de tempo e modo nos verbos. A reduplicação marca o plural dos nomes (Gaião, 2007):

*"China-china* costumado na roda di áno misquinhá, popá tudo qui pôde, pa chegá áno-nôvo ficá máam largo, isguichá sapeca pa comprá ancuza qui precisá co laia-laia istravagância." (Ferreira, 1996a: 213).

*[Os chineses* estão habituados na roda do ano a poupar, pouparam tudo o que podem, para quando chegar o Ano Novo serem mãos largas, gastarem dinheiro para comprar as coisas que precisam, todo o tipo de extravagâncias.].

*"Manhã-cêdo di maio co fula di laia-laia côr, soprado co tudo suavidade di vento fresco. Pastro-pastro* na riva di árvre pi-pi-pi ta cantá, agué vai, agué vêm." (Ferreira, 1996a: 96).

*"Manhã primaveril de maio, plena de viçosas flores coloridas, com vento suave e fresquinho soprando as folhas. Passarinhos* cantando pi-pi-pi, voam e poisam despreocupados nos ramos das árvores." (Ferreira, 1996a: 151).

Em alguns casos só parcialmente o nome é reduplicado:

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

"Mas olá minha **nhu-nhum, nhonhonha**, sium sium, seara seara, se aquella Santo Antone de Bara tem rezão de levantá furia, discompor pra eu, falá que sã odio, inveja, reva, rancor, que já fazê que eu tratá prêle de manjor." (Pereira, 1995: 193).

[Mas olhem meus **senhores**, minhas **senhoras**, se aquele Santo Antone da Barra tem razão em ficar furioso, descompor-me, dizendo que é ódio, inveja, rancor, que fez com que eu o tratasse por major.].

A reduplicação dos adjetivos e dos advérbios marca a intensidade (Gaião, 2007):

"Quiança-quiança **cêdo-cêdo**, // Qui azinha já erguí; // Abrí ôlo, pontá dedo, // **Bom-bom** pisente exigí." (Ferreira, 1996c: 87).

[As crianças **muito cedo**, // Depressa se levantaram // Abrem os olhos, apontam o dedo, // Exigindo **muito bons** presentes.].

"Unga dia pramicedo, **cedo qui cedo**, // céu unchinho lume na-más, // dia ta querê abrí, // iou vagar-vagar andá, // já trepá vai mato Guia, // pa gozá más unga madrugada // di iou-sa satênta primavera." (Ferreira, 1996b: 19).

"Um dia pela manhã, **muito cedinho**, // estava o céu apenas um nadinha iluminado, // a aurora a querer despontar. // Caminhando devagarinho, // subi a colina da Guia, // para gozar mais uma madrugada // das minhas setenta primaveras." (Ferreira, 1996b: 25)].

A reduplicação dos verbos marca a repetição da ação, o aspeto iterativo (Gaião, 2007):

"Chegá anôte, // Lua côr di prata, raganhado, // [...] Fazê águ di mar luzí ramendá ispêlio, // Co unga porçám di istréla juntado, // **Capí-capí** ôlo brincá co nós." (Ferreira, 1996b: 22).

"Ao anoitecer, // A Lua cor de prata, risonha, // [...] Fazendo luzir como espelho a água do mar, // Com uma infinidade de estrelas ao seu redor, // estrelas que brincam connosco, // **abrindo e fechando** os seus olhitos." (Ferreira, 1996b: 28).

"Plum plum! Plum plum! // Braço erguí, braço bassá, // Pau grôso na máam di nhum, // **Dále qui dále**, co força zinguá // Batê tambôr, cachapum, // Fazê plum plum! Plum plum!" (Ferreira, 1996b: 133).

"Plum plum! Plum plum! // Braços ao alto, braços a cair, // Paus grossos nas mãos do homem // **batem que batem**, arreiam com força, // O tambor rufa, cachapum, // Fazendo plum plum! Plum plum!" (Ferreira, 1996b: 137).

Relativamente ao género dos nomes e particularmente dos animais, a distinção entre masculino e feminino é feita juntando ao nome macho (masculino) e fêmea (feminino):

Já que elle pôde esquadrinhá tanto cusa pra falá mal de nósôtro, botá tudo de raso, igualá com **cachoro fêmea**, pôde tamêem ôvi agora com paciencia tudo que sai de minha boca." (Pereira, 1995: 124).

[Já que ele pode vasculhar tanta coisa para falar mal de nós, deitando tudo abaixo e igualando-nos às **cadelas**, pode também ouvir agora com paciência tudo o que sai da minha boca.]. (versão nossa)

Ex. "Rádio apôco falá, // Na voz di Mimi Eufêmea: // Portugal justo nomeá // **Priméro-ministro fêmea**." (Ferreira, 1996d: 19).

[A Rádio há pouco disse, // Pela voz de Mimi Eufémia; // Portugal precisamente nomeia // **Primeiro-ministro mulher (Primeira-Ministra)**.]. (versão nossa)

Os pronomes pessoais (iou, vós, êle, nós, vosôtro, ilôtro) mantêm sempre a mesma forma, seja qual for a função sintática que desempenham, sujeito, complemento do verbo ou mesmo complemento oblíquo:

"Já qui, quelê, más **iou** querê lová, // Sã más lôgo sentí falhá talento." (Ferreira, 1996c: 7).

["Já que, quanto mais **eu** te quero enaltecer, // Mais sinto minguar-me o talento." (Ferreira, 1996c: 13).

"Nom-têm mestre aqui pa judá **iou**, // Nom-têm unga divina chomá "musa";" (Ferreira, 1996c: 7).

"Aqui me falta mestre que **me** ajude," // Nem está a divina chamada "musa" (Ferreira, 1996c: 13).

Ex. "- Uví, vós môro-chit! Vós si sã conversá **co iou**, papiá língu cristám, já uví, nunca!" (Ferreira, 1996a: 74).

"- Ouça cá, seu marata safado! Se a conversa é **comigo**, então fale-me em língua cristã, ouviu?" (Ferreira, 1996a: 126).

No referente aos verbos mantém-se sempre a mesma forma, a forma correspondente ao infinitivo em português na maior parte dos verbos (andá, comê, pedí, ...) ou à terceira pessoa do singular do presente do indicativo de alguns verbos (vai, tem, vem, pôde, ...). O tempo presente é assim expresso por estas formas sem qualquer marca específica:

"Ah! Agora **tá lamentá** di vósso sorte! Quando Mamá **falá**, non querê ouvi! Agora, **vem** aqui nós dôs **combiná** logo fazê. Assim, **sam** diversas non **pôde** continuá. Vós só **tem** mulhé pá nome. Tudo quanto Júlia **fazê**, vós ôra-pro-nobis! Vós **parece** mulhé, ela **parece** home. Vós bem de igual cô acunga João Soares, **olá** mulhé **corrê-babo**... **Ficá** home, como vosso papá. Papá atrevido como iôu! (Barreiros, 1998b: 156).

[Ah! Agora **estás a lamentar-te** da tua sorte! Quando a mãe **diz**, não queres ouvir! Agora, **vem** aqui para os dois **combinarmos** o que vamos fazer. Assim, de facto, não **pode** continuar. Só **tens** mulher de nome. Tudo o que Júlia **faz**, tu ora pro nobis! **Pareces** mulher, ela **parece** homem. És igual àquele João Soares, **ao ver** a mulher **baba-se**... **Torna-te** homem como o teu pai. O pai era atrevido como eu!] (versão nossa)

Quando a frase no presente é negativa, antepõe-se o advérbio non/nom/nun, negação, usada em frases declarativas, no presente.

Ex. "Sômente têm ora, **non têm** águ pa banhá... Pacência-ia... Dessá catiaca xerá sôc-sôc, sã tánto qui lôgo sucedê." (Ferreira, 1996a: 196).

[Às vezes **não há** água para tomar banho... Paciências...Deixam-se os sovacos a cheirar desagradavelmente, é o que acontece.]. (versão nossa)

A expressão do tempo passado, é realizada antepondo a partícula **já** à forma verbal:

"Cavá, tudo **já vai jugá**, // Ariscá sôrte na clu-clu, // Fantán, vinte-um, bacará, // Pa savaná azar co vantú." (Ferreira, 1996b: 99).

[Depois, todos **foram jogar**, // A arriscar a sorte no clu-clu, // No fantán, vinte e um e bacará, // Para escorraçar o azar e o enguiço.]. (versão nossa)

Já as frases negativas que exprimem o passado formam-se antepondo ao verbo o advérbio **nunca**:

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

"Avô-công **nunca uví**... Si já uví, certo lôgo ficá geniado. Êle tamêm já sacrificá su ancuza di ôro grôssos-pesado, nunca sai bafo." (Ferreira, 1996a: 109).

[“Esse é que o vovô **não ouviu**. Pois, se tivesse ouvido, decerto que se zangaria. Então, não sacrificou ele também os seus bem grossos e pesados objectos de ouro? Alguma vez se lamuriou?” (Ferreira, 1996: 166)].

Quanto à expressão do tempo futuro, é marcada antepondo ao verbo a partícula **lôgo/logo** ou **lô/lo**:

"Na diánte di san-t'ói, **lôgo pedí** tudo qui sã di más bom; lôgo sacudí mufinaze vai longi, chomá bom-sórti vêm bafezá gente di casa, trazê filicidade, saúde, vida cumprido." (Ferreira, 1996a: 213).

[Diante de san-t'ói (divindades), **vão pedir** tudo o que há de melhor; vão espantar o mau agoiro para longe, pedem para a sorte bafejar as pessoas da casa, trazer felicidade, saúde e vida longa.] (versão nossa)

Nas frases negativas que exprimem o tempo futuro, antepõe-se a partícula **nádi**, para exprimir a negação do tempo futuro.

"- Quim bebê águ di Lilau.// **Nádi más sai** di Macau!// Êle já uví estunga babuséra.// Querê olá si sã divera." (Ferreira, 1996d: 89).

[“Quem beber água do Lilau/ / **Jamais sairá** de Macau! // Tinha ouvido esta baboseira, // Quis saber se era verdade.” (Ferreira, 1996d: 91)].

#### 8. Descrioulização

Devido a fatores exógenos, os crioulos evoluem e morrem lenta ou abruptamente; por vezes confinam-se a contextos de comunicação mais restritos ou deixam de ser usados pelos falantes, trocando-o por uma língua de maior prestígio e mais funcional, social e culturalmente; há transformações que contribuem para que o crioulo perca a sua identidade e autonomia lexical e estrutural, reduzindo-se a uma variedade da língua de contacto. Quanto mais se intensifica o contacto com a língua de prestígio e se verifica a perda de funcionalidade do crioulo, mais se acentua o processo de descrioulização.

O processo de descrioulização do crioulo de Macau decorre a partir dos últimos anos do século XIX, devido não só à pressão do português em presença (língua dominante, de prestígio e língua da administração), mas também à intensificação da instrução e à crítica social, pois era considerado língua das nhonhas, língua das pessoas pouco instruídas. (Gaião, 2010)

"O crioulo começou a ser menosprezado nos últimos cem anos em Macau como língua de chachas, língua das nhonhas, língua das pessoas pouco instruídas, à medida que os contactos com Portugal foram sendo mais estreitos e que a escolaridade em português foi aumentando com a criação de escolas primárias e secundárias, que nos primeiros séculos eram escassas" (Batalha, 1983: 289).

Coincidente com o início do processo de descrioulização do crioulo macaense, incrementa-se, por diversas formas, o ensino em Macau. Desde os finais do século XV, a Igreja e as ordens religiosas criaram escolas para ensinar a religião cristã e a língua portuguesa. Os jesuítas têm um papel primordial na instrução, desde a criação da escola de ler e escrever até à organização dos estudos superiores do Colégio de S. Paulo, primeira Universidade ocidental do Extremo Oriente (Santos, 1994). A cargo das ordens religiosas, o ensino sofreu um forte revés com a expulsão dos Jesuítas por diploma pombalino de 1759, executado em Macau em 1762 (Santos, 1994). A expulsão dos Jesuítas contribuiu para que a educação no Território ficasse mais pobre.

Na segunda metade do século XIX são dados passos importantes para a intensificação do ensino em Macau:

"O ensino público, entretanto criado, ficou sob a alçada do Governo de Macau, embora custeado pelo Leal Senado. Em 30 de setembro de 1869 é criado o Conselho Inspector de Instrução Pública, que passa a tutelar todo o Ensino, sob a Presidência do Governador" (Silva, 1998: 10).

A Associação Promotora da Instrução dos Macaense (APIM) criou na segunda metade do século XIX a Escola Comercial Pedro Nolasco da Silva para dar formação profissionalizante aos jovens macaenses que começavam a ser atraídos pelo grande desenvolvimento de Hong Kong.

A 30 de junho de 1893, foi aprovado pelo Governo de Portugal o projeto regulando a instrução em Macau, cujos art.º 3 e 4 ordenavam:

"Art. 3 – A instrução secundária será ministrada no Liceu Nacional de Macau, creado por esta lei.

Art. 4 – O Liceu de Macau é equiparado, para todos os efeitos, em categoria aos liceus nacionais do reino". (Teixeira, 1986: 13)

A descrioulização linguística e mesmo cultural intensifica-se nos meados do século XX; a partir de meados dos anos sessenta, após a Guerra do Pacífico, os conflitos do 1.2.3. e as sucessivas diásporas macaenses, fortalece-se esta nova orientação: a aproximação da comunidade macaense à comunidade chinesa; na diáspora o crioulo permanece ainda mais algum tempo.

"Com a estratégia matrimonial e o achinesamento cultural e linguístico dilui-se a identidade cultural e linguística de matriz portuguesa e perspetiva-se uma "sinificação ou hanização dos macaenses" (Marreiros: 1994).

#### 9. Revitalização do patuá: registos, estudos, glossários e dicionários, "Dóci Papiaçám di Macau"

Apesar da descrioulização, vários textos escritos em crioulo foram surgindo em publicações periódicas:

- na revista *Ta-ssi-yang-kuo* (1863-1866), de António Feliciano Marques Pereira (Pereira, 1995), com a recolha de textos de folhas volantes, textos satíricos, textos em verso, cartas, pequenas peças de teatro e curtos diálogos;

- Danilo Barreiros na revista *Renascimento* (1943/1944) reúne um conjunto de textos sob a designação de "O Dialeto Português de Macau", cartas, peças de teatro, comédias, textos em verso, ...

No último quartel do século assiste-se a uma revitalização do patuá de diversas formas:

- Adé (José dos Santos Ferreira), vivendo durante o século XX, criou uma literatura em crioulo e em português, diversificada por vários géneros: poesia, novela, peças de teatro, pequenas histórias, cartas e outros escritos. De alguma forma, recuperando a língua crioula em franco declínio no seu uso, pretende pôr em contraste a "doci lembrança di Macau

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

antigo" com Macau do seu tempo. Pretende "divulgar e preservar o que ficou desse idioma, qual legado suficientemente precioso para ter cabida no rol dos valores que constituem o nosso património cultural."

- a elaboração de glossários e dicionários do crioulo de Macau - *Glossário do Dialeto Macaense* (Batalha, 1988), *Maquista Chapado* (Fernandes e Baxter, 2001), *Dicionário do Crioulo de Macau* (Gaião, 2019).

- estudos sistemáticos sobre os processos linguísticos do patuá de que destacamos: "Os Marcadores do Tempo, Modo e Aspeto no Patuá de Macau" (Nunes, 2001); "Estudo da Expressão Morfossintática das Categorias de Tempo, Modo e Aspeto em Maquista" (Nunes, 2011); *Tóri di Babel: Humor e Língua na Literatura em Crioulo de Macau* (Oliveira, 2016/2017).

- a dinamização das representações teatrais presentes na tradição cultural macaense, através do grupo "Dóci Papiçám di Macau", fundado em 1993; é um grupo teatral e musical formado por gente de Macau sob a responsabilidade de Miguel Senna Fernandes. Tem como objetivo ressuscitar as récitas em patuá, "produzindo regularmente peças de teor satírico e cómico sobre assuntos sociais, políticos e linguísticos da atualidade". (Gaspar, 2015: 172). Criando sátiras sob a forma de comédia ou farsa, criticam a situação social, refletindo o ambiente diário da vida de Macau, com ironia e humor.

### Bibliografia

Amaro, Ana Maria (1972). *Jogos, Brinquedos e Outras Diversões Populares de Macau*. Macau: Imprensa Nacional.

Amaro, Ana Maria (1988). *Filhos da Terra*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Barreiros, Leopoldo Danilo (1998a). "O dialeto português de Macau". In *Renascimento*. jan-jun – 1943, volume I. Macau: Fundação Macau, Direção dos Serviços de Educação e Juventude, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau.

Barreiros, Leopoldo Danilo (1998b). "O dialeto português de Macau". In *Renascimento*. jul.-dez – 1943, volume II. Macau: Fundação Macau, Direção dos Serviços de Educação e Juventude, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau.

Barreiros, Leopoldo Danilo (1998c). "O dialeto português de Macau". In *Renascimento*. jan-jun – 1944, volume III. Macau: Fundação Macau, Direção dos Serviços de Educação e Juventude, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau.

Barreiros, Leopoldo Danilo (1998d). "O dialeto português de Macau". In *Renascimento*. jul.-dez – 1944, volume IV. Macau: Fundação Macau, Direção dos Serviços de Educação e Juventude, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau.

Batalha, Graciete (1983). "Situação e perspectivas do Português e dos Crioulos de origem portuguesa na Ásia Oriental (Macau, Hong Kong, Malaca, Singapura, Indonésia) ", In *Congresso sobre a situação atual da Língua Portuguesa no Mundo*, Atas, vol 1, Lisboa.

Batalha, Graciete Nogueira (1988). *Glossário do Dialeto Macaense – Novas Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Batalha, Graciete Nogueira (1988a). *Suplemento ao Glossário do Dialeto Macaense - Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

Boxer, Charles Ralph (1991). *Estudos para a História de Macau: Séculos XVI a XVIII*. vol. 1. Lisboa: Fundação Oriente.

Fernandes, Miguel Senna e Alain Baxter (2001). *Maquista Chapado – vocabulário e expressões do crioulo português de Macau*. Macau: Instituto Internacional de Macau.

Fernandes, Miguel Senna e Alain Baxter (2004). *Maquista Chapado – Vocabulary and Expressions in Macao's Portuguese Creole*. Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Especial Administrativa de Macau.

Ferreira, José dos Santos (1996a). *Papiçám di Macau*, vol. II. Macau: Fundação Macau.

Ferreira, José dos Santos (1996b). *Macau di Tempo Antigo*, vol. III. Macau: Fundação Macau.

Ferreira, José dos Santos (1996c). *Poéma di Macau*, vol. IV. Macau: Fundação Macau.

Ferreira, José dos Santos (1996d). *Macau Sã Assi*, vol. V. Macau: Fundação Macau.

Ferro, João Pedro (1998). "Os Contactos Linguísticos e a Expansão Portuguesa". In A. H. de Oliveira Marques (dir), *História dos Portugueses no Extremo Oriente, Em Torno de Macau*. 1 vol. Tomo I, pp. 351-459. Lisboa: Fundação Oriente.

França, Bento da (1897). *Macau e os seus Habitantes*. Macau: Imprensa Nacional.

Gaião, Raul Leal (2007). "Nhónha-nhónha – A Reduplicação no Crioulo Macaense". In Maria José Grosso e Inocência Mata (org.), *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa*. Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau, Departamento de Língua e Cultura Portuguesa - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 278-285. ISBN: 978-99937-922-9-1.

Gaião, Raul Leal (2010). "Crioulo de Macau", In *DITEMA Dicionário Temático de Macau, Volume I*, Universidade de Macau.

Gaião, Raul Leal (2019). *Dicionário do Crioulo de Macau – Escrita de Adé em Patuá*. Macau: Praia Grande Edições.

Gaspar, Marisa C. (2015). *No Tempo do Bambu: Identidade e Ambivalência entre Macaenses*. Lisboa: Instituto do Oriente.

Marreiros, Carlos (1994). "Alianças para o futuro", In *Revista de Cultura*, nº 20, Macau: Instituto Cultural de Macau.

Nunes, M. Pinharanda (2001). "Os Marcadores do Tempo, Modo e Aspeto no Patuá de Macau", *Dissertação de Mestrado*. Macau: Universidade de Macau.

Nunes, M. Pinharanda (2011). "Estudo da Expressão Morfossintática das Categorias de Tempo, Modo e Aspeto em Maquista", *Dissertação de Doutoramento*. Macau: Universidade de Macau.

Oliveira, João Pedro M. M. Ferreira de (2016/2017). "Tóri di Babel: Humor e Língua na Literatura em Crioulo de Macau". *Tese de Mestrado*

Pereira, Dulce (2007). *Crioulos de Base Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho.

Pereira, J. F. Marques (1995). *TA-SSI-YANG-KUO – Arquivos e Anais do Extremo-Oriente Português, (reedição) Série I, vol. I-II*. Macau: DSEJ, FM.

Santos, Domingos Maurício Gomes dos (1994). *Macau – Primeira Universidade Ocidental do Extremo-Oriente*, 2 edição, Macau: Fundação Macau, Universidade de Macau.

Silva, António da (1915). "O Dialeto de Macau". In *Oriente*. Macau, abril 1915, nº 4.

Teixeira, Monsenhor Manuel (1986). *Liceu de Macau*, 3ª ed., Macau: Direção dos Serviços de Educação.

### Poema em patuá de Adé Santos Ferreira

#### Divera Saiám

Unga lágrí, // más unga lágrí

trepá vai ôlo, // fazê êle ficá mulado,

atormentá coraçám.  
Um-cento, mil, // quánto-mil ôlo  
inchido di lágri // ta churá, nom-têm consôlo.  
Aqui, ali-vánda, // coraçám tamêm ta churá.  
Nádi uví suluçá, // nom-têm mám pa limpá lágri.  
Ôlo co coraçám // churá juntado.  
Mánso-mánso, // bêço boquizá oraçám.  
Ninguim sai bafo...  
Cuza fazê desafogá?  
Passado têm na lembrança; // sã somente unga lembrança.  
Divera saíám!  
Passado váido, // esperánça já escapulí,  
tudo glória cai esquecido.  
Sã tempo di lágri, // tempo di dôr;  
dôr qui martirizá, // sofrido na básso di silêncio;  
lágri qui ta corê, // quimá tudo rosto.

**Deveras uma pena**

Uma lágrima, // outra lágrima  
afloram aos olhos, // humedecendo-os,  
atormentando corações.  
Uma centena, mil, milhares de olhos // rasos de lágrimas  
choram desconsolados.  
Aqui, além, // choram também corações.  
Não se apercebem soluços, // não há mãos a enxugar lágrimas.  
Olhos e corações // choram juntos.  
Silenciosamente, // lábios balbuciam preces.  
Ninguém fala...  
De quê serve desabafar?  
O passado está na memória; // não é mais que uma recordação.  
Deveras uma pena!  
Passado transcorrido, // esperanças esvaecidas,  
glórias esquecidas.  
É tempo de lágrimas, // tempo de dor;  
dor que martiriza, // sentida em silêncio;  
lágrimas que escorrem, // queimando as faces.  
*ADÉ, José dos Santos Ferreira*

## LINGU ANTIGO DI MACAU

Raul Leal Gaião

papiaçám

patuá

língua maquista

lingu nhonha

papiá cristám di Macau

2

- ▶ [A língua macaísta é como o português misturado com chinês, com uma porção de linguagem de outras raças, canarim, malaio, com uns pingos de espanhol. Espanhol é por causa de Macau ficar perto das Filipinas; canarim com malaio por causa de Macau estar cheio deles. Os portugueses antigos casaram com mulheres malaias e mulheres de Goa. Se não tivesse sido assim, como é que tantos macaístas saíram escuros?] (versão nossa)

3

- ▶ [Patuá é o nome que a gente nova dá à língua antiga de Macau. Outrora a gente mais antiga não chamava patuá. Eles chamavam ao nosso falar, língua macaísta. Às vezes chamam língua cristã. Quem não consegue pronunciar o “r” diz “clistã”. A gente antiga de Macau eram todos cristãos. Os chineses falam outra língua; os que vêm de Portugal falam português carregado semelhante ao português da tua carta; os macaenses não sabem entoar o português, não falam uns com os outros chinês, falam a língua cristã que é a língua macaísta. Outrora onde havia mestres capazes de ensinar português correto? A gente de Macau teve que criar (inventar) a sua própria língua.] (versão nossa)

4

▶ [Para falar verdade, a avó não sabe quando é que a língua macaísta chegou a Macau. Tanto letrados como homens entendidos também não sabem. Talvez tenha começado nos fins do século XVI, juntamente com as novas famílias que chegaram a Macau. [...] No meio do século dezassete, quando Macau olhou, viu mais filhos (cresceu). Eles fazem com que a sua língua saia mais correta. Depois, entretanto, a gente de Macau ficou (a viver) e a língua macaísta cresceu junto. A nossa língua passou de geração em geração, cada dia mais variada, com mais falar português pelo meio. De ano para ano torna-se mais doce e tem mais chiste/grça.] (versão nossa)

5

▶ [Do século dezoito até meados do século dezanove é o tempo mais quente do nossa língua macaísta. Não há casa de filho de Macau, não há homem, mulher, avó, criança que não saiba falar macaísta chapado/correto. [...] No quartel dos soldados falam um pouco à maneira de Portugal. O capitão que casa com mulher de Macau, depressa sabe falar a nossa língua. Os que chegam de novo a Macau falam português, o que faz com que os nossos soldados e os polícias chineses fiquem tontos, pois não conseguem entender o português correto. Sempre que o capitão grita “soldado avança”, os nossos soldados sentam-se no chão a descansar.] (versão nossa)

6

▶ Vão ao bazar fazer compras, vão à igreja confessar-se ao padre, falam macaísta. [...] Toda a criada e cozinheiro em casa, criado chinês de transportar marmita, mulher que traz água/aguadeira, mulher de recolha de dejetos, lavadeira, chinês que vende merenda/merendeiro, todos falam macaísta, uns melhor, outros pior.] (versão nossa)

7

▶ [“A Chacha Ambrósia disse alto e bom som que não estava certo; alguém devia reproduzir em língua macaísta as palavras proferidas, para que todos pudessem entender. Caso contrário, ela negar-se-ia a aplaudir. O intrometido do Atútu de Beiços-Grossos, armado em sabichão, foi até ao centro da sala e tentou explicar em língua macaísta cerrada o discurso do senhor Teodorico. Queria que a velhada o entendesse. Porém, metendo os pés pelas mãos, não disse senão disparates”. (Ferreira, 1996a: 164)]

8

- ▶ **abaná** [abanar; sacudir]; **águ-bento** [água benta]; **ánjo-guarda** [anjo da guarda]; **bafá-assá** [abafar e assar; estufar, guisar (carne)]; **bicho-mel** [abelha]; **boquizá** [pronunciar; dizer]; **comê** (comer); **quiadaze** [criadagem]; (Gaião, 2019)
- ▶ **aguá** [aboar – voar]; **árvre** [arbre – árvore]; **astrevê** [astreber-se/ estreber-se - atrever-se]; **cósca** [coscas – cócegas]; **dále** [dá-le – dá-lhe; bate-lhe]; **qui Diosaja** [Que Deus haja! Que Deus tenha!/ falecido]; **hóme** [home – homem]; **muto** [muto – muito]; **paga** – [paga – ordenado, salário]; **sandido** [açandido/açander – aceso]; **sarado** [çarrado - cerrado, a; fechado]; **cáchi-báchi?** [cáchi-báchi - coisa ou pessoa sem préstimo]; (Gaião, 2019)
- ▶ **áde** [pato]; **azinha** [depressa]; **botica** [loja; estabelecimento comercial]; **botica di livro** [livraria]; **botica-mestre** [farmácia chinesa]; **brêdo** [hortaliça]; **papiá** [falar]; **quinzéna** (casaco de homem). (Gaião, 2019)

9

- ▶ **bagí** [doce]; **balichám** [condimento salgado c/ camarões pequenos e secos e ingredientes picantes]; **cáti** [cate, medida de peso]; **catupá** [pudim de arroz glutinoso]; **do-dol** (doce à base de perada); **lacassá** [espécie de aletria feita de farinha de arroz]; **óndi-óndi** [bolo de farinha de arroz, recheado de jagra e coco]; **parám** [cutelo de cozinha]; (Gaião, 2019)
- ▶ **bicho-balichám** [<port bicho + mal balichám - camarão pequeno para preparar balichão]; **capí-mám** [<mal capí + port - acenar com a mão]; **chuchuméca** [<mal cucok + ingl maker - intriguista; intrometido]; **cissica** [<mal sisil + port -ica) - ato de urinar]; **cutido** [<mal kutil + port -ido - batido]; **savanado** [<mal sawan + port -ado - sob a influência de maus ares]. (Gaião, 2019)
- ▶ **cacús** [latrina]; **istrica** [ferro de engomar]; **istricá** [passar a ferro]

10

▶ **amui** 阿妹 [rapariga chinesa]; **amuichái** 阿妹仔 [criada chinesa jovem]; **apô** 阿跛 [mulher chinesa]; **atai** 阿弟 [criado]; **chanquêng** 巡警 [polícia chinês]; **chatông** 茶桶 [cesto para o bule de chá]; **lai-si** 利事 [envelope vermelho com dinheiro]; **têng-têng-lou** 叮叮佬 [ferro-velho (homem que andava de porta em porta)]; **chengcau** 正教 [chinês batizado]; **min-tói** 棉胎 [edredom; cobertor acolchoado]; (Gaião, 2019)

▶ **apô cartá águ** [<chin + port + port - aguadeira]; **amui di auto-china** [<chin + port + port - cantadeira de ópera chinesa]; **alféri-chai** [<port + chin - alferzinho]; **amochai** [<port + chin - amorzinho]; **amui-baléu** [<chin + mal - rapariga muito pintada levada em padiola (baléu), aos ombros, em festividades chinesas]; **amuirona** [<chin + port - rapariga chinesa grande e forte]; **caxa-fochai** [port + chin - caixa de fósforos]; (Gaião, 2019)

11

▶ **gargú** [chaleira em barro]; **guinde** [jarra]; **ladú** [doce]; **manduco** [rã comestível]; **mate** [lodo]; **mordecim** [dor de cabeça]; **patinga** [barriga da perna]; (Gaião, 2019)

12

▶ **missó** [molho feito de pasta de feijão de soja]; **nune** [tecido transparente]; **quimám** [casaco de senhora]; **sutati** [molho de feijão de soja]; (Gaião, 2019)

▶ **chili-missó** [ing + jap - molho picante]; **bicho-núne** [<port + jap - libelinha]; (Gaião, 2019)

13

▶ [Não tarda muito chega Hong-Kong. Os que são capazes de criar, começam a introduzir palavras inglesas na nossa língua. Muitos filhos de Macau vão à procura de trabalho, casam e têm filhos. Embora sejam capazes de falar «Oh, yes, oh, no», nunca abandonam a língua macaísta”.] (versão nossa)

14

▶ **ascrim** [ice cream – sorvete]; **cacai** [cock-eyed – zanolho]; **afordá** [afford - sustentar; ter meios para]; **manejánte** [manager – gerente]; **mínchi** [minced - prato de carne de vaca ou porco picada]; **tiro-grándi** [big shot (trad) – gente importante]; (Gaião, 2019)

▶ **ôlo-cacai** [port + ing - zanolho]; **tifiná** [ing + port - almoçar]; **vaca-minchi** [port + ing - carne de vaca picada]; (Gaião, 2019)

15

▶ “**China-china** costumado na roda di áno misquinhá, popá tudo qui pôde, pa chegá áno-nôvo ficá mám largo, isguichá sapeca pa comprá ancuza qui precisá co laia-laia istravagância.” (Ferreira, 1996a: 213).

▶ [Os **chineses** estão habituados na roda do ano a poupar, poupam tudo o que podem, para quando chegar o Ano Novo serem mãos largas, gastarem dinheiro para comprar as coisas que precisam, todo o tipo de extravagâncias.].

▶ Ex. “Manhã-cêdo di Maio co fula di laia-laia côm, soprado co tudo suavidade di vento fresco. **Pastro-pastro** na riva di árvre pi-pi-pi ta cantá, água vai, água vêm.” (Ferreira, 1996a: 96).

▶ “Manhã primaveril de Maio, plena de viçosas flores coloridas, com vento suave e fresquinho soprando as folhas. **Passarinhos** cantando pi-pi-pi, voam e poisam despreocupados nos ramos das árvores.” (Ferreira, 1996a: 151).

16

▶ “Mas olá minha **nhu-nhum, nhonhonha**, sium sium, seara seara, se aquelle Santo Antone de Bara tem rezão de levantá furia, discompor pra eu, falá que sã odio, inveja, reva, rancor, que já fazê que eu tratá prêle de manjor.” (Pereira, 1995: 193).

▶ [Mas olhem **meus senhores, minhas senhoras**, se aquele Santo Antone da Barra tem razão em ficar furioso, descompor-me, dizendo que é ódio, inveja, rancor, que fez com que eu o tratasse por major.].

17

▶ “Quiança-quiança **cêdo-cêdo**,// Qui azinha já erguí,// Abrí ôlo, pontá dedo,// **Bom-bom** pisente exigí.” (Ferreira, 1996c: 87).

▶ [As crianças **muito cedo**,// Depressa se levantaram,// Abrem os olhos, apontam o dedo,// Exigindo **muito bons** presentes.].

▶ Ex. “Unga dia pramicedo, **cedo qui cedo**,// céu unchinho lume na-más,// dia ta querê abrí,// iou vagar-vagar andá,// já trepá vai mato Guia,// pa gozá más unga madrugada// di iou-sa saténta primavera.” (Ferreira, 1996b: 19).

▶ [“Um dia pela manhã, **muito cedinho**,// estava o céu apenas um nadinha iluminado,// a aurora a querer despontar,// Caminhando devagarinho,// subi a colina da Guia,// para gozar mais uma madrugada// das minhas setenta primaveras.” (Ferreira, 1996b: 25)].

18

- ▶ Chegá anôte, // Lua côr di prata, raganhado, // [...] Fazê águ di mar luzí ramendá ispêlio, // Co unga porçám di istréla juntado, // **Capí-capí** ôlo brincá co nós.” (Ferreira, 1996b: 22).
- ▶ [“Ao anoitecer, // A Lua cor de prata, risonha, // [...] Fazendo luzir como espelho a água do mar, // Com uma infinidade de estrelas ao seu redor, // estrelas que brincam connosco, // **abrindo e fechando** os seus olhitos.” (Ferreira, 1996b: 28)].
- ▶ “Plum plum! Plum plum! // Braço erguí, braço bassá, // Pau grôso na máam di nhum, // **Dále qui dále**, co força zingúá // Batê tambôr, cachapum, // Fazê plum plum! Plum plum!” (Ferreira, 1996b: 133).
- ▶ [“Plum plum! Plum plum! // Braços ao alto, braços a cair, // Paus grossos nas mãos do homem // **batem que batem**, arreiam com força, // O tambor rufa, cachapum, // Fazendo plum plum! Plum plum!” (Ferreira, 1996b: 137)].

19

- ▶ “Já que elle pôde esquadrinhá tanto cusa pra falá mal de nôsôtro, botá tudo de raso, igualá com **cachoro femea**, pôde tamêem ôvi agora com paciencia tudo que sai de minha boca.” (Pereira, 1995: 124).
- ▶ [Já que ele pode vasculhar tanta coisa para falar mal de nós, deitando tudo abaixo e igualando-nos às **cadelas**, pode também ouvir agora com paciência tudo o que sai da minha boca.]
- ▶ Rádio apôco falá, // Na voz di Mimi Eufêmea: // Portugal justo nomeá // **Priméro-ministro fémea**.” (Ferreira, 1996d: 19).
- ▶ [A Rádio há pouco disse, // Pela voz de Mimi Eufemia: // Portugal precisamente nomeia // **Primeira Ministra**.]

20

- ▶ “Já qui, quelê, más **iou querê** lová, // Sã más lôgo sentí falhá talento.” (Ferreira, 1996c: 7).
- ▶ [“Já que, quanto mais **[eu]** te **quero** enaltecer, // Mais sinto minguar-me o talento.” (Ferreira, 1996c: 13)].
- ▶ “Nom-têm mestre aqui pa **judá iou**, // Nom-têm unga divina chomá “musa”.” (Ferreira, 1996c: 7).
- ▶ [“Aqui me falta mestre que **me ajude**,” // Nem está a divina chamada “musa” (Ferreira, 1996c: 13)].
- ▶ Ex. “- Uví, vós môro-chit! Vós si sã conversá **co iou**, papiá língu cristám, já uví, nunca!” (Ferreira, 1996a: 74). [“ - Ouça cá, seu marata safado! Se a conversa é **comigo**, então fale-me em língua cristã, ouviu?” (Ferreira, 1996a: 126)].

21

- ▶ “Ah! Agora **tá lamentá** di vósso sorte! Quando Mamá **falá**, **non querê** ouvi! Agora, **vem** aqui nós dôs **combiná** logo fazê. Assim, sam diveras **non pôde continuá**. Vós só **tem** mulhé pá nome. Tudo quanto Júlia **fazê**, vós óra-pro-nobis! Vós **parece** mulhé, ela **parece** home. Vós bem de igual cô acunga João Suares, **olá** mulhé corrê-babo... **Ficá** home, como vosso papá. Papá atrevido como iôu!” (Barreiros, 1998b: 156).
- ▶ [Ah! Agora **estás a lamentar-te** da tua sorte! Quando a mãe **diz**, **não queres** ouvir! Agora, **vem** aqui para os dois combinarmos o que vamos fazer. Assim, de facto, **não pode continuar**. Só **tens** mulher de nome. Tudo o que Júlia **faz**, tu ora pro nobis! **Pareces** mulher, ela **parece** homem. És igual àquele João Suares, **ao ver** a mulher baba-se... **Torna-te** homem como o teu pai. O pai era atrevido como eu!]
- ▶ Ex. “Sômente têm ora, **non têm** águ pa banhá... Pacência-ia... Dessá catiaca xerá sôc-sôc, sã tánto qui lôgo sucedê.” (Ferreira, 1996: 196).
- ▶ [Às vezes **não há** água para tomar banho... Paciência... Deixam-se os sovacos a cheirar desagradavelmente, é o que vai acontecer.]

22

- ▶ Ex. “Cavá, tudo **já vai jugá**,// Ariscá sórte na clu-clu,// Fantán, vinte-um, bacará,// Pa savaná azar co vantú.” (Ferreira, 1996b: 99).
- ▶ [Depois, todos **foram jogar**,// A arriscar a sorte no clu-clu,// No fantán, vinte e um e bacará,// Para escorraçar o azar e o enguiço.]
- ▶ Ex. “Avô-công **nunca uví**... Si já uví, certo lôgo ficá geniado. Êle tamêm já sacrificá su ancuza di ôro grôso-pesado, nunca sai bafo.” (Ferreira, 1996: 109).
- ▶ [“Esse é que o vovô **não ouviu**. Pois, se tivesse ouvido, decerto que se zangaria. Então, não sacrificou ele também os seus bem grossos e pesados objectos de ouro? Alguma vez se lamuriou?” (Ferreira, 1996: 166)].

23

- ▶ Ex. “Na diánte di san-t’óí, **lôgo pedí** tudo qui sã di más bom; **lôgo sacudí** mufinaze vai longi, chomá bom-sórti vêm bafezá gente di casa, trazê filicidade, saúde, vida cumprido.” (Ferreira, 1996: 213).
- ▶ [Diante de san-t’óí (divindades), **vão pedir** tudo o que há de melhor; **vão espantar** o mau agoiro para longe, pedem para a sorte bafejar as pessoas da casa, trazer felicidade, saúde e vida longa.]
- ▶ Ex. “- Quim bebê águ di Lilau,// **Nádi** más **sai** di Macau!// Êle já uví estunga babuséra,// Querê olá si sã divera.” (Ferreira, 1996d: 89).
- ▶ [“Quem beber água do Lilau// **Jamais sairá** de Macau!// Tinha ouvido esta baboseira,// Quis saber se era verdade.” (Ferreira, 1996d: 91)].

24

- ▶ Pereira, J. F. Marques (1995). *TA-SSI-YANG-KUO – Arquivos e Anais do Extremo-Oriente Português*, (reedição) Série I, Vol. I-II. Macau: DSEJ, FM.
- ▶ Barreiros, Leopoldo Danilo (1998a). “O dialecto português de Macau”. In *Renascimento*. Janeiro/Junho – 1943, volume I. Macau: Fundação Macau, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau.
- ▶ Barreiros, Leopoldo Danilo (1998b). “O dialecto português de Macau”. In *Renascimento*. Julho/Dezembro – 1943, volume II. Macau: Fundação Macau, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau.
- ▶ Barreiros, Leopoldo Danilo (1998c). “O dialecto português de Macau”. In *Renascimento*. Janeiro/Junho – 1944, volume III. Macau: Fundação Macau, Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Universidade de Macau, Instituto Politécnico de Macau.
- ▶ Silva, António da (1915). “O Dialecto de Macau”. In *Oriente*. Macau, Abril de 1915, nº 4.

25

- ▶ Ferreira, José dos Santos (1996a). *Papiaçam di Macau*. Vol II. Macau: Fundação Macau.
- ▶ Ferreira, José dos Santos (1996b). *Macau di Tempo Antigo*. Vol III. Macau: Fundação Macau.
- ▶ Ferreira, José dos Santos (1996c). *Poéma di Macau*. Vol IV. Macau: Fundação Macau.
- ▶ Ferreira, José dos Santos (1996d). *Macau Sã Assi*. Vol V. Macau: Fundação Macau.

26

Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

- ▶ Batalha, Graciete Nogueira (1988). *Glossário do Dialecto Macaense – Novas Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- ▶ Batalha, Graciete Nogueira (1988a). *Suplemento ao Glossário do Dialecto Macaense - Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- ▶ Fernandes, Miguel Senna e Alain Baxter (2001). *Maquista Chapado – vocabulário e expressões do crioulo português de Macau*. Macau: Instituto Internacional de Macau.
- ▶ Fernandes, Miguel Senna e Alain Baxter (2004). *Maquista Chapado – Vocabulary and Expressions in Macao's Portuguese Creole*. Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Especial Administrativa de Macau.
- ▶ Gaião, Raul Leal (2019). *Dicionário do Crioulo de Macau – Escrita de Adé em Patuá*. Macau: PraiaGrande Edições.

27

- ▶ Nunes, M. Pinharanda (2001). "Os Marcadores do Tempo, Modo e Aspecto no Patuá de Macau", Dissertação de Mestrado. Macau: Universidade de Macau.
- ▶ Nunes, M. Pinharanda (2011). "Estudo da Expressão Morfo-sintáctica das Categorias de Tempo, Modo e Aspecto em Maquista", Dissertação de Doutoramento. Macau: Universidade de Macau.
- ▶ Oliveira, João Pedro M. M. Ferreira de (2016/2017). "Tóri di Babel: Humor e Língua na Literatura em Crioulo de Macau". Tese de Mestrado.

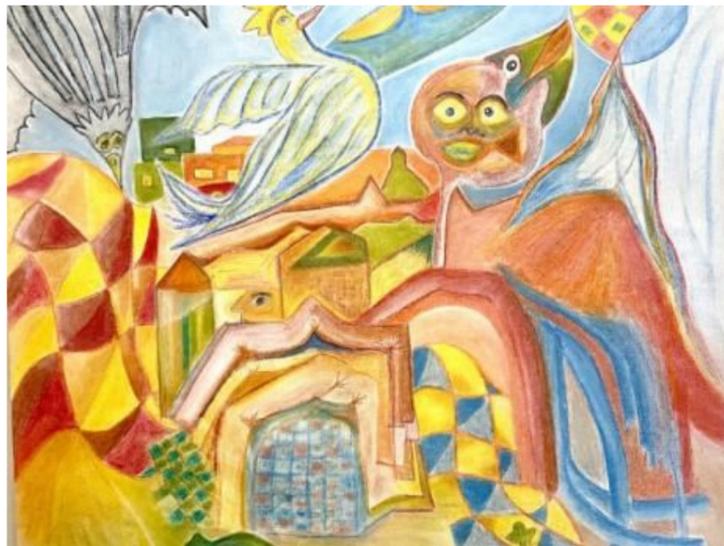
28

SÓCIO DA AICL

PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA, 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017, 29º BELMONTE 2018 E 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 33º BELMONTE 2021 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023

35. **RUI PAIVA, ARTISTA PLÁSTICO** <https://ruipaiva.com/>

LIVROS DE RUI BARATA PAIVA " NUVEM BRANCA" E "PORTO MONIZ"





## 2. CHRYS APRESENTOU RUI BARATA PAIVA

RUI BARATA PAIVA chegou timidamente a Macau em 1979, já eu ali estava há mais de dois anos e cedo demonstrou ser um jovem inteligente e culto nas tertúlias que iam surgindo aqui e ali, aos almoços e jantares no Clube Militar, no Clube de Macau, no restaurante Henry's e tantos outros locais como a Pousada de Coloane em Hác Sá, ou mesmo a sempre agitada casa do arquiteto Manuel Vicente.

Nesse tempo eram as pessoas que faziam os locais e começava a chegar gente diferente e interessante, jornalistas, arquitetos, gente da Banca como o Rui.

Em janeiro 1983 deixei Macau para me fixar definitivamente na Austrália e passaram-se décadas sem saber dele até descobrir que depois da minha saída criara um alter ego artístico e sobressaía agora no meio da aquarela.

Convidei-o a juntar-se a nós na AICL e a vir a este colóquio sem imaginar que ele me iria pedir o impensável para o apresentar a si e à sua obra, coisa que se torna notoriamente impossível pela minha incapacidade e incultura de artes plásticas aliada à minha ignorância sobre como fazer a exegese da sua obra.

Avisei-o de que iria folhear as duas obras autobiográficas, deveras intimistas e profusamente ilustradas, incapaz de as sintetizar para um público exigente como este, mas adverti que iria buscar e citar uma análise que alguém mais capacitado já tivesse feito.

**É um prazer e uma honra revê-lo passadas tantas décadas mas o melhor é citar Hélder Beja, que em 26.9.2017 escrevia para o jornal Ponto Final do meu amigo Ricardo Pinto.**

*A vida de Rui Paiva é feita de um sem fim de afluentes que desaguam todos no mesmo rio: o da curiosidade e sede de conhecimento de um homem que atravessou África, Europa e Ásia.*

*A exposição "Diários Gráficos", na Casa de Santa Maria, em Cascais, inserida no Festival Internacional de Cultura e o livro de artista "Nuvem Branca", são a súpula de um percurso que passou várias vezes por Macau.*

*Paiva apresenta também o livro de artista e livro de vida "Nuvem Branca", bilingue (Português-Ingês) que reúne a obra, e as memórias do economista que viveu vários anos em Macau e que nas suas exposições cria sempre trajetos, como se fossem uma história de Diários Gráficos.*

*Os fragmentos da obra e da vida de Rui Paiva espalham-se por várias vitrinas.*

*São notas visuais tomadas nos mais diversos lugares, de Macau a Monte Gordo, da Tailândia a Porto Moniz, de Hong Kong às margens do Tejo.*

*"Há sempre uma ligação muito grande entre os diários gráficos, o trabalho plástico, e a escrita, a literatura – por isso a máquina de escrever é aqui um elemento fundamental", explica o artista, apontando a velha máquina restaurada que abre o percurso da exposição.*

*No primeiro escarpate estão livros que contaram com a participação de Paiva, como o livro de desenhos editado em Macau no ano de 1982, ou as obras por si ilustradas de Helena Osório, José Silveira Machado, Irene Rodrigues e do poeta Alberto Estima de Oliveira, pois acha que é muito importante criar interações com quem visita as exposições, explicando por que decidiu inserir na mostra várias leituras e imagens icónicas que o vêm acompanhando, Che Guevara, Mao Zedong e o Livro Vermelho, a Lei Básica de Macau, Milan Kundera, Arundhati Roy, Fernando Pessoa, Ernest Hemingway e outros.*

*Na exposição percebe-se a pulsão do autor pelo colecionismo, não apenas de artefactos mas também de memórias.*

*Ao registar as suas viagens, aquilo que pensa e sente, e ao fazê-lo em diferente formas (pintura, escrita) e suportes (dos blocos e cadernos), Paiva coligiu e preservou uma boa parte das histórias que a vida lhe ofereceu.*

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Enquanto olha a panóplia de artigos que as vitrinas guardam, vai desfiando episódios: o do casal que discutia num café do Porto e o fez escrever sobre o ciúme; o das reações sensoriais que teve ao atravessar a porta de uma loja chinesa; o dos corpos de mulheres que se insinuam em traços abstratos; os da infância em Moçambique; o dos poemas que escreveu quando o tufão Hato atingiu Macau e lhe mostrou através da comunicação social que "há cada vez menos interesse em acompanhar Macau em Portugal".

Não falta à exposição a componente audiovisual: em Moçambique, Paiva foi um aficionado do cinema através do Cine Clube de Lourenço Marques, nos anos 1970.

O filme apresentado mostrava as recoletoras de amêijoas na Costa do Sol, seguindo a rotina das mulheres moçambicanas na apanha de amêijoas.

Num entrelaçar de memórias coletivas e políticas com outras pessoais e emotivas, Rui Paiva constrói um percurso pelos seus mais de 60 anos de vida.

E se isso é verdade para a exposição em Cascais, é-o ainda mais para o livro "Nuvem Branca" que deve o título ao nome atribuído a Rui Paiva no Vietname, quando em 1994 apresentou a exposição individual "Nine Dreams" na capital do país, privando com o artista Nguyen Quan que teria sido o escultor oficial de Ho Chi Min.

Esta é uma das muitas histórias em quase 300 páginas profusamente ilustradas com os trabalhos do artista, documentos, recortes de jornais e fotografias, além de vários encartes.

Rui Paiva confessa que era um projeto antigo e um projeto de vida, ter num livro o trajeto explicado enquanto artista.

A história começa com um rapaz que cresce em Vila Pery, no planalto do Chimoio e que cedo se vê despertado para a literatura e para a política.

Escreve pequenos contos, acompanha a primavera de Praga e a Guerra Fria.

Nos anos de Universidade, e enquanto cursa Economia, desenha a caneta várias imagens reveladoras de uma consciência política, que vai de África à China, em que mostra que a geopolítica esteve sempre na sua vida, desde miúdo, desde um conto que escreveu, chamado 'O Fracasso', quando tinha uns 13 anos, sobre o tráfico de armas nucleares da ex-URSS.

Segue-se a vida profissional e Macau, ocupando no território funções tão diversas quanto as de chefe da Divisão de Comércio Externo do Governo, responsável pela Repartição de Serviços de Economia (1980), Chefe de Gabinete do Secretário Adjunto da Economia, Finanças e Turismo, bem como Chefe de Gabinete do Governador Carlos Monjardino (1986) e várias posições na banca durante os anos 1980 e 90.

"A burocracia para ir para Macau levou nove meses, por isso Rui Paiva diz que foi um parto natural.

Foi contratado durante a administração de Garcia Leandro para criar uma divisão de Comércio Interno e quando chegou aos Serviços de Economia não havia um único dossier, histórico nenhum."

Desses anos em Macau, o livro "Nuvem Branca" foca as amizades e os serões em casa do arquiteto Manuel Vicente, e um extenso portfólio de fotografias tiradas durante esses anos, que documentam – a vivência, as crianças, os adultos, a alimentação, o vestuário, os becos de Macau; e também o tufão Hope.

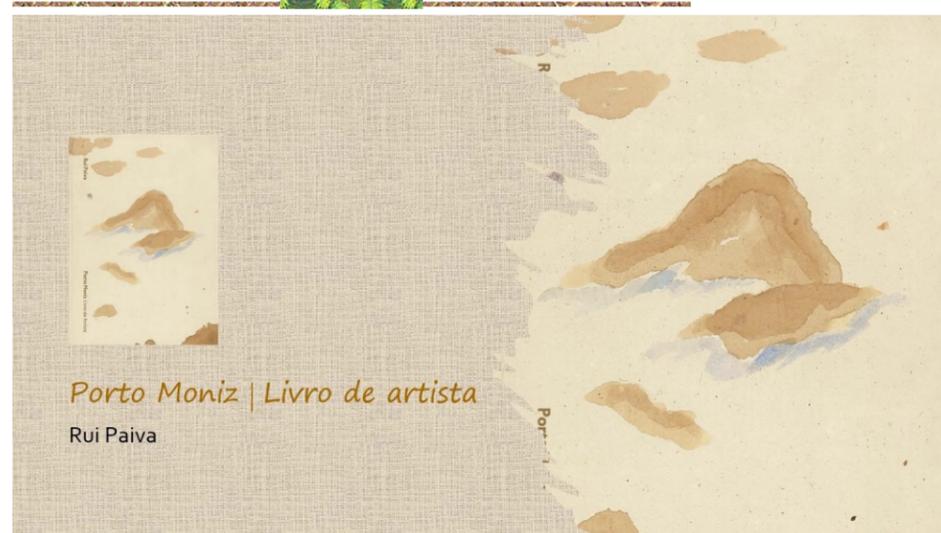
Rui Paiva, destaca a ida a Macau, em 2015: a relação dos afetos.

Numa semana aconteceu tudo: fez uma palestra na Universidade de Macau sobre a China, outra na Fundação Rui Cunha, uma exposição de aguarela na Livraria Portuguesa, e teve grande apoio de pessoas como o Ricardo Pinto, Frederico Rato, Rui Cunha, pois já não ia a Macau há 21 anos.

"Nuvem Branca" abriu portas a este homem que é há muitos anos curador da coleção e gestor do património artístico do Millennium bcp.

Rui Paiva esteve no festival literário Escritaria, em Penafiel, 2017, convidado pelo FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos, apresentou The Script Road - Macau Literary Festival (2018) e lançou Porto Moniz, em 2022 na Feira do Livro do Funchal e no Porto no Museu Nacional Soares dos Reis.

Termino esperando ter despertado o vosso interesse com esta deambulação da obra artística e geopolítica de Rui Paiva.



Commented [CC2]: Não foi possível alterar automaticamente esta palavra



Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia



O RAPTO

Ian Stevenson, milionário americano, dono de vários pozos de petróleo, assistiu à estreia de um dos últimos <sup>no seu casamento privado</sup> mais recentes filmes quando apareceu um porteiro <sup>do cine</sup> do Hollywood em Los Angeles

com actores famosos, quando apareceu ao camarote um <sup>ARRUMADA</sup> portador de uma carta anónima.

Mr. Stevenson, desculpe incomodá-lo, tenho aqui uma carta para si.

- Obrigada - disse o milionário pegando na carta e dando a emprestar-me a lanterna.

- Está aqui Sr. Stevenson.

- Mas... quem é que lhe entregou esta carta? Não tem nada escrito no

mesmo agente que diligência. Se não, milionário, exclamou. Faça favor de entrar por esta porta Mr.

- Boa noite Coronel.  
- Boa noite Mr. Stevenson. Há complicações anónimas. Recibi esta carta quando a estreia a estreia do filme "The Victorious" etc.

A carta estava escrita o seguinte:

MR. STEVENSON 7/-/-

O SEU FILHO ESTÁ NAS NOSSAS PODER.

SE NÃO FIZER O QUE MANDARMOS FAZER NÃO TORNARÁ A VÊ-LO.

NÃO AVISE A POLÍCIA WE SERÁ MELHOR PARA SI E PARA O SEU FILHO.

AMANHÃ, dia 8, às 11 horas da noite, DIRIJA-SE NO ~~CAD~~ SEU CARRO APENAS COM O CHAUFER, à AMERICAN S. PAUL STREET. ~~EM~~ NO FIM DARVA HÁ UM VELHO PRÉDIO, DESABITADO. ENTRE

Conto policial escrito em 1968...

15<sup>h</sup> e 5m

PRAGA - A Rádio Praga anuncia que as tropas soviéticas, húngaras, búlgaras, romenas e da Polónia alemãs (orientais) e da Polónia, (aproximam-se) prepararam-se para ~~nos~~ ir a adiantar de ultra-passar as fronteiras de checos. Ao mesmo tempo ~~que~~ as tropas búlgaras e romenas imediam a Jugoslávia. ~~que se estava~~

<sup>podemos</sup>  
TÓKIO - Uma ~~resquadra~~ japonesa acaba de partir para Nagasaki, via Osaka, ~~de onde~~ onde está concentrada a força aérea japonesa. (donde pensam atacar a Coreia).

~~a France Report~~ II capítulo.

MOSCOVO - Os dirigentes soviéticos veem que chegou o momento de empregar as bombas secretas (S. V. 20).

Mandam um comunicado para a Mongólia onde ~~se~~ está a ser feitas as ~~de~~ destruidoras bombas.

INTEGRAÇÃO

~~Nos~~ Nos arredores de ~~Kobdo~~ ~~EX/17~~ Uimka pequena aldeia a cerca de 150km de Kobdo está instalados 4 grands ~~edifícios~~ ~~armazéns~~ com a aparência de aluozins. Este ~~armazém~~ <sup>edifícios</sup> estão cercados por um alto muro e por uma rede de arame farpado de 2 e 30 de

Conto "O Fracasso" escrito em 1968.

Sobre o tráfico de armas nucleares na URSS.



Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia



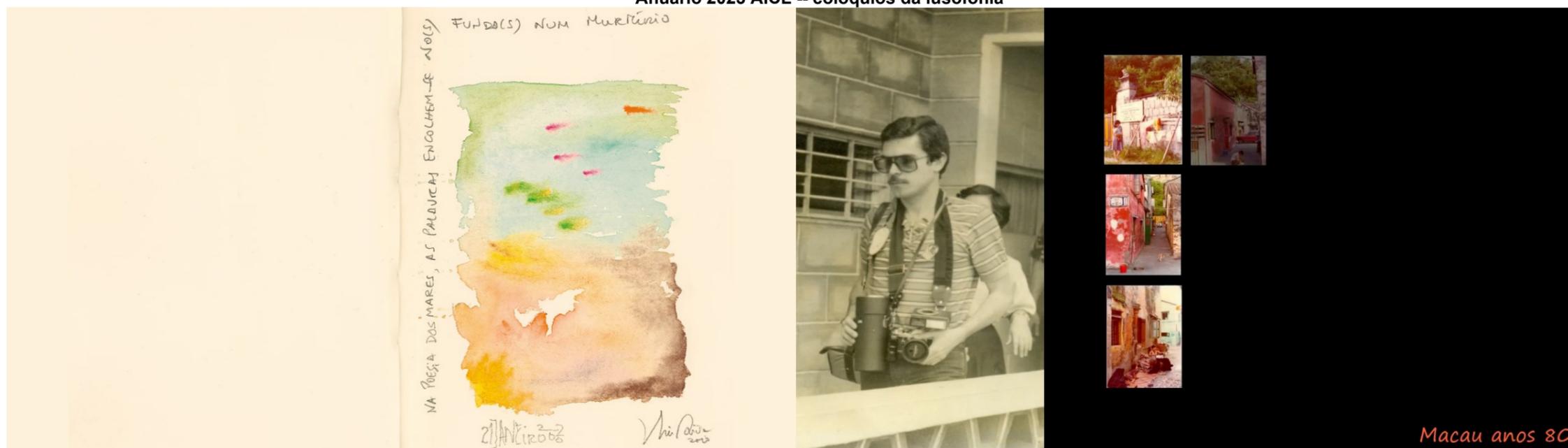
A casa

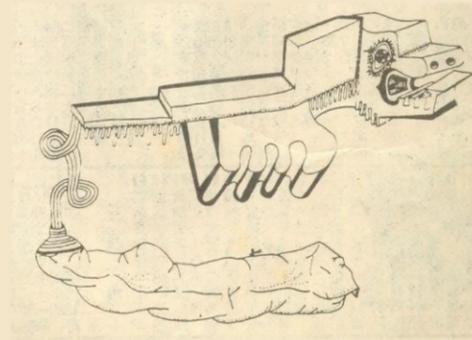
ESMERALDA COM FUNDO AZUL.  
MAR, MAR PROFUNDO, MAR DO NORTE  
ROCHA, ROCHADOS, ILHEU, ILHEU MOLE  
PORTO, PORTO ABERTO  
PORTO MONIZ  
ROTEIRO, VIAGANTE DE UM REINO VIVO,  
VIAGEM, VONTADE, MEMÓRIA  
ROCHA E LAVA  
MAR-ESMERALDA EM CÉLAZUL

27 de ABRIL 2020  
M. Costa 2020  
M. Costa 2020  
M. Costa 2020

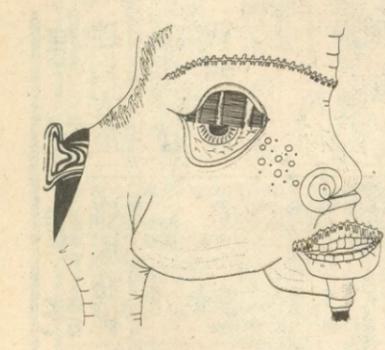
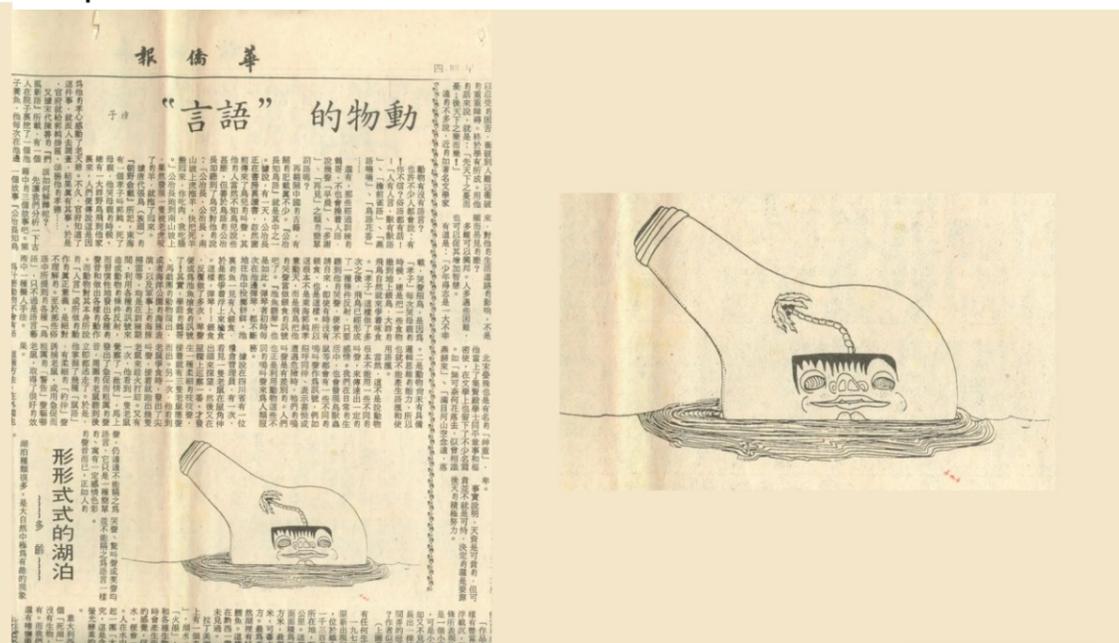


Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

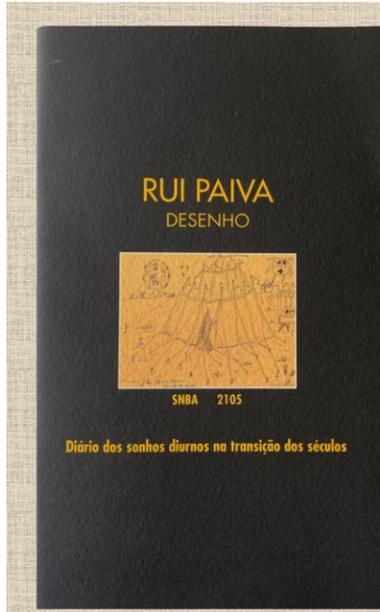




Desenhos publicados à socapa e



Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia



Segundo livro de desenhos; 2005



36-  
FORMAÇÃO  
NA SNBA  
1984/1985

Fui aluno de João Vieira na SNBA, em 1984/1985, num ano de intensa actividade de artes plásticas.

João Vieira era um "Senhor" enquanto homem e um professor magnífico. O Curso de Experiências Plásticas era muito diversificado e abrangente nas disciplinas das artes plásticas, contendo uma tal diversidade de matérias que se revelou um ano de abertura e de conhecimento muito enriquecedor, com intenso trabalho nas técnicas de pintura e desenho. Umas aulas que se revelaram muito válidas!

João Vieira falava para a turma. Não dedicava uma atenção especial a cada aluno mas explicava o colectivo. Um dia, como estava sem saber o que achava da minha actividade, pediu directamente uma opinião. Que não deu... No final do ano lectivo organizou uma exposição colectiva em torno do Atelier Livre João Vieira e quando todos nós espalhámos os trabalhos pelas salas da SNBA, qual não foi o meu espanto e alegria quando escolheu um amplo conjunto diversificado de peças minhas.

Um "boneco" dedicado aos bonecos dos anos 80 de José de Guimarães; seis pastéis secos; um óleo em cores numa

paisagem surrealista; um envelope desmultiplicável em pastel de óleo.

Mais tarde lá visitá-lo ao seu

I was a student of João Vieira at the National Society of Fine Arts (NSFA) in 1984/1985, a year that I spent much of my time dedicated to arts. João Vieira was a gentleman, a kind-hearted man, and a magnificent professor.

The class name was "Plastic Experience" and it was very diverse and comprehensive in what concerns the plastic arts subjects studied. It was a year of mind opening and intense learning, and much work on painting and drawing techniques. Some of the classes were very useful in my future.

João Vieira was lecturing. He never paid special attention to any particular individual, but he was very strong in awaking enthusiasm among the body of his students. One day I thought I would like to



159

36-  
LEARNING  
AT NSFA  
1984/1985



43-  
THE GULF WAR  
AS A MEDIATIC  
PHENOMENON  
1991

The Gulf War started when I was in Macau. As a Territory governed by the Portuguese and distant from the happening I was only feeling the shaking of the war from a long distance. My first formal exhibition, with catalogues, "Understanding Green", had been around a year before. That is part of what made it so important. It was my first individual exhibition. The venue was the renewed building of the old Cande de S. João da Hospital, and was sponsored by Bruno Soares.

António Conceição Júnior, an affluent person in Macau's cultural circles creates a small catalogue. The design was his creation and it was very innovative. He was also the author of the preface. Estêvão de Oliveira, a mature and prestigious poet that I admired very much, offered a poem of his infrastructure to add to the catalogue. But 1991 was the year of a new exhibition.

I was concerned about what was going on in the world. Not only what we could see but what we could not see but imagine. We all lived in front of the CNN to try to find out any further detail. People switched the war news as if they were following some sort of show or soap opera, alienating us from the horror of it was. This observation inspired me to create a mediatic phenomenon. I wanted to make this war appear in all Macau's media. I sent to Macau's TV and the most important newspapers (Tribuna, Comércio de Macau, Clarim) news, poems, drawings, cartoons, interviews, all made to shake the sleeping minds of Macau's population. I organized an exhibition named Sêgas e Sanguis do Deserto (Sepia and Sanguis of the Desert) in the Portuguese Library. The theme, of course, was the Gulf War. It was a success, with many visitors.

187

20017 1517

Livros de artista



## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

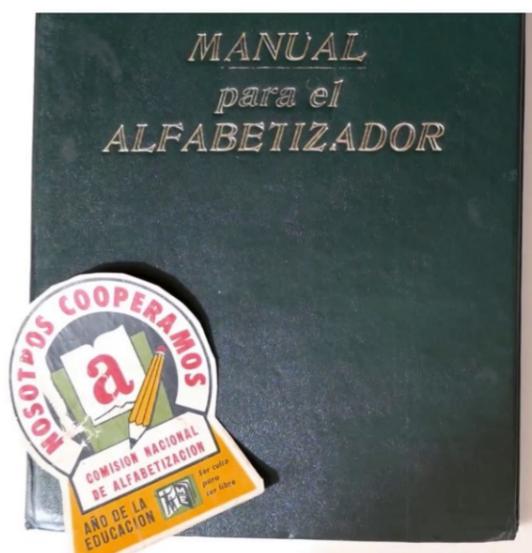


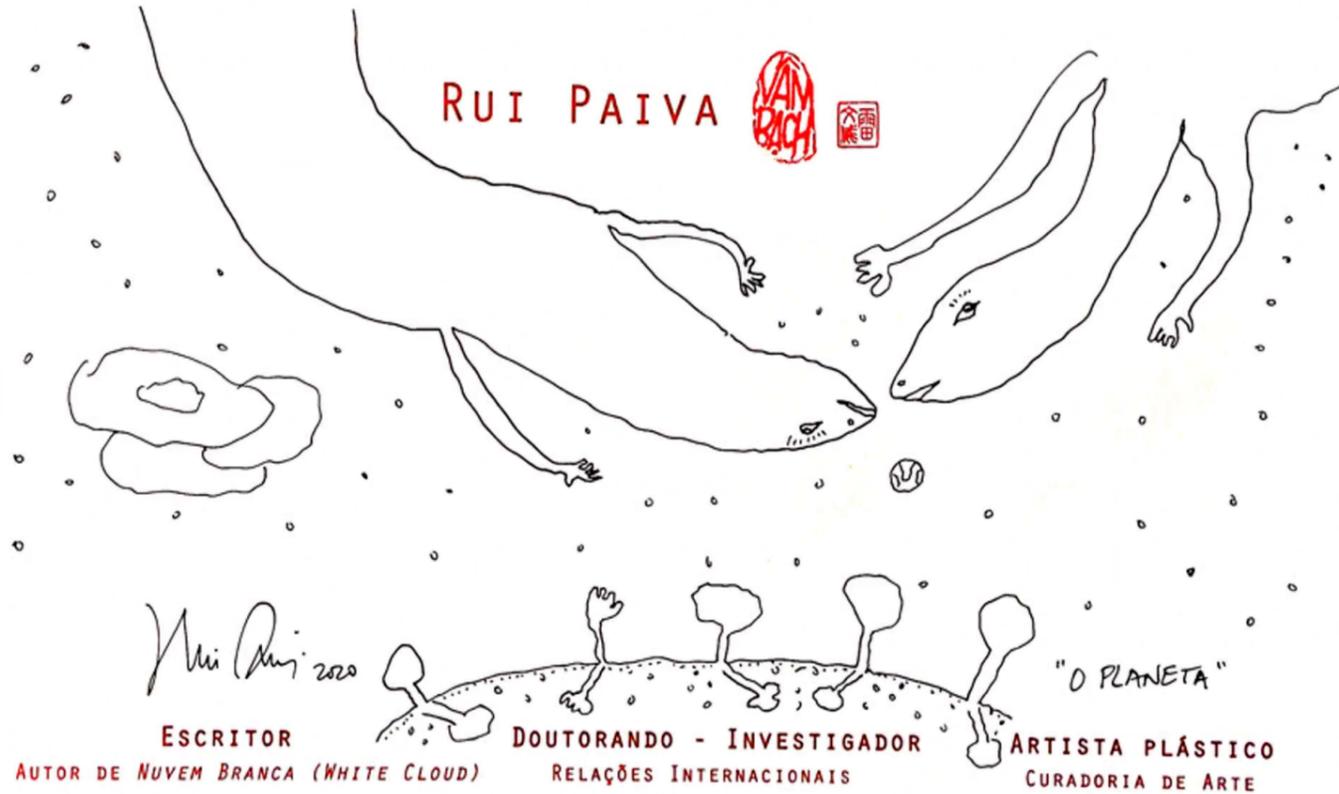
Corro para comprar uma Coca Cola. Cheguei ao aeroporto José Martí, cheio de sede, depois de um longo voo, enfrentando a noite cálida e húmida de inverno cubano.

Temperatura e humidade numa mescla tropical.

Para meu desespero, não me aceitam euros. Somente os CUC's (ou cucos), os pesos convertibles podem pagar uma lata de precioso líquido. Sem cucos nada feito.

Omara Portuondo no Hotel Nacional de Cuba





**3. APRESENTOU VIAGEM ÀS MEMÓRIAS DE UM "OBSERVADOR ATENTO LUSOFONIAS: ÁFRICA, EUROPA E ÁSIA NAS ARTES E NA ESCRITA, A ESCRITA DE UM PERCURSO CULTURAL ENTRE A ÁFRICA ORIENTAL E A EUROPA: A ÁSIA COMO ROTEIRO DE CRESCIMENTO, A GEOPOLÍTICA COMO FERRAMENTA MENTAL**

Viver é viajar num corpo de tempo.

Podemos carregar o corpo, mas também podemos deslizar.

Encher uma mochila de sonhos, deixar que o corpo acompanhe a mente nesse flutuar de *Nuvem Branca*.

Foi o que aconteceu comigo, partindo de uma infância e adolescência de Natureza Africana.

Na origem, Moçambique!

Primeiramente no centro, no planalto do Chimoio, mais tarde a sul.

Na verdade, sempre pensei a sul.

Em miúdo, aos 13 anos, escrevia contos policiais, como o *rapto* ou tantos outros de ficção política.

A título de exemplo: o *fracasso*, revelando este, ficcionalmente, o tráfico de armas nucleares nas fronteiras da URSS.

Mais tarde, entre os 18 e os 20 anos, foi a vez de um curso de cinema e a alfabetização para as *mamanas* nos arredores de Maputo, a caminho do aeroporto.

Foi aí que conheci e conversei com os primeiros camaradas da Frelimo aquartelados nos arredores de Maputo.

De referir as artes, bem como muitos desenhos geopolíticos que se mantêm de acordo com a realidade, desequilibrada e global.

Sempre respirei a Geopolítica...

Na infância, no pensamento, nas artes e na escrita.

Em Macau, o meu *Macau Pobre*, para onde fui muito jovem, atuei no setor público (controlo de preços, mais tarde organização dos serviços e, por um ano, a direção total dos poderosos serviços de economia), tendo também ensinado no liceu.

Fiz karaté SEIGOKAN, aprendi (e fui esquecendo) as primeiras dezenas de caracteres.

Como se não tivesse aprendido a desenhar um A mas uma ideia muito minha da Ásia.

A *China Moderna* recebeu a minha atenção numa pós-graduação e uma década e meia depois, num doutoramento (Investimento direto chinês na Europa Ibérica), no entanto devido à pandemia, suspenso no tempo.

Realizei dezenas de palestras acerca de economia e de finanças, mormente sobre a banca, analisando a Ásia, a RPC, os BRICS, e também, por muitas vezes, e mais animicamente, Macau e Hong Kong (a última palestra-aula sobre esta colónia britânica, foi num curso de filosofia, quando se discutia a Democracia).

Existia, e existe, muita iliteracia financeira asiática.

Muito desconhecimento factual, mesmo nos venerados "especialistas".

Talvez facto este irónico, fui descoberto para as artes em 1980 por um Curador e Presidente de uma Associação de Arte Dramática de Macau, um cidadão chinês, culto, esclarecido.

Que publica desenhos meus, surrealizantes, acompanhados da sua Crítica de Arte, sem eu saber.

Dei-me, então, uns anos de aprendizagem e reflexão.

Só por alturas de 89/90, no terceiro período de Macau, comecei a expor individualmente.

Não foi fácil mostrar que um diretor bancário podia ser um artista plenamente assumido.

Banca e Artes, duas barricadas que se observam, mas não aceitam facilmente a sua sobreposição.

Seguiram-se mais de uma centena de coletivas, pela Ásia Grande, Japão, Coreia do Sul, Malásia, Singapura, Portugal.

Dezenas de individuais neste país, mas também em Macau, Hong Kong e em Ho Chi Minh City, no Vietname.

Como escritor, para além da ilustração de diversos livros de escritores e poetas de Macau e Portugal, aponto os três livros por mim editados:

*Desenhos-Macau 79-82*,

*Nuvem Branca – Livro de Vida e*

*Porto Moniz*,

e deixo no ar uma surpresa para breve.

# Workshop de Pintura na ESRG com o artista Rui Paiva

## Projeto Escola e família, uma só equipa

“Pude reviver a pintura com aguarela. O Sr. Rui partilhou connosco as suas obras e ensinou-nos novas técnicas.”

VITÓRIA ANDRADE

Uma certa bonomia e descontração trouxe consigo, logo pela manhã, o artista Rui Paiva à Escola Secundária da Ribeira Grande, para a realização de um workshop de pintura.

Chegou de mala de viagem, pelo que poderíamos deduzir que teria acabado de aterrar na ilha do Arcaño e se dirigido imediatamente à escola, mas não. Qual mágico que de dentro da cartola faz sair a cor da alegria, Rui Paiva foi retirando da mala os materiais que consigo trazia: o papel de aguarela, os grafites, os pincéis, as aguarelas, o pastel seco, os acrílicos, num gesto de desvelada pedagogia, captando em êxtase o olhar atento dos alunos. Discorreu sobre a arte da pintura, apresentou-lhes pintores de referência, mostrou-lhes o seu trabalho e explicou-lhes as técnicas da aguarela, despertando-lhes a curiosidade pelo que se seguiria. Depois, explicados os conceitos, os alunos, ávidos de novas experiências,



Alunos em Workshop de Pintura com o artista Rui Paiva

lançaram-se ao trabalho, explorando os diferentes materiais e, com isso, redescobriram as técnicas da aguarela e do acrílico.

Assim, aquilo que poderia ter sido uma breve pincelada de aguarela sobre o papel converteu-se numa tela de tons suaves e alegres com predominância para o azul, o verde, o laranja e o dourado, onde não faltou um toque de sal a simular a espuma das ondas.

No final, a generosidade do

mestre a premiar o esforço dos seus discípulos: cada aluno levou consigo um kit de material de artes plásticas, todos diferentes, para que pudessem partilhar entre si, e uma peça de fruta, pois, se é verdade que “os olhos também comem”, não é menos verdade que é necessário alimentar o corpo e, para isso, nada mais deleitoso do que provar, no final, a fruta que se desenhou no papel de aguarela. ♦

PROF. PAULA TAVARES

“...uma experiência incrível, que definitivamente irei levar para toda a vida.”

BEATRIZ MELO

“Só tenho a agradecer ao Sr. Rui por ter vindo dar este workshop maravilhoso.”

LISANDRO JACOB

“Foi diferente, pois vimos imagens de obras e pintores, trabalhamos novas técnicas, e no final deu-nos prendas.”

MARIANA PONTES

Este projeto da ESRG pretende estreitar a relação entre a escola e as famílias, estando já na segunda edição.

Atualmente, tanto a escola como as famílias enfrentam desafios ao nível da educação dos adolescentes, quer pelas mudanças que ocorrem a nível da sociedade, quer a nível do desenvolvimento tecnológico. Os adolescentes precisam de orientação e de limites fortes e consistentes que serão mais eficazes se a escola e a família trabalharem em uníssono.

As sessões presenciais são mensais e têm a duração de 90 minutos (das 18h às 19h30), sendo dinamizadas pela docente Raquel Faria.

Nestas sessões apela-se à participação dos presentes com partilhas de experiências e resolução de exercícios propostos.

No presente ano letivo, a escola está a apostar mais na divulgação do projeto, estando aberto a toda a comunidade educativa e à participação de pais e encarregados de educação de outras unidades orgânicas que tenham interesse em participar.

Esperamos que a equipa seja a maior possível pelo sucesso dos nossos alunos! ♦

PROF. RAQUEL FARIA - ADAPT.

## APRESENTOU A MOLDURA HISTÓRICA DE A ESCRAVA AÇORIANA DE PEDRO ALMEIDA MAIA

Em Ilha-América, um acontecimento individual verídico permitiu a Pedro Almeida Maia reconfigurar um certo tempo açoriano e português.

No presente romance, o autor reconstrói uma conjuntura histórica insular para nela situar uma personagem em que se manifestam os sinais e a consequência dos tempos funestos de finais do século XIX: a crise económica e o excesso demográfico abriram portas ao tráfico humano, à exportação de mão-de-obra açoriana, principalmente para o Brasil.

O negócio, vergonhoso, envolvia poderes diversos e «intocáveis», apesar de denunciado na imprensa, e recebeu a designação de «escravatura branca».

As duas mais recentes narrativas de Pedro Almeida Maia, para lá das suas diferenças de tempo histórico e respetivos condicionalismos, do género dos protagonistas, entre outras, apresentam um ponto em comum: trata-se, em ambos os casos, de duas fugas para Oeste, esse lugar mítico do imaginário insular – e mítico mesmo quando a experiência alheia não era suficiente para dissuadir os que tinham ficado ou, pelo menos, refrear o seu impulso para a partida.

Em *Ilha-América* (2020) Almeida Maia parte de «acontecimentos e locais verdadeiros» (informação paratextual) para construir a história do jovem Mané que em setembro de 1960 se escondeu no trem de aterragem de um *Lockheed Super Constellation* e deixou a ilha de Santa Maria rumo a Caracas, com escala nas Bermudas. A história individual permite ainda ao escritor convocar alguns elementos que ajudam a recomposição de um tempo sociopolítico, o do salazarismo e da fome insular: «os tempos de pobreza iam acabar», lê-se logo no início do capítulo primeiro (num registo de discurso indireto livre, que implica personagem e narrador).

Diferente é a situação narrativa em *A Escrava Açoriana* (2022): sobre um fundo coletivo, e no ano de 1873, destaca-se a personagem Rosário, num contexto de emigração, com enfoque na emigração clandestina, aquela que, a partir de determinada altura, se realizava em pleno dia e através do cais de embarque<sup>41</sup>, como escreve um historiador do século XIX.

É deste fenómeno migratório que pretendo ocupar-me, trazendo alguns elementos que permitam compreender certos fenómenos (vergonhosos) do tempo histórico açoriano em que Almeida Maia enquadró as suas personagens (o século XIX, com uma «entrada» já nas primeiras décadas do século XX), fenómenos que ajudam a esclarecer a justiça de um título como *A escrava Açoriana*.

A emigração, não sendo um fenómeno exclusivo de oitocentos, ganha contornos específicos neste tempo: pelo seu peso social e também pela mudança de destino, com os Estados Unidos a conquistarem espaço ao Brasil: no decénio que vai de 1881 a 1890, emigraram legalmente do distrito da Horta 10.419 pessoas, 8876 das quais para os Estados Unidos da América e 1506 para o Brasil (Sequeira, 1994: 147; sublinhado meu).

É fácil encontrar na imprensa alertas sobre as consequências económicas desta emigração excessiva e descontrolada, embora sem deixar de reconhecer a importância das remessas entradas no arquipélago, sobretudo provenientes dos Estados Unidos. Ernesto Rebelo, Manuel Zerbone, por exemplo, lançam os seus alertas nos jornais da Horta e Mont'Alverne de Sequeira publica em 1891 o opúsculo *A emigração dos Açores*, em que analisa o fenómeno migratório nos seus diversos aspetos: enquanto exercício do direito de circulação e elemento capaz de minorar as desgraças do povo nos períodos agudos de crises económicas, que os governos deixaram entregues à própria evolução» (Sequeira, 1994: 90), embora também fator de desequilíbrios sociais

Ora, conhecem-se as crises económicas que, para lá dos desastres naturais (tempestades, secas), marcaram a segunda metade do século XIX, com o colapso das vinhas no Pico<sup>42</sup>, (meados do século) e a crise dos laranjais em S. Miguel (a partir de 1875).

«Ao longo da década de 50, a população do Pico diminuiu em consequência da grave crise provocada pela doença das vinhas», escreve Maria Isabel João. (p. 77). E se não é de crer que os picoenses se tenham dissolvido no ar, a conclusão a retirar é que a emigração foi a «solução» por eles encontrada para evitar morrer de fome.

Por outro lado, e no distrito de Ponta Delgada, o incremento da emigração legal, a partir de 1880 (com o seu auge nos anos de 1880 a 1883: um total de 14164 pessoas nesses quatro anos<sup>43</sup>), demonstra que nem a construção do porto artificial de Ponta Delgada (a primeira pedra foi lançada em 1861) bastou para absorver o excesso de mão-de-obra micalense.

Ora, esses dois acontecimentos, que aqui funcionam apenas como pontos de referência, não podem fazer-nos esquecer as «crises alimentícias» que pontuam o século XIX açoriano. Na sua edição de 27 de março de 1858, escrevia o *Açoriano Oriental*:

*O brigade Guilherme, trazendo de Viana 9000 alqueires de milho para a Terceira e achando-se este na atualidade à venda n'aquella ilha a 480 réis, foi immediatamente leval-o á ilha do Fayal, onde está por um preço muito elevado, e não o ha.*

A calamidade não era exclusiva do Faial, pois a 11 desse mês o *Angrense* noticiava que tinham chegado à Terceira diversos barcos idos de S. Jorge e carregados de gente, «a maior parte da qual vem fugindo à fome, e outra vem comprar cereais.»

Ou seja, o quadro que os Açores apresentam no decurso do século XIX tem as condições suficientes para que a emigração se perspective como a saída possível perante uma realidade social e económica concreta.

Neste contexto, ganha contornos ainda mais deploráveis aquilo que a imprensa da época designou como a *escravatura branca* ou *tráfico de brancos* ou ainda o *comércio da escravatura branca*. Porque era de comércio que efetivamente se tratava: o transporte de homens e mulheres para o Brasil, onde eram depois arrematados pelos clientes brasileiros (quando tudo corria bem – em caso contrário, ficavam abandonados à sua sorte, melhor dizendo, ao seu azar).

<sup>41</sup> Uma breve anotação em *A Escrava Açoriana* dá conta desta realidade: «No Cais Velho, embarcavam Rosário, Adelaide e mais oito emigrantes ilegais, rumo ao Porto dos Batéis, nas Feteiras. Não cabia mais ninguém naquele boca aberta enjoando a peixe. Mas, no Cais Novo, ali à distância de um olhar, com direito a manobra de bagagem no moderno guindaste a vapor, embarcavam garbosos viajantes e os seus casacos dispendiosos. Por força da ironia, seguiriam todos para o mesmo navio fundeado ao largo do porto.» (Maia, 2022: 48-49)

<sup>42</sup> As vinhas do Pico que alimentavam a riqueza dos proprietários do Faial. (Marcelino Lima)

<sup>43</sup> Sacuntala de Miranda, p. 75.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Um folhetim publicado no jornal micalense *Defensor do Trabalho*, no final da década de 1869, princípio da de 1870, e intitulado *O Amor d'um escravo*, refere a miséria dos Açores, Cabo Verde e Canárias como uma das causas «que tem dado lugar a uma especulação à qual se poderá dar o nome de tráfico de brancos e detém-se em particular nas condições bárbaras em que se processa a emigração destes homens, mulheres e crianças, desde o embarque e o transporte até à sua venda no mercado do Brasil.

Que se tratava de um negócio do conhecimento público e transversal à sociedade, prova-o o facto de, em abril de 1858, o jornal *O Angrense* anunciar que o Comendador António da Silva Baptista decidira afastar-se do «tráfico de escravatura branca» e alugara o seu navio *Jovem Artur...* para o mesmo fim! «Não trafica diretamente, mas lucra com o tráfico; é o mesmo” – conclui o jornal.

No final desse mesmo ano, o cônsul português no Rio de Janeiro enviou ao governador civil de Ponta Delgada um ofício onde refere que a barca brasileira *Dois amigos* aportou àquela cidade com «seis centos e doze passageiros, tendo largado o ancoradouro [de Ponta Delgada] com cento e vinte sete!»

Uma simples operação aritmética permite constatar que o diferencial de 485 é superior ao triplo dos passageiros efetivamente registados, ou seja, estamos perante uma descarada situação de emigração clandestina. Aliás, em ofício anterior já o cônsul alertara para a situação, embora num caso em que a diferença entre legais e clandestinos era «apenas» de 186.

Num ofício enviado ao Ministro do Reino em janeiro de 1859, o governador civil rejeita as acusações de conivência com os embarques clandestinos que lhe são feitas pelo cônsul e afirma que «se este tivera de largos tempos feito as participações que agora começa a fazer, estes abusos teriam terminado». Aliás, já no seu Relatório de setembro de 1858, o governador civil dava conta da teia de interesses e dos conluíus existentes em torno da emigração clandestina: «privando com os jurados, os donos e os capitães dos navios, os aliciadores e os traficantes zombam, escudados por esta forma na impunidade, das autoridades e levam a sua zombaria ao maior grau de descaro.»

Uma das personagens centrais em todo o processo é, na verdade, o aliciador ou engajador, descrito em alguma imprensa como o especulador ousado que «aufere pingues lucros d'este inhumano comércio. É certo que por vezes o braço da lei se estende sobre ele<sup>44</sup>, mas a sordidez do seu comportamento é bem notória na notícia do jornal *A Persuasão* de 13 de janeiro de 1869: «N'algumas das ilhas do Distrito da Horta (...) os engajadores e mesmo os capitães de navios recebem dinheiro dos que pretendem emigrar, levam-nos até bordo dos navios e depois mandam lançal-os na costa».

Será talvez momento de suspender as referências factuais e darmos alguma atenção aos modos como a emigração pôde ser perspetivada, em termos nitidamente contraditórios que traduzem, afinal, pontos de vista e interesses de teor diferente e até mesmo higienista e de supremacia social.

Mont'Alverne de Sequeira reconhece a importância económica da «exportação de gente» (90), sobretudo em tempos de crise, e o papel das duas Américas no acolhimento de «milhares de indivíduos do nosso arquipélago» (90), assim contribuindo para minorar a fome e a miséria, graças à entrada de dinheiro, que «traduzia em libras esterlinas as saudades da família» (p. 90)

Mas é o mesmo Mont'Alverne de Sequeira que escreve:

«A princípio as duas Américas foram o vazadouro de tudo quanto por cá havia de mais abjeto na espécie humana, salvando exceções. Purgámo-nos dos malandrins, dos larápios e ineptos. Com o decorrer dos tempos (...) a monomania invadiu também os sãos, os válidos, os trabalhadores, e aquilo que até aí foi um benefício e como que uma vassoura desinfetante, tornou-se logo em flagelo, depauperando-nos dia a dia com a brutalidade de um cataclismo.» (p. 89)

Mesmo em textos oficiais é possível encontrar marcas deste tipo de discurso, veja-se um ofício do governador civil ao Ministério (10 de agosto de 1854):

(...) por ora esta Ilha por forma alguma se ressentia da falta de gente que tem emigrado, sendo certo que grande parte da gente que ultimamente daqui tem saído, foi um grande serviço prestado a esta ilha que se viu livre de muito vadio e gente de máos costumes, cuja auzência deixou este Distrito na mais profunda paz»

E já no início do século XX, *A Persuasão* (10 de outubro de 1906) noticiava o embarque de 251 passageiros para as Ilhas Sandwich (o nome histórico do atual Havai), comentando em conclusão: «agora, como anteriormente, esta emigração limpa a nossa sociedade de bastantes impurezas.»

Até que ponto este discurso higienista não denega ou relativiza a confissão do poder público quanto à sua impotência para travar as redes de «exportação de gente» durante o século XIX? Como explicar essa espécie de indiferença que atinge a sociedade e de que Mont'Alverne de Sequeira nos dá conta?

*O monstro [o engajador] fica radiante, quando vê o rebanho de infelizes, conduzido para bordo como carneiros, que se exportam!*

*Tudo se passa nas bochechas das autoridades locais, que são impotentes para bargantarias deste quilate. O povo assiste sereno a essas procissões de infelizes, e os grandes homens comentam o facto à noite, à hora das torradas, demonstrando que ele é impróprio da civilização dos nossos tempos, e o espetáculo indigno deste século de eternas luminárias.* (Sequeira, 1994: 104, sublinhados meus)

Eu não tenho respostas. Estas exigiriam outras leituras extensivas e de conjunto que não se coadunam com o tempo desta comunicação.

Mas se no Relatório da Administração do Distrito de Ponta Delgada para 1861 se escreve que «felizmente o nefando tráfico da escravatura branca cessou neste distrito há quase três anos.» (Miranda (1989: 62), então podemos voltar a fazer mais perguntas: se foi possível resolver o problema, porquê tanto tempo para fazê-lo?

E como explicar que no início da década de 1890 a emigração clandestina se situe acima das duzentas pessoas por ano no distrito de Ponta Delgada, sendo ainda mais elevada no da Horta? (Sequeira, 1994:151)

Por isso, regresso de novo à *Escrava Açoriana* e ao modo como aí se constrói uma história ficcional ancorada no conhecimento e nos parâmetros de uma época açoriana funesta.

Munida de um terço e de um exemplar do *Amor de Perdição* surripiado no Convento da Esperança, Rosário refaz a percorrer a rota de alguns lugares da emigração açoriana no Brasil, com as suas vicissitudes e desventuras, com as perturbações semânticas de um tempo em que o substantivo *ilhoa* se tornara sinónimo de *prostituta* (Ramalho Ortigão tinha escrito sobre essas coisas em 1872). E se Rosário pôde regressar à ilha (mesmo como *outra* mulher), isso é ainda um sinal de sorte, uma exceção

No final, quando a história se repetir e a representação literária se entrecruzar com a representação pictórica, quando a história de *A Escrava Açoriana* se enlaçar com *Os Emigrantes*, de Domingos Rebelo, será tempo de concluir que a emigração é uma doença ...hereditária.

<sup>44</sup> *A Persuasão* de 2 de Julho de 1862 noticia que o Tribunal de Angra condenou a quatro anos de prisão cada um dos quatro réus acusados de engajadores de colonos para o Brasil.

## REFERÊNCIAS

MAIA, Pedro Almeida (2020), Ilha-América. Ponta Delgada, Letras Lavadas.

\_\_\_\_\_(2022), A escrava açoriana. Ponta Delgada, Letras Lavadas.

MIRANDA, Sacuntala de (1989), O Ciclo da Laranja e os "gentlemen farmers" da Ilha de S. Miguel. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada.

SEQUEIRA, Mont'Alverne de (1994), «A emigração dos Açores», Questões Açorianas, 2.ª edição. Ponta Delgada, Jornal de Cultura, pp. 87-154. [1894].

## Web

JOÃO, Maria Isabel, Economia e sociedade açorianas em meados do século XIX

<https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/8364/1/MJ%20-%20Economia%20e%20sociedade%20a%C3%A7orianas%20em%20meados%20do%20S%C3%A9culo%20XIX.pdf>

37.

VASCO MEDEIROS ROSA

**APRESENTOU É PRECISO ROMPER O AMANHÃ. MADALENA FÉRIN REVISITADA, ED. COMPANHIA DAS ILHAS**

É *Preciso Romper o Amanhã. Madalena Féris Revisitada* é, portanto, a expressão mais recente do seu trabalho de longa duração visando trazer à atualidade — e aos leitores do futuro — escritores de mérito potencialmente esquecidos.

**Madalena Féris no Arquipélago**

Quero muito começar por agradecer a Chrys Chrystello o irrecusável convite para trazer Madalena Féris a este colóquio da lusofonia, para mais neste Arquipélago em que o seu irmão José Nuno da Câmara Pereira apresentou em 2016 a sua última e mais extensa exposição retrospectiva. Quero também agradecer a Helena Barros, principal entusiasta da edição de *É Preciso Romper o Amanhã. Madalena Féris Revisitada*, o facto de ter vindo expressamente de Santa Maria para assistir a esta apresentação e ler — como faz tão bem — versos da poeta mariense nesta instituição cultural em que trabalhou durante anos e onde, julgo saber, foi feliz.

Nunca é tarde para fazermos das coisas culturais muito mais do que uma penosa via-sacra de desconfortos e perplexidades de todo o tipo, e assim conquistarmos — de direito próprio — a Alegria que vem da convicção do que sonhámos construir em defesa e louvor de escritores ou artistas esquecidos, injustamente esquecidos por sinal, como é o caso de Madalena Féris.

Muito obrigado sou, portanto, a ambos, como o sou a Urbano Bettencourt e a Maria Leonor Sampaio da Silva, que apresentaram este meu livro em Ponta Delgada, em julho passado, numa sessão proporcionada pelo Museu Carlos Machado e o seu diretor, João Paulo Constância.

Leonor e Urbano fizeram então duas instigantes leituras do livro, em textos que o *Baluarto de Santa Maria* publicou em agosto, antes de na edição seguinte reproduzir as minhas palavras na apresentação realizada na Baía de São Lourenço, a 22 de julho, aniversário natalício da escritora.

Não vou replicar aqui e agora o que já pode ser lido por todos, antes vou aproveitar esta participação num colóquio lusófono para enquadrar este meu trabalho naquilo que julgo ser o esforço coletivo indispensável a uma abordagem mais substancial do cânone literário açoriano — e desta forma também rendo tributo pessoal a Chrys Chrystello pela sua *Bibliografia Geral de Açorianidade* (2018) e a João Afonso pela sua pioneira *Bibliografia Geral dos Açores* (desde 1984, mas ainda por completar, quarenta anos depois), porque estes inventários bibliográficos, provisórios por natureza — quais carros novos que se desvalorizam logo que saem dos stands em que acabaram de ser comprados —, são guias fundamentais e poupam tempo precioso a quem trabalha nestas coisas.

O que fiz ou procurei fazer foi colocar nas mãos dos leitores e dos eventuais estudiosos académicos da obra de Madalena Féris um acervo da sua receção crítica que há décadas estava por identificar e reunir, acrescentando-lhe alguns salpicos de biografia literária, aquela que a ausência de um arquivo pessoal consultável permite por ora fazer, treze anos após a sua morte. Ora, isso traz à nossa conversa outro tópico fundamental, o da prevenção e conservação dos arquivos literários açorianos e, em seguida, a respetiva catalogação em-linha, a única maneira de facilitar trabalhos à distância em diferentes e por vezes longínquas geografias.

Outras pedras surgem neste caminho.

Na Biblioteca Nacional, em Lisboa, vejo-me muitas vezes confrontado com coleções incompletas de jornais e revistas açorianos, se não mesmo com a falta de espécimes bibliográficos originárias daqui e capazes de conter algo que importe resgatar.

Ora, tudo isto sugere e convida a um *trabalho em rede* que, sinceramente, não vejo como possa ser instituído nos Açores, cujo ambiente cultural é de crise profunda, corrompido como está por pequenos grupos-bolha, quase sectários ou sectários de facto, que reciprocamente se excluem, incapazes portanto de gerar uma *comunidade harmoniosa e fértil* — grupinhos,

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

aliás, de elogio recíproco e hiperbólico tão caricatural, tão disparatado, que estão mesmo a pedir um sátiro à maneira antiga, que faça um expurgo ou detox intelectual, para bem de muitos.

O caso literário de Madalena Férin é, a todos os títulos, excecional e merece que assim seja considerado.

Em primeiro lugar, como voz *feminina* num tempo em que as escritoras não se faziam ouvir ou valer tanto assim.

Depois, no exigente e por isso muito estimulante contexto familiar, entre irmãos, pai e avó com grande talento e presença comunitária.

*Foi nesse balouço que Madalena se lançou para a frente*, com generosos apoios primaciais, é verdade, mas em que importa reconhecer um propósito de forte originalidade.

Quem escreve aos 25 anos um verso que diz «Poetas, é preciso romper o amanhã» merece muito mais que interpretações palavrosas que visam sobretudo elevar artificialmente a fasquia mental de quem as debita, convencidos de serem os máximos juízes canónicos mas que outra coisa não fazem que atribuir a outros só o que gostariam que fossem e não o que eles efetivamente foram, vendo afinal com espelho o que supostamente examinam com lente.

Também por isso, qualquer inventário mais abrangente dum receção crítica tem a vantagem adicional de questionar interpretações atuais cuja validade não encontra o mínimo respaldo no que outros já disseram sobre os mesmos livros de há 70, 50, 20 anos.

É verdade que podemos ler um livro antigo sem o enquadramento dado pela sua receção ao longo do tempo, mas dificilmente alguém sustentará que esse *arquivo literário* deve ser posto de lado e ignorado para favorecer o destaque de juízos feitos hoje e por uma única pessoa, por esclarecida que ela seja ou sobretudo se julgue ser.

Exibindo essa alargada diacronia recetiva, feita de muitas e diferentes vozes *que nos ajudam a pensar*, estaremos sempre mais precavidos contra quaisquer tentativas de tutela literária, ou de monopólio crítico, cultural, que nenhum bom senso pode dispor-se a validar.

Além disso, e não será de somenos, um levantamento bibliográfico exaustivo permitirá verificar até que ponto escritores açorianos, publicados no arquipélago ou fora dele, alcançaram atenções críticas da imprensa e da academia continentais, para já não falar do que possa ter sucedido em outras geografias da lusofonia ou da Macaronésia.

Avaliar o que os Açores conseguiram ou conseguem ser literariamente no amplo espectro da língua portuguesa é algo que, convenhamos, a dado momento também importa ter em ponto de mira.

E está longe de ter sido feito, sequer para Nemésio, que o merecia.

Tenho, por tudo isso, a mais profunda convicção de que o trabalho feito este ano a propósito de Madalena Férin pode indicar um caminho e servir de caso exemplar em benefício de uma história literária açoriana que continua por fazer, história essa que assuma o estudo dos suplementos de artes & letras em jornais da Região como registo essencial da vida cultural dos Açores dos séculos XIX-XXI. Tomar o pulso às páginas dos jornais das diferentes ilhas, ver — como tantas vezes assinalou o maltratado mas tão lúcido Pedro da Silveira — o que a boa tinta preta neles deixou como pegada histórica da literatura açoriana, é tarefa ainda por cumprir meio século depois da autonomia política.

Numa altura em que tão especial atenção é dada — e com toda a razão — à literatura de viagem aos Açores, com tradução, edição e comentário de textos relevantes, e revelação de outros, até hoje desconhecidos, o reconhecimento da imprensa regional como plataforma em que a literatura açoriana, ou a literatura feita nos Açores, se afirmou historicamente precisa ainda de académicos e bibliotecários dispostos a dedicar algum tempo a esse inquérito.

Quando concretizado, e se concretizado, estaremos enfim em condições de extrair desses jornais a contraprova de uma vitalidade e originalidade há muito intuídas por alguns.

E teremos ainda um retrato a traço fino da diferenciação das sucessivas gerações literárias e do que, umas e outras, deixaram de si nesses periódicos.

Não hesito em dizer que esse exame contrastivo será revelador do elevado nível do *Azorean torpor* atual.

Também aqui falta *política*, entendida como acção para o bem comum.

No livro sobre Madalena Férin fiz algo que me pareceu indispensável para a identificação da sua receção crítica, como será para qualquer outro autor, que foi verificar a sua presença em antologias de poesia açoriana, elaboradas no arquipélago, mas também em Lisboa, América do Norte e do Sul ou Europa de Leste, a maioria dos anos 1990 para cá, e que poemas foram escolhidos em cada uma delas.

Antologias de poesia açoriana mas de poesia portuguesa também, para testar até que ponto a ultraperiferia insular colhe atenção crítica nas principais cidades do país.

E não de verificar na p. 36 a dedicatória que Armando Côrtes-Rodrigues escreveu no exemplar dos *Poemas de Madalena Férin*, de 1959, que enviou a Jorge de Sena por ocasiões da sua famosa antologia *Líricas Portuguesas*, e que apresenta o livro dela como um «grito de Poesia que lhe vai dos longes do meio do Atlântico».

A poesia e a prosa de Madalena Férin foram publicadas por editoras que desapareceram, e por isso há muito tempo os seus livros não chegam às livrarias, o que é sempre meio caminho, ou caminho e meio, para que um escritor se torne esquecido.

O Instituto Açoriano de Cultura fez há pouco um volume da sua obra poética, organizado por Ângela de Almeida, que, como sabem, se distinguiu em trabalhos sobre Natália Correia.

É bom que assim tenha sido.

E desejável agora, e seria bastante gratificante, que no próximo ano — quando um novo colóquio da lusofonia se realizar precisamente na ilha de Santa Maria — a prosa reunida de Madalena Férin possa já estar reposta em livro, seja a cargo de quem for.

Empenhemo-nos, pois, todos — sem exceção — para que assim possa suceder porque é isso o que verdadeiramente interessa.

Já o resto, e o absurdo desse resto — *ninguém merece*, como tão bem se diz no Brasil.

É isso, e é só isto.

Muito obrigado!

38. VASCO PEREIRA DA COSTA, ESCRITOR AÇORIANO,

APRESENTOU A HOMENAGEM DE 40 ANOS DE EDITOR DE FRANCISCO MADRUGA NO MUNICÍPIO DA RIBEIRA GRANDE, NO ARQUIPÉLAGO – CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA, NA SESSÃO DE HOMENAGEM, PELOS 40 ANOS DE ATIVIDADE EDITORIAL E LIVREIRA.

“O início dos anos setenta do século passado era propício a uma formação a que faltava preparação à escola e pouco aberta aos choques ideológicos, o confronto dos gostos, as alterações sobre a Guerra Colonial competiam e digladiavam-se no seio de uma sociedade politicamente vigiada e silenciada.

Ousava-se querer uma sociedade mais remexida, mais europeia onde brilhava aquela “pequenina luz” de Jorge de Sena.

*“Uma pequenina luz bruxuleante e muda*

*Como a exatidão como a firmeza*

*Como a justiça.*

*Apenas como elas.*

*Mas brilha.*

*Não na distância. Aqui no meio de nós.*

*Brilha!”.*

Por essa altura surgiam Guevaras efémeros de boina às três pancadas e pensamento a escorrer pelas orelhas.

E, quando Paulo VI recebeu no Vaticano os líderes da emancipação das colónias portuguesas, os senhores padres proviam novenas pedindo a conversão do Papa.

A emigração era avassaladora, mas ouvia-se:

**“Ei los que partem / novos e velhos / buscar a sorte / noutras paragens / virão um dia / ricos ou não / virão um dia / ou não (Manuel Freire) ”.**

Entretanto, Mafra fazia descer o gume da guilhotina sobre as cabeças da juventude.

E o Zeca cantava:

**“Menina dos olhos tristes / o que tanto te faz chorar / vem numa caixa de pinho / do outro lado do mar / desta vez o soldadinho / nunca mais se faz ao mar”.**

A escola institucionalizada era percorrida sibilinamente por um frémito de mudança. Fanhais cantava Sophia:

**“Vemos / Ouvimos e lemos / Não podemos ignorar”**

E nos corredores escolares percebia-se que os alunos mais espigadotes almejavam ser cidadãos do burgo, comparsas da polis, habitantes do planeta, acreditando nas suas capacidades de promoverem uma mudança.

É neste contexto sociopolítico, deixando as traquinices infantis de Francisco Madruga, encontrando-o no começo desses anos setenta como aluno do Liceu Nacional de Vila Nova de Gaia.

Anos antes, Francisco apercebera-se da queda física e simbólica do Manholas de Santa Comba, que será a alcunha mais simpática para a figura sinistra de António Oliveira Salazar, responsável pela longa ditadura que estrangulava o desenvolvimento do país.

Marcelo Caetano tomara as rédeas do governo apenas matizando as medidas ditatoriais, continuando Portugal a sustentar uma sangrenta guerra colonial com consequências desastrosas:

A emigração, como já disse, a persistência no chavão de “orgulhosamente sós” com a comunidade internacional a fustigar as políticas governativas que escamoteavam um avultado analfabetismo e cerceava a liberdade de imprensa com um regime de censura prévia.

Foi-lhe possível, então encontrar no Porto burguês e republicano, um ambiente inconformado com a conjuntura caquética do Estado Novo numa agonia que a custo estrebuchava.

Nas cidades universitárias - Lisboa, Porto e Coimbra – os movimentos estudantis ousavam contestar as políticas de clausura e o empenho numa guerra que cerceava as vidas da sua juventude.

Esses movimentos de contestação, e de afronta, contaminava também os alunos do ensino secundário que, no ciclo complementar já encaravam o seu futuro de pelo menos quatro anos, pelo menos, de guerra e, provavelmente, num destino de carne-para-canhão.

Ora, aos 17 anos, no dealbar da Revolução de 1974, Francisco Madruga já estava contaminado pelo vírus do revirinho pondo em causa as proclamações isolacionistas, as catequeses das sotainas reverentes, enfim, o regime castrador e devasso.

E, no dia 26 de abril apercebeu-se de uma algazarra só semelhante a uma visita do Benfica ao estádio das Antas: o povo estava nas ruas saudando a liberdade suspirada.

Não será de todo despiciendo notar que Francisco Madruga é transmontano, carregando, no fundo e na forma, cromossomas que Miguel Torga sintetizou:

**“Homens de uma só peça, inteiriços, que olham de frente e têm no rosto as mesmas rugas do chão (...).**

**Bata-se a uma porta, rica ou pobre, e sempre a mesma resposta**

**- Entre quem é!**

**Sem ninguém perguntar mais nada, sem ninguém vir à janela espreitar, escancara-se a intimidade inteira.**

**O que é preciso, agora, é merecer a magnificência da dádiva”.**

Deste modo, transplantado para uma cidade orgulhosamente burguesa e britanicamente pragmática, vai encontrar uma atmosfera cultural que lhe talha o fato à medida.

Não esqueçamos que o Porto tinha e ainda tem uma atmosfera sociocultural nunca radicalmente subjugada pelo execrando salazarismo: uma profunda criatividade jornalística, uma dinâmica “Associação de Jornalistas e Homens de Letras”, a residência de velhos resistentes ao regime - Helder Ribeiro, Cal Brandão, Emídio Guerreiro, Virgínia Moura, entre outros -; escritores como Sophia, Eugénio, Agustina, Pina, Cláudio; edição de revistas de literatura e arte marcantes na história cultural do país.

### Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Eis, pois, por que, imediatamente após o 25 de abril, Francisco Madruga já amadurecera ideologicamente, envolvendo-se, comprometido, no Movimento Estudantil quer ainda no termo do ensino secundário quer, depois, no universitário, tornando-se dirigente comunista, militando nas associações estudantis, passando para as atividades mais abrangentes, organizando a estrutura da UEC e JCP em Trás-os-Montes e Alto Douro.

Buliçosamente empreendedor, participou no Movimento Preparatório da Conferência pela Paz em Helsínquia e participou na organização do Acampamento Internacional da Juventude pela Paz em Portugal.

Para quem afirma ter chegado ao livro por mero acaso, cumpre indagar por que, logo após o 25 de abril, organizava bancas de venda de livros no liceu e na Cooperativa Árvore, a primeira feira do livro Universitário.

Creio ter uma achega para a resposta, socorrendo-me do que Joseph Brodsky escreveu no seu discurso de imposição do Prémio Nobel:

**“Não defendo a substituição do Estado por uma biblioteca, embora este pensamento me tenha visitado repetidas vezes, mas não tenho dúvidas de que, se escolhêssemos os nossos governantes com base na sua experiência de leitura e não com base nos seus programas políticos, haveria menos sofrimento na Terra”.**

Não será por mero acaso a chegada aos livros. Já Ramalho Ortigão avisara:

**“Em Portugal há apenas 20% de pessoas que compram livros e 80% os que pedem emprestados e, em geral, não os restituem”.**

Esse mero acaso só poderá ter raízes na militância imaginada de Brodsky; Francisco Madruga é um **editor militante**. Aliás, em Portugal, só a militância explica o editor.

Senão, vejamos, sinteticamente, o acaso (mero?):

- Sócio fundador da ECL – Empresa de Comércio Livreiro – diretor e administrador.

- Sócio fundador das editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, Primeira Edição e Calendário de Letras, sendo diretor e administrador das duas últimas.

- Sócio fundador da edição portuguesa de **Le Monde Diplomatique**.

- Sócio fundador do Fórum Terras de Mogadouro.

- Diretor da revista Terras de Mogadouro.

- Colaborador dos jornais Voz do Nordeste, Informativo, Cardo, Mensageiro e Norte Popular.

- Membro da Comissão Organizadora da mostra cultural do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.

- Membro da direção da APEL – Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, durante dois mandatos.

- Organizador da Feira do Livro do Porto.

- Responsável por dezenas de Feiras, Mercados e Festas do Livro no Porto, Viana do Castelo, Braga, Matosinhos, Espinho, Vila Real, Bragança, Lisboa, Viseu, Aveiro, Serpa, Coimbra, Figueira da Foz, Barreiro, Portimão, Vila Real de Santo António e Faial.

- Carregador de livros de língua portuguesa para Macau, Brasil e Galiza.

- Participante, colaborador e orador em diversos Colóquios da Lusofonia.

Para além de editor, Francisco Madruga é, também, autor, contrariando assim, o percurso normal dos editores que começaram por ser autores – Nelson de Matos, Manuel Alberto Valente, por exemplo.

É certo que não é despicienda a sua colaboração em jornais e revistas para um enquadramento de uma prosa mais elaborada de talhe literário.

Daí que tenha surgido e edição de dois livros de cariz memorialista “Novos Tempos, Velhas Culturas” e “Histórias (de) Vidas”, ficando nós à espera de dois títulos que está preparando que, pelos títulos, acentuarão o caráter memorialista das suas obras “ À Volta dos Livros, com alfaiates, barbeiros e outros ofícios” e “O tio sargento, um militar de abril”.

A função de escrita do autor deverá ter presidido à elaboração de textos, sobre tudo no esboço de uma classe militar escamoteada pelo protagonismo dos capitães.

Eu tive a oportunidade de assistir, no Porto, ao lançamento das “Histórias (de)Vidas” e pude, então, testemunhar quanto o Francisco Madruga é estimado e admirado por uma larga esteira de leitores – amigos, companheiros e camaradas que encheram com efusiva alegria o átrio do Mercado do Bom Sucesso.

Talvez, em Francisco Madruga possa reconhecer-se o esboço de Sá de Miranda:

“Homem de um só parecer,

D'um só rosto, uma só fé,

D' antes quebrar, que torcer,

Ele tudo pode ser,

Mas de corte homem não é.

Para que possa aguçar a vossa vontade de leitura, deixo aqui o texto de apresentação da contracapa.

“Um percurso com amigos reais e imaginários, homens e mulheres que tiveram o sonho, a coragem, a inteligência e a convicção de que era possível libertar um país amordaçado. Insistem, com alguma veemência, que seja radical.

Tentou ir à física, à matemática e ao adjetivo.

Ficou sem saber o que pensar.

Ele que bebendo do pipo do avô em tenra idade, que adorou o Senhor e até fez birra para a mãe alugar um fato para a Comunhão Solene, fez gato-sapato na escola, adotou o desporto em geral e o futebol em particular por modo de existência, mudou o nome por idolatria, apontou à Morgadinha dos Canaviais, chegou ao Bonifácio através do Eça e bebeu princípios em livros novos.

Chegou à Utopia pela imagem de que para transformar era necessário participar.

Houve os que lutaram e os que estiveram calados!

Ele optou e, quando se opta, fica o registo histórico!

Agora, radical e marginalizado, não!

## Anuário 2023 AICL -- colóquios da lusofonia

Pode ter sido tudo, cidadão castrado, não!".

Eis o autorretrato de Francisco Madrugá: mogadouramente frontal, ironicamente inteligente, torquianamente humilde e orgulhoso do seu passado.

*What you see it's what you buy?*

Perguntais, agora, com toda a legitimidade, por que carga de água é que estou aqui a falar petulantemente sobre Francisco Madrugá.

Tentarei explicar, se bem que seja fácil.

Quando era diretor do Departamento de Cultura (que englobava também o serviço das bibliotecas), fui certo dia, visitado pelo livreiro de Coimbra, Adelino Castro do nunca nomeado, Francisco Madrugá.

Com Castro a Câmara tinha uma relação de proximidade posto que, com frequência colaborava em algumas iniciativas, no âmbito da promoção do livro e da leitura.

Dessa vez, propunha o livreiro a Festa/Mercado do Livro, pretendia as instalações da Casa Municipal da Cultura e queria saber o preço do aluguer do espaço.

Sei que lhe respondi que a cedência era gratuita mas que haveria a compensação da oferta de livros e jogos num montante que não me lembro.

O negócio foi fechado, a iniciativa acolheu, durante vários dias, centenas de visitantes e de compradores.

E assim decorreu durante vários anos com o mesmo contrato.

Quando cheguei aos Açores como diretor Regional da Cultura, a minha primeira preocupação foi visitar os organismos dependentes de todas as ilhas.

E, assim, chegado ao Faial, verifiquei que a atividade da Casa da Cultura da Ilha que justificava a sua existência com a organização da Feira do Livro da Horta ocupando uma intrincada, minuciosa e burocráticas correspondências com editoras – envio, reenvio, contabilização, embalagem, venda, etc.

Aí lembrei-me do Adelino Castro e na Festa/Mercado do Livro em Coimbra.

E eis por que a iniciativa chegou aos Açores e as Casas da Cultura são extintas, passando os seus objetivos de promoção e difusão da cultura para a alçada dos Museus e Bibliotecas Públicas e Arquivos Regionais.

Eis senão quando, sou informado por Adelino Castro que seria o seu parceiro a ir aos Açores representando a empresa.

Ora, esse parceiro era o Francisco Madrugá. Devo esclarecer que nutro por Adelino Castro a maior estima e consideração com quem sempre converso simpaticamente sempre que nos encontramos, mantendo gratas recordações por muita coisa bonita que fizemos, sendo a mais marcante a presença do recém-premiado Saramago nos Paços do Concelho.

Porventura, nesse dia, tenha sido apresentado ao Francisco Madrugá. Porém, o que é facto, é que para mim, a fórmula de tratamento que uso para Adelino Castro é, sempre, senhor Castro. Na chegada de Francisco Madrugá aos Açores, instantaneamente, como velhos amigos que se reencontram, adotamos o "tu".

Ora, a amizade nada mais é do que a percepção de semelhança e de verosimilhança que permite partilhar e desenvolver tarefas e iniciativas em conjunto com empenho e com compromisso. Daí que não se enquadre nos *likes* das redes sociais onde surgem amigos muito aspados sem rosto nem carácter nem no círculo fortuito do inconsequente porreirismo convival.

Sou amigo do Francisco Madrugá e, no fundo, sinto que essa amizade é recíproca e gosto de estar com ele, com a sua bonomia, com a sua tolerância, com o seu indefetível benfiquismo, (águia voadora em terreno de dragões), com a sua plácida ironia do seu sentido realista de enfrentar cada dia, e da sua família de matriarcas – mãe – mulher – duas filhas a apaparcá-lo, onde no meio deste género apareceu agora o outro Francisco.

Por isso, talvez, Francisco Madrugá, caldeie a gentileza genuína com a granítica feição transmontana e com a céltica bravura que lhe tingiu o cabelo.

Por tudo isto, que é muito pouco do que poderia ser dito, escolhi para terminar, um poema que sintetiza o que é, entre nós Francisco Madrugá.

Mal nos conhecemos

Inauguramos a palavra "amigo"

"Amigo" é um sorriso

De boca a boca

Um olhar bem limpo,

Uma casa, mesmo modesta, que se oferece,

Um coração a pulsar na nossa mão!

"Amigo" (recordam-se vocês aí, escrupulosos detritos?)

"Amigo" é o contrário de inimigo!

"Amigo" é o erro corrigido,

Não o erro perseguido, explorado.

É a verdade partilhada, praticada.

"Amigo" é a solidão derrotada!

"Amigo" é uma grande tarefa,

Um trabalho sem fim,

Um espaço útil, um tempo fértil,

"Amigo" vai ser, é já uma grande festa!

(Alexandre O'Neil – in "No Reino da Dinamarca").

Senhor Presidente da AICL, posso constatar que tem sido de uma grande atualidade na promoção de homenagens a muitas personalidades lusófonas e lusófilas.

Saúdo essa atitude promocional, algumas vezes lisonjeira e complacente, como por mal disfarçada humildade, posso testemunhar.

Contudo, neste dia, pelo trabalho desenvolvido no seio da sua instituição, pelo labor editorial que emanou destes Colóquios, pela devoção que emprestou às iniciativas dos "Colóquios", apenas posso dizer que não fez mais que a sua obrigação. Escrevo este texto com um prazer imenso, testemunhando a amizade e admiração por um Homem Grande!